



.....
"UM DOS MELHORES AUTORES DE AVENTURAS HISTÓRICAS
DE NOSSO TEMPO." — THE WASHINGTON POST

B E R N A R D
C O R N W E L L

AUTOR DA TRILOGIA *AS CRÔNICAS DE ARTUR* E DA SÉRIE *CRÔNICAS SAXÔNICAS*

A Honra de
S H A R P E

ESPAÑA, FEVEREIRO DE 1813

*AS AVENTURAS
DE UM SOLDADO
NAS GUERRAS
NAPOLEÓNICAS*



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

B E R N A R D
C O R N W E L L

A Honra de
S H A R P E

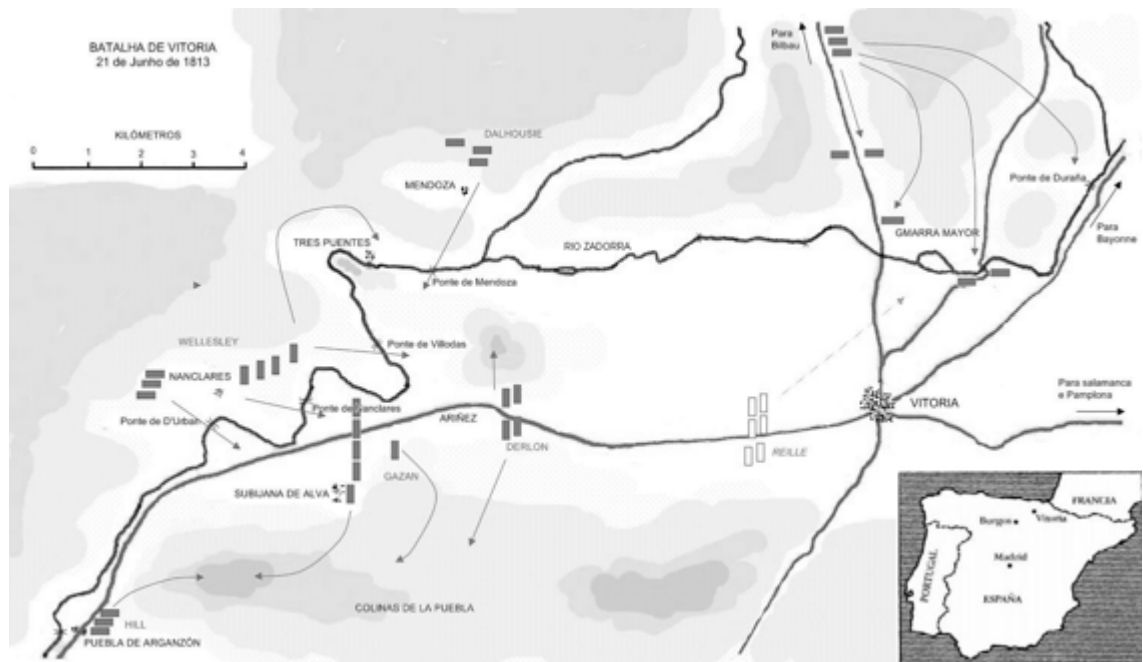
FEVEREIRO A JUNHO DE 1813
AS AVENTURAS
DE UM SOLDADO
NAS GUERRAS
NAPOLEÔNICAS

Traduzido por Kleber de Souza Andrade
Da edição espanhola em 30/08/2014

Sinopse

Durante 1813, as tropas napoleônicas se veem encurraladas em uma encruzilhada de caminhos entre o rio Zadorra e os Pirineus. Seus dias na Península estão contados, se a infantaria britânica continuar as empurrando para a fronteira; a batalha de *Vitória* pode ser decisiva. O triunfo em *Vitória* das forças de Richard Sharpe depende da aliança entre a Inglaterra e a Espanha, e Pierre Ducos, oficial dos serviços secretos franceses, encontrou sua oportunidade para dinamitá-la e, ao mesmo tempo, se vingar de Sharpe.

Após a entrada em cena de uma atraente espiã, Sharpe se vê envolvido em arriscadas intrigas políticas que põem sua vida em perigo. Mas é um homem de ação e sabe resolver os problemas: no fragor da batalha e com a baioneta calada. Graças a homens como Sharpe, Wellington ascendeu a marechal de campo em junho desse mesmo ano.



Prólogo

Havia um segredo que lhe faria ganhar a guerra para a França. Não se tratava de uma arma secreta, nem de uma estratégia surpresa que obrigasse os inimigos da França baterem em retirada, mas de uma estratagem política que tiraria os britânicos da Espanha sem disparar um só mosquete. Era um segredo que devia guardar e que tinha um preço.

Com este fim, em um dia duro do inverno de 1813, dois homens iam subindo as colinas ao norte da Espanha. Quando chegaram a uma bifurcação do caminho pegaram a vereda menor. Foram subindo por veredas geladas, subindo cada vez mais alto, para um lugar de rochas, águias, vento e crueldade, até que ao final, em um lugar de onde se via o mar distante brilhando sob o sol de fevereiro, chegaram a um vale oculto que cheirava a sangue.

Na ponta do vale havia alguns sentinelas; homens envolvidos em farrapos e peles, homens cujos mosquetes tinham as bocas enegrecidas. Fizeram os viajantes pararem, deram o alto e depois, de forma incompreensível, se ajoelharam na frente de um dos cavaleiros, que lhes abençoou com sua mão enluvada. Os dois homens seguiram cavalgando.

O mais baixo dos dois viajantes, que guardava o maior segredo de todos os segredos, tinha o rosto magro, azeitonado, marcado pela varíola. Usava óculos que lhe roçavam atrás das orelhas. Fez deter seu cavalo em cima de uma plataforma de pedra que se formara quando se extraía ferro desse vale. Olhou com frieza para o cenário abaixo.

— Pensava que não havia tourada no inverno.

Tratava-se de uma tourada rudimentar, nada a ver com o esplendor do espetáculo que se dava nas praças das cidades grandes do sul. Uma centena de homens animava desde as laterais do fosso de pedra, enquanto que, abaixo deles, dois homens

martirizavam um touro preto, furioso e escorregadio por causa do sangue que lhe manava dos músculos debilitados do pescoço. O animal já estava fraco, havia sido mal alimentado durante o inverno e as investidas eram penosas, se esquivavam com facilidade e logo lhe chegaria a morte. Não o matavam com a espada tradicional, nem com uma faca pequena cravada entre as vértebras, mas com um machado.

Um homem enorme, vestido de couro por baixo de uma capa de pele de raposa, era o que executava. Brandiu o machado grande; a lâmina brilhava debaixo do pálido sol. O animal tentou se esquivar do golpe, não conseguiu e lançou um último e inútil desafio para o céu enquanto o machado lhe segava a vida, atravessando osso, veias, tendões e músculos, e os homens ao redor do poço rochoso aclamavam.

O homem baixo, cujo rosto refletia desagrado com o que tinha visto, fez um gesto indicando o que segurava o machado.

— É aquele?

— É, major. — O sacerdote grande observou o homem pequeno com óculos como se lhe satisfizesse sua reação. — Esse é o Açogueiro.

O Açogueiro era aterrador. Era grande, forte, mas o que causava medo era seu rosto. Tinha uma barba tão densa que seu rosto parecia metade humana e metade animal. A barba lhe crescia até os pômulos, de maneira que seus olhos, pequenos e astutos, apareciam em uma linha entre a barba e o cabelo. Era a cara de uma besta que agora levantava a vista por cima do touro morto e olhava para os dois cavaleiros que estavam por cima dele. O Açogueiro se inclinou zombeteiramente. O sacerdote lhe devolveu a saudação levantando uma mão.

Os homens que estavam em torno do poço rochoso, guerrilheiros que seguiam ao Açogueiro, exigiam um prisioneiro. O corpo do touro era arrastado rochas acima, para se reunir aos outros três animais mortos que haviam deixado seu sangue sobre a pedra gelada e branca.

O homem pequeno franziu o cenho.

— Um prisioneiro?

— Não podia esperar que o Açougueiro não lhe tivesse preparado as boas-vindas, major. Afinal de contas, não é todo dia que vem um francês aqui. — O sacerdote estava desfrutando com o desconcerto do francês. — E seria prudente olhar, major. Se recusasse seria considerado um insulto a sua hospitalidade.

— Maldita seja sua hospitalidade — disse o homem pequeno, mas ficou.

Este francês pequeno não era um homem que impressionasse à primeira vista; os óculos lhe roçavam a pele, seu aspecto era decepcionante. Pierre Ducos era considerado major, ainda que se essa era sua verdadeira graduação ou se tinha alguma no exército francês, ninguém o sabia. Não chamava a nenhum homem de senhor, a não ser que se tratasse do imperador. Era meio espião, meio policial e totalmente político. Fora Pierre Ducos que sugerira o segredo ao seu imperador e era Pierre Ducos quem tinha que fazer que o segredo se fizesse realidade e então ganhar a guerra para a França.

Um homem de cabelo loiro, vestido com apenas uma camisa e uma calça, era empurrado entre os corpos dos touros. Tinha as mãos atadas às costas. Pestanejava como se o tivessem tirado de repente de um lugar escuro para a luz do dia.

— Quem é? — perguntou Ducos.

— Um dos homens que aprisionou em Salinas.

Ducos grunhiu. O Açougueiro era um chefe guerrilheiro, um dos muitos que infestavam as colinas do norte. Fazia pouco havia surpreendido um comboio francês e fizera uma dúzia de prisioneiros. Ducos ajeitou seus óculos.

— Ele capturou duas mulheres.

— Foi — confirmou o sacerdote.

— O que lhes ocorreu?

— Isso lhe importa muito, major?

— Não — respondeu Ducos com tom azedo. — Eram putas.

— Putas francesas.

— Seguem sendo putas — disse com desagrado. — O que houve com elas?

— Exercem seu ofício, major, mas lhes pagam com a vida em lugar do dinheiro.

O homem loiro foi levado ao fundo do poço rochoso e ali lhe desataram as mãos. Flexionou os dedos ao ar frio e duro, enquanto se perguntava o que ia lhe suceder naquele lugar que fedia a sangue. O ambiente entre os espectadores era de diversão expectante. Permaneciam em silêncio, mas sorriam com zombaria, pois sabiam o que ocorreria.

Lançaram uma corrente ao fundo do poço. Ali ficou, elos de ferro oxidado entre o sangue de touro que fumegava no frio. O prisioneiro tremia. Deu um passo para trás quando um homem levantou um dos extremos da corrente, mas logo se conformou tranquilamente quando lhe ataram os elos ao antebraço esquerdo.

O Açougueiro, com sua espessa barba salpicada do sangue do touro, pegou o outro extremo da corrente. Enrolou-a ao redor de seu braço esquerdo e se riu do prisioneiro.

— Vou contar como morrerá, francês.

O prisioneiro francês não entendeu o que dizia. Contudo, entendeu que lhe lançavam uma faca; uma faca comprida e bem afiada idêntica à arma que o Açougueiro tinha na mão. A corrente que unia os homens media três metros.

O sacerdote sorriu.

— Conhece este tipo de combate?

— Não.

— Requer habilidade.

— Indubitavelmente — respondeu Ducos com segura.

O Açougueiro tinha essa habilidade. Havia lutado acorrentado e com uma faca muitas vezes e não temia nenhum oponente. O francês era valente, mas estava desesperado. Atacava com ferocidade, mas torpemente. A corrente lhe fazia perder o equilíbrio, estava angustiado, recebia cortes, e com cada talho da faca do Açougueiro os guerrilheiros que observavam iam contando. “Um!” Recebeu uma facada que abriu a testa do francês até o osso. Com o “dois” viu que sua mão esquerda se rachava entre os dedos. Os números aumentavam.

Ducos observava.

— Quanto dura?

— Talvez cinquenta facadas — respondeu o sacerdote dando de ombros. — Talvez mais.

Ducos olhou para o sacerdote.

— Gosta disso?

— Eu desfruto de todas as atividades humanas, major.

— Exceto uma, sacerdote — disse Ducos sorrindo.

O padre Machado voltou a olhar para o poço. O sacerdote era um homem corpulento, tão corpulento como o próprio Açougueiro. Não mostrava aflição enquanto o prisioneiro era esfaqueado, cortado e esfolado. O padre Machado era em grande medida o companheiro ideal para o major Pierre Ducos. Assim como o francês, era meio espião, meio policial e totalmente político, salvo que sua política era a da Igreja e devia suas habilidades à Inquisição espanhola. O padre Machado era um inquisidor.

“Catorze!” gritaram os guerrilheiros. Ducos, surpreendido com a sonoridade do grito, voltou a olhar para o poço.

O Açougueiro, a quem não havia tocado a faca do prisioneiro, havia sacado o olho esquerdo de seu oponente com excelente destreza. O Açougueiro limpou desgostoso a ponta da lâmina na manga de couro.

— Venha, francês!

O prisioneiro cobria o olho destroçado com a mão esquerda. A corrente se esticava, os elos produziam um leve ruído no poço e a tensão da corrente o fez esquecer a mão ensanguentada e a dor. Sacudia a cabeça meio soluçando, sabendo que a forma como morreria seria demorada e dolorosa. A morte dos franceses sempre o era quando eram capturados pelos guerrilheiros e também era assim a morte dos guerrilheiros capturados pelos franceses.

O francês puxava a corrente, tentando resistir à força, mas era impotente contra o homem enorme. De repente a corrente se sacudiu, o francês caiu e foi arrastado para o fundo do poço como um peixe. Quando o espanhol parou, o francês tentou se levantar, mas uma bota lhe golpeou no antebraço esquerdo e lhe rompeu os ossos, e voltou a arrastá-lo. Os guerrilheiros que observavam riam dos gritos de dor enquanto a corrente puxava o membro quebrado. O rosto de Ducos não refletia nada.

O padre Machado sorriu.

— Isso não lhe desagrada, major? É um compatriota.

— Odeio toda crueldade desnecessária.

Ducos voltou a empurrar seus óculos. Eram óculos novos, trazidos de Paris. Os velhos foram quebrados no dia de Natal por um oficial britânico chamado Richard Sharpe. Essa afronta ainda lhe doía, porém, como diziam os espanhóis, essa vingança seria um prato que se comeria frio.

Ao chegar a vinte, o francês perdeu o olho direito. Ao chegar a vinte e cinco, soluçava pedindo clemência, incapaz de lutar, com as calças sujas, feitas farrapos e brilhantes de sangue fresco. Ao chegar a trinta, sem fôlego e soluçando, o prisioneiro morreu. O Açogueiro, indignado com a falta de luta do prisioneiro e chateado do espetáculo, cortou-lhe a garganta e seguiu cortando até que teve a cabeça em suas mãos. Lançou-a para os cachorros que haviam sido separados a golpes dos touros mortos. Desenrolou a corrente do antebraço esquerdo, embainhou a faca molhada e voltou a olhar para os dois cavaleiros. Sorriu para o sacerdote.

— Bem-vindo, irmão! O que me trouxe?

— Um hóspede — respondeu o sacerdote com convicção.

O Açougueiro começou a rir.

— Leve-o para a casa, Tomás!

Ducos seguiu o inquisidor entre as rochas manchadas de vermelho do mineral de ferro até uma casa de pedra com cobertores no lugar das janelas e portas. No interior da residência, esquentada por um fogo que enchia as paredes úmidas de fumaça, esperava uma refeição. Havia refogado de cartilagem e gordura, fogaças, vinho e queijo de cabra. Era servido por uma garota de rosto magro e marcado com uma cicatriz. O Açougueiro penetrou na cálida umidade do pequeno aposento, e junto com ele o fedor de sangue fresco, e se reuniu com eles.

O Açougueiro apertou o sacerdote entre seus braços. Eram irmãos, ainda que fosse difícil entender que o mesmo ventre tivesse dado vida a dois homens tão diferentes. Eram iguais em estatura, mas em nada mais. O inquisidor era sutil, inteligente e delicado enquanto que o Açougueiro era bruto, alvoroçador e selvagem. O chefe dos guerrilheiros era o tipo de homem que Pierre Ducos desprezava, pois admirava a inteligência e odiava a força bruta, mas o inquisidor não prestaria sua ajuda ao francês a menos que confiasse em seu irmão e o incluísse em seu plano.

O Açougueiro levou umas colheradas do refogado à boca. O molho da carne lhe jorrava pela barba. Olhou com seus olhos pequenos e avermelhados para Ducos.

— O senhor é valente ao vir aqui.

— Venho com a proteção de seu irmão.

Ducos falava espanhol perfeitamente, assim como outra meia dúzia de línguas.

O Açougueiro sacudiu a cabeça.

— Neste vale, francês, está sob minha proteção.

— Então lhe agradeço.

— Desfrutou vendo como morria seu compatriota?

Ducos seguiu falando com suavidade.

— Quem não desfrutaria vendo sua destreza?

O Açougueiro começou a rir.

— Quer ver como morre outro?

— Juan! — gritou o inquisidor. Era o irmão mais velho e sua autoridade intimidou ao Açougueiro. — Viemos a trabalho, Juan; não por prazer. — Fez um sinal em direção aos outros homens do aposento. — E falaremos em particular.

Para Ducos não havia sido fácil ir a esse lugar. Contudo, a situação da guerra era tal que concordara com as demandas do inquisidor.

Ducos tinha aceitado se sentar a essa mesa com seu inimigo porque a guerra ia mal para a França. O imperador invadira a Rússia com o maior exército dos tempos modernos, um exército que fora derrotado em um inverno. Agora o norte da Europa ameaçava a França. Os exércitos da Rússia, Prússia e Áustria pressentiam a vitória. Para combatê-los, Napoleão levava tropas da Espanha, no momento em que o general inglês Wellington se reforçava. Somente um tonto teria confiança agora em uma vitória militar francesa na Espanha e Pierre Ducos não era tonto. Contudo, se os exércitos não podiam derrotar os britânicos, a política poderia fazê-lo.

A garota delgada, tremendo de medo por seu amo, servia vinho áspero nos copos de corno montados em prata. A prata tinha gravado o "N" coroado de Napoleão, um butim que havia obtido o Açougueiro em um de seus ataques aos franceses. Ducos esperou que a garota tivesse ido; então, com sua voz baixa e profunda falou de política.

Na França, no luxo do castelo de Valençay, estava prisioneiro o rei espanhol. Para sua gente, Fernando VII era um herói, o rei perdido, o rei legítimo, um símbolo de seu orgulho. Não lutavam

apenas para expulsar o invasor francês, mas para devolver o rei a seu trono. Agora Napoleão propunha lhes devolver seu rei.

O Açougueiro fez uma pausa. Cortava o queijo de cabra com a faca que havia torturado e matado ao prisioneiro.

— Devolvê-lo? — disse com incredulidade.

— Nós lhe devolveremos seu trono — disse Ducos.

Fernando VII, explicou o francês, seria enviado de volta à Espanha. Seria devolvido como se merecia, mas somente se assinasse o Tratado de Valençay. Esse era o segredo; o tratado, um tratado que, para a mente inteligente de Ducos, era uma ideia de gênio. Nele se assegurava que o estado de guerra que infelizmente se havia declarado entre a Espanha e a França tinha terminado. A paz seria firmada. Os exércitos franceses se retirariam da Espanha com a promessa de que as hostilidades não se retomariam. A Espanha seria uma nação livre e soberana com seu próprio e amado rei. Os prisioneiros espanhóis que estavam em campos franceses seriam enviados para casa; os troféus espanhóis devolvidos aos seus regimentos. O orgulho espanhol se veria polido pela adulação dos franceses.

E em compensação, Fernando só tinha que prometer uma coisa: que terminaria sua aliança com os britânicos. Seria ordenado ao exército britânico que abandonasse a Espanha e se vacilasse então não teria forragem para seus cavalos, comida para seus homens ou portos para seus navios de aprovisionamento. Um exército faminto não era um exército. Sem disparar um tiro, Wellington se veria expulso da Espanha e Napoleão poderia levar todos e cada um do quarto de milhão de soldados franceses que havia na Espanha e conduzi-los contra os inimigos do norte. Era a jogada de um gênio. E, obviamente, um segredo. Se o governo britânico ao menos sonhasse que tal tratado estava sendo preparado, então o ouro britânico correria, se ofereceria subornos e o povo da Espanha se levantaria contra a ideia de uma paz com a França.

O tratado, admitia Ducos, não seria popular na Espanha. A gente comum, os camponeses cujas terras e mulheres tinham sido

devastadas pelos franceses, não receberiam bem uma paz com seu acérrimo inimigo. Somente seu bem amado e ausente rei os persuadiria a aceitá-lo e este hesitava. Fernando VII queria palavras tranquilizadoras. A nobreza da Espanha o apoiaria? E os generais espanhóis? O que diria, principalmente, a Igreja? O trabalho de Ducos consistia em responder essas perguntas ao rei e o homem que proporcionaria as respostas a Ducos era o inquisidor.

O padre Machado era inteligente. Havia prosperado na Inquisição por sua inteligência e sabia como usar os arquivos secretos que o Santo Ofício tinha de todos os homens eminentes da Espanha. Podia empregar seus companheiros inquisidores em toda a Espanha para recolher cartas de tais homens, cartas que seriam apresentadas ao rei prisioneiro e que lhe confirmariam que uma paz com a França seria aceitável para suficientes nobres, homens da Igreja, oficiais e comerciantes para levar a cabo o tratado.

O Açougueiro escutava tudo isto. Quando a história acabou deu de ombros, como dando a entender que tais questões políticas não eram assunto seu.

— Eu sou um soldado.

Pierre Ducos tomou um trago de vinho. Uma rajada de vento levantou um dos cobertores úmidos de uma janela e fez vacilar a vela de sebo que lhes iluminava a refeição. Sorriu.

— Sua família fora rica.

O Açougueiro espetou com sua faca uns restos de queijo.

— Suas tropas destruíram nossa riqueza.

— Seu irmão — continuou Ducos com certo tom de zombaria — pôs preço à ajuda que vai me prestar.

— Um preço? — inquiriu o rosto barbudo ao pensar em dinheiro.

Ducos lhe devolveu o sorriso.

— O preço é a devolução da fortuna familiar... E mais.

— Mais? — perguntou o Açougueiro olhando para seu irmão.

O sacerdote consentiu com a cabeça.

— Trezentas mil moedas, Juan.

O Açougueiro começou a rir. Dirigiu o olhar para seu irmão e depois para o francês; viu que nenhum deles sorria, que a soma era correta, e parou de rir. Ficou olhando para Ducos com aspecto beligerante.

— Está nos enganando, francês. Seu país nunca pagará essa soma. Nunca!

— O dinheiro não provirá da França — disse Ducos.

— De onde então?

— De uma mulher — respondeu Ducos em voz baixa. — Mas primeiro tem que se produzir uma morte, depois um encarceramento e aí, Açougueiro, é onde entra o senhor.

O chefe dos guerrilheiros olhou para seu irmão buscando confirmação, ele a obteve e voltou sua atenção para o francês baixinho.

— Uma morte?

— Uma morte. O marido da mulher.

— Um encarceramento?

— A mulher.

— Quando?

Pierre Ducos viu que o guerrilheiro sorria e sentiu que a esperança se apoderava dele. O segredo ficaria resguardado e a França salva. Ia comprar, com trezentas mil moedas que não eram suas, o futuro do Império de Napoleão.

— Quando? — voltou a perguntar o guerrilheiro.

— Na primavera — disse Ducos. — Nessa primavera. Estará preparado?

— Desde que suas tropas me deixem tranquilo — respondeu rindo o Açougueiro.

— Isso lhe prometo.

— Então, estarei preparado.

O trato se fechou com um aperto de mãos. O segredo estaria a salvo, o tratado que derrotaria a Grã-Bretanha se firmaria e de passagem Pierre Ducos se vingaria do inglês que lhe havia quebrado seus óculos. Quando chegasse a primavera e os exércitos se preparassem para combater em uma guerra que, no prazo de um ano, deixaria de se travar por causa do tratado secreto, um homem chamado Richard Sharpe, um soldado, morreria.

Capítulo 1

O major Richard Sharpe, num dia úmido de primavera em que um vento frio açoitava um vale rochoso, estava sobre uma antiga ponte de pedra e olhava fixamente o caminho que conduzia ao sul por uma passagem sob o cume rochoso. As colinas permaneciam escurecidas pela chuva. Atrás dele e em posição de descanso, havia cinco companhias de infantaria, com os percussores dos mosquetes envolvidos em trapos e as bocas tapadas com rolhas para impedir que a chuva penetrasse nos canos.

Sharpe sabia que o cume ficava a quatrocentos e sessenta metros de distância. Dentro de alguns momentos o inimigo apareceria sobre aquele cume e sua missão consistia em impedir que atravessasse a ponte. Um trabalho simples, o trabalho de um soldado. Era mais fácil porque a primavera de 1813 era tardia, o tempo não havia levado a essas colinas fronteiriças mais que chuva e o rio que corria sob a ponte era profundo, rápido e intransponível. O inimigo teria que ir até a ponte onde Sharpe esperava ou não atravessar a corrente de água.

— Senhor? — inquiriu D'Alembord, capitão da companhia ligeira, com tom receoso como se não quisesse tentar o mau humor do major Sharpe.

— Capitão?

— Aproxima-se um oficial do estado maior, senhor.

Sharpe soltou um grunhido, mas não disse nada. Ouvia os cascos lentos atrás dele; então o cavalo estava diante dele e um tenente de cavalaria excitado o olhou desde cima.

— Major Sharpe?

Um par de olhos escuros, duros e irados percorreram as esporas douradas do tenente, subiram por suas botas, pela capa de lã azul salpicada de barro até encontrar-se com os olhos do alterado oficial do estado maior.

— O senhor está me atrapalhando, tenente.

— Sinto muito, senhor.

O tenente moveu seu cavalo para um lado com presteza. Havia cavalgado muito, percorrera um território difícil e estava orgulhoso disso. Sua égua estava inquieta, do mesmo humor que seu cavaleiro.

— Saudações do general, senhor, e o inimigo vem por seu lado.

— Tenho piquetes na crista — disse Sharpe descortês. — Faz meia hora que vi o inimigo.

— Sim, senhor.

Sharpe olhou para o cume. O tenente estava se perguntando se deveria se afastar com seu cavalo e em silêncio, quando de repente o alto fuzileiro voltou a olhá-lo.

— O senhor fala francês?

O tenente, nervoso por estar pela primeira vez diante do major Richard Sharpe, consentiu com a cabeça.

— Sim, senhor.

— Então?

O cavaleiro sorriu.

— Très bien, monsieur, je parle...

— Não lhe pedi que me fizesse uma maldita demonstração! Responda-me.

O tenente se sentiu aterrorizado ante aquela reprovação tão selvagem.

— Eu falo bem, senhor.

Sharpe ficou olhando-o. O tenente supôs que essa devia de ser a forma de olhar de um carrasco para uma vítima atarracada e que havia desfrutado de privilégios.

— Como se chama, tenente?

— Trumper-Jones, senhor.

— Tem um lenço branco?

— Sim, senhor — respondeu Trumper-Jones enquanto considerava que aquela conversa era cada vez mais estranha.

— Bom.

Sharpe voltou a olhar para o cume e para o vale, entre as rochas, lá onde o caminho se fundia com a linha do horizonte. Pensava que o dia lhes havia trazido muito trabalho. O exército britânico estava desalojando as vias que se dirigiam ao leste desde a fronteira portuguesa. Faziam retroceder as vanguardas dos franceses e eliminavam suas guarnições, preparando os caminhos para a campanha de verão do exército. E naquele dia de chuva intermitente e vento frio cinco batalhões britânicos atacaram uma pequena guarnição britânica no rio Tormes. Oito quilômetros atrás dos franceses, sobre a rota de sua retirada, se encontrava a ponte. Sharpe, com a metade de um batalhão e uma companhia de fuzileiros, fora enviado depois de uma noite de marcha tortuosa para cortar a retirada. Sua missão era simples: reter aos franceses o tempo suficiente para que os outros batalhões avançassem pelas costas e os aniquilassem. Era muito simples; contudo, à medida que a tarde transcorria, Sharpe se punha de mau humor e se amargava.

— Senhor?

Sharpe levantou o olhar. O tenente lhe oferecia um lenço de linho dobrado. Trumper-Jones sorria nervoso.

— Queria um lenço, senhor?

— Não quero assuar o nariz, tonto! É para a rendição! — exclamou Sharpe franzindo o cenho enquanto se afastava alguns passos.

Michael Trumper-Jones cravou o olhar atrás dele. Era verdade que mil e quinhentos franceses se aproximavam da pequena força de menos de quatrocentos homens, mas nada do que Trumper-Jones ouvira a respeito de Richard Sharpe lhe havia predisposto a pensar em uma repentina rendição. A fama de Sharpe tinha chegado até a Inglaterra, de onde fazia pouco que Michael

Trumper-Jones havia partido para se alistar no exército, e quanto mais se aproximara das linhas de batalha, mais tinha ouvido esse nome. Sharpe era o modelo de soldado, um homem cuja aprovação buscavam com afã os outros homens, cujo nome se utilizava como sinônimo de profissionalismo e, ao que parece, um homem que agora pensava em se render sem ao menos lutar. O tenente Michael Trumper-Jones, horrorizado só de pensá-lo, olhou furtivamente para um rosto escurecido pelo sol e o vento. Era um rosto atraente, que só punha a perder uma cicatriz que lhe puxava o olho esquerdo e lhe dava um aspecto zombeteiro e astuto. Trumper-Jones não sabia, mas esse aspecto que lhe conferia a cicatriz desapareceria com um sorriso.

O que mais surpreendia a Trumper-Jones era que o major Richard Sharpe não usava sinais de sua graduação, nem faixa nem dragonas; na realidade nada, salvo a grande espada de cavalaria abaulada a seu lado, indicava que era um oficial. Parecia, pensava Trumper-Jones, a autêntica imagem de um homem que conseguira a primeira águia francesa capturada pelos britânicos, que tinha assaltado a brecha em Badajoz e carregado junto com os alemães em García Hernández. Seu aspecto confiante tornava difícil acreditar que tenha iniciado sua carreira na tropa. E ainda mais difícil de acreditar que fosse se render com seus numerosos homens sem ter lutado antes.

— O que está olhando, tenente?

— Nada, senhor.

Trumper-Jones achava que Sharpe observava as colinas do sul. E estava, mas notara o olhar fixo do tenente, e se incomodara. Odiava que o observassem. Só se sentia à vontade naqueles dias com seus amigos. Também era consciente de que sua atitude com o jovem oficial fora desnecessariamente rude. Levantou a vista para ele.

— Contamos três canhões. Está de acordo?

— Sim, senhor.

— De quatro libras?

— Acredito que sim, senhor.

Sharpe grunhiu. Vigiava a crista. Confiava em que com as duas perguntas lhe caísse melhor ao oficial, ainda que na realidade Sharpe não fosse amável com nenhum desconhecido naqueles dias. Sentia-se agoniado desde o Natal, debatendo-se entre intensos remorsos e um desespero selvagem pela morte de sua mulher nas neves da Entrada de Deus. A imagem do sangue em sua garganta vinha espontaneamente à mente. Sacudiu a cabeça, como para sacar essa imagem de dentro. Sentia-se culpado pela morte de sua mulher, por lhe ter sido infiel, por não ter correspondido ao seu amor como ela merecia, por ter deixado sua filha sem mãe.

Estava sem dinheiro por causa dessa culpa. Sua filha, que ainda não tinha dois anos, era criada por uma tia e seu marido, e Sharpe levava todas suas economias, roubadas do governo espanhol, e tinha dado a Antônia, sua filha. Não lhe restava nada, salvo sua espada, seu fuzil, sua luneta e as roupas que usava. Estava com inveja do jovem oficial do estado maior, com os arreios de seu cavalo caro, a bainha dourada e as botas novas de couro.

Ouviu-se um burburinho atrás dele na tropa. Os homens viram as figuras pequenas que se distinguiam de repente sobre o cume sul. Sharpe virou-se.

— Retaliação! — Se fez um silêncio —, retaliação! Formar!

As botas dos homens repercutiram sobre as rochas úmidas. Em duas filas, estendiam-se até o outro lado da boca do pequeno vale que conduzia para o norte.

Sharpe os olhava fixamente, conhecedor de seu nervosismo. Esses eram seus homens, de seu batalhão, e confiava neles, mesmo contra um inimigo que os superava em número.

— Sargento Huckfield!

— Senhor!

— Abra os estandartes!

Os homens, pensou o tenente Michael Trumper-Jones, sorriam zombeteiramente, algo impróprio para um momento tão solene. Então viu por quê. Os “estandartes” não eram os próprios de um batalhão: em seu lugar havia farrapos de tecido atados a dois troncos de bétula sem galhos. A chuva fazia ficarem pendendo murchos e sem brio, de maneira que de qualquer distância seria impossível ver que as bandeiras não eram mais que duas capas adornadas com bordas amarelas arrancadas das casacas dos soldados. Na parte superior dos estandartes havia mais tecido amarelo para que parecessem, pelo menos à distância, a coroa da Inglaterra.

Sharpe percebeu a surpresa do oficial do estado maior.

— Os meios batalhões não levam estandartes, senhor Trumper-Jones.

— Não, senhor.

— E os franceses sabem disso.

— Sim, senhor.

— Portanto o que vão pensar?

— Que o senhor tem um batalhão completo, senhor.

— Exatamente.

Sharpe voltou sua atenção para o sul, deixando Michael Trumper-Jones confuso de por que este truque era uma introdução necessária à rendição. Decidiu que era melhor não perguntar. A cara do major Sharpe não animava às perguntas ociosas.

E não era de admirar, pois o major Richard Sharpe, enquanto olhava fixamente para a crista do sul, estava pensando que o vale daquele rio era um lugar infeliz, pouco adequado e estúpido para se morrer. Às vezes se perguntava se uma vez morto voltaria a encontrar Teresa, se veria seu rosto magro e brilhante que sempre o recebia com um sorriso; um rosto do qual, à medida que sua morte se desvanecia, havia perdido os detalhes em sua recordação. Nem sequer tinha um retrato dela; sua filha, que se criava com sua

família espanhola, não tinha retrato de sua mãe ou de seu pai. Sharpe sabia que o exército partiria da Espanha um dia; ele partiria com ele e sua filha ficaria à mercê da vida, do mesmo modo que ele tinha ficado órfão quando pequeno. “A desgraça gera desgraça”, pensou, e então lhe consolou recordar que os tios de Antônia eram pais melhores e mais carinhosos do que ele teria sido.

Uma rajada de vento açoitou o vale com chuva, escurecendo a vista e assobiando sobre as pedras da ponte. Sharpe levantou a vista para o oficial a cavalo.

— O que vê, tenente?

— Seis cavaleiros, senhor.

— Não têm cavalaria?

— Não que tenhamos visto, senhor.

— Então são seus oficiais de infantaria. Os sacanas estão planejando nossa morte agora.

Sorriu amargamente. Desejava que aquele mau tempo parasse, que o sol esquentasse a terra... Tirou da cabeça a recordação do inverno.

Então, a linha do horizonte, ali onde se cruzava com a via, viu-se de repente cheia dos uniformes azuis dos franceses. Sharpe contou as companhias enquanto avançavam para ele. Seis. Eram a vanguarda, os homens que receberiam a ordem de se lançar sobre a ponte, mas não até que os canhões franceses estivessem colocados.

Naquela manhã Sharpe havia tomado emprestado o cavalo do capitão Peter D’Alembord e cavalgou uma dúzia de vezes pela rota por onde os franceses se aproximariam. Havia se colocado no lugar do comando rival e tinha discutido consigo mesmo até estar seguro do que o inimigo faria. Agora, enquanto observava, estavam fazendo justo o que pensara.

Os franceses sabiam que uma grande força britânica estava atrás deles. Não se atreviam a deixar a estrada e abandonar seus

canhões para ir para as colinas, pois ali seriam carne de segunda para os guerrilheiros. Quereriam explodir o bloqueio da estrada com rapidez, e suas ferramentas para semelhante trabalho seriam seus canhões.

Uns cento e quarenta metros abaixo da crista, lá onde a estrada virava pela última vez para o fundo do vale, havia uma plataforma plana de pedra que seria ideal para a artilharia. Dali os franceses poderiam lançar seus potes de metralha contra as duas filas de Sharpe, os destroçariam de forma sangrenta e quando os britânicos estivessem dispersos, rompido a formação, e feridos e moribundos, a infantaria carregaria contra a ponte com as baionetas. Daquela oportuna plataforma rochosa os canhões franceses poderiam disparar por cima das cabeças de sua própria infantaria. A plataforma era perfeita para aquilo, tanto que Sharpe pusera ali um grupo de trabalho pela manhã e lhes fizera limpar cantos que pudessem incomodar aos artilheiros.

Ele queria os canhões franceses ali. Tinha convidado os franceses a pôr seus canhões ali.

Observava as três dotações de artilheiros avançarem pouco a pouco pelo caminho abrupto. Os soldados de infantaria ajudavam a frear as rodas. Cada vez desciam mais. Havia a possibilidade, ele sabia, de que levassem os canhões para o terreno plano do outro lado da ponte, mas para evitar isto havia disposto um punhado de fuzileiros da companhia ligeira do South Essex na margem do rio. Os franceses os veriam ali, temeriam a precisão e o efeito das balas e, assim esperava, decidiriam colocar os canhões fora do alcance dos fuzis.

E assim o fizeram. Sharpe observava aliviado que as dotações saltavam sobre a plataforma, enquanto se desprendiam os carros de munição e adiantavam a munição preparada.

Sharpe voltou-se.

— Destampar as bocas!

As duas filas de casacas-vermelhas tiraram as tampas do cano dos mosquetes e tiraram os trapos úmidos dos percussores.

— Apresentar armas!

Os homens colocaram os mosquetes ao ombro. Os franceses viam o movimento. Estes temiam a velocidade do fogo de mosquete britânico, o ritmo bem treinado da morte que havia percorrido tantos campos de batalha na Espanha.

Sharpe deu as costas para seus homens.

— Tenente?

— Senhor? — respondeu Michael Trumper-Jones com um chiado. Voltou a repetir a palavra com voz mais grave. — Senhor?

— Ate o lenço em seu sabre.

— Mas senhor...

— Obedeça às ordens, tenente.

Disse de maneira que só chegasse aos ouvidos de Trumper-Jones, mas o tom das palavras era frio e duro.

— Sim, senhor.

As seis companhias de ataque francesas se encontravam a duzentos e trinta metros. Estavam dispostos em coluna, com as baionetas preparadas, prontos para avançar quando os canhões tivessem feito seu trabalho.

Sharpe pegou a luneta de sua mochila, abriu os tubos e olhou para os canhões. Via os potes de metralha, latas de metal que espalhavam as balas formando um leque mortal, que eram introduzidos na boca dos três canhões. Este era o momento em que ele odiava ser comandante. Tinha que aprender a delegar, deixar que outros homens fizessem o trabalho difícil e perigoso; contudo, enquanto os artilheiros franceses faziam os últimos ajustes nas armações dos canhões, desejava estar com a companhia de fuzileiros que lhe haviam designado para esse dia de trabalho.

O primeiro pote de metralha era empurrado dentro do canhão.

— Agora, Bill! — gritou Sharpe.

Michael Trumper-Jones se perguntava se esperava que respondesse e decidiu que era melhor não dizer nada.

À esquerda da estrada, desde as altas rochas que dominavam o caminho, apareceram baforadas brancas de fumaça. Segundos depois se ouviu o estalido dos fuzis. Três dos artilheiros já estavam abatidos. Os franceses nunca estavam preparados para os fuzileiros. Como não usavam fuzis, pois preferiam a espingarda de alma lisa que disparava muito mais depressa, não tomaram precauções diante dos homens com casaca verde que faziam uso da cobertura com muita destreza e que podiam matar a trezentos ou quatrocentos passos. Agora já haviam abatido a metade dos artilheiros, as rochas estavam bem envolvidas na fumaça dos fuzis, os estalidos continuavam e as balas giravam entre as dotações dos canhões. Os fuzileiros mudavam de posição para apontar pelo outro lado da fumaça dos disparos anteriores e disparavam contra os cavalos de carga, de maneira que os canhões não pudessem ser movidos, e matavam os artilheiros para que os canhões imobilizados não pudessem disparar.

A retaguarda inimiga, que estava no caminho atrás dos canhões, avançou a passo ligeiro. Formou abaixo das rochas e lhes ordenaram ascender, mas as rochas eram abruptas e os fuzileiros, mais ágeis que seus inimigos pesadamente carregados. O ataque francês conseguiu, finalmente, deter o fogo dos fuzileiros contra os artilheiros e, destes, os que haviam sobrevivido saíram se arrastando da proteção dos carros de munição para continuar carregando.

Sharpe sorriu.

Havia um homem naquelas colinas chamado William Frederickson, meio alemão, meio inglês, um soldado tão temível como nenhum dos que Sharpe já tinha conhecido. Seus homens o chamavam de Doce William, talvez devido à sua órbita vazia e seu rosto marcado com cicatrizes serem espantosos. O Doce William deixou que os artilheiros sobreviventes se expusessem; então

ordenou aos fuzileiros que estavam à direita do caminho que abrissem fogo.

Os últimos artilheiros desabaram. Os fuzileiros, reagindo aos gritos de Frederickson, mudaram o alvo para os oficiais montados da infantaria. O inimigo, com uns poucos disparos certos de fuzil, ficara sem artilharia e se via afundado em um caos repentino. Aquele era o momento que Sharpe esperava para pôr em prática sua outra arma.

— Tenente?

Michael Trumper-Jones, que estava tentando esconder a bandeira branca e molhada que pendia da ponta de seu sabre, olhou para Sharpe.

— Senhor?

— Vá até o inimigo, tenente, cumprimente-os de minha parte e sugira que abandonem as armas.

Trumper-Jones ficou olhando fixamente para o fuzileiro alto e de tez escura.

— Que se rendam, senhor?

Sharpe franziu o cenho.

— Não quererá que nós nos rendamos, né?

— Não, senhor — respondeu Trumper-Jones sacudindo a cabeça com ênfase demais. Perguntava-se como persuadir mil e quinhentos franceses de que se rendessem a quatrocentos soldados de infantaria britânicos molhados e desconsolados. — Certamente que não, senhor.

— Diga-lhes que temos um batalhão de reserva aqui, com mais seis vindo atrás deles, que temos cavalaria nas colinas e canhões se aproximando. Diga-lhes qualquer mentira que lhe ocorra! Mas cumprimente-os de minha parte e lhes sugira que já morreram muitos homens. Diga-lhes que têm tempo para destruir suas bandeiras. — Olhou por cima da ponte. Os franceses se arrastavam rochas acima; contudo, eram ainda muitos os fuzis que disparavam,

amortecidos pelo ar úmido, para dizer a Sharpe que os homens morriam inutilmente naquela tarde. — Vamos, tenente! Diga-lhes que têm quinze minutos ou atacarei! Corneta?

— Senhor?

— Toque a alvorada. Não pare de tocar até que o tenente chegue até o inimigo.

— Sim, senhor.

Os franceses, advertidos pela corneta, observaram o cavaleiro solitário que cavalgava para eles com o lenço branco levantado. Com cortesia, ordenaram a seus homens que cessassem o fogo contra os fuzileiros escorregadios que estavam nas rochas. A fumaça do combate se desvaneceu com uma rajada de vento e chuva enquanto Trumper-Jones desaparecia no interior de um grupo de oficiais franceses. Sharpe se virou.

— Descansar!

As cinco companhias relaxaram. Sharpe olhou para a margem do rio.

— Sargento Harper!

— Senhor?

Um homem enorme, de um metro e noventa e cinco, doze centímetros mais alto que Sharpe, aproximou-se desde a margem. Era um dos fuzileiros que, junto com Sharpe, tinham ficado presos naquele batalhão de casacas-vermelhas como parte dos dejetos da guerra. Ainda que os homens do South Essex vestissem vermelho e usassem o mosquete de curto alcance, este homem, como os demais fuzileiros da antiga companhia de Sharpe, ainda vestia o uniforme verde e portava um fuzil. Harper parou junto de Sharpe.

— O senhor acredita que os sacanas se renderão?

— Não têm outra opção. Sabem que foram apanhados. Se não puderem se livrar de nós em uma hora, estarão acabados.

Harper começou a rir. Se Sharpe tinha um amigo, este era o sargento. Compartilharam todos e cada um dos campos de batalha

na Espanha e Portugal e a única coisa que Harper não podia compartilhar era o remorso que obcecava Sharpe desde a morte de sua esposa.

Sharpe esfregou as mãos para aliviar o frio impróprio da estação.

— Quero um pouco de chá, Patrick. Você tem minha permissão para fazer um pouco.

Harper sorriu zombeteiramente.

— Sim, senhor — respondeu com o sotaque do Ulster.

O chá ainda estava quente entre as mãos de Sharpe quando o tenente Michael Trumper-Jones regressou com o coronel francês. Sharpe já havia ordenado que baixassem as bandeiras falsas e agora avançava ao encontro de seu desesperado inimigo. Recusou pegar a espada do homem. O coronel, que sabia que não podia tomar a ponte sem seus canhões, conformou-se com os termos. Consolava-se, disse, por se render a um soldado com a reputação do major Sharpe. Este lhe agradeceu e lhe ofereceu um chá.

Duas horas mais tarde, quando o general Preston chegou com seus cinco batalhões, admirado por não ter ouvido fogo de mosquete diante dele, viu-se com mil e quinhentos prisioneiros franceses, três canhões capturados e quatro carroças de suprimentos. Os mosquetes franceses estavam amontoados no caminho. O butim que tinham trazido do povoado no qual se aquartelaram estava nas mochilas dos homens de Sharpe. Ninguém do South Essex, nem dos fuzileiros de Frederickson, estava sequer ferido. Os franceses perderam sete homens, e outros vinte e um estavam feridos.

— Felicitações, Sharpe!

— Obrigado, senhor.

Um oficial após outro foi lhe felicitando. Ele diminuiu a importância da ação. Explicou que na realidade os franceses não tinham outra opção, já que não podiam romper sua posição sem canhões; contudo, seguiram felicitando-o até que, com timidez e

perturbado, regressou caminhando até a ponte. Atravessou as águas agitadas e se encontrou com o oficial de intendência do South Essex, um oficial gorducho chamado Collip que havia acompanhado o batalhão durante a marcha noturna.

Sharpe fez Collip retroceder até uma fenda das rochas. O rosto de Sharpe estava sombrio como a morte.

— O senhor é um homem afortunado, senhor Collip.

— Sim, senhor.

Collip estava aterrorizado. Fazia somente dois meses que estava no South Essex.

— Diga-me por que o senhor é um homem de sorte, senhor Collip.

Collip engoliu saliva, nervoso.

— Não vai haver castigo, senhor?

— Nunca teria havido castigo algum, senhor Collip.

— Não, senhor?

— Porque é culpa minha. Acreditei quando disse que poderia se responsabilizar pela bagagem. Eu me equivoquei. E o senhor?

— Sinto muito, senhor.

Durante a noite Sharpe e seus capitães haviam se adiantado com os fuzileiros de Frederickson. Fizeram isso para mostrar o caminho que deveriam tomar e deixaram Collip com os tenentes para que conduzisse os homens. Quando regressou, descobriu Collip na borda de um profundo vale que tinham atravessado com grande dificuldade. Sharpe havia conduzido os fuzileiros pelo outro lado, descendo por uma margem escarpada, vadeando uma corrente fria como o gelo que lhe chegava até a cintura carregada com as águas da primavera, depois subindo se arrastando pela margem afastada, com as roupas geladas e empapadas.

Quando regressou em busca das cinco companhias viu que lhe esperava um fracasso.

O senhor Collip, o oficial de intendência, havia decidido tornar mais fácil a passagem para os casacas-vermelhas. Fizera uma corda com as correias dos mosquetes, um grande laço que se podia puxar sem limite por cima da cavidade, e na corda havia pendurado atravessando o vale todas as armas, mochilas e cantis dos homens. Na última passagem as correias se desataram e toda a munição de mosquete do South Essex se foi rio abaixo.

Quando os franceses se aproximavam da ponte somente os fuzileiros de Sharpe tinham munições. Os franceses podiam ter tomado a ponte com uma descarga de mosquetes, pois Sharpe não tinha nada com o que enfrentá-los.

— Nunca, jamais, senhor Collip, separe um homem de suas armas e munições. Promete?

— Sim, senhor — consentiu Collip com energia.

— Acho que me deve uma garrafa de algo, senhor Collip.

— Sim, senhor. Certamente, senhor.

— Bom dia, senhor Collip.

Sharpe se afastou. De repente sorriu, talvez porque as nuvens há oeste se abriam e um raio de sol vermelho desceu sobre o palco de sua vitória. Foi em busca de Patrick Harper, ficou com seus antigos fuzileiros e bebeu chá com eles.

— Um bom dia de trabalho, rapazes.

Harper começou a rir.

— Disse aos sacanas que não tínhamos munições?

— Sempre se deve deixar um homem com seu orgulho, Patrick — disse Sharpe, rindo também.

Não ria desde o Natal. Mas agora, com este primeiro combate da nova campanha, tinha sobrevivido ao inverno e conseguido a primeira vitória da primavera; ansiava pelo menos um verão livre das dificuldades e confusões do passado. Ele era um soldado, ia à guerra, e o futuro se apresentava brilhante.

Capítulo 2

Em um dia de sol em que os andorinhões-pretos esforçavam-se construindo ninhos na antiga alvenaria do castelo de Burgos, o major Pierre Ducos olhava das muralhas. Estava descoberto. O suave vento do oeste levantava seu cabelo preto enquanto observava o pátio do castelo. Apalpava as pernas de seus óculos e fazia uma careta de dor, pois o metal curvado lhe feria a pele.

Seis carroças enormes eram arrastadas pelos paralelepípedos. Lonas alcatroadas cobriam as cargas, lonas que estavam atadas com cordas e avultadas pelo carregamento. Os bois cansados eram golpeados até o outro extremo do pátio onde os carros, com grande esforço e gritaria, eram estacionados junto ao muro da torre de homenagem. Os carros iam com uma escolta de cavaleiros que levavam lanças de lâminas brilhantes das quais pendiam estandartes vermelhos e brancos.

Os soldados da guarnição do castelo observavam a chegada das carroças. Por cima de suas cabeças, na parte mais alta da torre de homenagem, a bandeira tricolor francesa ondeava ameaçadora ao vento. Os sentinelas olhavam o vasto campo e se perguntavam se a guerra voltaria a lamber outra vez esta antiga fortaleza espanhola que vigiava a pista principal desde Paris a Madri.

Ouvia-se um repique de cascos na porta de entrada e Pierre Ducos viu uma carruagem brilhante e reluzente que entrava transbordando no pátio. Ia puxada por quatro cavalos brancos ajaezados com correntes de tirantes de prata. A carruagem era conduzida com demasiada velocidade, mas isso, decidiu Ducos, era típico da dona. Na Espanha a conheciam como a Puta Dourada.

Junto à carruagem, ali onde parou sob o olhar de Ducos, havia um general da cavalaria. Era um homem bastante jovem, a verdadeira imagem de um herói francês, cujo uniforme vistoso estava engomado para aguentar o peso de suas medalhas. Saltou do cavalo, fez um sinal para o cocheiro para que se pusesse de

lado, abriu a portinhola da carruagem e fez descer os degraus com um gesto. Inclinou-se.

Ducos, como um animal de rapina que observa a sua vítima, olhava fixamente para a mulher.

Era bonita esta Puta Dourada. Os homens que a viam pela primeira vez não podiam acreditar que uma mulher pudesse ser tão bela. Sua pele era tão branca e pura como as conchas de pérolas brancas das praias de Biscaia. Seu cabelo era dourado. Uma combinação casual de lábios e osso, de olhos e pele lhe davam um ar de inocência que fazia com que os homens quisessem protegê-la. Pierre Ducos conhecia poucas mulheres menos necessitadas de proteção.

Era francesa. Seu nome de solteira era Helene Leroux e estava servindo à França desde os dezesseis anos. Havia dormido nos leitos dos poderosos e tirara de seus travesseiros os segredos de suas nações, e quando o imperador tomou a decisão de anexar a Espanha a seu Império, enviou Helene como arma.

Havia fingido ser filha de umas vítimas do Terror. Casou-se, seguindo instruções de Paris, com um homem próximo ao rei espanhol, um homem que sabia dos segredos da Espanha. Ela seguia casada, ainda que seu marido estivesse bem longe, e fazia uso do título que ele lhe dera. Era a marquesa de Casares o Grande e Melida Sadaba. Era bonita como um sonho de verão e traidora como o pecado. Era a Puta Dourada. Ducos sorriu. Um falcão, sobrevoando ao redor de sua vítima, deveria sentir a mesma satisfação que o major francês, com óculos, enquanto ordenava a seu assistente que desse seus cumprimentos à marquesa, com resposta; o que provindo de Ducos equivalia a uma ordem, portanto sua senhoria se apresentou diante dele imediatamente.

A marquesa de Casares o Grande e Melida Sadaba, que cheirava a água de rosas e sorria docemente, foi conduzida ao quarto vazio do major Ducos uma hora mais tarde. Ele levantou a vista da mesa.

— Chegou tarde.

Ela lhe lançou um beijo com sua mão coberta por uma luva de renda e passou junto dele para o baluarte.

— O campo está precioso hoje. Pedi ao seu delicioso e tímido tenente que me traga um pouco de vinho. Poderíamos comer aqui fora, Pierre. Sua pele necessita de um pouco de sol. — Cobriu-se com uma sombrinha e sorriu. — Como está, Pierre? Passa as noites bailando, como sempre?

Ele não levou em conta sua zombaria. Ficou na porta e sua voz soou profunda e dura.

— Tem seis carroças suas nesta fortaleza.

Ela fingiu temor.

— O imperador lhe fez seu comandante das carroças? Parabéns.

Ele pegou um pedaço de papel dobrado do bolso de seu colete.

— Estão carregadas com serviços de ouro e prata, pinturas, moedas, tapetes, estátuas, esculturas e uma adega de vinho empacotada em pó de serra. O valor total foi calculado em trezentas mil moedas espanholas.

Ficou olhando-a com um silêncio triunfante.

— E os móveis, Pierre. Seus espiões não encontraram os móveis? Alguns são muito valiosos. Uma cama árabe preciosa com incrustações de marfim, uma escrivaninha com laca chinesa que lhe agradaria, e uma cama com espelhos.

— E sem dúvida, a cama na qual convenceu o general Verigny a vigiar os bens roubados.

O general Verigny era o oficial da cavalaria cujos homens tinham vigiado as carroças em seu trajeto desde Salamanca.

— Roubados, Pierre? Tudo pertence a mim e a meu amado marido. Eu simplesmente pensei que enquanto Wellington nos ameaça com a derrota trasladaria nossos poucos pertences domésticos para a França. Considere-me somente uma simples

refugiada. Ah! — sorriu para o ajudante de Ducos, que havia trazido uma bandeja sobre a qual havia uma garrafa de champanhe aberta, uma única taça e um prato com uva branca. — Ponha-a sobre a mureta, tenente.

Ducos esperou, franzindo o cenho, até que seu ajudante tivesse saído.

— Os pertences estão carregados em carroças do exército francês.

— Carroças confiscadas, Pierre.

— Confiscadas pelo oficial de intendência do general Verigny.

— Verdade — sorriu ela. — Um homem apreciado.

— E eu vou anular o seu confisco.

Helene o olhou. Tinha medo de Pierre Ducos, ainda que não fosse dar a satisfação de lhe mostrar esse temor. Reconheceu a ameaça que ele lhe fazia. Ela fugia da Espanha, fugia da vitória com a qual ameaçava Wellington, e levava consigo a riqueza que a faria independente de qualquer tragédia que pudesse pairar sobre a França. Agora Ducos ameaçava aquela independência. Arrancou uma uva do cacho.

— Diga-me, Pierre, você pede o desjejum com uma ameaça? Se quer algo de mim, por que não me pede simplesmente? Por acaso quer compartilhar meu butim?

Ele franziu o cenho ao ouvir isto. Ninguém podia acusar a Pierre Ducos de cobiça; mudou de tema.

— Queria saber o que acha do regresso de seu marido da América.

Ela começou a rir.

— Quer que volte ao seu leito, Pierre? Não lhe parece que já sofri o bastante pela França?

— Ainda a ama?

— Amar-me? Que palavra tão rara provindo de você, Pierre. — Helene levantou a vista até a bandeira tricolor. — Ainda me deseja.

— Sabe que é uma espiã?

— Estou segura de que alguém lhe disse, não acha? Mas Luis não leva as mulheres a sério, Pierre. Pensará que me tornei espiã porque era infeliz sem ele. Acredita que uma vez tenha regressado e eu me encontre bem agasalhada sob sua cúpula de cristal tudo voltará ficar bem outra vez. Pode me grunhir o que queira e depois chorar a seu confessor. Os homens são tão estúpidos...

— Ou talvez seja que você escolha homens estúpidos.

— Grande conversa de penteadeira estamos tendo. — Ela lhe sorriu com inteligência. — Portanto, o que quer, Pierre?

— Por que há seu marido regressou?

— Não lhe agrada o clima da América do Sul, Pierre. Causa-lhe gases, diz. Sofre de flatulências. Uma vez fez açoitar um criado que começou a rir quando deixou escapar alguns.

— Ele foi ver Wellington.

— Certamente que foi! Luis é o novo herói da Espanha! — exclamou ela rindo.

Seu marido havia conduzido um exército espanhol contra os rebeldes na Banda Oriental, a terra ao norte do Rio da Prata. Os rebeldes, ao ver a Espanha humilhada pelos franceses, estavam tentando arrebatá-la a independência dos espanhóis. Para surpresa da marquesa, e de muita gente, o marquês os derrotara. A dama cuspiu uma semente por cima da mureta.

— Devia superá-los em cem para um! Ou talvez soltasse seus gases diante de suas caras? Acha que essa seja a resposta, Pierre? Uva? — Helene sorriu ante o silêncio de Ducos e se serviu champanhe. — Diga-me por que me encontro aqui com seu encanto costumeiro e sua consideração.

— Seu marido quer que volte?

— Já sabe que sim. Estou segura de que você interceptou todas suas cartas. Sua luxúria excede a seu patriotismo.

— Então quero que lhe escreva uma carta.

A mulher sorriu.

— Somente isso? Uma carta? E então poderei ficar com minhas carroças? — perguntou com voz de garotinha.

Ele consentiu.

Helene o observava, apreensiva de um negócio tão fácil. De repente, sua voz se tornou dura.

— Vai deixar que leve meus bens para a França somente por uma carta?

— Uma carta.

Ela deu de ombros.

— Você me dará credenciais?

— Certamente.

Helene tomou um trago de champanhe.

— O que devo escrever?

— Aí dentro.

Ele havia escrito a carta e ela somente tinha que copiá-la no papel de escrever com o brasão da família de seu marido. Helene admirou a eficiência de Ducos por ter roubado o papel para que ela o tivesse preparado. Ducos lhe ofereceu a única cadeira do aposento, uma pena recém cortada e tinta.

— Esmere-se na redação, Helene.

— Não será difícil, Pierre.

A carta explicava uma história pungente. Respondia a uma carta anterior do marquês, dizendo que ela não queria outra coisa a não ser se reunir com ele, que a alegria de seu regresso a havia enchido de esperanças e anseios, mas que tinha medo de ir vê-lo enquanto estivesse sob comando de Wellington.

Tinha medo porque havia um oficial inglês que a perseguira da forma mais vil, que insultara a ela e ao seu marido e lhe havia lançado todo tipo de ultrajes. Ela havia se queixado, dizia, ao generalíssimo inglês, mas não tinha nada a fazer porque o oficial ofensor era amigo de Wellington; temia por sua virtude e enquanto o oficial estivesse na Espanha ela tinha medo de se juntar a seu marido. O oficial, escreveu, já tentara estuprá-la uma vez; só não consumou tal tentativa porque estava bêbado. Helene não se sentiria a salvo enquanto esse homem vil, o major Richard Sharpe, estivesse vivo. Assinou a carta, deixando cair umas gotas de champanhe sobre a tinta para que a escrita parecesse tingida de lágrimas; depois sorriu para Ducos.

— Quer que se batam em duelo?

— Sim.

Ela começou a rir.

— Richard o triturrará!

A mulher sorriu.

— Diga-me, Pierre. Por que quer que Richard mate o meu marido?

— É óbvio, não acha?

Se seu marido, um grande da Espanha e um herói repentino e inesperado, morresse pelas mãos de um inglês, então a frágil aliança entre a Espanha e a Inglaterra correria perigo. A aliança era uma questão de conveniência. Os espanhóis não sentiam amor pelos ingleses. Sentiam-se incomodados por ter que necessitar da ajuda do exército britânico para expulsar os franceses. Era verdade que tinham feito de Wellington o generalíssimo de todos seus exércitos, mas isso era um reconhecimento ao seu talento. Ela observou como Ducos secava a tinta com areia.

— Então sabe que não haverá duelo, né?

— Não? — respondeu ele sacudindo a areia no piso.

— Arthur não permitirá. — “Arthur” era Wellington. — O que fará então, Pierre?

Ele não fez caso da pergunta.

— Sabe que isto é uma sentença de morte para o Major Sharpe?

— Sim.

— Não lhe preocupa?

Ela sorriu com elegância.

— Richard sabe cuidar de si mesmo, Pierre. Os deuses lhe sorriem. Ademais, eu faço isto pela França, não é assim?

— Por suas carroças, querida Helene.

— Oh, sim, certamente. Minhas carroças. Quando obterei o passe para elas?

— Para o próximo comboio que vá ao norte.

Ela consentiu e se levantou.

— Realmente acredita que vão lutar, Pierre?

— Isso tem importância?

— Preferiria ser uma viúva. — Sorriu. — Uma viúva rica. A viúva dourada.

— Então deve desejar que o major Sharpe lhe satisfaça.

— Sempre o fez, Pierre.

A habitação se encheu com seu perfume.

Ele dobrou a carta.

— Ele lhe agrada?

Helene inclinou a cabeça de lado e pareceu pensar.

— Sim. Tem a virtude da simplicidade, Pierre, e lealdade.

— Pouco de seu agrado, teria dito.

— Você pouco conhece meus gostos, Pierre. Posso me retirar? Posso regressar a meus prazeres?

— Seu selo?

— Ah.

Ela se tirou um anel que usava sobre a luva de renda e lhe estendeu. Ele o apertou na cera quente e lhe devolveu o selo.

— Obrigado, Helene.

— Não me agradeça, Pierre. — Ela o olhou fixamente, com um leve sorriso brincalhão no rosto. — Abre as cartas que o imperador me envia, Pierre?

— Certamente que não.

Ele franziu o cenho ante tal pensamento, enquanto que em seu íntimo se perguntava como conseguia Napoleão enviar essas cartas sem que seus homens o impedissem.

— Assim o suponha — disse ela umedecendo os lábios. — Sabe que ainda o agrado.

— Acredito que todos seus amantes seguem gostando de você.

— O senhor é tão doce, Pierre — disse ela, fazendo girar a sombrinha fechada entre suas mãos. — Sabe que me considera quase uma experta em assuntos espanhóis? Que inclusive me pede conselho?

— Ah, é? — disse Ducos olhando-a.

— Devo parabenizá-lo, Pierre. Eu disse ao imperador que sua ideia do tratado era magnífica. — Sorriu ao perceber a surpresa em seu rosto. — De verdade, Pierre! Magnífica. Essa foi a palavra exata que utilizei. Certamente, eu lhe disse que primeiro tinha que derrotar a Wellington, mas e se não conseguíssemos? Magnífica! — Sorriu de novo, um sorriso vitorioso. — Portanto não vai impedir que meus carrinhos cruzem a fronteira, né?

— Eu já fiz minha promessa.

— Mas a quem a fez, doce Pierre? A quem? — Disse estas duas últimas palavras enquanto abria a porta. Voltou a sorrir. — Bom dia, major. Foi um grande prazer.

Ele escutou seus saltos contra as pedras do corredor e se sentiu chateado e amargado. Napoleão, sempre louco por um par de pernas na cama, havia falado para a Puta Dourada de Valençay? E agora ela se atrevia a ameaçá-lo? Se suas débeis carroças não chegassem à França, então ela atraíçaria o seu país revelando a existência do tratado?

Avançou para as muralhas. A carta que ela havia escrito estava em sua mão e era a chave para o tratado. Nesse mesmo dia a daria ao inquisidor e amanhã este, junto com seu irmão, iniciaria a viagem para o oeste. Dentro de três dias, decidiu, o caso seria irreversível, e em o prazo de duas semanas fecharia essa bonita boca para sempre.

Observou como a mulher cumprimentava o general Verigny abaixo, viu que ambos subiam para a carruagem e pensou com que alegria veria essa puta cair. Ela se atrevia a ameaçá-lo? Então viveria para se arrepender dessa ameaça toda uma eternidade.

Voltou para seu escritório. Ele a desafiaria. Salvaria a França, derrotaria a Grã-Bretanha e surpreenderia ao mundo com sua inteligência. Durante alguns segundos, dando as costas para a magnífica vista que se oferecia desde as muralhas de Burgos, imaginou a si mesmo como o novo Richelieu, a nova estrela brilhante da glória da França. Não podia perder, ele sabia, pois havia calculado os riscos. Ganharia.

Capítulo 3

— Tendas! — espetou Sharpe. — Maldita seja, porcaria de tendas!

— Prontas para dormir, senhor.

O sargento Patrick Harper mantinha uma expressão imperturbável. Os homens do South Essex que observavam sorriram entre os dentes.

— Malditas tendas.

— Tendas limpas, senhor. Delicadas e brancas, senhor. Poderíamos plantar flores ao redor caso os rapazes tenham saudade de casa.

Sharpe deu um chute em um dos enormes volumes de lona.

— Quem diabos necessita de tendas?

— Os soldados, senhor, para quando têm frio e se molham de noite.

O marcado sotaque do Ulster de Harper estava pintado de diversão.

— Espero que da próxima vez nos deem camas, senhor, com lençóis limpos e garotinhas para que nos esquentem durante toda a noite. E urinóis, senhor, com a inscrição Deus salve ao rei na borda.

Sharpe voltou a dar um chute no monte de tendas.

— Ordenei ao oficial de intendência que as queimasse.

— Ele não pode fazer isso, senhor.

— Certamente que pode!

— Ele assinou, senhor. Qualquer perda se deduzirá do pagamento, senhor.

Sharpe ia dando voltas ao redor do monte de vultos obscenos. De todas as coisas ridículas, inúteis e estúpidas, a Guarda real

enviara tendas! Os soldados sempre haviam dormido ao relento!

Sharpe já havia despertado pela manhã com o cabelo congelado colado ao solo, havia despertado com as roupas empapadas, mas nunca quisera uma tenda! Ele era um soldado de infantaria. Um infante tinha que marchar e avançar depressa, e as tendas os retardariam.

— Como acham que devemos transportar estes malditos trastes?

— Mulas, senhor, mulas para tendas. Uma para duas companhias. Serão distribuídas amanhã, senhor.

— Santo Deus!

— Provavelmente não tinha uma tenda, senhor.

Sharpe sorriu, porque estava se divertindo, mas o repentino envio de tendas do quartel general trazia alguns problemas que ele não necessitava. Precisariam de cinco mulas para carregar com as tendas. Cada mula podia acarretar 90 quilos, mais catorze quilos de forragem que manteria o animal vivo durante seis dias. Se marchassem em uma campanha como a do verão passado então teria que levar em conta que ficariam com pouca forragem, e mulas extras teriam que carregar a forragem extra. Mas as mulas extras também teriam que se alimentar, o que significava mais mulas ainda, e se calculasse uma marcha de seis semanas isso equivalia a quatrocentos quilos extras de forragem. Isto eram umas quatro ou cinco mulas a mais, mas estas mulas necessitariam de umas setecentas libras extras de alimento que requereriam mais quatro mulas, que também necessitariam de forragem; e assim até chegar à conclusão certa de que precisariam de catorze mulas extras simplesmente para manter vivas às cinco mulas das tendas. Tentou descarregar sua ira dando um pontapé em outra tenda.

— Deus, Patrick! É ridículo!

Fazia três dias que os franceses haviam se rendido a eles nas colinas. Tinham marchado em direção norte desde a ponte, abandonando subitamente os acessos para Salamanca e entrando

em uma área de colinas e veredas ruins. Esperando-os estava o grosso do exército e um monte daquelas malditas tendas cinzentas. Sharpe franziu o cenho.

— Nós as deixaremos no depósito.

— E se as roubarem, senhor?

Sharpe soltou uma maldição. O que Harper queria dizer, certamente, era que o armazenista venderia as tendas aos espanhóis, afirmaria que as haviam roubado e as carregaria nas contas do batalhão.

— Conhece o armazenista?

— Sim — respondeu Harper com ar de dúvida.

— Quanto?

— Bastante.

Sharpe voltou a amaldiçoar. Sem dúvida poderia tirar cinco libras das contas do batalhão para subornar o armazenista, mas o caso era uma chateação.

— Não é amigo seu, esse armazenista?

— É de County Down — disse Harper como se isso significasse algo. — Venderia a sua maldita mãe por um xelim.

— Não tem nada com esse sacana?

— Não — disse Harper, sacudindo a cabeça.

— Eu conseguirei algo para ele.

Podia vender uma das mulas que chegariam no dia seguinte, dizer que havia morrido de resfriado e de sabe Deus o quê, e veria se alguém se atrevia a lhe perguntar. Sacudiu a cabeça com exasperação, depois sorriu zombeteiramente para o grande sargento.

— Como está sua mulher?

— Esplêndida, senhor! — sorriu Harper amplamente. — Resplandecente. Eu acho que ela gostaria de lhe preparar um de

seus almoços.

— Irei esta semana.

Isabel era uma garota espanhola, pequena e morena, a quem Harper havia resgatado do horror de Badajoz. Desde aquela noite terrível havia seguido com lealdade ao batalhão, junto com as outras esposas, amantes e putas que moldavam a cauda desajeitada de qualquer exército em marcha. Sharpe suspeitava que Harper se casasse antes de acabar o ano.

O enorme irlandês afastou a boina para trás e coçou o cabelo cheio de areia.

— O espanhol encontrou o senhor?

— O espanhol?

— Um oficial; um autêntico janota. Estava farejando por aí esta manhã, sabe. Parecia que tinha perdido a bolsa. Sinistro como um maldito juiz.

— Eu estava aqui.

— Provavelmente não era importante — disse Harper, dando de ombros.

Mas Sharpe franziu o cenho. Não sabia por que, mas seu instinto, que o mantinha vivo no campo de batalha, de repente estava lhe advertindo de um problema. O aviso foi suficiente para destruir o pequeno momento de felicidade que lhe proporcionara insultar as tendas. Era como se, em um dia de esperança e paz, tivesse de repente sentido o cheiro da cavalaria francesa.

— Quando esteve aqui?

— Ao amanhecer — respondeu Harper sentindo o alerta repentino. — Era um tipo jovem.

Não lhe ocorria nenhuma razão pela qual um oficial espanhol quisesse vê-lo, e quando algo não tinha razão de ser, podia ser perigoso. Deu um pontapé nas tendas.

— Avise-me se o vir de novo.

— Certo, senhor.

Harper olhou para Sharpe, que caminhava para o quartel general do batalhão. Perguntava-se por que a menção do espanhol com uniforme vistoso tinha afundado Sharpe em uma tensão tão repentina. Talvez, pensou, se tratasse do sentimento de culpa e dor de Sharpe. Harper podia entender a dor, mas sentia que o humor de Sharpe não era simplesmente isso. O enorme irlandês achava que seu amigo havia começado a odiar a si mesmo, talvez se culpando pela morte de sua mulher e o abandono de sua filha. Fosse o que fosse, pensou Harper, esperava que logo o exército voltasse a marchar contra os franceses. Junto àquela ponte, enquanto os soldados de infantaria não trocaram nem um disparo, Harper havia percebido a antiga energia e entusiasmo. Qualquer que fosse a tristeza de Sharpe, não havia minguado sua habilidade para o combate.

— Necessita de uma boa batalha — disse para Isabel naquela noite.

Ela emitiu um som depreciativo.

— Necessita de uma esposa.

Harper começou a rir.

— Isso é só no que pensam as mulheres. Matrimônio, matrimônio, matrimônio!

Ele havia estado bebendo com os outros sargentos do batalhão; regressou tarde e encontrou a comida que ela lhe havia preparado fria.

Isabelle empurrou os ovos na frigideira como se esperasse que ao trocá-los de posição seu aspecto melhoraria.

— E que mal há com o matrimônio?

Harper, que percebia o matrimônio em seu próprio horizonte, decidiu que a descrição era a melhor resposta.

— Nada em absoluto. Tem pão?

— Já sabe que sim. Pegue-o, você mesmo.

A discrição tinha seus limites, contudo. O trabalho de um homem não era o de ir pegar o pão, nem chegar na hora para comer. Harper se sentou em silêncio enquanto Isabel resmungava do alojamento e se queixava da padroeira, e da mulher do sargento Pierce, que tinha roubado um balde de água; também disse que ele podia ir ver um sacerdote antes que começasse a campanha para fazer uma boa confissão. Harper ia escutando tudo pela metade.

— Vejo problemas a caminho.

— Tem razão.

Isabel pegou os ovos e os pôs em um prato de lata.

— Grande problema se não for buscar o pão.

Quando ela falava inglês era com o sotaque da Irlanda do Norte.

— Vá pegá-lo você, mulher.

Isabel disse algo que Harper com seu espanhol não pôde entender, mas foi para o canto do aposento e descobriu a barra oculta.

— Que tipo de problema, Patrick?

— Está chateado.

— O major?

— É. — Harper se dignou cortar a fogaça com a baioneta de seu fuzil. — Está chateado, querida, e quando fica chateado se mete em confusões.

Isabel serviu o vinho.

— Outro arco-íris?

Harper começou a rir. Ele gostava de dizer que o major Sharpe sempre perseguia a marmitta de ouro que havia ao final de cada arco-íris. Encontrava as marmittas com bastante frequência, porém, conforme Harper, sempre as recusava porque não tinham a forma adequada.

— É. O sacana voltou a perseguir um arco-íris.

— Deveria se casar.

Harper, diplomático, ficou em silêncio, mas seu instinto, assim como o de Sharpe, percebeu de repente um perigo. Estava recordando a repentina mudança de humor de Sharpe quando mencionou o espanhol. Harper teve medo, porque sabia que Richard Sharpe era capaz de procurar o arco-íris no próprio inferno. Olhou para sua mulher, que esperava uma palavra de elogio, e lhe sorriu.

— Tem razão. Ele necessita de uma mulher.

— Matrimônio — disse ela cáustica, mas ele viu que estava comprazida. Apontou-lhe com a colher. — Cuide dele, Patrick.

— É grande o bastante para cuidar de si mesmo.

— Sei de homens grandes que não podem ir pegar o pão.

— É uma mulher com sorte, isso é o que é.

Harper sorriu zombeteiramente, mas em seu interior se perguntava o que teria alarmado Sharpe. Da mesma maneira que pressentia suas perspectivas de matrimônio, sentia que algum problema ameaçava a seu amigo.

— Ah, Sharpe! Nenhum problema? Bom!

O tenente-coronel Leroy estirava suas luvas de pele. Há poucas semanas era major, mas agora o americano legitimista havia conseguido sua ambição de pegar o comando do batalhão. A luva da mão direita escondia as terríveis feridas de queimadura que recebera no ano anterior em Badajoz. Nada podia ocultar a horrível cicatriz, enrugada, que sulcava o lado direito de seu rosto. Olhou para o céu da manhã.

— Não vai chover hoje.

— Esperemos que não.

— Chegam dez mulas, hoje?

— Foi o que ouvi, senhor.

— Sabe Deus para que necessitamos de tendas.

Leroy se encurvou para acender um charuto comprido e fino com uma vela que, por ordens suas, era mantida acesa no quartel general do batalhão precisamente com essa finalidade.

— As tendas só vão amolecer aos homens. Também poderíamos ir à guerra com leiteiras. Pode desfazer esses malditos tratos?

— Eu tentarei, senhor.

Leroy pôs seu chapéu bicorne, baixando a frente para que sombreasse seu rosto terrível e magro.

— O que mais há para hoje?

— Mahoney levará a segunda e a terceira para marchar. Práticas de tiro para os novos recrutas. Revista às duas.

— Revista?

Leroy, cuja voz ainda guardava a entonação de sua Nova Inglaterra nativa, franziu o cenho para seu único major. Joseph Forrest, o outro major do batalhão, fora destinado para o estado maior de Lisboa para ajudar a organizar as provisões que choviam sobre aquele porto.

— Revista? — perguntou Leroy. — Para o que diabos necessitamos passar revista?

— Ordens suas, senhor. Revista dominical.

— Deus, eu havia esquecido — disse Leroy soltando a fumaça na direção de Sharpe e sorriu. — Ocupe-se disso, Richard, se sairá bem.

— Obrigado, senhor.

— Bem, já vou! — disse Leroy satisfeito.

Tinha sido convidado ao quartel general da ponte para passar o dia e previa vinho e fofocas em partes iguais. Pegou o rebenque.

— Assegure-se de que o padre pregue para esses sacanas um sermão enaltecendo. Não há nada melhor que um sermão para pôr

os homens com um humor adequado para matar franchinotes. Ouvi dizer que um espanhol estava lhe procurando.

— Foi.

— O que queria?

— Não me encontrou.

— Bem, diga-lhe que não, seja o que for que queira, e lhe peça dinheiro emprestado.

— Dinheiro?

Leroy virou-se da porta.

— O ajudante me disse que está devendo ao refeitório dos oficiais dezesseis guinéus. É verdade?

Sharpe consentiu com a cabeça e Leroy lhe apontou com o rebenque.

— Pague-as, Richard. Não quero que morra devendo dinheiro ao maldito refeitório.

Ele se foi caminhando pela rua para seu cavalo, que esperava, e Sharpe se virou para a mesa com papelada pendente.

— De que diabos está rindo?

— De nada, senhor — respondeu Paddock, o secretário do batalhão, sacudindo a cabeça.

Sharpe se sentou diante do monte de trabalho. Sabia que Paddock sorria porque Leroy havia dito a Sharpe que pagasse suas dívidas, mas este não podia pagá-las. Devia cinco xelins à lavadeira, ao cantineiro duas libras e Leroy, com razão, exigia de Sharpe que comprasse um cavalo. Como capitão, Sharpe não quisera um cavalo; preferia manter-se sobre suas botas como seus homens, mas como major a altura acrescentada seria útil no campo de batalha, assim como a velocidade. Mas um bom cavalo não podia ser conseguido por menos de cento e trinta libras e ele não sabia de onde iam provir esses fundos. Soltou um suspiro.

— Pode falsificar minha maldita assinatura?

- Sim, senhor, mas só nos pagamentos. Chá, major?
- Resta algo do café da manhã?
- Vou dar uma olhada, senhor.

Sharpe foi abrindo passagem entre os papéis: os informes de material e os informes semanais, assim como o novo regulamento geral da brigada e do exército; a advertência de costume do capelão geral de se manter alerta com os metodistas subversivos e uma ordem proveniente de Wellington que recordava aos oficiais que era obrigatório tirar o chapéu quando um sacerdote levava a Sagrada Forma a um moribundo. Não preocupar aos espanhóis era a mensagem desta ordem e Sharpe acusou recibo e se perguntou de novo quem seria o espanhol.

Assinou com seu nome três dúzias de vezes, abandonou o restante do trabalho burocrático e saiu à luz do sol primaveral para comprovar os piquetes e observar os recrutas, enviados em navio desde a Inglaterra, que disparavam três séries de fogo de mosquete. Escutava a queixa usual do oficial de serviço referente à ração de boi e se meteu pela parte traseira das casas para evitar o cantineiro português que procurava seus devedores. O cantineiro vendia tabaco, chá, agulhas, linha, botões e todas essas coisinhas indispensáveis na vida de um soldado. O cantineiro do South Essex, que tinha um pequeno estábulo de putas horrorosas, era o homem mais rico que acompanhava o batalhão.

Sharpe evitava esse homem. Perguntava-se se o cantineiro compraria a mula das tendas, ainda que soubesse que somente pagaria a metade de seu preço. Sharpe poderia se considerar afortunado se conseguisse tirar quinze libras do cantineiro, menos as duas libras que lhe devia e menos outras cinco para subornar ao armazenista. E teria que comprar o silêncio de Paddock, o secretário. Sharpe supôs que conseguiria sete ou oito libras do trato, o suficiente para que os oficiais ficassem contentes. Soltou um palavrão. Oxalá o exército estivesse em marcha e lutando, ocupado demais para se preocupar com trivialidades como as contas não pagas.

O combate da ponte fora um falso alarme. Ele suspeitava que tivesse sido uma treta, uma forma de fazer os franceses acharem que os britânicos voltariam sobre os passos do ano passado e marchando para Salamanca e Madri. Mas contrário a isso, o batalhão havia forçado a marcha para o norte, onde se encontrava reunido o grosso do exército britânico. Os franceses protegiam a porta de entrada para a Espanha e Wellington planejava utilizar a traseira. "Mas que comece logo", rogava Sharpe. Estava chateado. Em lugar de combater se preocupava com dinheiro e tinha que organizar uma revista dominical.

O general havia ordenado que todos os batalhões que não tivessem seu próprio capelão tinham que receber pelo menos um sermão de um sacerdote de outra unidade. Nesse dia era a vez do South Essex e Sharpe, sentado sobre o cavalo de reserva do capitão D'Alembord, olhava fixamente para as dez companhias do South Essex que estavam de cara para o homem de Deus. Sem dúvidas se perguntavam por que, depois de serem liberados durante anos de tais ocasiões, de repente tinham que se ver intimidados por um homem gorducho e calvo lhes dizendo para se considerassem afortunados. Sharpe não prestava atenção no sermão. Estava pensando em como podia persuadir o cantineiro a comprar uma mula quando o homem já tinha meia dúzia para levar suas mercadorias. Então apareceu o espanhol.

O reverendo Sebastian Whistler estava enumerando as bênçãos de Deus; pão recém feito, mães, chá recém feito e coisas assim, quando Sharpe viu que os olhos do batalhão se afastavam dos do pregador. Ele mesmo olhou e viu que olhavam para o campo onde havia ocorrido o desfile dominical, afastado dos olhos católicos dos espanhóis, dois oficiais espanhóis e um sacerdote também espanhol.

O janota cavalgava diante de seus dois companheiros. Era um homem jovem uniformizado com tal esplendor, tão chamativo, que se fazia digno do adjetivo janota. Usava um uniforme de um branco imaculado, com cordões dourados, adornado com uma faixa de seda azul na qual brilhava uma estrela de prata. Seu gabão era

debruado de escarlata, a mesma cor da braçadeira de couro de seu cavalo. De sua sela pendia uma bainha decorada com pedras preciosas.

O batalhão, sem fazer caso dos requerimentos do reverendo Sebastian Whistler de que deviam se contentar com a humilde sorte e não cobiçar as riquezas que somente os conduziram à tentação, observava o homem tão ricamente uniformizado que cavalgava atrás do sacerdote e se detinha a alguns passos de Sharpe.

Os outros dois espanhóis refrearam as rédeas a uns cinquenta metros de distância. O sacerdote, montado sobre um grande cavalo baio elegante, vestia preto, com um chapéu caído sobre os olhos. Sharpe viu que o outro homem era um general, não menos. Era um espanhol alto e corpulento com seus melhores trajes de cordões dourados e parecia que olhava fixamente para o oficial de fuzileiros.

O jovem vestido com o uniforme branco e esplêndido tinha um rosto magro e orgulhoso, com olhos que olhavam desdenhosos para o inglês. Esperou até que o sermão terminasse, até que o sargento-mor do regimento pôs os soldados em sentido e os mosquetes ao ombro e então falou em inglês.

— O senhor é Sharpe?

Sharpe respondeu em espanhol.

— Quem é o senhor?

— O senhor é Sharpe?

Sharpe se deu conta, pela má educação deliberada, de que seu instinto não havia se equivocado. Ele havia pressentido o problema, mas agora que estava diante dele e não o temia. O homem falava com a voz tingida de desprezo e ódio, mas um homem, ao contrário de um terror de relatórios, podia ser morto. Sharpe se afastou do espanhol.

— Sargento-mor do regimento!

— Senhor?

O sargento-mor do regimento MacLaird virou-se para a formação, encheu de ar os pulmões e seu grito ecoou pelo campo.

— Sentido! Saudação!

Sharpe observou como os mosquetes caíam dos ombros, paravam, golpeavam sobre os corpos; então o pé direito retrocedia e as espadas dos oficiais se elevavam. Ele se virou e sorriu para o espanhol.

— Quem é o senhor?

Sharpe viu que o general espanhol devolvia o cumprimento. MacLaird gritou “armas ao ombro” e se dirigiu para Sharpe.

— Dispensar, senhor?

— Dispensar, sargento-mor.

O espanhol com uniforme branco esporeou seu cavalo para que avançasse até a linha de visão de Sharpe.

— O senhor é Sharpe?

Sharpe o olhou. O inglês que o homem falava era bom, mas Sharpe preferiu responder em espanhol.

— Sou o homem que lhe quebrará o pescoço se não aprender a ser educado.

Falou em voz baixa e viu que suas palavras se viam recompensadas por um leve tremor de medo na cara daquele homem. O oficial ocultava seu nervosismo com uma bravata.

O espanhol se pôs esticado em sua sela.

— Sou Miguel Mendora, major Mendora.

— Chamo-me Sharpe.

Mendora consentiu. Durante um ou dois segundos não disse nada; então, com a rapidez de um escorpião ao ataque, açoitou com sua mão direita e dirigiu para a cara de Sharpe um golpe pungente. O golpe não lhe atingiu. Sharpe havia lutado em todos os submundos de Londres a Calcutá e o viu vir. Tinha-o visto nos olhos de Mendora. Balançou-se para trás, deixando que a mão com a luva

branca passasse. Percebeu a raiva no espanhol, enquanto que dentro dele sentiu a calma glacial que lhe invadia na batalha. Sorriu.

— Conheci a leitões com mais hombridade que o senhor, Mendora.

Mendora ignorou o insulto. Fizera o que lhe haviam ordenado e havia sobrevivido. Então olhou para sua direita e viu os soldados que tinham rompido filas que se dirigiam para ele. Viram como tentara golpear o seu oficial e se encontravam excitados e enaltecidos. Mendora voltou a olhar para Sharpe.

— Isto era da parte de meu senhor.

— Quem é?

Mendora não fez caso da pergunta.

— O senhor vai escrever uma carta de desculpa, uma carta que ele utilizará como lhe convenha. Depois disto, pois o senhor não é um cavalheiro, renunciará a sua promoção.

Sharpe tinha vontade de rir.

— Quem é seu general?

O major Mendora sacudiu a cabeça.

— O marquês de Casares o Grande e Melida Sadaba.

De repente, a recordação daquela beleza perfeita que escondia a mulher defeituosa lhe invadiu de tal forma que a excitação regressou abrasadora. Helene! Fora com Helene que havia traído Teresa, e compreendeu que a vingança daquela traição lhe chegava. Tinha vontade de rir em voz alta. Helene! Helene a do cabelo de ouro, a da pele branca sobre os lençóis pretos, a mulher que o havia utilizado a serviço da morte, mas que, assim ele pensava, talvez o tivesse amado um pouco.

Olhou para o general, atrás de Mendora. Acreditara, pelas descrições de Helene, que seu marido seria um homem baixo e gordo. Gordo ele era, mas era uma gordura musculada e corpulenta. Parecia alto. Sharpe continuava excitado. A marquesa

era a criatura mais bela que ele tinha visto, uma mulher a quem amou durante uma estação; depois a havia perdido. Pensava que tinha partido para sempre, mas ali estava seu marido de volta das colônias espanholas com os cornos na cabeça. Sharpe sorriu para Mendora.

— Como ofendi ao seu amo?

— O senhor sabe como, senhor.

Sharpe começou a rir.

— Agora me chama de senhor? Recuperou seus modos?

— Sua resposta, major?

Portanto o marquês sabia que lhe haviam posto os cornos? Mas por que diabos havia escolhido a Sharpe? Devia haver meio batalhão de homens com os quais teria que se bater para recuperar a honra que Helene havia respeitado tão superficialmente. Sharpe sorriu.

— Não vai conseguir uma carta minha, major, nem minha demissão.

Mendora já esperava essa resposta.

— Pode me dizer o nome de seu segundo, senhor?

— Eu não tenho um segundo.

Sharpe sabia que Wellington havia proibido todos os duelos. Se ele se arriscava, era coisa sua, mas não ia pôr em risco a carreira de outro homem. Olhou para o marquês e considerou que um homem tão corpulento seria de movimento lento.

— Escolho as espadas.

Mendora sorriu.

— Meu amo é um grande espadachim, major. Terá mais oportunidades com uma pistola.

Os soldados olhavam boquiabertos para os dois oficiais a cavalo. Pressentiam, ainda que não pudessem ouvir as palavras, que algo dramático sucedia.

Sharpe esboçou um sorriso.

— Se necessitar de conselho para saber como lutar, major, o procurarei em um homem.

O rosto orgulhoso de Mendora olhava com raiva para o inglês, mas manteve a compostura.

— Há um cemitério no caminho para o sul, conhece?

— Eu o encontrarei.

— Meu amo estará lá às sete da tarde. Não esperará muito. Espero que sua coragem seja suficiente para a morte, major.

Fez que seu cavalo girasse e voltou a olhar para Sharpe.

— De acordo?

— De acordo. — Sharpe deixou que se desse a volta. — Major!

— Senhor?

— Vai um sacerdote com os senhores?

O espanhol consentiu.

— O senhor é muito observador para um inglês.

Sharpe voltou a falar em inglês, deliberadamente.

— Assegure-se de que conheça a oração dos mortos, espanhol.

Ouviu-se um grito que provinha dos homens que observavam.

— Mate ao sacana, Sharpe!

O som se levantou, cresceu, e algum engraçadinho começou a gritar “um ringue!, um ringue!”, o grito habitual quando surgia uma briga entre as linhas do batalhão. Sharpe viu que um olhar de fúria atravessava o rosto de Mendora; então o espanhol esporeou o cavalo e o pôs a galope contra uma panelinha de homens que se afastou de sua passagem e animou sua retirada. O marquês de Casares o Grande e Melida Sadaba e seu sacerdote galoparam atrás dele.

Sharpe não prestou atenção aos gritos dos homens que tinha por perto. Viu os três espanhóis partirem e se deu conta de que,

sob pena de perder tudo o que havia conseguido em seu exército, não devia ir ao cemitério e combater no duelo. Dar-lhe-iam a baixa; seria afortunado, se ganhasse, que não o acusassem de assassinato. Por outro lado, estava a recordação da marquesa, de sua pele entre os lençóis, seu cabelo sobre o travesseiro, seus risos no quarto em penumbra. Tinha na mente que o major espanhol tentara lhe golpear. A isso se somava sua chateação, sua incapacidade para recusar um desafio, e, por cima de tudo, a sensação de um assunto inacabado, de um remorso que exigia seu preço, de um remorso que lhe ordenava pagar esse preço. Gritou para que os homens calassem e olhou entre a multidão de soldados em busca do homem que queria.

— Harps!

Patrick Harper abriu passagem entre os homens e levantou a vista para Sharpe.

— Senhor?

Sharpe pegou a espada. Era uma espada que o sargento Harper havia voltado a trabalhar para ele enquanto Sharpe jazia no hospital de Salamanca. Era uma folha barata, uma das muitas fabricadas em Birmingham para a cavalaria pesada britânica, quase um metro de aço pesado, lerdo e desequilibrado, salvo entre as mãos de um homem forte.

Sharpe lançou a espada para o irlandês.

— Afie-a, Harps. Bem afiada.

Os homens aclamaram, mas Harper segurava a espada sem alegria alguma. Levantou o olhar para Sharpe e percebeu a loucura no rosto moreno e marcado com a cicatriz.

Sharpe recordava um rosto de beleza delicada, o rosto de uma mulher que os espanhóis agora chamavam de a Puta Dourada. Sharpe sabia que não poderia possuí-la nunca, mas podia lutar por ela. Podia abandonar tudo por ela, que outra coisa podia fazer um guerreiro por uma mulher bonita? Sorriu. Lutaria por uma mulher conhecida como uma traidora, e porque, de um modo obscuro que

não entendia totalmente, acreditava que esse desafio, esse duelo, esse risco era como uma expiação da culpa que lhe atormentava. Lutaria.

Capítulo 4

— O senhor é lento, Sharpe, muito lento.

O capitão Peter D'Alembord, que havia ocupado a vaga de Sharpe como capitão da companhia ligeira, passara sua fina espada pela guarda de Sharpe e agora a ponta oscilava dois centímetros abaixo do apito prateado enfiado no cinturão cruzado do major. D'Alembord, um homem magro e de grande elegância, oferecera-se voluntário, com certa timidez, para controlar a excitação de Sharpe. Também havia investigado o inimigo e suas notícias eram desalentadoras.

— Parece que o marquês é bastante bom.

— Bom?

— Teve lições de Bouillet em Paris. Dizem que era capaz de vencê-lo. Apesar disso, não tem que se preocupar. Bouillet devia estar velho, talvez estivesse lento.

D'Alembord sorriu, deu um passo para trás e elevou a espada.

— *En garde?*

Sharpe começou a rir.

— Vou cortar esse sacana em tiras.

— Esperemos que a primavera seja eterna, meu querido Sharpe. Levante sua espada, vou atacar por sua esquerda. Aviso-lhe que deveria ser capaz de me deter. *Engage.*

As lâminas vibraram, chiaram, se retiraram, soaram e de repente, com uma velocidade cegante, D'Alembord passara a guarda de Sharpe pela esquerda e sua espada estava outra vez preparada para partir o tronco de Sharpe. O capitão D'Alembord franziu o cenho.

— Se eu escurecesse meu cabelo com fuligem, Sharpe, e pintasse uma cicatriz no rosto, talvez pudesse passar por você. É a

melhor esperança de sobrevivência.

— Bobagens. Vou converter aquele sacana em carne picada.

— Parece ter se esquecido de que ele já empunhou uma espada antes.

— É velho, está gordo e o vou destroçá-lo.

— Ainda não tem cinquenta — disse suavemente D'Alembord —, e não se equivoque com a cintura. O espadachim mais rápido que já vi era mais gordo que um tonel. Por que não escolheu as pistolas? Ou canhões de doze libras?

Sharpe começou a rir e levantou sua espada grande e reta.

— Esta é uma lâmina de sorte.

— Sinceramente, espero que seja para o seu bem. Por outro lado, a astúcia é normalmente mais útil que a sorte em um duelo.

— Já se bateu em duelo?

D'Alembord consentiu com a cabeça.

— Quase que por isso estou aqui, Sharpe. A vida tinha uma pequena dificuldade.

Ele disse como se não fosse importante, ainda que Sharpe adivinhasse a ruína que o duelo havia significado para D'Alembord. Sharpe sentira curiosidade para saber por que aquele homem alto, elegante e presunçoso havia se alistado em um regimento de linha como o South Essex. D'Alembord, com suas bordas de renda imaculadas, seus talheres de prata e taças de vinho de cristal que eram transportados com cuidado por seus criados de acampamento em acampamento, teria se sentido mais em casa em um regimento da Guarda real ou com um elegante uniforme de cavalaria. Contudo, estava no South Essex, buscando obscuridade em um regimento pouco elegante enquanto o escândalo corria pela Grã-Bretanha e era um exemplo para Sharpe de como um duelo podia pôr a perder uma carreira. Sharpe sorriu.

— Suponho que deve ter matar o seu homem.

— Não tinha intenção. Queria feri-lo levemente, mas se meteu na lâmina. Muito desagradável. — Soltou um suspiro. — Se você se dignasse a sustentar esta coisa mais como uma espada e menos como um instrumento para partir, poderia conservar uma pitada de esperança. Parte do objetivo do exercício é defender o próprio corpo. Vigie, é possível que ele desmaie de horror quando o veja. É certamente medieval. A duras penas é um instrumento de esgrima.

Sharpe sorriu.

— Eu não esgrimo, D'Alembord. Eu luto.

— Estou seguro de que é muito desagradável para seu oponente. Insisto em ir como seu segundo.

— Sem segundos.

D'Alembord deu de ombros.

— Nenhum cavaleiro luta sem segundo. Irei. Além do mais, talvez possa persuadir-lhe de não seguir adiante com isto.

Sharpe embainhava a espada que Harper tinha afiado bem.

— Não seguir adiante com isto?

D'Alembord abriu de um empurrão a porta do estábulo onde, para diversão dos criados dos oficiais e cavaleiros, estiveram praticando.

— Vão lhe enviar para casa, desonrado, Sharpe. O general desjejuará amanhã suas tripas.

— Wellington não saberá de nada disto.

D'Alembord olhou compassivamente para seu oficial superior.

— A metade do maldito exército já sabe, meu querido Sharpe. Não posso entender por que aceitou o desafio! É porque aquele homem lhe bateu?

Sharpe não respondeu. A verdade era que seu orgulho fora ofendido, mas havia mais que isso. Era sua obstinada superstição de que a Sorte, a deusa dos soldados, exigia que ele aceitasse. Além do mais, fazia pela marquesa. D'Alembord suspirou.

— Uma mulher, suponho?

— Sim.

O capitão da companhia ligeira alisou uma enrugada manga.

— Depois que me bati em duelo, Sharpe, descobri que fora a mulher que o tinha provocado. Soube que ela estava observando.

— O que sucedeu?

Seus ombros elegantes se encolheram.

— Depois de atravessá-lo ela regressou para seu marido. Foi tudo muito absurdo e desnecessário. Realmente quer este duelo, Sharpe?

— Sim.

Sharpe não ia dar explicações, nem sequer estava seguro de que pudesse explicar a confusão de culpabilidade, luxúria, orgulho e superstição que o conduziam à loucura. Em lugar disso se sentou e pediu ao criado aos gritos que trouxesse chá. O criado era um espanhol que fazia um chá asqueroso.

— Eu lhe darei rum. Já parou para pensar — e D'Alembord se inclinou franzindo o cenho e mostrando certa perturbação no rosto — que algumas pessoas se alistam neste regimento somente porque você está nele?

Sharpe franziu o cenho ao ouvir estas palavras.

— Bobagens.

— Se você se acha, meu querido Sharpe, mas é verdade. Há pelo menos dois ou três jovens valentões que acreditam que você vai conduzi-los à glória, tal é sua reputação. Ficarão muito tristes se descobrirem que suas veredas de glória não conduzem mais que à alcova de uma mulher.

Pronunciou as últimas palavras com uma inflexão irônica que insinuava para Sharpe que era uma citação que devia conhecer. Contudo, Sharpe não aprendeu a ler até depois dos vinte anos; lera poucos livros e nenhum deles era de poesia.

— Shakespeare? — tentou adivinhar.

— Thomas Gray, querido Sharpe. “As veredas de glória não conduzem mais que à tumba”. Espero que não seja assim para você — sorriu.

O que seu sorriso não dizia a Sharpe era que o capitão D’Alembord, um homem sensato e eficiente, já tentara se assegurar que aquela loucura não conduzisse Sharpe nem para a tumba nem à desonra. D’Alembord enviara o tenente Harry Price com um de seus cavalos mais rápidos em busca do coronel Leroy, para que regressasse ao batalhão e ordenasse a Sharpe que não se batesse com o espanhol. Se o major Richard Sharpe era tão idiota para desejar sua própria destruição batendo-se em um duelo contra as ordens expressas de Wellington, o capitão D’Alembord o impediria. Rogou para que Harry Price chegasse à brigada a tempo; depois pegou o copo de rum que o criado lhe estendia e o levantou para Sharpe.

— Por sua lâmina, Sharpe. Que corte com grandeza.

— Que mate ao sacana! — exclamou Sharpe e tomou um trago de chá. — E espero que faça estrago.

Foram a cavalo ao cemitério para se afastarem das curiosas tropas do South Essex que queriam seguir seu comandante e ver como espetava o aristocrata espanhol. D’Alembord, um cavaleiro nato, conduziu Sharpe dando um rodeio. Sharpe, montado uma vez mais em um dos cavalos de reserva de D’Alembord, perguntava-se se devia considerar o conselho do jovem e regressar.

Estava se comportando de forma estúpida e o sabia. Tinha trinta e seis anos, finalmente era major, e estava pondo tudo a perder por mera superstição. Havia se alistado no exército fazia vinte anos, entre um grupo de recrutas famintos, para livrar-se de uma acusação de assassinato. A partir desse início pouco propício havia formado parte do minúsculo grupo de homens que ascendem de sargento a oficial. Fizera mais. A maioria de homens que ascendem

desde a tropa acaba seus dias como tenentes, supervisando os armazéns do batalhão ou encarregados da instrução dos quadros. A maioria destes homens, afirmava Wellington, acabavam bêbados. Contudo, Sharpe seguiu subindo. De alferes a tenente, de tenente a capitão, e de capitão a major, e os homens o viam como um dos poucos, dos pouquíssimos, que podia ascender desde a tropa até conduzir um batalhão.

Era capaz de ter o comando de um batalhão e o sabia. A guerra ainda não havia terminado. Os franceses poderiam estar se retirando de toda a Europa, mas nenhum exército inimigo havia traspassado a fronteira francesa. Ainda que a campanha desse ano fosse tão brilhante como a do ano passado e obrigasse os franceses a retroceder até os Pirineus, o combate seria duro, já que, ao contrário do último ano, os britânicos se veriam obrigados a abrir passagem entre as montanhas altas e frias. Nessas lutas morreriam tenentes-coronéis e largariam seus batalhões para novos comandantes.

Certamente, ele arriscava tudo. Fez seu cavalo girar por entre freixos de brilhante folhagem que havia no cume de uma colina que dava para seu destino e pensou na marquesa, em seus olhos olhando-o; percebeu que arriscava tudo por uma mulher que brincava com os homens e por outra que estava morta. Nada disso tinha sentido: era guiado apenas por uma superstição de soldado que lhe dizia que não fazê-lo era se expor ao esquecimento.

D'Alembord refreou seu cavalo na borda da colina.

— Santo Deus! — Sacou um charuto, acendeu um fogo com sua pederneira e dirigiu o olhar para o vale. — Parece um dia de tourada!

O cemitério espanhol era um recinto emurado construído aos arredores da cidade. Os muros grossos e enormes, divididos em nichos para os mortos, estavam abarrotados de homens. Viam-se as cores dos uniformes da Espanha e Grã-Bretanha; os espanhóis, pelo oeste e norte; os britânicos, pelo sul e o leste, sentados e de

pé junto ao muro como se estivessem esperando uma tourada. D'Alembord se mexeu em sua sela.

- Eu suponha que isto seria privado!
- Também eu.
- Não pode seguir com isto, Sharpe!
- Tenho de fazê-lo.

Perguntava-se se outro homem, um velho amigo como o major Hogan ou o capitão Frederickson, poderia tê-lo convencido de parar essa bobeira. Talvez por D'Alembord ser um recém chegado ao batalhão e ser um homem de uma elegância natural, que Sharpe invejava, estava tentando impressioná-lo.

D'Alembord sacudiu a cabeça.

- Está louco, senhor.
- Talvez.

O capitão largou a fumaça para o céu do entardecer e indicou com seu charuto para o sol que estava baixo a oeste. Deu de ombros, como se aceitasse a inevitável luta.

— Vocês se encararão do norte para o sul, mas ele tentará manobrar para que o sol atinja seus olhos.

— Já pensara nisso.

D'Alembord não fez caso da aceitação desagradável do conselho.

- Suponhamos que comecemos com você no sul.
- Por quê?
- Porque é ali onde estão as tropas britânicas e ali é onde você irá livrar-se da casaca.

Sharpe não pensara no formal que seria isso, que ele se tiraria a querida casaca de fuzileiro e lutaria com sua camisa sebosa.

— E daí?

— Portanto ele lhe atacará pela esquerda, tentando que você vá para a direita. Fará uma finta para a direita e uma estocada para a esquerda. Esperará que você faça o contrário. Se eu fosse você, faria de sua finta seu ataque.

Sharpe sorriu brincalhão. Sempre tivera a intenção de receber aulas de esgrima, mas nunca encontrou tempo para isso. Em uma batalha um homem não praticava esgrima, apenas lutava. O espadachim mais delicado se encontrava arrasado em um campo de batalha pelo medo das baionetas e do aço selvagem; contudo esse entardecer não haveria loucura sob a fumaça da batalha, somente habilidade fria e morte.

— A última vez que lutei com um bom espadachim ganhei.

— Foi? — perguntou D'Alembord mostrando uma surpresa jocosa.

— Consegui que atravessasse minha coxa com sua lâmina. Isso a deixou presa e o matei.

D'Alembord ficou olhando fixamente para o major, cuja fama havia chegado à Grã-Bretanha, e compreendeu que não mentia. Deu de ombros.

— Você é louco.

— Isso ajuda quando se luta. Descemos?

D'Alembord escrutinava o cemitério e o caminho em busca de um sinal de que o tenente Price trazia o coronel Leroy ao duelo, mas não via cavaleiros. Encolheu-se por dentro.

— Ao nosso destino, ao nosso destino.

— Não tem por que vir, D'Alembord.

— Verdade, senhor. Direi que fui um pobre inocente ao qual você enganou.

Esporeou seu cavalo e desceu os pastos da ladeira da colina.

Sharpe o seguiu. Era uma tarde bonita, uma promessa do verão nas flores debaixo dos cascos de seu cavalo e no ar cálido e

aromático. Havia algumas nuvens pequenas a oeste, cada nuvem diminuta com um tom rosado como se fossem as baforadas da fumaça de um canhão que se afastam de um campo de batalha.

Os homens que estavam sentados no muro do cemitério viram os dois cavaleiros que se aproximavam, reconheceram a casaca verde e se elevou um grito como se Sharpe fosse um boxeador profissional chegando para disputar uma centena de *roundes* com os punhos despidos. A sua direita, vindo da cidade, viu um coche escuro com cortinas pequenas nas janelas e na portinhola, ainda que estivesse longe demais para distinguir os detalhes, havia um escudo de armas.

Ele o conhecia. Fora esquartejado uma e outra vez com os anos, pois a família de Casares o Grande e Melida Sadaba havia reunido mais riquezas e privilégios e agora, a princípios do século XIX, o brasão era um mosaico da história da nobreza espanhola. E dentro dessa família, casando-se com o viúvo sem filhos próximo ao trono espanhol, havia entrado a mulher de cabelos dourados que era uma traidora. A Marquesa. Ela gostaria, pensou Sharpe, de saber que dois homens iam se enfrentar com as espadas desembainhadas por causa de seu relato.

Os vivos eram respondidos por vaías por parte dos espanhóis quando ele se inclinava debaixo do arco da entrada do cemitério. As sombras das tumbas trabalhadas eram compridas. As flores murchavam nos vasos. Uma velha dama, coberta com um lenço preto, não fazia caso do ruído indecoroso que manchava o lugar de descanso de sua família.

D'Alembord levou Sharpe ao lado sul do cemitério e lá desmontaram. As tropas britânicas, mescladas com alguns dos duros soldados da legião alemã do rei, gritaram para Sharpe que matasse ao espanhol, que desse ao sacana uma lição. Então Sharpe ouviu que o extremo oposto do cemitério estourava em vivas, virou-se e viu a seu oponente que entrava no cemitério. O marquês levava a espada longa colocada à maneira espanhola por debaixo do braço. O sacerdote ia junto dele, enquanto que o major Mendora

caminhava atrás. A velha se ajoelhou ante o sacerdote, que lhe fez o sinal da cruz e depois lhe tocou a cabeça coberta com o lenço.

D'Alembord sorriu para Sharpe.

— Vou manter uma conversa de cortesia. Tentarei persuadi-los de que se retirem.

— Não vão fazê-lo.

— Certamente que não. Os bobos nunca o fazem.

D'Alembord deu de ombros e caminhou para o grupo de espanhóis. O major Mendora, o segundo do marquês, foi ao seu encontro.

Sharpe tentava ignorar os vivas, os insultos e os gritos. Agora já não podia votar atrás. Em menos tempo do que tardaria o sol em se ocultar, ele teria mudado sua vida. Havia aceitado o desafio e depois nada voltaria a ser igual. Somente se afastando nesse momento, negando-se a bater-se em duelo, poderia salvar sua carreira. Contudo, fazer isso era perder seu orgulho e negar o destino.

Desembainhou a grande espada e este gesto fez que seus seguidores elevassem outro viva enorme. Viu que alguns do South Essex haviam arrumado para chegar ao lugar e empurravam para fazer-se lugar no extremo superior do amplo muro. Animaram-no quando levantou a espada e o sol percorreu o aço. Com essa lâmina, pensou, tinha matado o irmão da marquesa. Ia agora matar seu marido?

Levantou a vista. O marquês tinha tirado a casaca com incrustações de ouro. Dobrou a espada e o aço vibrou como um chicote. Era um homem grande, musculoso, forte o bastante para aguentar seu enorme peso com leveza. Sharpe ainda não tinha visto a cara do aristocrata. Amiúde havia se perguntado com quem Helene se casara. Recordava que ela lhe falou amiúde da piedade de seu marido. Isso explicava, pensou Sharpe, a presença do sacerdote alto que se inclinava para falar com urgência para o marquês.

D'Alembord se virou e se dirigiu pelo caminho cheio de ervas daninhas para Sharpe.

— Vocês se encararão ao norte. O combate acaba com a morte ou se, a julgamento dos segundos, um homem se encontrar tão malferido que não pode continuar. Satisfeito?

Sharpe consentiu com a cabeça. Era um entardecer quente. Sentia que o suor lhe jorrava sob a camisa. Entregou sua espada a D'Alembord, desatou o cinturão, depois tirou a casaca. De repente percebeu que a camisa de linho fino que usava era um presente da marquesa. Voltou a pegar a espada e a levantou em direção do sol como se algum antigo Deus a fosse benzer para dar-lhe sorte.

— Agora?

— Parece um momento tão bom como qualquer outro.

Sharpe avançou. Suas botas altas francesas rangiam sobre as pedras do caminho. Lutariam ali onde os caminhos se cruzavam no centro do cemitério, ali onde o marquês tentaria que Sharpe se voltasse para o sol deslumbrante para atravessá-lo com sua lâmina fina e brilhante.

Parou de frente para seu inimigo. Olhou fixamente seus olhos vazios e inexpressivos e tentou imaginar Helene casando-se com esse homem. Havia fraqueza naquela cara gorda e orgulhosa. Sharpe tentou captá-la, tentou analisar esse homem cuja destreza teria de derrotar. Pensou que talvez o marquês fosse um homem nascido para uma grandeza da qual nunca considerara a si mesmo digno. Talvez fosse por isso que rezava tanto e era tão orgulhoso.

O marquês olhava para Sharpe vendo nele o homem que acreditava que insultara a sua mulher e que tentou forçá-la. O marquês não só lutava por Helene, nem por seu orgulho, mas pelo orgulho de toda a Espanha que se vira humilhada ao ter que fazer generalíssimo a um inglês. O marquês recordava o que o inquisidor, o padre Machado, dissera desse homem. Rápido mas inexperto. Sharpe sabia que o marquês tentará matá-lo como se fosse um boi. Movia nervosamente a espada em sua mão. Era estranho que um

inquisidor tivesse que levar a carta de Helene. Tirou esse pensamento da cabeça.

— Está preparado, senhor? — perguntou Mendora.

O rosto do marquês fez um leve movimento. Estava preparado.

— Major Sharpe?

— Sim.

O major Mendora curvou sua espada outra vez e o aço assobiou no ar. O inquisidor estava com um doutor junto à carruagem do marquês. D'Alembord olhou esperançoso para a entrada do cemitério, mas ali não havia ninguém. Sentiu a inutilidade daquela estupidez e então Mendora os chamou para que se adiantassem.

— Suas espadas, cavalheiros?

As botas de Sharpe ressoaram sobre a areia grossa. Se tivesse problemas de verdade, pensou, então poderia fingir que caía, pegar um punhado de pedras e lançá-las para cegar ao homem enorme que avançava com cautela. O que D'Alembord havia dito? Que fintaria para a direita e iria para a esquerda? Ou era o contrário?

Levantou sua espada grande e reta, que parecia desajeitada frente à lâmina polida e delgada que avançava para junto dela. As espadas se tocaram.

Sharpe queria saber se detectava um tremor no punho do outro homem, mas não, as lâminas permaneceram quietas enquanto Mendora desembainhava sua própria espada para apoiá-la por debaixo das lâminas levantadas; depois elevou sua arma para separar as duas espadas. O duelo havia começado.

Nenhum dos homens se moveu.

Olhavam um para o outro, esperando. Sharpe tinha vontade de gritar, como gritava em um campo de batalha para assustar a seus oponentes, mas se sentiu amolecido pela formalidade do palco. Estava batendo-se em duelo contra um aristocrata e sentia que tinha que se comportar como se esperava que o fizesse. Isto não era como uma batalha; isto era muito frio e ritualista. Custava

acreditar que em uma tarde quente como aquela um homem tivesse que cair e dessangrar sua vida sobre o cascalho.

A espada do marquês desceu lentamente, ele a estendeu, tocou a lâmina de Sharpe, depois vacilou com um movimento rápido e vibrante e Sharpe retrocedeu dois passos.

O marquês seguia observando-o. Ele só fizera provar a velocidade de Sharpe. O próximo que provaria seria sua habilidade.

Sharpe tentava livrar-se da estranha letargia. Parecia impossível que aquilo fosse real, que a morte esperasse ali. Viu que o marquês voltava a avançar; seu passo não era um indício da rapidez que Sharpe já vira e este também se adiantou, estendeu sua espada e o marquês retrocedeu.

As tropas aclamaram. Queriam sangue, queriam um redemoinho furioso com o campeão situado sobre o corpo destroçado do outro homem. O marquês tentou forçá-lo. Adiantou-se com uma rapidez surpreendente, com sua lâmina trêmula passou a guarda de Sharpe fazendo uma finta por debaixo da pesada espada de cavalaria e atacando pela direita do major.

Sharpe se opôs com desespero, com conhecimento de causa de que a rapidez o havia derrotado; mas com uma sorte que não merecia, sentiu que a ponta da lâmina do marquês se alojava no buraco com borlas da empunhadura de sua espada. Pareceu que estava presa ali e Sharpe puxou sua arma aproximando-se do marquês, com a esperança de romper a delgada lâmina do homem, mas o nobre virou, retirou sua espada e os vivas dos espectadores se ouviram mais fortes. Haviam tomado os contra-ataques desesperados por um ataque violento. Sharpe estava de frente para o sol. Com facilidade e soltura, o marquês o fizera girar.

O aristocrata sorriu. Conhecia a velocidade e a habilidade do inglês, e só que faltava nesse momento era escolher como Sharpe tinha de morrer.

Parecia que este o sabia, pois atacou de repente; arremeteu contra o homem gordo, fazendo uso de sua própria velocidade, mas

sua lâmina não acertava no alvo. Soava contra a lâmina mais delgada, esfregava, lançava raios de sol para os olhos dos espectadores e, ainda que o marquês retrocedesse a passo rápido, repelia os ataques com facilidade. Somente uma vez, quando Sharpe se aproximava mais e tentava meter sua espada nos olhos do marquês, o espanhol virou de lado com desespero e perdeu a compostura. Recuperou-a imediatamente, parando com elegância a estocada seguinte, girando a lâmina de Sharpe e contra-atacando de seu pé mais atrasado.

O contra-ataque foi rápido como o de um falcão, um golpe de aço como uma chicotada quando o marquês passou sob a guarda, a ponta se elevou e Sharpe fez de lado a lâmina de seu inimigo, movendo providencialmente sua mão na direção correta. Arrependia-se de ter escolhido as espadas porque o marquês era um espadachim distinto. Sharpe voltou a atacar, não deu em nada e viu o sorriso no rosto do marquês quando o aristocrata parou o ataque com tranquilidade.

O sorriso era um erro.

Maldita aristocracia e malditas boas maneiras; aquele era um combate de morte. Sharpe grunhiu para o homem, blasfemou e sentiu que a ira lhe invadia, uma ira que na batalha sempre parecia manifestar-se em uma fria lentidão. Era como se o tempo fosse mais devagar, como se pudesse ver com dupla clareza, e de repente percebeu que se queria ganhar o combate tinha que atacar como sempre fizera. Ele aprendeu a lutar no submundo e era ali onde tinha que levar esse aristocrata gordo e sorridente que acreditava que tinha derrotado Sharpe.

O marquês se adiantou buscando com sua lâmina situar a espada de Sharpe de maneira que ele pudesse deslizar o aço debaixo da guarda do inglês e acabar com ele.

— Ela lhe chamava de porco, espanhol. — Sharpe viu o pestanejar de surpresa que mostrava o rosto do marquês, ouviu o sussurro desaprovatório de Mendora. — Um porco gordo, sem fôlego, filho de porca, cérebro de porco.

Sharpe começou a rir. Tinha a espada abaixada. Estava convidando ao ataque, incitava-o.

O capitão D'Alembord franziu o cenho. Não eram maneiras decentes, mas ele pressentia algo mais. Sharpe era agora o dono da situação. O marquês achava que tinha derrotado ao fuzileiro, mas só o que havia conseguido era incitar-lhe à luta. Isto já não parecia um duelo para D'Alembord; parecia uma briga que acabaria em carnificina.

O marquês queria matar. Não entendia por que o inglês tinha a guarda baixada. Tentou não fazer caso dos insultos, mas lhe destroçavam a honra.

— Venha, porco! Venha!

Sharpe se fez de lado para esquivar o sol e o marquês viu que o inglês perdia o equilíbrio quando sua bota bateu em uma grande pedra que havia no caminho. Percebeu o alarme no rosto de Sharpe enquanto sacudia o braço no qual sustentava a arma para se manter em pé. O marquês avançou com força o pé direito, gritou triunfante e arremeteu com a espada para atravessar Sharpe.

Este percebera que sua fingida perda de equilíbrio havia convidado a estocada direta, e desviou a espada de um golpe com um grito que se ouviu em todo o cemitério. Levantou o joelho esquerdo, voltou a gritar quando o marquês gritou e atacou com a pesada guarda de maneira que o aço penetrou bruscamente no esterno do espanhol, lançando-o para trás, e seguinte golpe cortador da espada arrancou pela raiz a lâmina da mão do marquês. Sharpe, com a ira da batalha fervendo-lhe no interior, puxou para trás a pesada espada para desferir o golpe mortal. Ouviu-se um disparo.

O marquês sabia que a morte estava no aço brilhante e cegante de sol. Nunca havia enfrentado uma força como aquela, uma força absolutamente animal que lhe grunhia; sacudiu a cabeça e se perguntou por que a grande espada não avançava. Durante um segundo, ao mesmo tempo em que sentia o tremor em suas pernas, teve a ligeira esperança de que o inglês o deixasse recolher

a espada que lhe havia arrebatado da mão quando lhe golpeou o guarda-mão delicadamente trabalhado.

Então viu que o inglês baixava a espada. Viu que retrocedia e de repente ouviu o fragor de cascos. Os vivas que se ouviam do muro do cemitério se fizeram calar. O eco do disparo de pistola se transformou em silêncio.

Quatro cavaleiros tinham se escondido debaixo da porta. Agora cavalgavam para o lugar onde se cruzavam os caminhos no centro do cemitério. O coronel Thomas Leroy ia à frente, com o sempiterno charuto na boca. Na mão levava uma pistola fumegante. Atrás dele cavalgavam dois policiais militares e um oficial espanhol.

— Major Sharpe! — gritou Leroy com voz seca.

— Senhor?

— Você escolheu um lugar estranho para fazer práticas.

Leroy desceu do cavalo e lançou as rédeas para D'Alembord. Seu rosto zangado e desfigurado fez o marquês franzir o cenho com desagrado. Leroy fez um gesto com a cabeça.

— Venha comigo, Sharpe.

Sharpe hesitou, mas Leroy voltou a dar a ordem, com voz mais dura, e Sharpe, com sua espada na mão, seguiu seu coronel pelo caminho para o norte entre as tumbas intrincadas.

— O senhor é um estúpido idiota, Sharpe.

— Sim, senhor.

— Deus do céu!

Parecia que o americano tivesse ficado sem palavras. Tirou o charuto dos lábios, cuspiu uma lasca de folha no cascalho e ficou olhando para seu major.

— Já conheci garotos de oito anos mais sensatos! Que demônios está fazendo?

— Resolvendo uma questão de honra, senhor.

— Honra! — O rosto marcado com a cicatriz se encrespou de raiva. — Não fale de honra, Sharpe. Você está aqui porque é tonto!
— Olhou para a esquerda. — Capitão D'Alembord?

— Senhor?

— Faça-me o favor de trazer seus cavalos.

Sharpe franziu o cenho.

— Senhor!

Leroy virou-se bruscamente para ele e o charuto bateu no rosto de Sharpe.

— Silêncio! Está sob minhas ordens! — Leroy viu que o fuzileiro estava a ponto de protestar e indicou com a cabeça para um dos policiais militares que tinha detrás. — E se desobedecer às ordens, Sharpe, farei que o prendam. Está claro?

— Sim, senhor.

— Pegue sua casaca. Vai sair daqui. — Leroy sacudiu a cabeça com amarga frustração. — Não posso deixar o batalhão nem um só dia!

— Senhor! — Era o major Mendora, que com cara de desprezo avançava como um felino para Leroy e Sharpe. — Há uma trégua?

Leroy se virou para o homem uniformizado de branco e Sharpe viu que o espanhol sentia repugnância da cicatriz. Leroy tentava controlar sua ira.

— Major?

— O major Sharpe não pode lutar? Tem medo, talvez?

Leroy empurrou Sharpe de lado. Ficou olhando fixamente para Mendora com seu rosto destroçado.

— Escute aqui, seu filho da puta, sacana embonecado. Não houve um duelo, não há duelo, nunca houve um duelo! Isto foi uma prática de esgrima entre amigos! Entendeu?

Mendora o entendeu. Ante o rosto irado do americano somente consentiu com a cabeça. Não disse nada quando Leroy ordenou a

Sharpe com acritude que o seguisse.

Os soldados espanhóis se animaram quando Sharpe partiu. Acusavam-no de covardia, de falta de virilidade, de ter medo de combater. Era uma ferida no amor próprio de Sharpe, uma vergonha que teve que suportar até que Leroy o afastou do lugar.

— Nunca mais, Sharpe, entendido? — disse Leroy franzindo o cenho.

— Sim, senhor.

— Recorde que agora me deve sua carreira — disse Leroy com tristeza. — Outra falta de merda e lhe faço embarcar em direção à maldita Inglaterra. Entendeu?

— Sim, senhor.

— Este agora é meu batalhão, Sharpe. Vai ser bom. Você vai me ajudar a fazê-lo bom.

— Sim, senhor.

— E graças a Deus o coronel Álvarez estava na brigada. Fará àquele estúpido encontrar a razão. Não houve nada, entendido?

— Sim, senhor.

O americano não parecia impressionado com a contrição que Sharpe mostrava.

— Deus! Se o general se informasse disto lhe faria em picadinhos. De verdade que merece. O senhor é um tolo.

— Sim, senhor.

— Agora vá se embebedar. O sargento Harper diz que sua mulher lhe cozinhou algo. Não quero ver seu horrível rosto até amanhã.

— Não, senhor.

Escaldado, envergonhado, humilhado pelos gritos de seus inimigos, mas com sua carreira a salvo, Sharpe viu como Leroy se afastava. Os policiais militares, que não eram necessários, seguiram o coronel.

D'Alembord ficou com Sharpe.

— Parece que nosso coronel teve a felicidade de aparecer no momento adequado.

Sharpe, humilhado pelo comentário mordaz, consentiu. D'Alembord sorriu.

— Você tinha razão.

— Razão?

— Estava a ponto de cortar o sacana em lascas.

Sharpe sorriu com amargura.

— Da próxima vez o farei.

— Com o maior dos respeitos, senhor, não seja um tonto de merda. — Suspirou. — Sobreviveu a um duelo com sua carreira intacta. Dê-se por satisfeito.

— Estou desonrado.

D'Alembord zombou dele com uma risada.

— Honra! — Levou Sharpe por fora do caminho, para os freixos da colina. — A honra, meu querido Sharpe, é somente uma palavra atrás da qual escondemos nossos pecados. Aprendi que sempre desaparece quando se abre a porta da alcova de uma dama.

D'Alembord sorriu para seu comandante, recordando o momento imponente em que vira que Sharpe deixava de tentar praticar esgrima e começava a lutar. Então tinha entendido, inclusive melhor que na ponte onde esperaram sem munições, por que aquele homem era um exemplo de soldado.

— Acredita que se eu levar vinho poderei compartilhar seu jantar?

— Estou seguro de que Harps ficará encantado.

— Creio que sim: é um bom vinho. Poderemos celebrar sua carreira restabelecida.

Sharpe o seguiu. A ira havia desaparecido, sentia-se um idiota. Leroy tinha razão; seu trabalho era fazer do South Essex o melhor e

a ocasião não fora nunca tão propícia. O batalhão tinha um bom coronel e os oficiais novos, como D'Alembord, prometiam. De repente, sentiu como se um juiz da força lhe tivesse concedido um adiamento. Tinha se salvado de sua estupidez e cavalgava para uma campanha, um verão e um futuro. A loucura tinha se esfumado, o pessimismo se desvanecera e ele estava vivo.

Capítulo 5

Aquela noite, atrás de grossas cortinas e em um aposento revestido de madeira escura e iluminado com lamparinas que lançavam sua luz vacilante sobre um crucifixo de ouro, o marquês de Casares o Grande e Melida Sadaba rezava. Perguntava-se por que o inquisidor lhe entregara a carta de sua mulher, sentia curiosidade porque uma carta mereceria um mensageiro tão eminente, mas agora o entendia. Os lábios do marquês se moviam, os dedos passavam as contas; seus olhos olhavam fixamente para o crucifixo até que pareceu que a pequena imagem de ouro se movia e flutuava diante dele. Sacudiu a cabeça para clarear a vista.

— O que acontecerá ao inglês?

— Wellington o enviará para casa — respondeu o inquisidor com voz profunda. — Wellington necessita da aliança com os espanhóis.

O marquês, ajoelhado, gemeu ao levantar-se.

— Devia tê-lo matado.

— Sua honra está intacta. Quem fugiu foi ele, não o senhor.

O marquês se voltou para olhar o padre Machado. O inquisidor tinha tudo o que o marquês estimava em um sacerdote; era um homem alto e forte, de rosto austero e feroz, um guerreiro de Deus que sabia que a compaixão era um luxo na luta contra o mal. O marquês, que ansiava para si a dureza que via no inquisidor, franziu o cenho.

— Não entendo o que o moveu a fazer isso! Insultá-la!

— É inglês, provém do submundo, é um pagão.

— Tinha que tê-lo matado.

— Deus o fará.

O marquês se sentou de frente para o inquisidor. Estavam no quarto do marquês, cedido pelo alcaide dessa pequena cidade para

passar a noite. A luz das velas vacilava sobre as colgaduras vermelhas da cama, sobre a imagem do Senhor crucificado e sobre a cara austera e cortante do homem da Inquisição espanhola. O marquês olhou fixamente os olhos escuros.

— Elena virá comigo? — perguntou usando o nome espanhol de sua mulher.

O inquisidor consentiu.

— Terá que fazer penitência, certamente.

— Certamente.

O marquês sentiu um estremecimento interior. Sobre a mesinha junto à cama estava o retrato dela, o retrato que havia viajado com ele até a Banda Oriental e no qual se apreciava sua pele pura, os olhos grandes e seu rosto delicado. Havia espionado para os franceses e o marquês não o ignorava, mas o inquisidor lhe havia assegurado que sua espionagem era uma simples fraqueza de mulher.

— Ela sentia saudades suas, meu senhor; viu-se tentada pela solidão e a tristeza. Deverá fazer penitência pública.

— E a fará?

— Está ansiosa para gozar de vosso favor, meu senhor.

O marquês consentiu com a cabeça. Havia mantido uma discussão franca, embaraçosamente franca, com seu sinistro inquisidor. Sim, o sacerdote lhe havia dito que corriam rumores a respeito da marquesa, mas que mulher não provocava rumores? E havia algo de verdade nos rumores? O sacerdote sacudiu a cabeça em sinal de negação. Não havia nada.

Talvez, como o padre Machado admitiu abertamente que sua mulher havia espionado para seu país natal, o marquês acreditasse na mentira referente à sua fidelidade. Queria acreditar. Sabia, com culpabilidade e em segredo, que fora um erro casar-se com ela, mas que homem não teria querido se casar com aquela garota encantadora e frágil. Sabia que havia casado por luxúria, por

pecado e por isso se confessara centenas e centenas de vezes. Parecia que agora suas orações eram escutadas e ela queria seu perdão e seu amor. Ele lhe ofereceria ambos.

E os ofereceria porque o sacerdote lhe tinha exposto essa noite uma imagem brilhante do futuro da Espanha, um futuro, dissera o inquisidor, no qual o marquês desempenharia um papel eminente, uma parte vital.

— O senhor sempre esteve perto do velho rei, senhor.

— Verdade.

— Seu filho lhe necessita.

A Espanha, havia ouvido o marquês, necessitava dele. O inquisidor disse que a guerra contra os franceses era um erro. Certo, ela tinha sido iniciada pelos franceses, mas agora viam que a paz lhes interessavam mais. Queriam levar seus exércitos formados em ordem de batalha da Espanha e um único obstáculo se interpunha ante eles: a aliança britânica.

O inquisidor falou do tratado secreto. Ele o fizera porque queria ganhar a confiança deste homem. O marquês escutou. A princípio se sentira ofendido pela maquinação que acabaria com a ruptura da promessa feita aos britânicos, mas quanto mais escutava mais sentia que a glória e a emoção o invadiam.

À Espanha, disse o inquisidor, Deus lhe havia outorgado o Império. Era a recompensa por derrotar os muçulmanos na Europa. Agora, por causa da guerra contra a França, o Império se escorria. Os espanhóis, disse o sacerdote, tinham a dívida com seu Deus de mantê-lo. Se firmasse a paz com a França o exército partiria para o estrangeiro como guerreiros de Deus. O tratado secreto que se estava forjando em Valençay outorgaria à Espanha a paz em casa e a glória fora. Isto atraía ao marquês. Não sentia nenhum apreço pelo governo que mandava naquela parte da Espanha que não ocupada pelos franceses. Era, de sua perspectiva, um governo liberal e perigoso que tentaria introduzir um parlamento e limitar o poder real. Em sua opinião, a Espanha tinha que ser governada pelo

rei e de acordo com a Igreja, não por uma rale escandalosa com ambições estrangeiras. Havia mais. Enquanto escutava sentado ao inquisidor, o marquês se informou do que propunha agora a Junta de Cádis, os liberais que governavam o país na ausência do rei Fernando VII, estavam tentando desmantelar o poder da Igreja na Espanha.

— Não pode ser verdade!

Como resposta, o inquisidor tirou do bolso e entregou ao marquês uma cópia de uma lei nova, uma lei que declarara, no espaço dos dois últimos meses, que a Inquisição espanhola estava abolida. Ainda existia na Espanha ocupada pelos franceses aquele corpo nascido dos pesadelos protestantes do século XVI; a Inquisição, que pregava o amor de Deus com as fogueiras da dor e as espadas da tortura. Agora, privados de seus tormentos e aços ardentes, eram um corpo de polícia moral para o povo espanhol, outorgando licenças de matrimônio aos que provavam que eram puros, de sangue cristão, vigiando sempre os suspeitos de ser mouros ou judeus. Eram os espiões de Deus, a polícia secreta do céu, e seu poder se via ameaçado. A Junta os havia dissolvido.

O rei Fernando VII, cujo amor pelas mulheres se equiparava com seu temor a Deus, não estava de acordo com que se abolisse a Inquisição. Talvez espiassem para Deus, mas seus informes chegavam ao rei da Espanha e nenhum reino da terra tinha um corpo de informantes tão eficiente como o do rei espanhol em seus leais inquisidores.

— Se restaurarmos sua majestade — dissera o inquisidor —, então preservaremos nossa Igreja. A paz com a França, meu senhor, é a única esperança da Espanha.

O marquês de Casares o Grande e Melida Sadaba esteve totalmente de acordo com tais afirmações.

— E o que quer de mim?

O inquisidor disse sua mentira suavemente.

— Quero que o senhor capte apoios entre nossos amigos, entre os oficiais do exército, entre seus admiradores, senhor. — Deu de ombros. — Quando chegar o momento, senhor, os camponeses não se regozijarão.

— Detestam os franceses.

— Mas amam seu rei. Necessitam de uma liderança firme, exemplar, proveniente da Igreja e dos nobres. Do senhor e de mim, senhor.

O marquês consentiu com a cabeça. De repente o futuro era dourado. Sua mulher, com quem se casara por luxúria, estava desejosa de fazer penitência. Regressaria com ele escaldada e humilhada, amante e leal, para ser a esposa de um homem que ajudaria a seu rei a conduzir a Espanha para um futuro afortunado e brilhante. E para ajudar o marquês, para guiá-lo, consolá-lo, apoiá-lo, teria àquele seco e sério inquisidor com sua mente sutil e seu agudo engenho. De repente, os acontecimentos do dia, o duelo abortado e a escapada da morte, pareciam triviais comparados com aquele futuro.

— Hoje foi útil para todos, meu senhor — disse o inquisidor sorrindo.

— Útil?

O padre Machado se levantou.

— O inglês deu para trás. O senhor é um herói para o exército: derrotou o inglês diante de seus olhos. Agora, aonde o senhor vá, meu senhor, outros o seguirão.

O marquês imaginou a si mesmo afastando o exército da aliança britânica. Imaginou-se recebendo o rei Fernando VII às portas da Espanha; viu a glória. Inclinou a cabeça para receber a benção do inquisidor, a quem haviam oferecido, e que aceitara, o quarto contíguo. O sacerdote pegou com firmeza entre suas mãos a cabeça do marquês.

O inquisidor, que contara mentiras durante toda a noite, o bendisse. Dizia a sério as palavras que pronunciava. Desejava que

Deus bendisse a esse homem que se casara tão mal e que agora era um peão da luta em defesa da Inquisição. Bendisse ao marquês em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e desejou que sua senhoria dormisse bem.

— Obrigado, padre.

— Desejo-lhe boa noite, meu senhor.

Em seu quarto, o inquisidor se ajoelhou e rezou pedindo perdão a Deus pelas mentiras que contara e por toda a armadilha. Deus o entenderia. O que o padre Machado fizera essa noite fora com objetivo de proteger à Igreja de Deus. Não havia intenção mais nobre. Levantou-se, abriu seu missal e se acomodou à espera da hora mágica em que seu irmão, suposto criado do inquisidor, desempenharia seu papel para restaurar a glória do reino de Deus na Espanha.

O capelão particular do marquês tinha a obrigação de estar de pé a cada manhã às quatro e meia para despertar seu amo às cinco. Depois, até as seis e meia, os dois homens rezavam juntos. Depois disto o marquês desjejuava, depois ia a sua primeira missa do dia. O céu com o qual o capelão sonhava era um lugar onde ninguém se movia da cama até meio-dia. Bocejou. Beijou seu escapulário e depois o pendurou ao pescoço. Perguntava-se se o inquisidor iria com eles essa manhã e desejou que não fosse assim. O padre Tomás Machado assustava bastante ao capelão particular do marquês; aquele homem tinha demasiada força. Além disso, a Inquisição era espantosa de qualquer maneira, seu poder secreto e penetrante, seus julgamentos cruéis. O capelão preferia uma religião mais suave.

Os criados que dormiam fora do quarto de seu amo despertaram quando as pisadas do capelão soaram nos degraus. Um deles se sentou e coçou a face.

— Bom dia, padre.

— Bom dia, filho.

O capelão abriu um dos postigos do patamar e viu o amanhecer cinzento que se estendia desde as colinas escuras.

— Vai fazer um bom dia!

Alguns cachorros ladravam na cidade. Em algum lugar um galo cantou. O capelão viu, obscuras entre as sombras da rua, as formas dos canhões britânicos. O exército espanhol e o britânico se reuniam ali para se mergulhar na Espanha tomada pelos franceses. Alegrou-se de não ter nada a ver com isso. Lutar contra os rebeldes na Banda Oriental ao norte do Rio da Prata já fora o bastante, mas o pensamento desses canhões grandes gritando uns para os outros era aterrador. Dirigiu-se ao quarto do marquês e bateu suavemente na porta. Sorriu para os criados.

— Uma noite tranquila?

— Muito tranquila, padre.

Voltou a bater. Um dos criados se desabotoou junto ao urinol que havia em um canto do patamar.

— Esteve acordado até tarde, padre. Provavelmente ainda esteja dormindo.

— Tarde?

— O padre Machado esteve com ele. — O criado bocejava enquanto urinava. — Reze por mim, padre.

O capelão sorriu, depois empurrou a porta para abri-la. O quarto estava às escuras, toda a noite fechada com as grandes cortinas de veludo nas janelas.

— Meu senhor?

Não houve resposta atrás dos cortinados da cama. O capelão fechou a porta em silêncio atrás dele e foi às apalpadelas por entre os móveis estranhos e pesados até que chegou à janela. Pensou em quão ricos eram estes comerciantes de província que podiam comprar tal mobiliário, depois puxou a cortina e o quarto se inundou de uma luz cinzenta.

— Meu senhor? Sou eu, o padre Pello.

Nenhum som. O uniforme do marquês estava pendurado com cuidado na porta de um armário; suas botas, com a fôrma dentro, colocadas debaixo. O capelão retirou os cortinados da cama.

— Meu senhor?

O primeiro que pensou foi que o marquês estava dormindo sobre um travesseiro de veludo vermelho. Seu segundo pensamento foi de alívio. Não haveria orações essa manhã. Podia ir para a cozinha e tomar um desjejum sem pressa. Então vomitou.

O marquês estava morto. Haviã cortado seu pescoço de maneira que o sangue havia empapado a fundo o travesseiro e os lençóis. Tinha a cabeça jogada para trás, os olhos perdidos olhando para a cabeceira. Uma mão pendia pela borda da cama. O capelão tentou gritar mas não lhe saiu nenhum som. Tentou se mover, mas parecia que seus pés estavam colados ao piso atapetado. O vômito manchou seu escapulário e salpicou a mão gorducha do morto. Parecia que o marquês tinha duas bocas, uma larga e vermelha, a outra pálida e discreta.

O capelão voltou a gritar e desta vez sua voz, rouca pelo vômito que tinha na garganta, saiu como um grito estranho.

— Guardas!

Entraram os criados, mas em vão. O corpo estava frio, o sangue sobre a roupa de cama havia secado. O major Mendora, o assistente do general, entrou com a espada desembainhada, seguido pelo inquisidor vestido com sua camisa de dormir. Mesmo o rosto duro do inquisidor empalideceu ante a carnificina que havia na cama. Mataram o marquês de Casares o Grande e Melida Sadaba enquanto dormia, abrindo-lhe a garganta, e haviã enviado sua alma ao júzo do céu, onde, o inquisidor rezava alto com sua voz profunda e terrível, a alma de seu assassino lhe seguiria logo para um castigo horrível e merecido.

Foram procurar o major Richard Sharpe as oito dessa mesma manhã. O batalhão estava formado, as companhias já estavam se

dirigindo a suas tarefas.

Richard Sharpe, como sucedia com frequência à primeira hora da manhã, estava de mau humor. Tinha a boca azeda do vinho da noite anterior. Esperava com ânsia um segundo desjejum e se sentia somente um pouco culpado por seu novo posto lhe permitir tais luxos. Havia furtado alguns ovos de Isabel, tinha uma fatia de bacon que pertencia à refeição dos oficiais e Sharpe quase já podia saborear a comida.

Pela primeira vez, essa manhã não teria que fazer o trabalho de três homens. O coronel Leroy levava a metade das companhias para uma marcha longa; os outros foram destacados para ajudar a transportar as grandes chalanas das pontes para a rota principal, preparados para marchar sobre o território francês. Pensou amargamente que poderia pôr em dia a papelada. Lembrou que tinha de tentar vender uma das mulas novas ao cantineiro, logo veria se aquele homem rico e astuto queria comprar um daqueles animais meio ofegantes que vinham com a brigada. Talvez o cantineiro a comprasse por seu peso. Sharpe se virou para chamar ao secretário do batalhão, mas não chegou a dar o grito. Achou-se com a polícia militar.

À cabeça da polícia ia, ainda que parecesse estranho, o major Michael Hogan. Ele não era um policial. Era o chefe do serviço de informação de Wellington e um bom amigo de Sharpe. Era um irlandês de meia idade cujo rosto respirava normalmente bom humor e astúcia, mas essa manhã estava muito sério. Conteve seu cavalo junto a Sharpe. Hogan levava um cavalo a mais. Sua voz saiu forçada, triste, pouco natural.

— Tenho que pedir a sua espada, Richard.

O sorriso com que Sharpe recebera seu amigo se desfez em preocupação.

— Minha espada?

Hogan suspirou. Havia se apresentado voluntário para isto, não porque quisesse fazê-lo, mas porque era seu dever de amigo. Era

um dever, ele sabia, que ia ficar mais penoso à medida que avançasse o dia.

— Sua espada, major Sharpe. Está preso.

Sharpe tinha vontade de rir. As palavras não lhe causavam impressão.

— Estou o quê?

— Está preso, Richard. Mais que tudo para sua própria segurança.

— Minha segurança?

— Todo o exército espanhol lhe quer morto — disse Hogan estendendo a mão. — Sua espada, major, por favor.

Detrás de Hogan os policiais militares se remexiam sobre os cavalos.

— Do que sou acusado? — perguntou Sharpe com uma voz repentinamente fria, apesar de já estar desabotoando o cinturão da espada.

— É acusado de assassinato — respondeu Hogan com a mesma frieza.

Sharpe parou de desabotoar o cinturão. Ficou olhando fixamente para o major.

— Assassinato? — Lentamente, como em um sonho, Sharpe tirou a espada da cintura. — Assassinato? De quem?

Hogan se inclinou e pegou a espada de Sharpe. Enrolou as correias e o cinturão na bainha metálica.

— O marquês de Casares o Grande e Melida Sadaba. — Observou o rosto de Sharpe, lendo nele a inocência de seu amigo, mas sabendo quão inúteis que eram as coisas. — Há testemunhas.

— Elas mentem!

— Monte, Richard. — Indicou o cavalo vazio. Os policiais militares, homens de rosto branco vestidos com casacas vermelhas e chapéus negros, olhavam com hostilidade para o fuzileiro.

Levavam carabinas curtas nos coldres da sela. Hogan fez seu cavalo girar. — Os espanhóis dizem que foi você. Vêm atrás de você. Se não o prendo o arrastarão até a árvore mais próxima. Onde estão suas coisas?

— Em meu alojamento.

— Em que casa?

Sharpe disse e Hogan mandou dois policiais buscarem os pertences do fuzileiro.

— Alcancem-nos!

Hogan o levou rodeado de policiais e Sharpe foi cavalgando para um problema maior do que teria sonhado. Acusavam-no de assassinato e o conduziam, debaixo da luz do sol brilhante de um novo dia, para uma cela, um julgamento e o que pudesse vir depois.

Capítulo 6

Cavalgaram durante uma hora a caminho do quartel general do exército. O major Hogan, com vergonha e incomodado, deixava a polícia entre ele e Sharpe.

Na cidade, onde penetraram por ruelas, Sharpe foi conduzido a casa onde estava aquartelado o próprio Wellington. Desmontou, conduziram-no ao pátio do estábulo e o encerraram em um aposento pequeno e sem janelas. O piso ladrilhado e a parede estava manchados de sangue. Sobre as manchas de sangue, na parede caiada, havia uns pregos compridos e oxidados. Sharpe supôs que ali se haviam pendurado lebres ou coelhos caçados, mas a soma dos pregos oxidados e o sangue fazia que tivesse um aspecto mais sinistro. A única luz que havia penetrava por cima e por baixo da porta, que era mal encaixada. Havia uma mesa, duas cadeiras e um odor insidioso de urina de cavalo.

Fecharam a porta com chave. Do outro lado Sharpe ouvia as botas de seus guardas no pátio do estábulo. Também ouvia os ruídos caseiros de baldes, da água que corre pela pedra e dos cavalos que se movem em seus compartimentos. Sentou-se, pôs os pés sobre a mesa e esperou.

Hogan havia cavalgado rápido. Quando chegaram a casa se despediu brevemente, sem palavras de esperança, e deixou Sharpe sozinho. Assassinato. Sharpe conhecia muito bem a pena para isso, mas parecia irreal. O marquês morto? Não entendia nada. Se o tivessem prendido por bater-se em duelo, teria entendido. Poderia ter suportado uma das frias surras verbais de Wellington, mas este apuro não tinha sentido. Esperava.

A luz do sol que penetrava por debaixo do dintel ia se movendo pelo piso à medida que a manhã avançava. Sentia o cheiro do tabaco queimado da pipa de seu sentinela. Ouviu os homens que riam nos estábulos. O sino da igreja da povoação deu as onze e então se ouviu o chiado do ferrolho da porta; Sharpe tirou os saltos

da mesa e se levantou. Um tenente vestido com uma casaca azul de um regimento de cavalaria entrou no aposento. Pestanejou quando seus olhos passaram do brilho da luz do sol para a sombra da cela improvisada, e depois sorriu nervoso enquanto punha um monte de papéis em cima da mesa.

— Major Sharpe?

— Sim.

Aquele jovem lhe era familiar.

— Sou Trumper-Jones, senhor, o tenente Trumper-Jones.

O garoto esperava que Sharpe o reconhecesse. Sharpe recordou que tinha havido um coronel de cavalaria que se chamava Trumper-Jones que perdeu um braço e um olho em Rolica.

— Conheci a seu pai?

— Não o sei, senhor. — Trumper-Jones tirou o chapéu e sorriu. — Conhecemo-nos na semana passada.

— Na semana passada?

— Na batalha, senhor.

— Batalha? Oh. — Sharpe se lembrou. — O senhor é o ajudante de campo do general Preston?

— Sim, senhor. — Trumper-Jones pôs alguns papéis em cima da mesa. — E seu oficial defensor.

— Meu o quê? — grunhiu Sharpe fazendo que Trumper-Jones recuasse para a porta que o guarda havia fechado.

— Sou seu defensor, senhor.

Sharpe se sentou. Ficou olhando para o jovem assustado que parecia recém saído do colégio. Indicou a cadeira vazia.

— Sente-se, Trumper-Jones, pelo amor de Deus. Defender-me do quê? — Já sabia, mas queria voltar a ouvi-lo.

Trumper-Jones se adiantou nervoso. Pôs seu chapéu em cima da mesa junto a seus papéis e afastou uma mecha de cabelo castanho

claro da frente. Pigarreou.

— É acusado pelo assassinato do general espanhol Casardes, o marquês de...

— Já sei quem diabos é. — Sharpe observava Trumper-Jones, que remexia seus papéis. — Não tem uma xícara de chá neste maldito lugar?

A pergunta fez Trumper-Jones ficar mais nervoso.

— Não temos muito tempo, senhor.

— Tempo?

— O conselho de guerra foi convocado para as doze e meia, senhor. Hoje — acrescentou debilmente.

— Santo Deus! — gritou Sharpe.

Trumper-Jones não disse nada. Deixava-o nervoso o fuzileiro com a cara marcada que agora apoiava os cotovelos em cima da mesa.

— O senhor é advogado, Trumper-Jones?

— Não, senhor.

— Fez isto alguma vez?

— Não, senhor — sorriu levemente. — Só estou aqui há um mês.

— Onde está o major Hogan?

— Não sei, senhor.

— E como pensa provar minha inocência, Trumper-Jones?

O jovem afastou a mecha da rosto. Sua voz era como a de D'Alembord, mas sem sua confiança. Sorriu nervoso.

— Temo que pareça pouco promissor, senhor.

— Explique-se.

Trumper-Jones parecia mais contente agora que podia ler seus papéis.

— Parece senhor, que o senhor conheceu a marquesa de Casares o Grande...

— Verdade.

— E que a ameaçou, senhor — disse Trumper-Jones com timidez.

— Fiz o quê?

Trumper-Jones quase saltou da cadeira.

— O senhor a ameaçou... — Ruborizou. — Bem, o senhor a ameaçou, senhor.

— Eu não fiz semelhante coisa!

Trumper-Jones engoliu saliva, clareou a voz e indicou um pedaço de papel.

— Há uma carta, senhor, de sua senhoria para seu marido, e diz...

Sharpe se reclinou.

— Desculpe-me, tenente. Conheço a marquesa. Admitamos que tenham uma carta. Siga.

Portanto ela provocou o duelo. D'Alembord lhe havia insinuado, mas Sharpe se negou a acreditar. Supôs que tinha sentido. Contudo, custava-lhe aceitar que uma mulher que o amara pudesse traí-lo tão facilmente. Trumper-Jones voltou a afastar o cabelo da frente.

— A carta provocou um duelo, senhor, que o senhor foi impedido de acabar?

— Verdade.

Tudo era tão inútil...

— E como o impediram de lutar, senhor, a acusação alega que o senhor foi ao alojamento do general à noite passada e o assassinou.

— Não é verdade.

— Têm uma testemunha, senhor.

— E é? — disse Sharpe com tom desdenhoso. — Quem?

Os papéis rangeram.

— Certo capitão Morillos, senhor, do regimento da princesa. Estava ao comando da guarda na casa do general Casardes na noite passada e viu um oficial de fuzileiros britânico que saía de lá às três da madrugada. Diz que o oficial levava uma espada reta.

Isso era um bom detalhe, pensou Sharpe. Os oficiais de fuzileiros recebiam sabres curvos de cavalaria e somente Sharpe levava uma espada reta. Sacudiu a cabeça.

— E por que o capitão Morillos não deteve esse homem?

— Haviam dado a ordem de deter aos homens que entrassem na casa, senhor, não aos que saíam.

— Continue.

Trumper-Jones deu de ombros.

— Isso é tudo, senhor. Eu pensava, senhor... — Parou, outra vez nervoso.

— Então?

— Eu pensava, senhor, que se apresentássemos sua folha de serviços ao tribunal, senhor, teriam que ser indulgentes. A águia, senhor, o pelotão suicida em Badajoz... — Sua voz ia se apagando.

Sharpe sorriu.

— O senhor quer que me declare culpado e confie que não fuzilarão a um herói, não é isso?

— Enforcar, senhor — corrigiu Trumper-Jones e se ruborizou. — Será rebaixado de sua graduação e o matarão como a um criminoso. Somente, certamente, se...

— Se me declararem culpado?

— Sim, senhor.

Sharpe ficou olhando os pregos oxidados da parede. Certamente, aquilo não estava sucedendo. Em qualquer momento

se despertaria e sentiria o alívio extraordinário de que era um sonho. Riria disso, diria ao sargento Harper o que havia sonhado... Que lhe faziam um conselho de guerra!

Salvo que não era um sonho. Abandonaram-no a sua sorte e entendia por que. Mas entender não fazia diminuir a amargura. Um general espanhol fora assassinado, e Sharpe conhecia muito bem quão frágil era o compromisso entre os britânicos e os espanhóis. O orgulho espanhol estava machucado porque necessitavam dos britânicos para tirar os invasores de sua terra e sua gratidão era susceptível por causa desse orgulho. Wellington, depois deste golpe à aliança, movia-se com rapidez para oferecer aos espanhóis um sacrifício.

Certamente, alguém mais estava se movendo depressa, alguém que queria ver Sharpe morto. Olhou para o nervoso Trumper-Jones e, com uma voz que parecia cansada e esgotada, pediu que lhe lesse a cópia que tinha da carta da marquesa. Nada disso era verdade, certamente, mas a carta existia como uma prova condenatória.

— Quero papel, tinta e uma pena — ordenou ao jovem oficial.

— Mas senhor...

— Vá procurá-los!

Ficou escrevendo durante uma hora, sem prestar atenção ao tenente Trumper-Jones. Relatou ao major Hogan sua própria versão dos acontecimentos da noite, descreveu as mentiras que havia na carta da marquesa e advertiu a seu amigo de que havia algum tipo de intriga, que ele não conhecia. Ainda que Sharpe estivesse morto, Hogan não poderia dizer que não lhe havia advertido. Contudo, qual era a intriga? Que intenção tinha a morte de Sharpe? Podia entender o assassinato do marquês, porque algo assim debilitaria a frágil aliança, mas não via o propósito de uma intriga que tivesse como fim sua própria morte e tampouco acreditava que a marquesa desejasse sua morte. Dobrou a carta.

— Isto deve para o major Hogan.

— Sim, senhor.

Então se ouviram as botas no pátio, o chiado do ferrolho e o repentino jorro de luz brilhante quando a porta se abriu. Um sargento, à cabeça da escolta de Sharpe, sorriu com zombaria para o fuzileiro.

— Boa sorte, senhor.

Sharpe sorriu, mas não disse nada. A sorte, pensou, o tinha abandonado. Não tivera sorte alguma desde aquele dia na Entrada de Deus quando Teresa morreu; recordava como, durante a noite anterior àquela morte, Obadiah Hakeswill o amaldiçoara. Haviam-no maldito, seu nome enterrado em uma pedra. O sargento Hakeswill, que recrutou Sharpe, que conseguiu que o açoitassem de forma a suas cicatrizes ainda desfigurarem suas costas e que se convertera em seu pior inimigo, estava morto; Sharpe tinha disparado nele. Este se perguntava quantas horas passariam antes que também o jogassem em uma cova pouco profunda e cobrissem o seu cadáver com a terra seca da Espanha a pazadas. Seguiu o sargento para seu destino.

Um tal major Vaughn, galês e afável, era o oficial de acusação. Seu tom, sedoso e musical, conseguiu imbuir suas palavras de um pesar sincero ao ter, tal como disse, este desgraçado dever: o de acusar a um oficial tão famoso por sua coragem. Os oficiais sentados à mesa não olharam para Sharpe. O general sir Edward Pakenham, ajudante do general e cunhado de Wellington, presidia. Três oficiais espanhóis, com os rostos como máscaras, ficaram olhando o prisioneiro.

O major Vaughn, apesar de suas palavras de condolência, ofereceu ao tribunal uma versão rápida e condenatória dos acontecimentos da noite. Ao major Sharpe lhe tinham impedido de defender sua honra em um duelo. Isto lhe causou rancor. Saiu de noite e matou o marido de uma mulher a quem perseguira com vileza. Sentia muito ter que apresentar essa prova, mas não tinha escolha, e mostrou a carta escrita e selada pela marquesa.

Ned Pakenham levantou a carta como se estivesse fedida e voltou a entregar a Vaughn. A carta se fez constar como prova.

Vaughn mostrou a carta a Sharpe.

— Reconhece a letra, major? Recorde que está sob juramento.

Sharpe alçou a vista para o rosto gorducho e inteligente.

— A marquesa é uma francesa, uma espiã, e...

— Obrigado, major; somente lhe perguntei se reconhecia à escrita. Reconhece-a?

Reconhecia, mas não tinha sentido fazer que as coisas se pusessem ainda pior para ele.

— Não poderia dizer.

Vaughn regressou a sua mesa.

— Afortunadamente, temos testemunhas que podem fazê-lo.

Sharpe levantou a voz.

— Tenho outra carta de...

— Incumbe-nos esta carta, major!

Vaughn replicou cortante, mas Pakenham levantou a mão Olhou para Sharpe nos olhos pela primeira vez desde que o fuzileiro entrou no aposento.

— O senhor tem outra carta desta dama?

Sharpe consentiu com a cabeça. Não tinha falado a Trumper-Jones da carta porque não tinha confiança na aptidão do jovem.

— Ela me escreveu, senhor, depois da morte de minha mulher. Queria me dar os pêsames. Lamenta não poder me apresentar pessoalmente. — Não pôde evitar um leve sorriso. Era pouco provável que semelhante carta proviesse de uma mulher que fora apossada. Percebeu um vislumbre de esperança no rosto do tenente Trumper-Jones.

— Queria que essa carta também constasse como prova, senhor.

Os oficiais que estavam atrás da mesa sorriram, pressentindo uma vitória de Sharpe. Pakenham se reclinou.

— Tem a carta, major Sharpe?

— Está em minha mochila, senhor.

— Major Vaughn? — Pakenham se virou para o galês. — Tem alguma objeção?

— Não, senhor, nenhuma. Mas tenho de dizer ao tribunal que já confiscamos os pertences do prisioneiro, que os revistamos e não se encontrou tal carta.

— Está em minha mochila! — disse Sharpe com obstinação.

Vaughn suspirou.

— O major Michael Hogan dirigiu a revista, senhor. Não se descobriu carta alguma.

Os oficiais sentados à mesa voltaram a olhar o trapo verde sobre o qual repousavam seus papéis. A espada de Sharpe, sua bainha e sua empunhadura abauladas pela guerra estavam na parte dianteira da mesa.

O capelão do marquês, mediante um intérprete, testemunhou que havia encontrado os criados do marquês adormecidos fora do quarto de seu amo. Talvez, propôs, o prisioneiro lhes dera uma beberagem para dormir. O capitão Morillos, um verdadeiro touro, prestou declaração. Vira, sob a luz de uma tocha presa na porta do jardim da casa, a um oficial de fuzileiros que saía às três da madrugada. Não, não viu a cara do homem, mas reconheceu o uniforme inglês e a espada da cavalaria pesada.

Fazia calor na sala. Sharpe sentia o suor de sua camisa. Escutava inutilmente enquanto o tenente Trumper-Jones não conseguia fazer o capitão Morillos mover nem uma polegada. O capitão afirmava que tinha um conhecimento profundo dos uniformes e espadas e estava seguro do que vira.

Sharpe não tinha outra defesa que a inocência. Jantou com Harper, Isabel e D'Alembord, mas se foi antes da meia-noite. Havia

dormido em seu alojamento, mas não tinha testemunhas que pudessem jurar que o viram em toda a noite. O major Vaughn afastou uma mosca que volteava diante de seu rosto.

— Major Sharpe, o senhor conhecia a marquesa de Casares o Grande e Melida Sadaba?

— Sim.

— E esse conhecimento — sublinhou com delicadeza essa palavra — deu lugar ao desafio que o senhor aceitou ontem?

— Não.

— Não?

— Nunca a acossei.

— Nos sentimos encantados de ouvir isso. — Vaughn sorriu e deu dois passos meditados no centro da sala. — Mas a conhecia?

— Sim.

— Então? Conhecia-a bem?

— Sim, mas...

— De acordo, é suficiente. Major, o senhor foi desafiado pelo major Mendora, ajudante de campo do general?

— Sim.

— E o senhor aceitou o desafio?

— Sim.

— Mesmo sabendo que tal desafio estava contra o regulamento deste exército?

Sharpe olhou para o rosto satisfeito de si mesmo.

— Também penetrei na brecha de Badajoz sem receber ordens.

Dois dos oficiais da mesa sorriram. Vaughn somente arqueou uma sobrancelha.

— Outro ato impetuoso, major?

Sharpe não disse nada. Vaughn suspirou e regressou a sua mesa. Ordenou seus papéis como se não fosse necessitar deles muito mais.

— Impediram-no de acabar o duelo?

— Sim.

— Devemos ser gratos que alguém cumprisse com seu dever ontem. Poder-se-ia dizer, major, que sentiu que lhe roubavam uma morte.

Sharpe franziu o cenho.

— Não.

— Ah! Talvez se batesse em duelo para se exercitar?

— Lutava por minha honra.

Vaughn não disse nada. A palavra ficou pendendo, brega e boba, entre o desconcerto da sala.

Os oficiais do tribunal tentaram encontrar mais provas, mas não havia nenhuma. Sharpe não tinha testemunhas. Foi ordenado que regressasse ao aposento caído para esperar o veredicto. Só se passaram dez minutos antes de que o escoltassem de volta. Era culpado.

O tenente Trumper-Jones, com o cabelo tapando-lhe um olho, fez um discurso surpreendentemente apaixonado em favor do prisioneiro. Descreveu sua valentia, enumerou suas façanhas no campo de batalha, citou o diário *The Times*, que o havia chamado de "filho leal de Albión". Por causa de seu heroísmo, por sua contribuição para a guerra, o tribunal tinha que ser indulgente com o prisioneiro, concluiu Trumper-Jones.

O major Vaughn admitiu a galhardia. Também assinalou que a Espanha havia confiado a Wellington seu orgulho e seus exércitos. Esta confiança se havia quebrado. Os espanhóis suspeitariam da boa fé de um aliado que deixava que o assassinato de um de seus principais cidadãos, um general de valor que havia aplacado uma revolta na Banda Oriental, ficasse impune. Pelo interesse da

aliança, e também por justiça natural, tinha que pedir a pena máxima. Parecia entristecido, mas falava com a segurança de um homem que conhecia o resultado. O general Pakenham estava incômodo. Ele também estava sob ordens ali. Seus olhos não olharam para o prisioneiro quando deu a ordem de que o major Sharpe fosse degradado e expulso do exército. Quando tais formalidades se concluíssem, o que seria, disse, pelas quatro daquela tarde, Richard Sharpe tinha de ser escoltado à praça maior da cidade e ali, em presença de quatro batalhões espanhóis, seria enforcado.

De má vontade, mostrando dor em seus olhos, Pakenham dirigiu-se a Sharpe.

— Tem algo a dizer?

Sharpe lhe devolveu o olhar desafiante.

— Permissão para morrer com a casaca de fuzileiro, senhor.

— Negado.

Parecia que Pakenham quisesse acrescentar que Sharpe havia desonrado seu uniforme, mas as palavras não lhe saíram.

— Este julgamento acabou. — Levantou-se e tiraram Sharpe da sala, de mãos amarradas, condenado ao cadafalso.

Capítulo 7

Lorde Stokeley, um dos ajudantes de campo de Wellington, perguntava se teria que servir vinho aos oficiais espanhóis que iam ser testemunhas da execução.

Wellington o olhou com seus frios olhos azuis.

— É uma execução, Stokeley, não um maldito batizado.

Stokeley decidiu que era melhor não comentar que em sua família se serviam bebidas em ambos os casos.

— Está bem, senhor.

Decidiu que nunca vira seu senhor de tão mau humor.

Nem ele tampouco. O estrago que podia sofrer a débil aliança entre britânicos e espanhóis era imenso. Nenhum soldado espanhol, pelo que sabia Wellington, sentia afeto algum pelo marquês de Casares o Grande e Melida Sadaba, mas seu assassinato o convertera em um mártir da Espanha.

Os condenados clérigos haviam sido rápidos, como de costume, em pregar suas diatribes antiprotestantes, mas Wellington se orgulhava de ter sido igualmente rápido. O culpado fora julgado, ia ser enforcado, e tudo isso antes que o sol que se levantara com aquele assassinato se pusesse. Os espanhóis, dispostos a elevar protestos, acharam-se sem motivos para isso. Declaravam-se satisfeitos com o castigo justo e rápido de sua senhoria.

Os soldados espanhóis que estavam na praça da cidade agradeceram um descanso em sua tarefa diária. Estiveram fazendo muita instrução, marchando durante dias inteiros, e se despertavam com os ossos moídos para enfrentar mais instrução. Contudo, essa tarde era como uma festa. Haviam sido conduzidos para a praça, batalhão atrás de batalhão, para serem testemunhas da morte de um inglês.

A força fora construída com uma carreta do exército que estava encostada contra a parede caiada da casa do sacerdote. Havia um gancho muito oportuno na parte superior da parede. Um sargento inglês, suando com seu uniforme de policial militar, subiu por uma escada com a corda e a fez passar pelo gancho. A praça estava cheia de policiais militares. Corria o rumor de que homens do South Essex, junto com alguns fuzileiros, planejavam resgatar Richard Sharpe do cadafalso. Parecia uma ameaça pouco provável, mas a haviam tomado a sério. Os policiais militares usavam os mosquetes curtos carregados com as baionetas e observavam os becos e as ruas que davam para a praça.

Os primeiros oficiais espanhóis chegaram ao quartel general. Pareciam conter-se. Com a maior das prudências evitaram se colocar nas janelas que davam para a praça, mas o major Mendora, vestido com seu uniforme de um branco brilhante com uma faixa preta na manga direita, observou como o sargento pendurava a corda em seu lugar. Lorde Stokeley se perguntou se o major desejaria uma xícara de chá. O major não desejava.

O sargento da polícia militar se pôs em lugar seguro fora da escada e puxou do laço para assegurar-se da firmeza de gancho. Aguentava seu peso. A corda, que se soltou de seu punho, girou lentamente sob a suave brisa.

O padre Machado, com os hábitos pretos manchados de branco pela poeira da praça, abriu passagem entre os oficiais até chegar junto de Mendora.

— Tinham que nos ter entregado para seu castigo.

O major olhou a cara severa do sacerdote.

— Senhor?

— A execução é muito rápida. — Sua voz profunda invadia o aposento. — A Espanha não ficará contente, cavalheiros, até que estes pagãos se tenham ido.

Levantaram-se alguns rumores de aprovação, mas não muitos. A maioria de espanhóis que estavam presentes gostava de servir sob

as ordens do generalíssimo Wellington. Dele haviam aprendido como tinham que organizar um exército e os novos regimentos da Espanha eram tropas das quais se orgulharia qualquer oficial. Mas nenhum, nem o mais fervoroso partidário da aliança britânica, desejava contrariar a um inquisidor. A Junta podia ter abolido a Inquisição espanhola, mas até que desaparecesse definitivamente, nenhum homem queria que seu nome aparecesse nas listas de seus livros secretos. O inquisidor ficou olhando a corda.

— Tinham que executá-lo com o garrote.

Alguns dos soldados espanhóis que haviam na praça estariam de acordo com o inquisidor. A força, diziam, era rápida demais. Tinham que ter trazido um dos garrotes que o exército espanhol levava consigo, sentar o inglês em sua cadeira e ir apertando muito lentamente o parafuso que lhe romperia o pescoço. Um bom carrasco podia prolongar a execução durante uma hora, algumas vezes afrouxando a pressão da rosca para dar à vítima falsas esperanças, antes de girá-la finalmente e romper-lhe o pescoço e que a cabeça do condenado caísse bruscamente para trás.

Outros diziam que a força também podia durar tanto. Tudo dependia, diziam, da queda. Se o homem fosse simplesmente pendurado, sem deixá-lo cair, então podia durar meio dia. Em qualquer caso, era melhor permanecer naquela praça empoeirada esperando uma execução que fazer instrução nas colinas.

— A Puta Dourada é agora uma viúva muito rica — comentou um coronel espanhol.

Ouviram-se risos ante tal observação.

— Muito rica? — perguntou um major de artilharia.

— Sabe Deus quanto ele valia! Milhões.

— Não conseguirá a terra — falou um. — Não se atreverá a se deixar ver na Espanha uma vez os franceses se tenham ido.

— Mesmo assim — disse o coronel dando de ombros. — Ela deve de valer umas centenas de milhares em moedas e louças. E o que acontece com o título?

O major Mendora, abalado com a conversa, nomeou friamente a um duque, um primo, em quem recaía o título. Negou-se a dar estimar a fortuna de seu amo.

O inquisidor escutava a conversa, percebendo a avareza e a inveja. Voltou-se para a janela e olhou o cadafalso improvisado no qual morreria um homem inocente. Era lamentável, mas ao inquisidor lhe comprazia que o inglês, Sharpe, fosse um pecador cuja morte não afligiria ao Todo-poderoso. A corda da forca lançava uma sombra escura e pontiaguda na parede caiada. A morte do marquês era mais penosa. O marquês, pelo menos, era cristão, ainda que um homem débil. Agora estava no céu, onde a fraqueza era uma virtude.

Havia morrido com rapidez, apenas uma sacudida em seu rosto quando o açougueiro, com mão forte, fatiara sua garganta. O inquisidor rezou enquanto seu irmão matava, com palavras tenras, encomendando a alma para o céu enquanto a faca lhe cortava os tendões, a traquéia e os músculos até a grande artéria da qual jorrava o sangue, enquanto o corpo do marquês dava uma sacudida violenta. O homem quase não despertara enquanto morria. O Açougueiro havia observado com cobiça o crucifixo de ouro e seu irmão o tirou com pressa do quarto.

A morte do marquês salvaria a Espanha e deixava livre sua fortuna, que iria parar na Igreja. Esses oficiais que discutiam seu testamento o faziam com desconhecimento, pois agora, com essa morte, o inquisidor ficaria legalmente com a fortuna que estava carregada nos carros da marquesa e que valia trezentas mil moedas, mais milhões em terras e propriedades. Sorriu.

A família do inquisidor tinha se empobrecido com a guerra e agora, com esta fortuna, se equipararia com os maiores da Espanha, pois somente era digna de um homem que pretendia ser o líder atrás do débil rei da Espanha. Com a fortuna de Casares o Grande e Melida Sadaba respaldando-lhe, o inquisidor sabia que chegaria a bispo, depois a arcebispo e finalmente a cardeal. Situar-se-ia atrás do trono e ante o altar-mor; seria poderoso e a Espanha

seria grande. Suas ambições, não para si mas para a Igreja e para a Inquisição, se fariam realidade e tudo isso pelo preço de uma morte.

Agora que o marquês estava morto, o inquisidor proporcionaria ao major Ducos as garantias de apoio que convenceriam a Fernando VII a assinar o tratado secreto. Os britânicos sairiam da Espanha, os franceses partiriam pacificamente e a Espanha voltaria a ser forte. Seu império se veria restaurado, seu rei se sentaria glorioso no trono e a Igreja recuperaria seu poder. Tudo isso por uma insignificante morte. Uma morte para dar a sua família o dinheiro que significava poder, poder que se utilizaria pela glória de Deus. O inquisidor perdoou a si mesmo a morte; fora por Deus.

Um burburinho se levantou entre a multidão de soldados que abarrotavam a praça. Elevou-se, converteu-se em um grito de excitação e o ruído coincidiu com a porta que se abria no amplo aposento onde estavam reunidos os oficiais espanhóis. Lorde Wellington, com rosto severo, entrou na habitação. Franziu o cenho olhando para os homens reunidos, meneou a cabeça com frieza e depois olhou por uma das janelas. Seus ajudantes de campo se amontoaram ao seu redor. Mendora viu que o general levava as mãos agarradas nas costas e que movia os dedos. Os oficiais espanhóis se calaram, perturbados diante do rosto frio de seu generalíssimo.

O prisioneiro, com a cabeça descoberta de maneira que o vento lhe sacudia o cabelo comprido e negro, avançava por um estreito corredor que se havia aberto entre a multidão. Fizeram-no subir os degraus improvisados até o fundo da carroça. Era mais alto que os guardas com casacas vermelhas que o custodiavam.

Usava uma camisa branca sebosa e as calças largas e brancas da infantaria inglesa, de maneira que para os espanhóis que observavam do quartel general parecia que estivesse vestido de penitente. O inquisidor rezava uma oração; sua voz profunda e dura se ouvia no aposento. Wellington olhou irritado para o sacerdote mas não disse nada. Alguns dos oficiais espanhóis sabiam que

Richard Sharpe tinha salvado uma vez a vida do general; que o resgatou das baionetas de tropas indianas fazia anos, e agora o general via como enforcavam àquele homem. Contudo o rosto de Wellington, com seu nariz aquilino, não deixava transparecer nenhuma emoção.

O prisioneiro tinha as mãos atadas. Parecia que olhava com desinteresse para a multidão. Estava muito longe dos oficiais espanhóis para que estes lhe vissem a cara com clareza, contudo parecia que lhes sorria com zombaria e desprezo. Os soldados que observavam estavam calados.

Uma segunda escada mais curta havia sido posta contra o muro caído e os guardas empurraram o prisioneiro para ela. Custou-lhe subir os travessões com as mãos atadas, mas os soldados lhe ajudaram. O sargento da polícia militar subiu pela escada mais comprida, alcançou o laço e o colocou no prisioneiro passando pelo cabelo negro. Esticou o nó e depois desceu para a carroça.

Alguns dos oficiais espanhóis vigiavam os becos que davam para a praça. Pensavam no rumor de que os homens de Sharpe poderiam tentar resgatar seu oficial, mas não havia homens furiosos entre os sentinelas. Não se ouviam latidos de cachorro, não se ouviam pisadas; somente a luz do sol que batia sobre as telhas grossas e vermelhas e as volutas de fumaça que saíam dos fogos das cozinhas manchavam o ar que cobria a cidade.

O condenado se mantinha em pé com dificuldade sobre a escada, com a corda ao redor de sua cabeça inclinada. O sargento olhou para seu oficial.

O tenente da polícia militar não gostava daquele trabalho, mas ordens eram ordens. O major Sharpe seria enforcado à vista das tropas espanholas. Levantou o olhar para o homem que estava na escada, apoiou o corpo no muro e vislumbrou uma olhada final dos olhos escuros, maravilhando-se ante um homem capaz de sorrir com zombaria naquele momento. Então o tenente deu a ordem.

— Execute, sargento.

As palavras saíram como um grasnido. A multidão abriu a boca e se animou. Os policiais militares retiraram a escada de baixo do condenado. Durante um instante os pés calçados com botas ficaram sobre o travessão que caía, depois resvalaram; ele caiu e a corda se esticou de golpe. Ricochetou, voltou a cair e depois oscilou e deu algumas voltas. Parecia que seu corpo se arqueava enquanto pendia. Os pés se sacudiam no ar, davam chutes na parede e ele se retorcia de maneira que seu rosto descoberto olhava fixamente a praça abarrotada.

Os olhos se exorbitaram, a língua empurrava pelos lábios, o pescoço estava estirado de forma grotesca e a cabeça inclinada. Os espanhóis observavam com fascinação. Voltou a dar uma sacudida, lutando para cima em busca de ar e então o sargento inglês deu um salto para cima, pegou o homem por um dos tornozelos e o puxou para baixo. O peso extra lhe partiu o pescoço. O sargento soltou o tornozelo do homem e lentamente, enquanto o corpo se balançava, as pernas se endireitaram uns centímetros. Estava morto.

Um caixão aguardava no fundo da carroça; tábuas de pinheiro, escovadas toscamente e cravejadas. Desceram o corpo. O cabelo havia se manchado de branco com a cal quando o corpo se sacudiu. Tiraram as botas do cadáver, mas não havia nada mais de valor. O meteram no caixão, mas era muito alto para aquela caixa; o sargento pegou o mosquete de um de seus homens e bateu com a culatra; suando e grunhindo, voltou a golpear, e as canelas quebradas deixaram que forçassem suas pernas para o interior. A tampa foi fechada com pregos.

Wellington observava fixamente tudo aquilo com desagrado. Quando terminou, quando os batalhões espanhóis abandonavam a praça e a caixa de pinheiro era conduzida para fora, voltou seus frios olhos para os oficiais reunidos.

— Terminou, cavalheiros. Talvez agora possamos continuar com a guerra?

Foram andando do quarto em silêncio. A morte do marquês não havia conseguido dividir aos britânicos e aos espanhóis. O

generalíssimo fizera seu sacrifício de sangue para manter viva a aliança e agora tinha uma guerra na qual lutar.

Junto a um caminho, sob as altas montanhas onde os lobos uivavam entre as rochas cinzentas, enterraram o cadáver com as pernas quebradas. Os policiais militares lançaram rochas sobre a tumba pouco profunda para impedir que os rapinantes escavassem em busca do corpo e o deixaram sem sinal algum. Naquela noite um camponês pregou uma cruz no lugar, não por respeito, mas para assustar o espírito protestante e mantê-lo sob a terra. O inquisidor e o Açougueiro, cavalgando em direção nordeste, passaram pela tumba.

O Açougueiro conteve o cavalo.

— Tinha que ter visto como morria.

— Era melhor que ninguém o visse, Juan.

O Açougueiro deu de ombros.

— Nunca vi enforcarem um homem.

O inquisidor o olhou com incredulidade.

— Nunca?

— Nunca — respondeu o Açougueiro como envergonhado.

— Então busque um e o enforque.

— Eu farei isso.

— Mas primeiro ocupe-se de nosso próximo assunto. — O sacerdote esporeou o cavalo. — E se apresse!

Levavam documentos que lhes permitiriam atravessar as linhas britânicas e francesas; as notícias que portavam acabariam com a guerra e devolveriam a velha glória à Espanha. O inquisidor deu graças a Deus e acelerou o passo.

Capítulo 8

O vale era uma passagem entre as montanhas. Era alto. Da borda oeste, ali onde descia até um rio muito abaixo, podia-se ver Portugal. As colinas de Trás-os-Montes, a terra atrás das montanhas, eram como cristas de um azul púrpura que se tornavam cada vez mais escuras e mais confusas até que o horizonte se convertia em um simples borrão, como uma mancha escura na tela de um pintor.

As ladeiras do vale estavam cobertas de crategos. As flores se viam brancas debaixo da luz do sol. O caminho que subia a passagem escarpada e atravessava o vale alto era beirado com tasneiras amarelas que os espanhóis chamavam de Erva de Santiago. Nos pastos no fundo do vale pastavam ovelhas e coelhos. Os corvos aninhavam sobre saliências de pedra, as raposas caçavam nas margens dos crategos, enquanto que os lobos vagavam pelas colinas salpicadas de pedras que riscavam o céu formando uma barreira serrada.

Havia um povoado no vale elevado, mas estava vazio. As portas das cabanas tinham sido arrancadas das dobradiças e queimadas por um dos exércitos que lutavam na Espanha.

No extremo oeste do vale, onde o cume deixava ver a esplêndida vista da terra atrás das montanhas, havia duas grandes construções. Ambas estavam em ruínas. No lado norte, baixo e achaparrado, havia um antigo convento. Ainda mantinha os dois claustros, ainda que o superior estivesse muito danificado por uma grande explosão que destruiu a antiga capela. O convento fazia tempo que estava abandonado. Ervas daninhas cresciam no ladrilhado com desenho, as folhas cobriam os canais que antes levavam água ao jardim inferior.

Ao sul, fechando a passagem, havia um castelo. Ainda se podia subir à parte mais alta da torre de homenagem ou ir ao quartel da guarda, mas fazia séculos que não vivia um senhor ali. Agora era

um lar para corvos e os morcegos pendiam dos aposentos altos e escuros.

Mais ao leste e mais alto ainda, dominando a terra que se estendia muitos quilômetros ao redor, havia uma antiga atalaia. Também se podia subir para ela, ainda que a escada caracol somente conduzisse a uma construção destrozada.

O vale alto se chamava a Entrada de Deus. Junto ao castelo, sobre a grama cheia de cozinhos de coelhos como balas de mosquete diminutas, havia um montículo comprido e pouco elevado. Era uma tumba, e nela estavam os corpos dos homens que morreram defendendo sua passagem no inverno. Eles eram poucos e seus inimigos muitos; contudo, mantiveram a passagem até a chegada de auxílio. Ao comando estava um soldado, um fuzileiro, Richard Sharpe.

Os franceses que morreram, e haviam sido muitos, foram enterrados com grande presteza em uma cova comum junto ao povoado. No inverno os animais carniceiros escavaram a terra que havia sobre a tumba e comeram a carne que ali encontraram.

Agora, quando os dias da primavera já eram quase veranis e o riacho na Entrada de Deus diminuía de volume, os ossos dos franceses mortos estavam espalhados pelo povoado. As caveiras jaziam como uma colheita monstruosa de champinhons.

No sul havia uma guerra, os exércitos avançavam para a campanha desse ano, mas na Entrada de Deus, onde Sharpe travou sua guerra contra um exército, não havia mais que morte, o vento que movia os arbustos e as caveiras que sorriam da grama. Era um lugar sem interesse para os exércitos, um lugar de fantasmas, morte e solidão, um lugar esquecido.

A cidade de Burgos se encontrava no lugar em que a pista principal se bifurcava. A estrada vinha da fronteira francesa até San Sebastián, depois se submergia para o sul entre as montanhas onde os guerrilheiros convertiam cada viagem em um inferno para os

franceses. O perigo de emboscada desaparecia ao chegar a *Vitória*, depois a rota adentrava nas colinas outra vez, indo sempre para o sul, até que chegava às amplas planícies onde se localizava Burgos.

Era o caminho pelo qual os franceses tinham invadido a Espanha. Era o caminho pelo qual se retirariam. Em Burgos o caminho se dividia. Um ramal ia para o sul para Madri; o outro, ao sul e ao oeste para Portugal e o Atlântico. Burgos era o cruzamento da invasão, o guarda da retirada, a fortaleza das planícies. Ainda que não fosse uma fortaleza grande, nos últimos dias do verão de 1812 havia resistido a um sítio britânico. O castelo ainda tinha as cicatrizes que as balas de canhão e as bombas tinham deixado. Em 1812 o castelo impediu os britânicos de perseguirem os franceses até o outro lado dos Pirineus, e este verão, os homens temiam que fosse fazer o mesmo trabalho contra um exército britânico reforçado.

Pierre Ducos não se importava. Se os soldados perdessem a Espanha, então seu tratado secreto salvaria a França. O inquisidor, de volta a Burgos, havia prometido que enviaria, no prazo de um mês, as cartas que já estava recolhendo a ameaçada Inquisição espanhola. As cartas convenceriam Fernando VII a dar seu apoio ao tratado francês.

Os dois homens se encontraram, não no castelo, mas em uma das casas altas e lúgubres da cidade. Ducos fez uma careta de dor pois seus óculos lhe roçavam a pele magoada. Seguindo o conselho de um médico do exército tinha posto graxa de eixo atrás das orelhas para protegê-las do metal que lhe roçava, mas seguiam produzindo irritação. Pelo menos tinha o consolo de saber que o homem que havia quebrado seus outros óculos tão cômodos estava morto.

— Enforcado — disse o inquisidor.

— Enforcado com rapidez.

Disse com rancor, como se realmente acreditasse que Sharpe era o responsável pela morte do marquês.

Ducos somente sentia uma coisa a respeito da morte de Richard Sharpe. Teria gostado que o inglês soubesse que fora ele, Ducos, que havia atravessado uma nação maquinado a vingança. Gostava que suas vítimas entendessem quem os tinha vencido e por que haviam sido derrotados. Ducos demonstrava sua inteligência como outros homens exibiam suas medalhas. Tirou alguns papéis do bolso.

— Os carros da marquesa estão no castelo.

— Vão nos entregar?

— Se me der um endereço... — Disse Ducos sorrindo. — A catedral, talvez?

O inquisidor não pestanejou ante a gozação.

— Minha casa, major.

— Em *Vitória*?

— Em *Vitória*.

— E dará as riquezas à Igreja?

— O que faça com as riquezas é algo entre Deus e eu.

— Certamente. — Ducos voltou a tocar os óculos. — Irão para o norte com o próximo comboio. A verdade, padre, é que as riquezas não são suas. Pertencem à viúva.

— Não, se ela partir da Espanha.

— O que estávamos de acordo em que era insensato.

Ducos sorriu. Não queria que Helene gemicasse ao imperador explicando-lhe como ele lhe havia roubado suas riquezas.

— Portanto o senhor se ocupará desse assunto?

— Quando seja oportuno.

— Esta noite é oportuno. — Ducos empurrou os papéis sobre a mesa. — Estas são suas disposições. Os homens de Casapalacio vigiam a rota oeste.

O inquisidor pegou os papéis e Ducos deu uma olhada pela janela para o oeste. Os andorinhões-pretos cortavam o ar quente com suas asas curvas. Atrás deles, atrás das últimas casas da cidade, a planície estava seca. Viu o povoado distante onde a única torre de um castelo pequeno lançava sua longa sombra. Aquela torre era outra guarnição francesa, um lugar onde a cavalaria estava estacionada para manter a pista principal livre de guerrilheiros. Essa noite, quando os andorinhões-pretos tivessem regressado a seus ninhos e a planície estivesse às escuras, a marquesa viajaria para aquela torre, ao encontro de seu amante o general Verigny.

Era um trajeto seguro. A terra ao redor de Burgos estava livre de guerrilheiros; o terreno era plano e estava muito patrulado pelas guarnições francesas da planície. Contudo, essa noite a marquesa não estaria a salvo. As tropas que vigiavam o caminho serviam à França, mas não eram francesas. Eram espanholas, restante do exército reclinado fazia cinco anos, um exército de espanhóis que acreditavam nas ideias francesas, na liberdade, igualdade e fraternidade; mas a derrota, o desânimo e a deserção haviam minguado suas filas. Contudo, ainda havia dois batalhões de tropas espanholas e Ducos tinha ordenado que lhes dessem aquele serviço essa noite.

O inquisidor o olhou.

— Ela vai esta noite?

— Como na noite passada e na noite anterior. Têm uns apetites prodigiosos.

— Bom.

— E seu irmão?

— Espera no norte.

— Esplêndido. — Ducos se levantou. — Desejo-lhe a maior das sortes, padre.

O inquisidor ficou olhando para aquele homem sutil e inteligente.

— Receberá minhas cartas logo.

— Nunca duvidei disso — respondeu Ducos sorrindo. — Dê lembranças a Helene de minha parte. Diga-lhe que confio em que seu matrimônio dure muito e seja muito feliz. — Começou a rir, virou-se e saiu da habitação.

Essa noite o inquisidor planejava um casamento. Logo a marquesa levaria, na mão esquerda, um anel de casamento. Não se casaria com algum grande da Espanha, mas com um homem que havia nascido em circunstâncias humildes e vivido na pobreza e na luta. Ela se converteria na noiva de Cristo. Ela era rica com avareza, contudo o testamento do marquês continha uma pequena e não insólita cláusula que não havia escapado à Inquisição. Se sua viúva fizesse os votos para entrar em um convento, a fortuna do marquês iria para a Igreja.

Com esse propósito a levariam a um convento no norte do país, um convento distante, escondido e remoto. Ali se veria enterrada em vida na solidão silenciosa das irmãs, enquanto que o inquisidor, em nome de Deus, ficaria com sua herança. Seria legal, não haveria escândalo, pois quem ia discutir a decisão de uma mulher de entrar em um convento. O padre Machado percebia a beleza daquela conspiração. Agora não podia falhar. O marquês estava morto, sua única herdeira se tornaria freira e a Inquisição sobreviveria.

Aquela noite uma carruagem saiu de Burgos às nove da noite. Ia puxada por quatro cavalos cujas correntes eram de prata. Os cavalos eram brancos, a carruagem, azul-escuro, tão brilhante que refletia as estrelas, e seu elegante perfil se via percorrido por linhas de tinta prateada. As janelas iam tapadas com cortinas. Diante da carruagem iam quatro cavaleiros, cada um segurava uma lanterna. Duas lanternas mais se haviam montado em cima da carruagem. Os postilhões levavam armas carregadas.

O cocheiro parou no limite da cidade e olhou para o tenente que estava ao comando do posto de guarda.

— Tudo bem adiante?

— Vão muito longe?

— Dois povoados.

O tenente espanhol fez sinais para a carruagem prosseguir.

— Não terão problemas.

Olhou o elaborado escudo de armas pintado na carruagem e se perguntou aonde iria nessa noite a Puta Dourada. Somente uma hora antes um inquisidor passara pelo posto de guarda e o tenente se divertiu com a ideia de que agora se vendia aos padres. Começou a rir e se virou para seus homens.

A luz da lua fazia o caminho parecer uma fita branca e reta que se estendia pela planície até chegar a um povoado, a cerca de um quilômetro e meio da cidade. Ali a estrada ziguezagueava entre casas, cruzava um vau e depois corria reta para as luzes do posto avançado da cavalaria.

A carruagem se movia depressa, cada roda levantava uma nuvem de poeira que se elevava pálida na noite. As lanternas amarelas vacilavam. O odor da cidade ficou para trás, a emanção de esterco apodrecido, cavalos e fumaça de cozinhas. Ali se respirava um perfume de capim. Uma cortina da carruagem se abriu e um rosto branco olhou contra o vidro.

A marquesa estava chateada. Pierre Ducos havia se negado a dar o passaporte que permitiria a marcha de suas carroças. Alegara que era uma bobagem, um erro do secretário, mas ela não acreditava que nenhum erro de um subalterno fosse impedir Pierre Ducos levar a cabo o que queria. Ela suspeitava que planejava recolhê-las e havia escrito a respeito ao imperador, mas podiam passar semanas antes de que recebesse uma resposta, se chegasse alguma; semanas durante as quais os carros podiam desaparecer. Decidira essa noite que tentaria convencer o general Verigny a roubar os carros. Tinha que desafiar a Ducos, ir ao castelo com seus homens e sacar os carros. Ela sabia que o general Verigny, apesar de todas suas medalhas, temia a Ducos. Teria que persuadi-lo, e se

perguntava se talvez a indireta de que um matrimônio não era impensável serviria.

A carruagem reduziu a marcha em um cruzamento, passou por cima das marcas de rodas transversais e depois diante de uma casa com as janelas quebradas e sem porta. A dama ouviu o chiado do freio na jante da roda e soube que se aproximavam do vau onde o caminho serpenteava entre casas.

O freio chiou e a carruagem se estremeceu. Ela ouviu o cocheiro que gritava para os cavalos enquanto a carruagem se balançava, diminuía a marcha e se detinha. Franziu o cenho. Tentou ver algo através da janela, mas a chama da lanterna a cegava. Levantou a correia de couro e deixou a janela cair.

— O que se passa?

— Uma morte, senhora.

— Uma morte?

Inclinou-se para fora da janela. Diante deles, justo onde o caminho dava uma volta e descia para o riacho pouco profundo, um sacerdote levava a Sagrada Forma para dar a extrema-unção. Atrás dele iam dois coroinhas. Os soldados que vigiavam o lugar haviam se descoberto. Percebeu que os soldados eram espanhóis leais à França.

— Diga-lhes que se movam! — exclamou irritada.

— Vem uma carruagem do outro lado. Teremos que esperar igualmente, senhora.

A dama puxou a correia e subiu a janela de golpe; o som da outra carruagem que tamborilava para ela ficou amortecido. Acomodou-se nas almofadas de veludo. Maldito Pierre Ducos, pensou, e maldita a discordância que mostrava Verigny de opor-se a ele. Pensou no rei José, o irmão de Napoleão e rei marionete francês da Espanha. Se fosse assinado o tratado, refletiu, então José perderia seu trono. Perguntava-se se, revelando-lhe o segredo, este a recompensaria com a ordem de que deixassem sair os

carros; se assim fosse, mesmo o rei José se atreveria a desafiar ao leal criado de seu irmão, Pierre Ducos.

A outra carruagem parou. Ela ouviu o grito do cocheiro e supôs que os soldados queriam revistá-lo. Sorriu; ninguém se atrevia a revistar sua carruagem. Então a porta se abriu. Ela se virou, uma mão lhe agarrou o colarinho da capa e viu um sacerdote que entrava na carruagem.

— Quem é o senhor?

Helene tinha uma pistola debaixo das almofadas. Tentou pegá-la com a mão direita.

O homem tirou o chapéu largo. A lanterna protegida que havia no interior da carruagem deixou ver um rosto forte e grande com olhos mais duros que a pedra.

— A senhora é a marquesa de Casares o Grande e Melida Sadaba?

— Sim — respondeu ela com voz glacial. — E o senhor?

— O padre Machado.

Viu que havia homens no exterior da carruagem, suas silhuetas se viam débeis na rua iluminada pela lua. Voltou a olhar para o sacerdote e observou que sua roupa era mais fina do que ela teria esperado para um padre normal. A dama percebeu a violência daquele homem, sua força e sua hostilidade. Era uma pena, pensou, que um homem como esse dedicasse sua vida a Deus.

— O que quer?

— Tenho notícias para a senhora.

Ela deu de ombros.

— Diga.

O inquisidor se sentou no lugar na frente dela. Parecia encher a pequena carruagem com sua enorme presença. Sua voz era inclusive mais profunda que a de Ducos.

— Seu marido está morto.

Ela ficou olhando-o. Não disse nada. De cada orelha lhe pendia um cacho de diamantes. A capa que usava, ainda que a noite não fosse fria, era debruada com pele branca. De seu pescoço, onde a mão esquerda prendia o colarinho de pele, penduravam mais diamantes.

— Não me ouviu?

— Eu ouvi o que disse. — A dama sorriu — Quer que lhe recompense por trazer-me a notícia? O cocheiro lhe dará uma moeda.

O rosto do inquisidor permanecia impassível.

— O adultério é um pecado, mulher.

— Uma imprudência é má educação. Deixe-me, sacerdote.

Ele a apontou com sua mão escura e forte.

— A senhora é uma adúltera.

Helene deu alguns golpes na janela e gritou ao cocheiro que continuasse. A carruagem não se moveu; ela soltou enfurecida a correia e a janela caiu de golpe.

— Eu disse que avance!

Os soldados espanhóis, incômodos mas obedientes, rodearam a carruagem. Com eles havia homens com hábitos compridos e escuros. Ela buscou às apalpadelas a pistola entre as almofadas, mas a mão forte do inquisidor segurou seu pulso e a afastou.

— A senhora é uma adúltera, mulher.

Ela tentou se soltar, mas ele a segurava com firmeza. A dama chamou os criados, mas o inquisidor se limitou a sorrir.

— Seus criados obedecerão a seu Deus, algo que a senhora nunca fez. A senhora é uma adúltera, e seu marido e seu amante estão mortos.

— Meu amante?

— O inglês.

Ela achou que falava do general Verigny, agora se dava conta de que se referia a Richard Sharpe. Sentiu remorsos ao ouvir a notícia; sabia que sua carta tinha causado sua morte, mas seus próprios problemas eram muito imediatos para que o sentimento de culpa durasse.

— Deixe-me partir!

— A senhora está presa, mulher.

— Não seja impertinente!

— A senhora é espanhola por seu matrimônio e está na jurisdição desta diocese.

O sacerdote puxou a dama fazendo que gritasse de dor, mas ninguém se moveu para ajudá-la.

Arrastou-a para fora da carruagem e a empurrou ao interior da segunda carruagem, onde duas mulheres, ambas com caras severas e enrugadas e cobertas com capuzes brancos, a esperavam. A marquesa gritou para seus criados pedindo ajuda, mas estavam rodeados por soldados com mosquetes e monges com bastões; então a porta da carruagem se fechou bruscamente e se pôs a caminho de uma sacudida. O inquisidor tomou lugar diante dela. Quando a dama voltou a gritar ele se inclinou sobre ela e a fez calar.

Ordenaram ao cocheiro da marquesa que regressasse para a cidade. O comandante espanhol, a quem lhe deram a ordem de obedecer à citação do tribunal eclesiástico, perguntou-se para onde levariam a Puta Dourada. Havia dito que não perguntasse, que não se preocupasse, que somente obedecesse. Escutou como a carruagem escura tamborilava na noite; depois gritou para seus homens que regressassem a seus postos.

O general Verigny observava da torre; esperava ver aparecer as lanternas da carruagem pelo caminho branco. Esperou enquanto a lua se ocultava debaixo das montanhas. Esperou até que os relógios deram as duas e então compreendeu que não viria. Pensou em enviar alguns de seus homens para Burgos para ver se a

carruagem da marquesa tivera algum problema, mas decidiu que provavelmente ela estava flertando com outro homem. Amaldiçoou, perguntou-se se alguém conseguiria dominar a vadia e se foi à cama.

O vento da noite agitava os arbustos na Entrada de Deus. Os morcegos esvoaçavam na torre de homenagem em ruínas. Uma nuvem cobria a lua. As estrelas brilhavam.

Três cavaleiros subiam a passagem. Avançavam lentamente. Chegavam tarde. Tinham que ter chegado quando ainda tinha luz do dia, mas haviam tardado quatro horas em encontrar um lugar para cruzar o último rio. Ainda tinham os uniformes úmidos. Pararam no cume da vereda. Nada se movia no vale, não se viam luzes no povoado, nem na atalaia, nem no convento ou no castelo.

— Para onde?

— Por aqui.

Um homem com um uniforme escuro como a noite conduzia seus dois companheiros para o convento em ruínas. Atou os cavalos em uma grade junto à arcada destrocada, onde tiraram as selas. Depois abriu uma rede de forragem. Espalhou a comida para os cavalos e conduziu seus companheiros ao claustro superior. Sorriu. Era-lhe mais familiar que o castelo.

O homem mais velho deu uma olhada para o claustro desmoronado.

— Os franceses capturaram isto?

— Sim — respondeu o homem com uniforme escuro que estava acendendo um fogo. — Mas Sharpe se ocupou deles. — Apontou para a capela em ruínas. — Um de seus canhões.

Nas ruínas onde crescera erva daninha havia um resplendor de lua sobre o bronze onde um canhão caído estava meio coberto por vigas e pedras.

O terceiro homem era jovem, tão jovem que muitos teriam dito que era simplesmente um menino. Ainda não se barbeava. Era o único dos três que não usava uniforme, ainda que tivesse um fuzil pendurado ao ombro. Parecia nervoso. Observava o que usava uniforme escuro enquanto este acendia um fogo, realizando o trabalho com toda a destreza de um veterano.

O homem uniformizado de escuro era temível. Tinha um olho só, o outro estava tapado com um couro negro e seu rosto marcado com cicatrizes era duro e feroz. Era meio alemão e meio inglês e seu apelido no 60º Regimento era Doce William. Era o capitão William Frederickson, o fuzileiro que comandou a emboscada aos artilheiros franceses na ponte e que, no Natal, lutou sob as ordens de Sharpe nesse vale alto. Havia regressado à Entrada de Deus como guia do major Michael Hogan e do jovem e calado espanhol.

Hogan estava inquieto. Foi caminhando pelo claustro, fazendo perguntas a respeito da batalha e olhando fixamente para o castelo onde Sharpe oferecera a resistência final e tinha rechaçado o último ataque francês. O Doce William ia respondendo as perguntas enquanto preparava a comida, ainda que o jovem espanhol percebesse que o oficial de fuzileiros caolho estava alerta e escutava os sons estranhos que se ouviam do outro lado do edifício em ruínas.

A comida consistiu em vinho, pão, queijo e os quartos de uma lebre que Frederickson havia caçado anteriormente naquele dia e que agora assava na baqueta de seu fuzil. Do oeste soprava vento, do distante oceano, que fez que o fuzileiro caolho levantasse a cabeça e farejasse. O vento anunciava chuva, a promessa de uma tormenta de verão que açoitaria as montanhas.

— Temos que trazer os cavalos para dentro quando tivermos comido.

Hogan se sentou junto ao fogo. Deu um puxão em suas calças como para que se secassem com rapidez. Fez um sinal para o nervoso garoto espanhol para que se unisse a eles; depois deu uma olhada para as sombras escuras do convento em ruínas.

— O senhor acredita em fantasmas, Frederickson?

— Não, senhor. E o senhor?

— Sou irlandês. Acredito em Deus Pai, Filho e nos ventos de Shee.

Frederickson começou a rir. Pegou um quarto de lebre da baqueta e o largou no prato de lata de Hogan, pôs um segundo pedaço em seu prato; depois depositou uma porção bem grande no do garoto. Hogan e o garoto espanhol observaram que tirava um quarto prato de sua mochila, no qual pôs o último quarto de lebre. Hogan começou a falar, mas o fuzileiro sorriu com zombaria e lhe fez um sinal para que ficasse em silêncio.

Frederickson colocou o prato junto a ele e depois alçou a voz.

— Eu lhe ouvi já faz um par de minutos, sacana ruidoso! Venha comer!

Ouviu-se um risinho proveniente dos claustros. Uma bota ressoou sobre uma lajota quebrada e Richard Sharpe saiu caminhando das sombras e se sentou junto deles na Entrada de Deus.

Capítulo 9

— Quem era?

Hogan deu de ombros.

— Chamava-se Liam Dooley. Era do condado de Clare. Ele e seu irmão mais novo seriam enforcados por saquearem uma igreja. Prometi ao soldado Dooley que deixaria seu irmão viver se concordasse com essa pequena farsa. — Voltou a dar de ombros. — Portanto um safado morreu e dois vivem.

Sharpe bebeu vinho. Estava a duas semanas esperando na Entrada de Deus, obedecendo às instruções de Hogan, que na escuridão da noite de sua "execução", o enviara em segredo ao norte do país.

— Quantas pessoas sabem que estou vivo?

— Nós — respondeu Hogan sinalizando para Frederickson e o garoto espanhol —, o general e seis policiais militares. Ninguém mais.

— Patrick?

— Não — respondeu Hogan dando de ombros. — Não está contente.

Sharpe sorriu.

— Um dia lhe farei uma surpresa.

— Se viver para isso — disse Hogan asperamente. Chupou os dedos que estavam manchados com o suco da lebre. — Oficialmente você está morto. Não existe. Não há major Sharpe e não existirá nunca a menos que você se justifique.

Sharpe lhe sorriu.

— Sim, senhor Hogan.

Hogan franziu o cenho ante a frivolidade de Sharpe. William começou a rir e passou para Sharpe um pesado odre de vinho. O

vento refrescante removia o fogo e soprava a fumaça para o garoto espanhol, que era muito tímido para se mover. Hogan sacudiu a cabeça.

— Você é um maldito tonto. Por que tinha que aceitar aquele infeliz desafio?

Sharpe não disse nada. Não podia explicar a seus amigos como seu sentimento de culpa pela morte de Teresa o havia induzido a bater-se com o marquês. Não podia explicar que às vezes sentia prazer ao aceitar grandes riscos.

Hogan o observou, depois procurou em um bolso e pegou um pedaço de papel dobrado.

— Isto é seu.

O papel rangeu quando Sharpe o desdobrou. Sorriu. Era a carta da marquesa que lhe dava os pêsames depois da morte de Teresa, a carta que ele havia querido apresentar no conselho de guerra.

— Então você a escondeu?

— Tinha que fazê-lo, não acha? — disse Hogan na defensiva. — Deus! Tínhamos que consertar a maldita aliança. Se não o tivessem declarado culpado, os espanhóis não teriam voltado a confiar em nós.

— Mas eu não era culpado.

— Eu sei — disse Hogan de mau humor. — Certamente que não é culpado; Wellington sabe que você não é culpado; é bem consciente de que se você se dispusesse a assassinar alguém o faria corretamente e não o pegariam. Se acreditasse em sua culpa ele mesmo teria posto a corda em seu pescoço!

Frederickson riu levemente. Sharpe jogou a carta nas chamas e o repentino clarão lhe iluminou a cara curtida pelo sol. Hogan viu como a carta se enrugava.

— Então, por que ela escreveu essa série de mentiras para seu marido?

Sharpe deu de ombros. Estava a quinze dias fazendo-se essa pergunta.

— Talvez quisesse que morresse. Está destinada a herdar uma grande fortuna e me recordo que tem gostos caros.

— Salvo nos homens — disse Hogan com acidez. — Mas se o que queria era vê-lo morto, por que lhe implicou? Parece que tinha alguém disposto a obrigá-la. — Ia esmigalhando distraído um pedaço de pão. — Ela tinha que ter sabido que com isso o metia em problemas. Eu achava que você lhe importava.

Sharpe não disse nada. Ele não acreditava que era tão pouco importante para Helene, que fosse tão insensível. Ele não a entendia, de fato pensava que não entenderia nunca a maneira de ser da gente que vivia em casas grandes e tinha direito a privilégios por nascimento, mas não acreditava que a marquesa lhe desejasse nenhum mal.

— Então?

Sharpe olhou para o irlandês.

— Não acredito que ela desejasse minha morte.

— Você matou seu irmão.

Sharpe deu de ombros.

— Helene não gostava daquele sacana.

— Tem certeza?

— Quem diabos pode saber? — Sharpe começou a rir. — Nunca pareceu que o amasse. Ele era um sacana arrogante.

— Enquanto que você é, certamente, a essência da humildade — disse Hogan azedamente. — Portanto quem ia querer ver morto a um santo como você?

Sharpe sorriu e deu de ombros.

— Não sei.

— Talvez — disse o Doce William em voz baixa — os franceses somente queriam causar a discórdia entre espanhóis e britânicos, e

junto com isso fazer que enforcassem um herói. — Sorriu. — Os jornais de Paris se regozijariam com tudo isso. Talvez tenham falsificado a carta da marquesa.

— Não sei. Sei que Helene regressou à Espanha. Sabe Deus por que — manifestou Hogan e fez um gesto de frustração.

Observou o repentino interesse de Sharpe e percebeu que seu amigo ainda estava enamorado da mulher de ouro.

O garoto espanhol, que não havia falado desde que entraram no convento, tentou alcançar nervoso um odre de vinho. Frederickson lhe passou um.

Hogan tremeu repentinamente. O vento era mais forte, soava sobre as pedras quebradas e levantava as faíscas do fogo na escuridão.

— E por que diabos trouxe um inquisidor sua carta?

— Um inquisidor? — perguntou Sharpe. — Da Inquisição espanhola?

— Sim.

— Eu pensava que tinham ficado sem gente para queimar faz anos!

— Não é assim.

Hogan havia falado muito com o capelão do marquês e se informara de algumas coisas referentes ao misterioso inquisidor que trouxe a carta incriminatória.

— Chama-se padre Machado e tem a alma de uma serpente. — Hogan franziu o cenho na direção de Sharpe. — Helene não terá se voltado para a religião, não?

— Não acredito — respondeu Sharpe sorrindo.

— A gente mais rara o faz — disse Hogan de mau humor. — Porém, se fosse assim, duvido que tramasse um assassinato. — Deu de ombros. — Ou talvez sim. A religião faz coisas raras às pessoas. Houve um silêncio. Frederickson pegou um pedaço de

tábua recolhida da capela destroçada e a jogou ao fogo. O jovem espanhol observava para um e para outro, perguntando-se do que falavam. Ficou olhando para Sharpe. Ele sabia tudo de Sharpe e o garoto estava preocupado. Queria sua aprovação.

Hogan olhou de repente para a entrada em ruínas.

— Sabe o que é um torno?

Sharpe pegou um charuto de Frederickson, inclinou-se para frente e o acendeu nas chamas.

— Não.

Frederickson, que gostava de edifícios antigos, sabia o que era um torno mas ficou calado.

— Aqui deve ter tido um — disse Hogan indicando a entrada em ruínas do convento. — Somente os vi na Espanha. São como guarda-comidas giratórias construídas na parede exterior de um convento. Pode-se depositar algo no interior do guarda-comida desde o exterior, tocar o sino e uma freira de dentro gira o torno. Tem divisões, portanto não se pode ver o interior enquanto a guarda-comida gira. O que quer que se ponha dentro simplesmente desaparece e o outro extremo do guarda-comida fica voltado para a rua. — Tomou um trago de vinho. — Eram utilizados para os bastardos. Uma garota tinha um bebê, não podia mantê-lo, portanto o levava ao torno. Não há perguntas. As freiras não sabem quem é a mãe e esta sabe que o bebê está em boas mãos. É limpo. É melhor que deixar o pequeno morrer em uma sarjeta.

— Ou alistar-se no exército — disse Frederickson.

Sharpe não entendia a finalidade daquela história, mas sabia que não tinha que perguntar. O vento trazia nuvens que cobriam as estrelas.

Hogan deu de ombros.

— Às vezes me sinto como a pessoa que está dentro do convento. O torno gira, dentro há um bebê e eu não sei de onde vem, como se chama, quem o pôs ali ou que sacana se aproveitou

de uma pequena e depois a abandonou. É algo com certo mistério, mas tem uma diferença. — Levantou a vista do fogo e a dirigiu para Sharpe. — Meu trabalho consiste em resolver o mistério. O torno me descarregou esta coisa no colo e você vai averiguar quem a pôs aqui. Entendeu?

Sharpe consentiu com a cabeça. Pensava que deveria comandar um dos batalhões que ia para a guerra. Deveria estar preparando seus homens para permanecer na linha de mosquetes e lançar a morte para um exército atacante, mas em lugar disso ia ser espião de Hogan. Tinha ganhado o trabalho por ser estúpido, por aceitar o duelo. E o resultado era este encontro secreto nas colinas e a oportunidade de ver de novo a mulher que uma vez considerara inalcançável, uma mulher que fora seu amor durante uma estação curta e traiçoeira em Salamanca.

— Eu entendi.

— Averigue, regresse e talvez, Richard, somente talvez, o general lhe devolverá seu posto.

— Talvez?

— Wellington não gosta dos tontos. — Um pouco de chuva sussurrou ao cair sobre o fogo. Hogan puxou sua capa. — Reze para que eu tenha razão.

— A respeito de quê?

O irlandês ficou olhando o fogo.

— Não entendo isto, Richard, de verdade que não. É tão intrincando! Matar um general, enviar um inquisidor, acusar você como o assassino. Alguém pensou em tudo isto, alguém o planejou, e eu não posso convencer ao meu estúpido cérebro de que o fizeram simplesmente para você ser enforcado. Por mais louvável que seja a intenção, por que matar a um marquês para isso? Não. — Franziu o cenho. — Os sacanas estão tramando algo. Eu sinto nos ossos, mas não sei o que é. Portanto você vai investigar. E se não descobrir, não regresse.

Disse estas últimas palavras com brutalidade. Ninguém disse nada. Mais a chuva caiu sobre as chamas. Um dos cavalos relinchou suavemente.

Hogan indicou o menino espanhol.

— Chama-se Angel.

Sharpe olhou para o garoto e consentiu. Angel respondeu ao fuzileiro com um sorriso tímido.

— Vou deixá-lo com você e o quero de volta inteiro porque é útil. Não me importa se você não regressar, mas quero Angel de volta.

Angel sorriu nervoso. Hogan levantou o olhar para o céu.

— Também tenho um cavalo para você; um melhor do que você merece. E isto. — Pegou algo de sua mochila e entregou a Sharpe.

Era uma luneta, a luneta de Sharpe. Recebera de presente fazia dez anos quando o promoveram a oficial. Tinha uma plaquinha de bronze incrustada na curva do cano de nogueira e no bronze estava gravado: Em agradecimento. AW. 23 de setembro de 1803.

Se não fosse por aquele dia, refletiu Sharpe enquanto pegava a lente, agora não estaria vivo. Sem dúvida, Wellington tinha recordado o dia em que haviam abatido seu cavalo e se viu lançado para as baionetas dos inimigos. Um sargento chamado Richard Sharpe salvou a vida do general naquele dia, fazendo retroceder ao inimigo até que o general conseguiu se levantar. Devia ser duro, pensou Sharpe, ver a um homem que lhe salvou a vida condenado à força por um crime que não cometeu.

Sharpe olhou para Hogan.

— Trouxe minha espada?

— Sim.

— E mais munições?

Hogan o enviara ao norte somente com seu fuzil.

— Sim.

— Então, o que faço com seu cavalo e Angel?

— Vai resolver meu mistério. — Hogan pôs rapé na mão, o sorveu e depois espirrou. Pela primeira vez não amaldiçoou depois do espirro. — Podia ter enviado um de meus homens, mas você tem uma vantagem.

— Qual?

Hogan olhou para Sharpe.

— Você conhece Helene. Só o que desejo é que ela queira voltar a vê-lo e que lhe fale. Encontre-a, fale com ela, averigue o que diabos está se passando e salve sua miserável carreira.

Frederickson começou a rir. Sharpe bebeu um jorrinho de vinho do odre.

Hogan indicou Angel com a cabeça.

— Angel é seu espião. Não se preocupe por ser jovem: está trabalhando comigo desde os treze anos. Ele pode ir aonde você não pode. E você tem outra vantagem. Helene é bastante conhecida. Se vocês se aproximarem trinta quilômetros de onde se encontra, ouvirão falar dela. Sabe como os espanhóis a chamam?

— A Puta Dourada — disse Sharpe em voz baixa. Era um apelido merecido; contudo seu uso lhe ofendia. — Os guerrilheiros me ajudarão?

— Quem sabe? Acreditam que você está morto, portanto use outro nome. — Sorriu com zombaria. — Não se faça chamar major Hogan, por favor. Suponho que terá que ir aos guerrilheiros, mas estes não sentem nenhum afeto pela marquesa. Apesar disso, pode ser que o ajudem.

— Por onde começaria a procurar?

— Burgos ou *Vitória* — disse Hogan com decisão. — Burgos porque é a encruzilhada dos exércitos franceses e se ela está na Espanha tem que tê-lo atravessado, e *Vitória* porque o inquisidor é de lá. Não é muito, bem sabe Deus, mas é melhor que nada. —

Franziu o cenho olhando para o céu como se estivesse incomodado pela chuva. — Há mais uma coisa.

Sharpe sorriu com ironia.

— Está deixando as más notícias para o final?

— Se os franceses o capturarem, Richard, gritarão com entusiasmo sua vitória de cada telhado da Europa. Provarão que enganamos aos espanhóis com uma execução, o exibirão como um urso de feira para provar a perfídia britânica. Ou, se não o fizerem, simplesmente o matarão. Você está oficialmente morto, afinal de contas, portanto não têm nada a perder. — Olhou fixamente para o fuzileiro. — Portanto não se deixe capturar. — Hogan disse isto com firmeza e, para insistir na mensagem, repetiu — : Não se deixe capturar.

Esse era o temor de Hogan. Fora o temor de Wellington também, quando Hogan sugeriu enviar Sharpe para resolver o mistério. O general se encrespou ao ouvir o nome de Sharpe.

— E se pegam a esse idiota, Hogan? Santo Deus! Os franceses nos destroçarão! Não. Não funcionará, não funcionará.

— Não o pegarão, senhor — prometeu Hogan a Wellington.

Hogan já enviara Sharpe à Entrada de Deus e rezava para que nenhuma patrulha de cavalaria perdida tivesse encontrado o fuzileiro. Levou dois dias para persuadir o general; seu único argumento era que ninguém mais que Sharpe poderia aproximar-se da marquesa com certeza. O general aceitou com discordância. Havia querido enviar Sharpe de regresso à Inglaterra com a ordem de não voltar ao exército.

— Se isto sair mal, Hogan, você também terá que sumir.

— Não sairá mal, senhor. Eu lhe prometo.

Wellington olhou com ar brincalhão para o chefe de seus serviços de informação.

— Um homem contra um exército?

— Sim, senhor.

E esse homem ganharia, acreditava Hogan com fervor, porque perder não fazia parte do mundo de Sharpe.

Agora observava Sharpe, com o rosto iluminado pelas chamas na Entrada de Deus, e se perguntava se este viveria para regressar ao exército. Mandava-o unicamente com um menino para penetrar nas linhas inimigas e encontrar uma mulher que era tão traiçoeira como bela, mas Hogan não tinha escolha. Para esse verão o general planejava uma campanha que podia destruir o poder da França na Espanha, mas os franceses sabiam o quão potente era essa ameaça e se defenderiam, utilizando todas as armas de traição e sutileza que tivessem à mão. Hogan, com um instinto para os problemas a longo prazo, havia lutado para deixar que Sharpe penetrasse em território inimigo. Havia um mistério que resolver e somente Sharpe conhecia a mulher cuja carta revelara aquele mistério. A única esperança de êxito estava na crença de Sharpe, que Hogan sabia que podia ser totalmente falsa, de que a marquesa gostara do fuzileiro quando eram amantes.

Certamente, pensava Hogan, Sharpe podia ter razão. O fuzileiro transmitia lealdade a todo tipo de homens e mulheres. Desde putas e generais a sargentos e recrutas assustados. Era um exemplo de soldado, mas seus amigos e suas amantes conheciam sua vulnerabilidade e isso lhes faziam gostar dele. Mas Hogan se perguntava quanto carinho hospedava a Puta Dourada em sua alma.

O vento soprava lufado, gritando como uma alma atormentada no claustro em ruínas, e trazia descargas de chuva que açoitavam as telhas quebradas e fervia nas brasas. Hogan tremia em sua capa. Aquele era um lugar de fantasmas, a deusa Shee cavalgava sobre os ventos de tormenta e ele enviava um amigo para o desconhecido para travar uma batalha desigual.

Capítulo 10

Sharpe estava deitado no capim reto e baixo e apoiou a luneta sobre a mochila. Deslizou para um lado a tampa da lente, ajustou os tubos e observou com assombro e temor. Via um exército em marcha. Vira as manchas de poeira no céu elevando-se no alto enquanto a manhã avançava para o calor do meio-dia. A poeira parecia com a névoa de um grande fogo no capim distante, ao sul.

Ele cavalgara para a névoa, andando lentamente por medo de encontrar patrulhas da cavalaria inimiga e, agora, às primeiras horas da tarde, estava deitado no cume pouco elevado de uma colina e observava os homens e animais que haviam lançado a grande mancha de poeira aos céus.

Os franceses avançavam para o leste. Avançavam para Burgos, para a França.

A estrada deixavam para o tráfego pesado, os carros e os canhões e a bagagem dos generais. Junto à estrada, pisoteando as colheitas escassas, marchava a infantaria. Moveu a luneta para a direita: os distantes uniformes eram como um borrão colorido em seu olho, e o enfocou ali onde o caminho surgia de um povoadozinho. Carretas e caixas de munição, carroças de ambulância, carroças e mais carroças, cavalos e bois com as cabeças banhadas do esforço de acarretar aquelas cargas debaixo do quente sol da Espanha. No povoado ficava a torre de um antigo castelo, a cor cinzenta da pedra tinha fios de hera, e Sharpe viu que uma fumaça branca se elevava da torre e se misturava com a poeira. Percebeu que os franceses haviam saqueado e agora queimavam a torre. Abandonavam aquele campo, iam para o leste, estavam em retirada.

Empurrou a luneta para a esquerda, girou para olhar para o leste e o mais longe que pudesse, lá onde, como um diminuto borrão cinzento no horizonte, as pedras mais altas da fortaleza de Burgos surgiam por cima de algumas árvores, e por toda parte a

estrada estava abarrotada de homens e cavalos. A infantaria avançava lentamente, como se fossem homens que odiassem se retirar. Suas mulheres e crianças avançavam com dificuldade junto deles. Os soldados de cavalaria caminhavam junto a seus corcéis, tinham ordens de preservar a força de seus cavalos, enquanto que somente alguns poucos esquadrões, em sua maioria lanceiros cujos estandartes estavam manchados com a poeira branca, iam ao trote pelos flancos da enorme coluna para protegê-la dos excelentes atiradores espanhóis.

Sharpe apoiou a luneta. Sem a ajuda daquela fina lente o exército francês parecia uma cobra negra serpenteando pelo vale. Sabia que estava vendo uma retirada, mas não sabia por que o inimigo se retirava. Não tinha ouvido canhões trovejando na distância que lhe revelassem uma grande batalha que Wellington tivesse ganhado. Simplesmente observava a grande besta que serpenteava no vale, manchava o céu de branco e não tinha nem ideia de por que estava ali, ou aonde ia, ou onde estavam suas forças.

Retirou-se da linha do horizonte, fechou a luneta de um golpe e se virou para o cavalo que tinha atado a um marco de pedra.

Hogan lhe havia deixado um semental elegante, forte e paciente chamado *Carabina*, que agora estava observando Sharpe e retorcia a cauda comprida, negra e sem cortar. Era um cavalo afortunado, pensou Sharpe, porque a norma do exército britânico dizia que todos os cavalos tinham que ter a cauda bem cortada, mas a de *Carabina* estava intacta, de maneira que, a certa distância, pareceria aos franceses um dos seus. Também o haviam alimentado com milho, estava forte e seria capaz de levar um dos homens de Hogan ao interior das linhas francesas para espionar. Agora conduzia Sharpe ao encontro de sua dama.

Ainda que, se a marquesa estivesse em Burgos, refletiu Sharpe enquanto caminhava para *Carabina*, seria impossível chegar até ela. O exército francês recuava para essa cidade e naquela noite

Burgos estaria rodeado pelo inimigo. Só o que podia desejar era que Angel estivesse a salvo.

O garoto tinha dezesseis anos. Seu pai, um fabricante de vinhos, morreu tentando livrar a sua mulher das atenções dos dragões franceses. Angel vira seus pais morrerem, vira arder sua casa e a oficina de seu pai até ficarem reduzidos a cinzas e naquela mesma noite, armado somente com uma faca, matou o seu primeiro francês. Tivera sorte de escapar. Deslizou na escuridão com suas pernas de garoto enquanto as balas dos sentinelas franceses iam atrás dele entre o centeio alto. Havia contado a história a Sharpe com timidez.

— Pus a faca na tumba de meus pais, senhor.

Ele mesmo enterrara seus pais, depois foi se unir aos guerrilheiros. Só tinha treze anos.

Em lugar de guerrilheiros encontrou um dos oficiais exploradores de Hogan, os homens que, com uniforme de gala, galopavam com seus cavalos velozes bem adentro do território inimigo. Aquele oficial mandou o garoto para Hogan e durante os três últimos anos Angel servira de mensageiro entre os britânicos e os guerrilheiros.

— Agora estou ficando velho para isso.

Sharpe riu entre os dentes.

— Velho? Com dezesseis anos?

— Agora os franceses veem em mim a um homem. Sabem que poderia ser um inimigo. — Angel deu de ombros. — Antes, quando eu somente era um menino, não se fixavam em mim.

Nesse dia, enquanto Sharpe deitava e observava o exército francês que marchava penosamente para Burgos, Angel tinha entrado na cidade. Seu cavalo, um presente de Hogan, tinha ficado com Sharpe, junto com o fuzil. O rapaz recusava qualquer pagamento que o major Hogan lhe oferecesse; só queria comida e alojamento quando estava com os britânicos e “a arma que mata”. Ofereceram-lhe um mosquete de alma lisa e o recusara com mordacidade. Só queria um fuzil Baker e, agora que um deles era

seu, o cuidava com amor, polia a madeira e limpava com meticulosidade o percussor. Afirmava que ele e seu fuzil haviam matado dois franceses por cada ano de sua vida.

Não parecia sentir curiosidade por seu trabalho com Sharpe. A Puta Dourada não lhe dizia nada e não se importava que o marquês de Casares o Grande e Melida Sadaba estivesse morto. Essas coisas lhe chateavam. Apenas o que lhe haviam dito importava, que seu trabalho era importante, que o êxito faria estrago a seus inimigos e que a busca da marquesa o levaria aonde havia mais franceses para matar. Alegrava-se por trabalhar para Sharpe. Ouvira que saltando e grunhindo havia matado muitos franceses. Sharpe sorriu.

— Há algo mais na vida que matar franceses.

— Eu sei, senhor.

— E?

Angel consentiu com a cabeça.

— Mas ainda não quero me casar. — Levantou a vista do fogo e olhou para os olhos de Sharpe. — O senhor acha que pode fazer os franceses do outro lado das montanhas fugirem? De volta para a França?

Sharpe consentiu com a cabeça.

— Provavelmente.

— Deveria unir-me a seus fuzileiros então. — Sorriu. — Marcharei sobre Paris e recordarei de meus pais.

Angel não era o primeiro jovem espanhol que se alistou nos fuzileiros britânicos; de fato, algumas companhias tinham uma dúzia de espanhóis que haviam suplicado entrar nas tropas de elite. O Doce William Frederickson dizia que o único problema com os recrutas espanhóis era conseguir que deixassem de lutar. “Querem ganhar a guerra em um dia”. Sharpe, enquanto escutava Angel falar de seus pais, entendia o ardor com o qual lutavam.

Sharpe cavalgou de volta ao vale cheio de bosques onde esperaria que Angel regressasse da cidade. Desencilhou *Carabina* e

o atou ao tronco de um pinheiro. Inspeccionou como era seu dever os cascos dos cavalos, desejando que Angel, que era muito mais eficiente quanto ao cuidado dos cavalos, estivesse ali para ajudá-lo; depois levou a sela até a pequena clareira onde tinham marcado o encontro.

Sharpe esperou. O anoitecer alongava as sombras entre os troncos dos pinheiros e o vento fazia vibrar os galhos. Examinou as margens do vale ao crepúsculo, em busca de pessoas, mas só viu uma raposa e seus filhotes que se divertiam saltando e grunhindo ao pé de um banco arenoso. Regressou até os cavalos, pôs o fuzil do lado e esperou o regresso de Angel.

O garoto chegou ao amanhecer como uma sombra cinzenta entre as árvores; trazia consigo um queijo envolvido em folhas de parreira, uma fogaça e notícias. Antes que pudesse dizer uma palavra a Sharpe a respeito da marquesa insistiu em recuperar seu fuzil e inspecioná-lo na penumbra, como se a separação de uma noite pudesse mudar a arma em um pouco. Satisfeito, levantou a vista para o fuzileiro.

— Ela desapareceu.

Sharpe sentiu que suas esperanças se desvaneciam. Durante esses quatro dias desde que se separou de Hogan havia temido que Helene tivesse regressado à França.

— Desaparecida?

Angel lhe explicou a história. Havia abandonado a cidade em uma carruagem e ainda que a carruagem tivesse regressado, a marquesa não ia nela.

— Os franceses estavam chateados. Tinham cavalaria buscando por todas as partes. Olharam em todos os povoados, ofereceram uma recompensa de ouro, mas nada. Subiram a recompensa, mas nada. Ela se foi.

Sharpe soltou uma maldição e o garoto sorriu com ironia.

— Não confia em mim, hem? — Começou a rir. Era um rapaz surpreendentemente bonito, de cabelo cacheado e traços

marcados. Os olhos castanhos brilhavam com a luz do fogo que havia acendido ao amanhecer. — Eu sei onde ela está, senhor.

— Onde?

— No convento dos Céus, em Santa Mônica. — Angel levantou uma mão para atalhar a pergunta de Sharpe. — Acho.

— Acha?

Angel pegou a garrafa de vinho e bebeu.

— Os sacerdotes a pegaram. Eles e os monges. Todo mundo sabe, mas ninguém fala. Dizem que a Inquisição estava aqui. — Benzeu-se e Sharpe pensou no inquisidor que chegou com a carta para o marquês. Angel sorriu. — Eles não sabem onde a levaram, mas eu sei.

— Como o sabe?

— Porque sou Angel, não? — O rapaz começou a rir. — Encontrei um homem que me conhece. Ele é que informa aos guerrilheiros das tropas que marcham pelas colinas. Eu confio nele.

Tais palavras deveriam ter soado estranhas na boca de um garoto de dezesseis anos, mas não eram provindo de alguém que estava arriscando a vida desde os treze anos. Angel pegou um pouco de tabaco solto do bolso, um pedaço de papel, e tal como fazem os espanhóis, enrolou um rudimentar charuto. Inclinou-se para frente e a ponta do charuto brilhou quando ele o chupou sobre a chama do fogo.

— Esse homem disse que ouviu que a mulher foi levada para Santa Mônica, para o convento. Ele ouviu dos guerrilheiros. — Angel jogou a fumaça para o ar. — Os guerrilheiros vigiam o convento.

— Os guerrilheiros?

— Sim. Já ouviu falar do Açogueiro?

Sharpe meneou a cabeça em sinal de negação. As colinas da Espanha estavam cheias de chefes guerrilheiros que tinham apelidos caprichosos. Tentou pensar no que significava a palavra.

— Um homem que mata animais?

— Sim. Um açougueiro. Tem que ter ouvido falar dele. É famoso.

— E vigia o convento?

Angel deu uma chupada no cilindro de tabaco que se desfazia.

— É o que dizem. Vigiará a mesa, não o convento.

— A mesa?

— O convento fica em uma montanha, não? Muito alta com o cume plano, um planalto. Há poucos caminhos que levem para cima, senhor, portanto é fácil de vigiar.

— Onde fica?

— Há dois dias a cavalo. Lá — disse apontando para o nordeste.

— Você já esteve lá?

— Não. — Angel jogou com asco os restos de seu charuto ao fogo. Não havia aprendido bem o jeito de enrolar o papel e o tabaco. — Ainda que tenha ouvido falar do lugar.

Sharpe tentava entender algo, um pouco, do que dizia Angel. A Inquisição? Esta coincidência dava veracidade ao relato do garoto, mas por que a Inquisição sequestraria Helene? E por que o Açougueiro estaria vigiando o convento onde ela estava retida?

Perguntou ao garoto e Angel deu de ombros.

— Quem sabe? Não é um homem a quem se possa perguntar.

— Que tipo de homem ele é?

O garoto franziu o cenho.

— Mata os franceses. — Fez o cumprimento hesitosamente. — Mas também mata a sua própria gente, sabe? Uma vez disparou em doze homens de um povoado porque os aldeãos tinham recusado a comida de seus homens. Entrou a cavalo na hora da sesta e lhes disparou. Nem sequer Mina pode controlá-lo. — Enquanto enrolava outro cigarro, Angel lhe falou do homem que fora escolhido general de todos os guerrilheiros. Mina era conhecido por executar homens

como o Açougueiro que perseguiram a seus próprios compatriotas. — Os franceses lhe têm medo. Dizem que uma vez pôs as cabeças de cinquenta franceses sobre a pista principal, uma a cada quilômetro através das montanhas para que os franceses as fossem encontrando. Isso foi perto de *Vitória*, sua cidade natal. — O garoto começou a rir. — Mata lentamente. Dizem que tem um abrigo de couro feito com a pele de franceses. Alguns dizem que está louco.

— Podemos encontrá-lo?

— Sim — respondeu Angel, como se a pergunta fosse desnecessária. — Portanto cavalgamos para as montanhas?

— Cavalgamos para as montanhas.

Cavalgaram para o nordeste, lá onde as montanhas se convertem em penhascos vertiginosos, os terrenos de caça das águias, uma terra de vales imponentes e de cascatas que brotam das nuvens baixas da manhã para cair muitos metros formando elevados riachos gelados.

Penetraram no nordeste em uma terra de poucos habitantes e os que havia eram tão pobres e tinham tanto medo que fugiram quando viram dois cavaleiros estranhos se aproximarem. Algumas das pessoas daqui, disse Angel, não deviam nem saber que havia uma guerra.

— Nem ao menos são espanhóis! — disse cáustico.

— Não são espanhóis?

— São bascos. Têm uma língua própria.

— Então o que são?

Angel deu de ombros desdenhoso.

— Vivem aqui.

Era óbvio que não tinha nada mais a dizer deles.

Sharpe achou que Angel estava preocupado. Tinham penetrado naquelas montanhas do norte e estavam longe dos franceses.

Estavam longe da guerra e, pelo que Angel ouvira em Burgos, longe da agitação.

Os rumores em Burgos diziam que finalmente os britânicos avançavam e iam atacar o norte. O exército francês do norte se retirava e Sharpe vira a vanguarda daquele exército quando se aproximava de Burgos. Angel temia que a campanha acabasse antes que ele pudesse voltar a matar. Sharpe começou a rir.

— Não terá terminado.

— Promete?

— Prometo. Como encontraremos o Açougueiro?

— Ele nos encontrará, senhor. O senhor acha que ele não sabe que há um inglês nas colinas?

— Apenas se lembre que não deve me chamar de Sharpe.

— Sim, senhor — respondeu Angel sorrindo. — Como o senhor se chama agora?

Sharpe sorriu. Recordava o oficial amável e pesaroso que havia exercido sua acusação.

— Vaughn. Major Vaughn.

Cavalgou por entre as rochas altas, por debaixo das águias, em busca da marquesa e do Açougueiro.

O Açougueiro, assim como Angel, estava preocupado por encontrar-se longe das riquezas que iam mais para o sul. Esses vales altos e profundos eram pobres, havia poucos franceses a quem armar uma emboscada e pouco que roubar nos míseros povoados. Levava dois prisioneiros franceses com ele, brinquedos para seu entretenimento.

A notícia do inglês recebera de três de seus homens. O Açougueiro ocupava uma pousada, ou o que se passava por uma em um lugar tão miserável, e mostrou um aspecto ameaçador para seus homens como se fossem eles os responsáveis por aquilo.

- Disse que queria falar comigo?
 - Sim.
 - Não disse por quê?
 - Somente que seu general o enviara.
- O Açougueiro grunhiu.
- Já era hora, hem?

Seus tenentes menearam a cabeça. Wellington enviara mensageiros a outros chefes guerrilheiros, pedindo sua cooperação, e o Açougueiro supôs que lhe havia chegado à vez. Mas não podia estar seguro disso. No convento, milhares de metros vale acima, estava a Puta Dourada. Seu irmão a levava, e advertiu ao Açougueiro que os franceses podiam ir a sua busca, mas o inquisidor não dissera nada a respeito de um inglês. O Açougueiro entendia que um homem fosse à busca daquela mulher.

A vira na carruagem e, mesmo despenteada e chorosa, era bonita.

- Por que entregá-la às freiras? — perguntou.

- Ela tem que fazer os votos, não entende? — alfinetou seu irmão. — Tem de ser legal! Deve tornar-se freira! Tem de fazer os votos, nada mais importa!

O inquisidor havia deixado instruções a seu irmão de que não permitisse a ninguém aproximar-se do convento e que se alguém perguntasse pela marquesa, tinha que negar sua presença. Ia ser enterrada e esquecida nas mãos de Cristo.

Agora o Açougueiro se perguntava se o inglês teria vindo em busca da Puta Dourada.

- Como se chama?
- Vaughn. Major Vaughn.
- Está sozinho?
- Há um garoto com ele.

Um de seus tenentes percebeu a preocupação no rosto do Açougueiro e deu de ombros.

— Mate-o. Quem vai saber?

— Você é um bobo.

O Açougueiro futucava no fogo com a ponta de sua espada. Fazia frio naqueles vales profundos e a lareira do aposento principal da pousada não esquentava muito. Voltou a olhar para os homens que tinham falado com o inglês na noite anterior.

— Não disse nada de uma mulher?

— Não.

— Estão seguros de que é inglês? De que não é francês?

Os homens deram de ombros.

O Açougueiro olhou pela janela, inclinou-se para poder ver a parte mais alta do bloco de penhasco enorme e cinzento onde ficava o convento dos Céus. A presença da marquesa naquela construção fria era para ser secreta, ainda que o Açougueiro soubesse melhor que ninguém que havia poucos segredos no campo espanhol. Alguém devia ter falado. Podia matar o inglês, mas esse seria o último recurso. Os ingleses eram a fonte de ouro, canhões e munições, desembarcavam-nos nas praias ocultas da costa norte de noite. Se tivesse que matar ao inglês, o Açougueiro tinha a suspeita de que tinha que sopesá-lo. Seus homens se veriam perseguidos e castigados por outros guerrilheiros. Ainda que se tivesse que fazê-lo o faria; mas preferiria deixá-lo partir satisfeito, sem suspeitas, para ele poder continuar com sua chata vigilância.

— Onde está o major Vaughn?

— Nas duas pontes.

— Tragam-no esta noite — disse o Açougueiro olhando para um de seus tenentes. — Tragam os prisioneiros também. Divertiremos ao nosso inglês.

— A mulher também?

— Em especial, ela — disse o Açougueiro sorrindo. — Se veio para buscar uma mulher ele pode ficar com ela! — Começou a rir.

Havia enganado aos franceses durante quatro anos e agora enganaria a um inglês. Pediu vinho aos gritos e esperou até que fosse de noite.

A noite caía rapidamente nas profundezas do vale abaixo do convento dos Céus. Quando os cumes ainda estavam tingidos do vermelho dos últimos raios do sol, já era escuro na pousada que o Açougueiro chamava de seu quartel general. Em frente à pousada e iluminado por tochas fumegantes, havia uma área de terra batida. Sharpe e Angel, conduzidos pelos guias silenciosos, foram levados ao espaço iluminado.

Lançaram uma corrente no pedaço de terra. Ali ficou, três metros de elos oxidados; no extremo mais afastado, nervoso e vestido somente com calças aos farrapos, havia um prisioneiro.

Um guerrilheiro pegou a corrente e enroscou um extremo ao redor da munheca esquerda do homem. A atou toscamente, puxou-a para assegurar-se de que estava atada e depois retrocedeu. Tirou de seu cinturão uma faca comprida e a lançou aos pés do homem.

Um dos indivíduos que guiaram Sharpe até aquele lugar sorriu cinicamente para o prisioneiro.

— Um francês. Observe sua morte, inglês.

Um segundo homem avançou, um espanhol volumoso que tirou dos ombros a capa e cujo aspecto provocou os aplausos dos guerrilheiros que observavam. O homem se virou para Sharpe e o fuzileiro viu um rosto que a princípio parecia anormal, como se pertencesse a uma criatura que fosse meio monstro e meio homem. Sharpe ouvira de seus homens histórias de seres estranhos que eram homens de dia e bestas de noite, e aquele homem podia ser um desses seres. A barba lhe nascia nas faces, crescia até os pômulos, deixando só um pequeno espaço sob o cabelo, um espaço

pelo qual dois olhos pequenos e astutos olhavam para Sharpe. O homem sorriu.

— Bem-vindo, inglês.

— O Açougueiro?

— Certamente. Nosso assunto pode esperar?

Sharpe deu de ombros. Os guerrilheiros o observavam com um sorriso cínico. Percebeu que aquela demonstração era em sua honra.

O Açougueiro se inclinou, pegou o extremo solto da corrente e o enrolou no antebraço esquerdo. Sacou de seu cinturão uma faca longa como a que estava com o francês.

— Vou lhe contar como morrerá, porco.

O francês não entendeu as palavras. Entendeu que tinha que lutar e passou a língua pelos lábios, levantou a faca e esperou enquanto o Açougueiro retrocedia e levantava a corrente do piso até que ficou tensa entre ambos. O Açougueiro seguiu puxando, obrigando o francês a avançar. O prisioneiro puxava para trás e os guerrilheiros riam.

Sharpe viu que muitos dos guerrilheiros, em lugar de observar o estranho combate, olhavam para ele. Estavam pondo-o à prova. Sabiam que os ingleses tratavam os prisioneiros com decência; queriam saber que tipo de homem era Sharpe. Ele se alteraria ante aquela exibição? Se o fizesse ficaria mal.

O Açougueiro olhou para Sharpe, então de repente puxou a corrente fazendo o prisioneiro dar um tropeço. O guerrilheiro se adiantou, com a faca baixa, e o francês deu uma facada desesperada com sua arma. Para Sharpe lhe pareceu que devia sangrar, mas quando o Açougueiro retrocedeu não estava tocado.

O prisioneiro tinha um corte no braço esquerdo. O sangue gotejava da corrente.

— Um — disse o Açougueiro.

— Um — repetiram seus homens.

Sharpe observava. O chefe dos guerrilheiros era rápido, assim como hábil naquele tipo de luta. Sharpe duvidava se vira alguma vez um homem tão rápido com uma faca. A cara barbuda sorria.

O francês, de repente, arremeteu para frente, girando a corrente para cima em uma tentativa de enrolá-la no pescoço de seu oponente. O Açougueiro começou a rir, retrocedeu e a faca apareceu como um tremor de brilho sob a luz da chama.

— Dois!

O francês sacudia a cabeça. Tinha sangue na testa.

A corrente se balançava entre eles. Uma vez mais o Açougueiro retrocedeu. Os elos tilintaram ao esticar-se e o Açougueiro seguiu puxando com firmeza, de forma inexorável e atraindo o francês para frente. O prisioneiro passava a língua pelos lábios. Segurava a faca baixa, mas seu rosto mostrava preocupação. Tentava planejar aquele combate e ao Açougueiro lhe satisfazia deixá-lo planejar sua estratégia. O Açougueiro era especialista naquele tipo de luta. Não temia a nenhum francês, a nenhum homem que estivesse treinado para aquele tipo de luta.

De repente o francês deu um puxão para trás com todas suas forças e o Açougueiro, rindo, se adiantou depressa de forma que o francês, pego de surpresa, caiu para trás. O Açougueiro puxou a corrente, arrastando o homem no piso, puxando e arrastando, rindo enquanto seu prisioneiro se agitava como um peixe fígado e em terra. Então o Açougueiro se adiantou e deu uma pisada no antebraço esquerdo com o pé direito e sua bota negra.

Sharpe ouviu o rangido do osso e o grito abafado do prisioneiro.

— Três — disse o Açougueiro.

Afastou-se para que o francês pudesse se levantar. O prisioneiro parecia enjoado. Estava sofrendo. Tinha o braço quebrado e cada puxão da corrente seria agora um sofrimento. O homem levantou a vista para seu torturador e de repente arremeteu com a faca lançando-se para frente, mas o Açougueiro simplesmente começou

a rir e moveu a mão da faca mais depressa do que um olho podia seguir.

— Quatro.

Havia sangue no dorso da mão do francês. Sharpe olhou para o guia que estava junto dele.

— Quanto dura?

— Pelo menos trinta facadas, inglês. Algumas vezes cem. Não lhe agrada, hem? — disse o homem e começou a rir.

Sharpe não respondeu. Lentamente, muito lentamente, de forma que ninguém visse o que fazia, deu um passo para frente e buscou com sua mão direita o gatilho de seu fuzil que estava metido em um coldre da sela. Em silêncio e devagar, puxou para trás o percussor até que o notou totalmente ajustado.

O francês estava agora de pé. Sabia que estavam brincando com ele, que seu oponente era um mestre naquele tipo de combate, que as facadas continuariam uma e outra vez até que seu corpo fervesse de dor e estivesse empapado em sangue. Atacou o Açougueiro, dando cortes para a direita e esquerda, apunhalando, em um frenesi de desespero. O Açougueiro que, apesar de seu volume, era tão rápido de movimentos como nunca Sharpe tinha visto, parecia ir bailando ao separar-se de cada ataque. Ele ria, mantinha sua faca afastada e então, quando o arrojo do francês afrouxava, a faca avançava.

— Cinco!

A multidão animou. Com terrível precisão, a faca havia espetado um dos olhos do prisioneiro. O homem gritava, se retorcia, mas a faca fez o mesmo com seu outro olho.

— Seis — disse o Açougueiro e começou a rir.

— Seis! — gritaram os homens.

O espanhol que Sharpe tinha ao lado o olhou.

— Agora começa a diversão, inglês.

Mas Sharpe havia sacado o fuzil do coldre, pusera-o ao ombro e apertou o gatilho.

A bala penetrou entre os olhos cegados e derrubou o francês morto sobre o solo que estava manchado com seu sangue. Então se fez o silêncio.

Sharpe voltou a meter a arma dentro do coldre e fez que *Carabina* se adiantasse. Angel estava tenso de medo. Uma dúzia de homens ao redor do terreno de combate haviam engatilhado seus mosquetes enquanto a fumaça do fuzil se elevava por cima do corpo morto.

Sharpe conteve o cavalo ante a irritação do homem barbudo. Fez uma inclinação em sua sela.

— Agora poderei me gabar que lutei contra os franceses ao lado do grande Açougueiro.

O Açougueiro levantou a vista surpreso com o inglês que lhe havia estragado a diversão. Ele sabia por que o inglês havia disparado naquele homem: porque o inglês era impressionável; mas ao fazer tal coisa havia desafiado o Açougueiro diante de seus próprios homens. Agora, pensou, este major Vaughn oferecera-se uma fórmula de salvação.

O Açougueiro começou a rir.

— Realmente ouviu isso? — tinha desenrolado a corrente e sinalizava para seus seguidores. — Diz que lutou ao meu lado, hem?

Seus homens passaram a rir e o Açougueiro levantou a vista para Sharpe.

— Portanto a que veio aqui?

— Para trazer-lhe saudações do generalíssimo.

— Ouviu falar de mim? — perguntou o Açougueiro recolhendo um grande machado que pendurou ao ombro.

— Quem não ouviu falar do Açougueiro?

A tensão havia desaparecido. Sharpe era consciente de que tinha falhado na prova ao se negar a assistir a tortura de um homem cego, mas ao matar o francês se fizera merecedor de certo respeito. Merecedor também de algo de beber. Levaram-no para a pousada, pediram vinho e os cumprimentos que lhe fizeram foram muitos e falsos. Aquilo era o prefácio ao assunto da noite.

Estiveram bebendo durante duas horas. O aposento principal da pousada se encheu de fumaça à medida que a noite se estendia. Deram-lhes de comer, um pedaço de carne de cabra com um caldo gorduroso que Sharpe comeu faminto. Foi ao final da janta quando o Açougueiro, envolvido em uma capa de pele de raposa, voltou a lhe perguntar a que havia vindo.

Sharpe contou uma história meio verdadeira; uma história conforme a qual o exército britânico avançava para Burgos e empurrava os franceses pela pista principal. Ele tinha vindo, disse, porque o generalíssimo queria ter certeza de que todos os guerrilheiros estariam na estrada para apoiar na retirada francesa e ajudar a matar franceses.

— Todos os guerrilheiros, inglês?

— Mas em particular o Açougueiro.

O Açougueiro meneou a cabeça; não havia nada no relatado por Sharpe que fosse suspeito. Seus homens estavam excitados ante a ideia de uma batalha na pista principal, do butim que se tomaria, dos retardatários que poderiam ir matando. O Açougueiro futucou os dentes com uma lasca de madeira.

— Quando os britânicos virão?

— Estão a caminho. Seus soldados cobrem as planícies como uma cheia. Os franceses fogem, correm em direção a *Vitória*.

Isso não era verdade. Sharpe somente vira como os franceses se retiravam para Burgos e se a campanha desse ano fosse como a do anterior, reforçariam a fortaleza da cidade. Contudo, a mentira convenceu ao Açougueiro.

— Pode dizer a seu general que minhas forças o ajudarão — disse o Açougueiro, e fez um gesto de magnanimidade com a mão indicando todo o aposento.

— Isso o aliviará — respondeu Sharpe empurrando o odre de vinho sobre a mesa. — Ainda que se mostrará curioso a respeito de uma coisa.

— Pergunte.

— Não há franceses nestas montanhas; contudo vocês estão aqui.

— Escondo-me deles: quero que pensem que parti e quando o celebrem, voltarei! — e começou a rir.

Sharpe também riu.

— O senhor é um homem inteligente.

— Diga a seu general, inglês.

— Eu direi.

Sharpe sentia seus os olhos arderem pela fumaça espessa do tabaco. Olhou para Angel.

— Devemos ir.

— Já? — perguntou o Açougueiro franzindo o cenho.

Estava mais que convencido de que o inglês não havia vindo pela mulher e desfrutava com as adulações que impressionavam a seus homens.

— Já se vão?

— Para dormir. Amanhã tenho de cavalgar até meu general com estas novas. Está impaciente para ter notícias suas.

Sharpe calou enquanto empurrava para trás a cadeira, rebuscou em seu bolso e pegou um pedaço de papel. Era uma ordem do coronel Leroy referente a reparar as chaleiras de campanha, mas ninguém naquela habitação o saberia. Ele a leu, franziu o cenho, depois levantou a vista para o Açougueiro.

— Quase me esqueço! Os senhores vigiam a Puta Dourada? — Sentia a tensão na habitação, atraçoada pelo repentino silêncio com que foram recebidas suas palavras. Sharpe deu de ombros. — Não é importante, mas meu general me perguntou e eu pergunto ao senhor.

— O quê?

Sharpe enrugou o pedaço de papel e o lançou ao fogo.

— Ouvimos dizer que a trouxeram para cá.

— Ouviram?

— Qualquer coisa que o Açougueiro faça é importante para nós — disse Sharpe sorrindo. — Veja, gostaríamos de falar com ela. Ela deve de saber coisas do exército francês que nos seriam de ajuda. O generalíssimo sente uma grande admiração pelo senhor por ter capturado uma espiã tão importante.

Parecia que os cumprimentos tranquilizavam o barbudo desconfiado. Lentamente, muito lentamente, o Açougueiro consentiu.

— Quer falar com ela, inglês?

— Durante uma hora.

— Só falar?

Ouviu-se uma risada no aposento.

Sharpe sorriu.

— Somente falar. Uma hora, não mais. Está no convento?

O Açougueiro seguia convencido de que a missão de Sharpe era assegurar-se de sua ajuda para a campanha de verão. Era uma chatice que o inglês tivesse ouvido algo da presença da mulher nas montanhas, mas ele acreditava no inglês quando dizia que simplesmente queria falar. Ademais, como poderiam um inglês e um garoto espanhol resgatá-la de seus homens? O Açougueiro sorriu, sabendo que tinha que enviar o major Vaughn de regresso satisfeito. O simples fato de negar que a marquesa estivesse nessas

montanhas era se arriscar a que o inglês quisesse procurar por si mesmo. Fez um sinal para um de seus homens; este abandonou o lugar repleto de fumaça e se voltou para Sharpe.

— O senhor a conhece, major Vaughn?

— Não.

— Ele o agradecerá — disse o Açougueiro e começou a rir. — Mas não está no convento.

— Não?

Serviram mais vinho para Sharpe. O Açougueiro sorria contente.

— Está aqui.

— Aqui?

— Sabia que o senhor vinha, inglês, e pensei que ajudaria a seu general se lhe deixasse falar com ela. Tem muito que lhe contar de seus inimigos. Eu esperava para ver se o senhor perguntava por ela; se não tivesse feito, teria lhe feito uma surpresa!

Sharpe sorriu.

— Direi ao meu general de sua ajuda. Ele irá querer recompensá-lo.

Lutava para não dar mostras de sua excitação nem sua consternação. Pensar que Helene estava em poder dessa besta era horrível, pensar em como a ia tirar dali era desalentador; contudo, ele não queria que se notasse. Em sua cabeça também estava presente o medo de que ela não soubesse nada, de que a morte de seu marido lhe fosse um mistério tão grande como para Sharpe. Contudo, se tinha alguma esperança de recuperar seu posto e sua carreira, era preciso fazer-lhe umas perguntas.

— Vai trazê-la para esta habitação?

— Eu lhe darei um quarto para que fale com ela, inglês.

— Eu lhe agradeço, Açougueiro.

— Um quarto privado, major! — O Açougueiro começou a rir e fez um gesto obsceno. — Talvez quando a veja queira fazer algo

mais que falar, não?

A risada do Açougueiro se viu interrompida por um grito procedente do exterior da pousada e o som de pés correndo. A porta traseira se abriu bruscamente e uma voz chamou aos gritos pelo Açougueiro.

O Açougueiro abriu passagem para a porta e Sharpe saiu com ele. A habitação estava cheia de homens que gritavam pedindo lanternas. Então Sharpe se inclinou sob o dintel e viu uma luz proveniente de uma cabana destrozada que se utilizava como estábulo. Os homens corriam para o alpendre com as lanternas acesas e Sharpe foi com eles. Abriu passagem entre os espanhóis e parou na porta. Tinha vontade de vomitar, tão repentina foi a comoção, e a seguir teve vontade de desembainhar a grande espada e cortar os monstros que se apinhavam no pequeno pátio ao seu redor.

No alpendre havia uma garota enforcada. Estava despida. Seu corpo aparecia sulcado por brilhantes riscos de sangue, sangue fresco o bastante para brilhar, mas para seguir jorrando.

A garota girava na corda que tinha ao redor do pescoço.

O Açougueiro soltou uma maldição. Esbofeteou um homem que afirmava que a garota havia se suicidado.

O corpo girava, magro e branco. As coxas e a barriga mostravam machucados escuros abaixo do sangue que lhe chegava aos tornozelos. Tinha as mãos magras e pálidas, as unhas quebradas, mas ainda com pontos vermelhos que revelavam que as levara pintadas. Tinha palha no cabelo.

Uma dúzia de homens gritaram. Havia prendido a garota ali e ela devia de ter encontrado a corda. A voz do Açougueiro os fez calar, xingou-os por sua estupidez, por seu descuido. Olhou para o inglês.

— São imbecis, senhor. Eu os castigarei.

Sharpe percebeu que, pela primeira vez, o Açougueiro o chamava de senhor. Levantou a vista para aquele rosto que fora

adorável.

— Castigue-os bem.

— Eu farei! Eu farei!

Sharpe se virou.

— E dê-lhe uma sepultura cristã!

— Sim, senhor. — O Açougueiro observou de perto ao inglês. — Era bonita, né?

— Era bonita.

— A Puta Dourada — disse o Açougueiro pronunciando as palavras lentamente como se lesse um epitáfio. — Agora já não pode falar com ela, senhor.

Sharpe olhou o corpo pendurado. Tinha arranhões nos peitos. Consentiu com a cabeça e se esforçou para que sua voz saísse calma.

— Cavalgarei para o sul esta noite.

Deu a volta. Sabia que os homens do Açougueiro o observavam, mas não ia deixar transparecer nada. Gritou para que Angel trouxesse os cavalos.

Parou a um quilômetro e meio do pequeno povoado. A lembrança do corpo pendurado e girando o atormentava. Pensou em sua mulher morta, no sangue no pescoço. Pensou na tortura que havia sofrido a mulher assassinada no alpendre, nos terríveis momentos finais de uma vida. Fechou os olhos e estremeceu.

— Regressamos, senhor?

Sharpe percebeu a tristeza na voz de Angel de que sua missão fora inútil.

— Não.

— Não?

— Vamos ao convento.

Eles o viram antes do anoitecer: uma construção incrustada de forma incrível na borda de um planalto.

— Subiremos lá esta noite.

Abriu os olhos com assombro, girou sobre a sela e olhou fixamente atrás dele. Ninguém os havia seguido desde a pousada.

— Vamos ao convento? Mas se ela está morta!

— Chamam-na de Puta Dourada — disse Sharpe com violência. — Dourada por seu cabelo, Angel, não por seu dinheiro. Quem quer que fosse aquela garota, não era a marquesa.

Mas a desconhecida garota de cabelo negro cujo corpo pendia sangrento e magro no estábulo havia morrido porque Sharpe perguntou pela marquesa. Havia morrido para que Sharpe se fosse daquele vale tranquilamente, convencido de que a marquesa estava morta. Ele o sabia muito bem. Fez *Carabina* girar com um golpe de calcanhar e cavalgou para a montanha escura. Sentia um nó na garganta pela morte daquela desconhecida, e prometeu a seu espírito, lá onde estivesse, que a vingaria. Cavalgava com raiva. Subiu para o convento dos Céus e planejou um resgate e uma batalha.

Capítulo 11

Fazia tanto frio no planalto e era tanta a névoa que parecia inverno. Àquela altura a névoa era como uma nuvem baixa que ameaçava chuva. Somente as folhas empapadas das escassas e raquíticas bétulas testemunhavam que havia chegado o verão àquele lugar elevado, estranho e glacial.

Sharpe não havia dormido, planejando a luta iria enfrentar uma vez que o Açougueiro descobrisse que não passara por seus sentinelas nas duas pontes. Ao amanhecer explorou a borda do planalto, olhando entre a névoa para as ladeiras escarpadas da grande colina.

Sharpe levou Angel até o cume plano da grande colina. Havia deixado o garoto na vereda com ambos os fuzis e instruções prudentes e minuciosas. Angel estava preocupado.

— É um lugar santo, senhor.

— Confie em mim, apenas confie em mim.

Sharpe subira ao planalto com os dois cavalos e com o temor de que a façanha terrível e desesperada que planejava fosse em vão. Lutaria contra guerrilheiros, ofenderia a Igreja, e tudo por uma mulher que talvez não tivesse as respostas para salvar sua carreira e resolver o mistério de Hogan.

Angel lhe desejou boa sorte, mas se mostrara angustiado.

— Temos que lutar contra eles, senhor? — perguntou referindo-se aos guerrilheiros.

— Para derrotar a França, sim.

Era uma mentira, ou pelo menos Sharpe não sabia se era verdade. Contudo, Angel, que confiava no inglês, havia acreditado.

Agora, quando o amanhecer deixava ver a grama úmida em cima do planalto e as nuvens cinza salpicavam as árvores

pequenas, Sharpe avançava a galope para o convento. Estava sozinho no lugar elevado.

O convento dos Céus merecia tal nome. Ficava encravado no ponto mais alto da linha escarpada da colina; era um edifício colocado perigosamente na borda de um precipício. Fora construído na época em que os muçulmanos perseguiram os cristãos do norte, quando as orações destes tinham que ser oferecidas em lugares elevados que pudessem ser defendidos por espadas cristãs. Os muros do convento não tinham janelas. Eram cinzentos como as rochas, manchados pela chuva; uma fortaleza de mulheres. Só havia uma porta em seus muros como os de uma prisão.

Sharpe bateu e esperou. Voltou a bater, depois golpeou a porta com uma pedra, fazendo que saltassem faíscas dos pregos de ferro de cabeça quadrada que adornavam as grandes pranchas de madeira. Ouvia o som ressoando no interior do edifício, mas não obteve resposta.

Esperou. A névoa se elevava por cima do planalto. Os dois cavalos, atados a uma grande pedra, o observavam. As selas estavam manchadas com a umidade.

Deu um chute na porta amaldiçoando, depois encontrou uma pedra grande com a qual bateu contra a madeira, outra vez, até que o eco oco se converteu em o som de uma bateria de artilharia de campanha em pleno combate. Ouvia um estalido.

Em uma das duas folhas da porta havia um postigo pequeno, protegido com uma grade de ferro oxidado, e o postigo abriu. Viu que um olho o olhava. Sorriu e falou da forma mais educada que pôde.

— Vim para ver a marquesa de Casares o Grande e Melida Sadaba.

O olho pestanejou, o postigo se fechou e depois nada.

Esperou. Não se ouvia mais que silêncio no grande edifício. Não se corriam ferrolhos na porta, nem se escutavam pisadas, nem se ouviam vozes procedentes do outro lado. Por um instante se

perguntou se o olho fora um sonho, tão em silêncio permanecia a construção cinzenta. Parecia que estivesse dormindo ali durante mil anos, vazia, e aquela batida fosse uma ofensa à eternidade.

Achou uma pedra ainda maior ainda, que teve que levantar com ambas as mãos, e a levou até a porta, calculou o impulso e com ela golpeou no lugar onde se juntavam as duas folhas. A porta balançou uma e outra vez, viu que a folha da direita se afundava para trás um pouquinho a cada golpe. O ruído era cada vez maior, repercutindo do saguão interior, e se perguntou o que pensaria Patrick Harper se soubesse que seu amigo estava forçando um convento. Sharpe quase era capaz de ouvir a voz da Irlanda do norte: “Deus salve a Irlanda”.

A pedra balançou e bateu contra a porta, que deu uma sacudida; ele viu uma barra de ferro que estava curvada mas que ainda aguentava. Voltou a golpear, amaldiçoando o esforço, e apesar da manhã glacial sentia o suor em seu corpo. Dirigiu a pedra enorme com todas suas forças ao ponto débil e a porta, finalmente, se separou: a barra de ferro se rompeu e pôde ver o interior do convento.

Vários quilômetros para o oeste, na borda da grande planície, o exército avançava. Batalhão atrás de batalhão de casacas-vermelhas, bateria atrás de bateria de canhões, todos se dirigiam para o leste com a cavalaria na vanguarda em busca dos franceses que se retiravam.

O marquês de Wellington, Grande da Espanha com o título de Duque de Cidade Rodrigo e Duque da *Vitória* em Portugal, olhou as nuvens de chuva que havia ao norte e grunhiu.

— Vêm para o sul?

— Acho que não, senhor — disse um ajudante de campo.

O general ia a cavalo. Pusera o exército em movimento e o conduzia para o leste. Rezava para que a chuva não empapasse os caminhos e isso lhes retardasse. Não queria dar aos franceses

tempo para que reunissem seus exércitos na Espanha contra ele. Olhou para o homem que cavalgava a sua esquerda.

— Então?

O major Hogan escutava as novidades da noite, os mensagens vindos do território inimigo. As notícias eram boas, ao que parecia, mesmo que Hogan não pudesse dizer com certeza se a fortaleza de Burgos estava preparada para um sítio longo.

— Averigue-o! Averigue-o! — instou Wellington. — Isso é tudo? — perguntou, com um tom que sugeria que esperava que sim.

— Outra coisa, senhor. — Hogan respirou fundo. — Parece que a marquesa de Casares o Grande foi presa pelas autoridades eclesiásticas. Ouvimos dizer que está em um convento.

Wellington ficou olhando para Hogan, como se perguntasse por que se incomodara em lhe dar uma informação tão trivial. Seus cavalos avançavam lentamente. O general franziu o cenho.

— Sharpe? — Soltou um sopro que era meio riso e meio zombaria. — Isso deve tê-lo detido, hem? A vadia se esconde!

— Verdade, senhor.

O general voltou a olhar para as nuvens e a franzir o cenho.

— Não será tão bobo a ponto de forçar um convento, não, Hogan?

Hogan era da opinião de que, pelo bem de uma mulher, Sharpe faria tal coisa, mas aquele não parecia o momento para dizê-lo.

— Estou seguro de que não, senhor. Isso não era o que me preocupava.

— O que é que lhe preocupa? — perguntou Wellington com um tom que sugeria que era bom que fosse algo importante para tomar seu tempo.

— Era para a prisão ser um segredo, senhor, mas inevitavelmente os rumores se espalharam. Parece que um destacamento da cavalaria francesa foi ao norte em sua busca.

Wellington começou a rir.

— Deixemos que forcem o convento.

— De fato, senhor.

— Melhor que estejam lá que nos enfrentar, hem? Portanto Bonaparte declarou guerra às freiras, não?

— Minha preocupação, senhor, era por Sharpe. Se o general Verigny puser suas mãos nele... — Hogan deu de ombros.

— Meu Deus, espero que não seja assim! — Wellington falou em voz tão alta que surpreendeu a alguns dos soldados. — Sharpe é sensato e não se deixará pegar, né? Por outro lado, tendo em conta o tonto que é, talvez não. De toda maneira, não podemos fazer nada a respeito, Hogan.

— Não, senhor.

O general cumprimentou com a cabeça ao coronel do batalhão que passava e lançou um elogio para seus homens; depois voltou a olhar para Hogan.

— Sharpe faria bem em não forçar a entrada desse maldito convento, Hogan. Preferiria que os franchinotes o pegassem!

— Parece que estará perdido em ambos os casos, senhor.

Wellington franziu o cenho.

— Está perdido em qualquer caso, homem. Você sabe e eu também. Somente lhe oferecemos uma esperança.

O tema Sharpe parecia irritar a Wellington. O general já não acreditava que a morte do marquês ocultasse um mistério que ameaçasse o avanço no interior da Espanha. A campanha que se vislumbrava havia diminuído tal preocupação e a convertera em algo insignificante. Meneou a cabeça dirigindo-se ao irlandês.

— Mantenha-me informado, Hogan, mantenha-me informado.

— Certamente, senhor.

Hogan deixou que seu cavalo se atrasasse. A marquesa estava presa em um convento e seu amigo, por isso, estava condenado.

Um regimento da cavalaria francesa fora à caça para as montanhas e Sharpe só tinha um garoto para protegê-lo. Sharpe estava perdido.

O exterior do Convento dos Céus era cinzento e austero. O interior era rico e brilhante. As lajotas do saguão formavam quadrados, as paredes exibiam mosaicos dourados e o teto era pintado. Havia quadros nas paredes. À frente dele, no saguão cavernoso, havia uma única mulher vestida com hábito branco.

— Vá embora.

Era algo inútil dizer isso a um homem que levava vinte minutos derrubando uma porta. Sharpe passou por cima da pedra que havia caído na porta de entrada e sorriu para a mulher.

— Bom dia, senhora. — Sacudiu a casaca e com cortesia tirou o chapéu. — Desejaria falar com a marquesa de Casardes...

— Ela não está aqui.

A mulher era alta, com o rosto enrugado pela idade. Sua dignidade era esplêndida e Sharpe se sentiu esfarrapado. Deu um passo para frente e suas botas se ouviram ressoar no saguão cavernoso.

— Poderia me ver obrigado a trazer meus homens e revistar todo o convento.

Isso é o que lhe ocorreu que tinha que dizer. A mulher estava assustada e com razão, pois um homem havia invadido aquela construção e se supunha que nenhum podia entrar nela, salvo um sacerdote. Certamente temia a toda uma companhia de soldados.

A mulher o olhou e franziu o cenho.

— Quem é o senhor?

A verdade não funcionaria. Quando se difundisse a história de que um inglês havia entrado à força em um convento teria que pagar. Sharpe sorriu.

— Major Vaughn.

— Inglês?

Pensou em quantas vezes Wellington tinha insistido em suas ordens de que a Igreja romana da Espanha tinha de ser respeitada pelos britânicos. Nada, acreditava o general, era mais prejudicial para a aliança que os insultos à religião espanhola. Sharpe sorriu.

— Não senhora. Americano.

Esperou que o coronel Leroy lhe perdoasse a mentira e se alegrou de não usar uma casaca vermelha que sempre se acreditava ser o único uniforme britânico.

A mulher franziu o cenho.

— Americano?

— Fiz uma longa viagem para ver a marquesa.

— Por que quer ver a essa mulher?

— Assuntos de política — disse, desejando que seu espanhol estivesse correto.

A dama sacudiu a cabeça.

— Ela não verá a ninguém.

— Ela verá a mim.

— É uma pecadora.

— Todos nós somos.

Sharpe se perguntou por que diabos estava conversando de teologia com uma madre superiora. Supunha que era a madre superiora.

— Está fazendo penitência.

— Eu só desejo falar com ela.

— A Igreja ordenou que ninguém a veja.

— Eu vim da América do Norte para vê-la.

Aquela mentira lhe agradou. Mesmo naquele convento remoto tinha que ter chegado a notícia de que os americanos tinham entrado na guerra que ardia por todo mundo.

— Meu presidente exige que eu a veja. Enviará muitas moedas para Roma se puder vê-la. — Por que diabos não? Pensou. Os americanos haviam declarado guerra aos britânicos, portanto por que não ia o Papa declarar guerra aos americanos? Adornou a mentira. — Muitas, muitas moedas de ouro.

— Vê-la vai contra a lei de Deus.

— Deus me perdoará.

— O senhor é um pecador.

Sharpe franziu o cenho.

— Sou americano!

A madre superiora se virou e falou com sua voz magnífica.

— Não pode vê-la. Vá embora.

A dama se aproximara de uma porta e Sharpe temia ter que romper outra barreira naquele lugar, pois necessitava de todo o tempo que pudesse arranjar para sua batalha contra o Açougueiro.

Adiantou-se correndo; suas botas soaram com força sobre as lajotas e o ruído fez que a mulher se virasse. Pela primeira vez mostrou medo. Por um momento pareceu que ia tentar detê-lo, pois levantou as mãos delgadas de debaixo da tira de tecido branco que pendia de seu pescoço, mas quando ele se aproximou ela se pôs de lado e pegou um sino de bronze de uma mesa de carvalho escuro. Sharpe pensou que a dama ia golpeá-lo com o sino, mas começou a tocá-lo.

A dama fugiu dele pela porta, com o sino soando como aviso para que as freiras se escondessem.

Ele a seguiu. Foi como se um gato selvagem entrasse em um galinheiro. Sharpe se encontrava no piso superior de um claustro duplo e o som do sino fazia que as mulheres vestidas de branco iniciassem uma fuga desesperada pelas escadas e portas. Apesar

de sua dispersão cheia de confusão e de pânico, todas seguiam silenciosas; só se ouvia o som do sino que indicava a Sharpe que não tinha ficado surdo como castigo por seu terrível pecado. A sua era a única voz naquele lugar.

— Helene!

Havia uma dúzia de portas para escolher. Em alguns dos vãos do edifício seguia soando o sino. Ele decidiu segui-lo.

— Helene! Helene!

Encontrou-se em um corredor comprido do qual pendiam quadros enormes e sombrios que mostravam mártires sofrendo o tipo de destino contra o qual o sino prevenia às freiras. O corredor cheirava de forma repugnante a sabão.

Ele ia abrindo as portas de um empurrão. Na capela havia um tropel de freiras de costas para ele, com os hábitos tremendo enquanto passavam contas com as mãos. As velas vacilavam.

— Helene?

Não houve resposta. O sino seguia tocando. Desceu correndo uma escadaria e ouviu o som suave de pés que deslizavam fugindo sobre as lousas. Perguntava-se quem teria reparado os antigos edifícios. Haviam sido as freiras que engessaram as paredes e elevaram as novas vigas? Talvez se permitisse a entrada dos homens para realizar trabalhos pesados, assim como o sacerdote as visitava sem dúvida para administrar os sacramentos.

— Helene!

Ia abrindo as portas das celas vazias de um empurrão, perdendo-se no labirinto de corredores pequenos e alcovas mofadas. Empurrou uma porta e se achou, pasmado, em uma sala de banho. Uma mulher, vestida de branco, estava sentada em uma tina com água. A mulher ficou olhando-o, abriu a boca e ele fechou a porta rapidamente antes que seu grito o ensurdescesse.

Entrou por outra porta e se viu no jardim amuralhado da cozinha. As nuvens no céu eram cinzentas. Tinha começado a

chover, empapando alguns frangos magros que se reuniam tristemente em um extremo do jardim.

— Helene!

De volta ao interior achou o refeitório, com as mesas longas dispostas com pratos de metal fosco. A Virgem Maria, em um quadro largo, elevava os olhos para o teto coberto de vigas.

— Helene! Helene!

E desta vez obteve um grito de resposta, a primeira voz humana que Sharpe ouvia desde que a madre superiora pegou o sino de bronze. Sharpe atravessou o grande aposento e abriu de um empurrão uma porta junto à lareira fria e vazia.

Uma carcaça de frango lhe passou a uns centímetros da cabeça. Só estava meio depenado e as penas pousaram sobre o ombro de sua casaca de fuzileiro. Encontrava-se em uma cozinha enorme; o teto de pedra abobadado estava enegrecido por séculos de fumaça e em sua frente havia uma dúzia de freiras que não mostravam nada daquele medo puritano que enchia o restante do convento. O frango meio depenado fora lançado por uma mulher com uma grande cara de presunto, com antebraços como cabos de pinguelas, e que agora agarrava um segundo frango e se dispunha a lançá-lo. Sharpe se inclinou. A carcaça bateu contra a parede atrás dele.

— Helene!

Ele a viu e, mesmo ali, prisioneira e cinzenta, sua beleza o deteve. Ela o fez ficar sem respiração e com o coração acelerado cheio de desejo. A marquesa viúva de Casares o Grande e Melida Sadaba o olhava. Estava enfeitada com um vestido reto cinzento, o cabelo arrumado e atado com um pedaço de trapo cinza, seu rosto sem cosmético algum. A freira que a agarrava lhe tampava a boca, mas Helene deve ter cravado os dentes na palma da mão, pois esta se separou bruscamente e ela lutou para se libertar da outra mão.

— Richard!

Seus olhos estavam abertos do assombro, como se Sharpe fosse um fantasma.

Lançaram-lhe uma grande bola de massa macia, inclinou-se outra vez e avançou. A freira que havia iniciado o bombardeio de artilharia pegou um rolo tão grande como o eixo de um canhão. Sharpe a ignorou. Ele olhava para a freira que agarrava a marquesa.

— Solte-a.

O rolo deu uma palmada contra uma mão enorme. A mulher, pensou Sharpe, era tão grande que podia ser a gêmea de Harper. Era uma sorte que tivesse escolhido a Igreja, de outra forma teria convertido a vida em um inferno de algum pobre homem. Avançou para ele, sem mostrar medo, com o rolo preparado para golpear.

E como lutar contra uma freira? Não podia desembainhar a espada e não se atrevia a golpeá-la com os punhos, mas um golpe de rolo lhe destroçaria o crânio. A marquesa seguia forcejando. Pareceu entender a gravidade de sua situação.

— Tire suas calças! — gritou para ele.

Aquela sugestão fez que a mulher se detivesse e Sharpe se valeu dessa pausa para ir para a direita e pegar um frango pelo pescoço. Fez girar ao animal morto, lançou-o e os miúdos meio retirados atravessaram o aposento e atingiram a mulher na cara. Ela soltou um grunhido, levantou o rolo e Sharpe ouviu os gritos das outras freiras. Olhou aquela arma grande, se inclinou, deu um passo de lado e correu para a marquesa imobilizada. A freira se assustou quando o viu aproximar-se e soltou Helene, e esta correu desesperadamente para junto de Sharpe.

— Por aqui!

O rolo não acertou Sharpe por alguns centímetros; roçou em sua manga quando a freira o bateu contra a mesa produzindo um som que teria sacudido aos mortos em sua tumba.

— Venha!

Levava a marquesa agarrada pela mão, corria, e então o rolo lhe passou perto da cabeça e foi dar contra a porta da cozinha.

Eles correram. Outro frango lhe golpeou nas costas, algo metálico ressoou nas lajotas atrás dele, mas Sharpe já se encontrava no refeitório; levava Helene agarrada pela mão e se apressavam para o outro extremo. Ele ia rindo, ela ia rindo e em algum lugar do convento o sino seguia soando.

Pensou que poderia ser uma retirada difícil. Havia penetrado muito em território inimigo, havia agarrado seu prêmio e agora tinha que chegar à porta dianteira. Mas parecia que ninguém os impediria a retirada e a corpulenta freira da cozinha não estava preparada para uma perseguição. Sharpe olhou para a mulher que tinha ao lado; seus olhos brilhavam de excitação.

— Queriam que a resgatassem?

— Não seja bobo — respondeu ela rindo e o conduziu por um corredor longo. — Deus, Richard! Disseram-me que estava morto!

Ele começou a rir e sentiu a mão quente na sua.

— Como soube que eu estava aqui?

— Um anjo me disse.

Ela o conduziu degraus acima. O sino havia parado de soar.

— Devo estar horrível.

— Está linda.

— As bruxas tiraram minha roupa! Deus! Teria que ver os lavabos daqui! Tem que se prender a respiração para urinar. Estou há uma semana com prisão de ventre! Não se pode banhar, nem lavar! Não lavei o cabelo desde que cheguei aqui. Não me surpreende que não se casem, nenhum homem as agüentaria. Oh, Deus!

Esta última exclamação era para cumprimentar a madre superiora, que esperava em frente do saguão. Estava sozinha e franzia o cenho.

— Não pode partir.

A marquesa a ignorou.

— Richard, abra aquela porta — disse indicando uma porta de carvalho maciço na lateral do saguão.

— Abri-la?

— Pelo amor de Deus, faça-o!

Estava fechada com chave. A madre superiora protestou, mas Helene insistiu; Sharpe lhe deu um chute e a porta tremeu, depois voltou a golpeá-la e se abriu. Helene passou na frente de um empurrão.

— Tiraram minhas jóias, minha roupa, tudo! Têm mil moedas em jóias minhas aqui!

Sharpe escutava enquanto ela futucava em algumas gavetas e abria armários. Ele ouvia o rangido de tecidos, o tilintido de moedas e sorriu tristemente para a madre superiora que estava franzindo o cenho e era incapaz de deter aquela profanação. Sharpe deu de ombros.

— Meu presidente a indenizará! Só tem que escrever-lhe.

A marquesa, contente, ia soltando palavrões no aposento; logo regressou ao saguão com um volume. Sorriu para a madre superiora.

— Vou voltar a cometer adultério. Muitos.

Começou a rir, estendeu a mão para Sharpe e ele se foi com ela pela porta principal quebrada. A marquesa passou por cima da pedra que seguia bloqueando a entrada.

— Deus! Está chovendo! Vai estragar meu cabelo!

— Disse que tinha que lavá-lo.

Sharpe se lembrou de recolher o chapéu da mesa do saguão. Ela começou a rir.

— Aqueles são nossos cavalos?

— São.

— Faz anos que não cavalgo. — Foi caminhando para fora e jogou a cara para trás como se quisesse que a chuva lhe tirasse o

cheiro do convento. Começou a rir de puro deleite. — Aonde vamos?

— Não sei.

— Então vamos lá!

Ela ficou com *Carabina*, escolheu o melhor cavalo sem se equivocar. Montou-o, deu a trouxa a Sharpe e esperou que ele montasse no cavalo de Angel. Então fez *Carabina* girar para a grama do planalto encharcada de chuva, jogou os calcanhares para trás e fez o cavalo grande e negro avançar a galope.

Sharpe a alcançou. A marquesa tinha a cara brilhante pela chuva e pela repentina alegria da liberdade. Este não era momento, pensou Sharpe, de falar do Açougueiro. Ela o olhou, começou a rir e pôs a mão atrás do pescoço. Desatou o pedaço de trapo cinzento, tirou-o e deixou solto o cabelo dourado. Estava livre, era bonita e Richard Sharpe a seguiu para um futuro incerto.

Capítulo 12

Sharpe fez a marquesa parar no alto da vereda. Ela estava com frio. A chuva havia ensopado seu traje de lã que estava colado ao corpo. Sharpe tirou a capa que levava presa com correias atrás da sela da marquesa e lhe jogou por cima dos ombros, depois pegou sua luneta e esquadrinhou a colina com ela.

Via a curva muito fechada no caminho onde Angel se escondera. Via mais ainda. Havia dois galhos de pinheiro junto ao caminho. Estavam colocados paralelos à vereda e indicavam que entre seis e nove homens subiram para o lugar em que Angel se escondia. Se estivessem colocados formando ângulo reto a mensagem seria que os homens estavam esperando para uma emboscada caminho acima, mas Angel vira que chegavam ao cume da colina.

Sharpe fechou a luneta. Virou-se na sela e olhou para trás. Já não se via o convento. O lado norte do planalto era um terreno acidentado, as árvores eram pequenas e tinham sido açoitadas pela chuva. Em algum lugar daquele terreno molhado de rochas, de capim e arbustos estava escondido o inimigo. Sharpe sorriu para Helene. Tinha o cabelo esmagado pela chuva.

— Temos companhia.

— O que quer dizer?

— Inimigos.

Ela utilizou uma palavra que Sharpe não teria acreditado que uma dama pudesse conhecer, muito menos uma como a marquesa, que falava perfeitamente o inglês, assim como outra meia dúzia de línguas.

— E o que podemos fazer?

— Descer.

O Açougueiro estava fazendo o que Sharpe teria feito: pretendia pegá-lo no caminho escarpado e tortuoso. Haveria alguns homens

cortando o caminho ao pé da colina e quando Sharpe se confiasse, os homens que estavam no cume o seguiriam caminho abaixo.

A marquesa o olhou com ar de censura.

— Temos problemas?

— Se quiser, posso devolvê-la ao convento.

— Deus, não! Quem são esses sacanas?

— Guerrilheiros.

A marquesa sacudiu a rédeas e se adiantou.

— Sabe o que me farão?

— Sei o que gostariam de te fazer.

Sharpe a seguiu. O caminho descia abruptamente e ziguezagueando. Tinha marcas de rodas, o que fazia pensar que algumas carretas o haviam utilizado, mas devia de ter sido um pesadelo levar uma carroça ou uma carruagem caminho acima com a ladeira abrupta e sempre ameaçadora de um lado. A marquesa franziu o cenho.

— Sabe o que está fazendo?

— Passei toda a noite passada planejando isto.

— Estou com frio — disse a marquesa tremendo.

Era difícil para Sharpe deixar de olhá-la. Seu cabelo, pálido como o ouro mais pálido, era normalmente brilhante e com volume, mas debaixo do açoite da chuva estava esmagado como um capacete sobre a cabeça. De certa forma dava a seus traços mais força e os ressaltava. Tinha uma boca larga e generosa, olhos grandes e pômulos altos. Sua pele era branca como o papel. Ela notou que a olhava.

— Tinha se esquecido de mim?

— Não. Pensava que você podia ter se esquecido de mim.

— Esperava-se que fosse assim — disse ela e começou a rir.

Sharpe se virou e olhou para detrás. O caminho estava vazio.

- O que estava fazendo aqui?
- Buscando a Deus. O que acha que eu fazia lá?
- A Igreja lhe raptou?
- Sim.
- Por quê?
- Querem meu dinheiro, malditos sejam.
- Por que escreveu aquela carta para seu marido?

A marquesa dirigiu seus olhos grandes e inocentes para ele.

- Não seja chato, Richard.

Ele começou a rir. Tinha atravessado meia Espanha a cavalo por esta mulher, derrubara as portas de um convento e agora corria o perigo de morrer estripado nas mãos do Açougueiro; tudo para que lhe dissesse que não fosse chato. Ela sorriu ao ouvir o riso de Sharpe.

- Foi por isso que veio?
- Em parte.
- Qual é a outra parte?
- Para te ver — disse ele com torpeza e timidez.

Ela lhe respondeu com um sorriso.

- Que amável de sua parte, Richard. Gostou de Luis?

Ele supôs que Luis era seu marido.

- Não.
- E por que me disseram que lhe haviam enforcado?

Ele deu de ombros, parecia complicado de explicar. Virou-se de novo e viu movimento entre as cortinas de água.

A marquesa deve ter pressentido algo porque também se virou.

- São eles?
- Sim.

— Não deveríamos galopar?

— Devem ter cortado o caminho abaixo.

— Santo Deus! — exclamou ela olhando-o fixamente — Está seguro de que sabe o que faz?

— Sim.

Tinha atrás pelo menos seis homens. Dois iam morrer; poderia ter a certeza de um terceiro, com o que restariam pelo menos três para abordar.

— Terá que se mover depressa dentro de alguns minutos — disse com tom seguro.

A marquesa deu de ombros. Ele percebia que ela tinha frio.

— E tem um dia longo e frio pela frente.

— Suponho que é melhor que a eternidade com aqueles lavabos. Queriam que eu os limpasse! Pode imaginar? Já era bastante ruim servir de criada na cozinha! Quanto mais limpar aquilo!

Sharpe se pôs ao trote. Os homens que tinha a suas costas estavam a uns duzentos metros. Não se apressavam; estavam seguros de que estavam conduzindo Sharpe pelo caminho tortuoso para baixo, para a emboscada que o esperava. Sharpe pegou uma curva e diante dele, a uns cem passos caminho abaixo, estava o lugar aonde Angel se escondia.

— Vê aquela rocha sobressaindo?

— Sim.

— Quando eu disser, desmonte e vá para lá. Encontrará um garoto; esconda-se atrás dele e fique quieta.

— Sim, senhor — respondeu ela afastando o cabelo da frente.

Sharpe havia caminhado para cima e para baixo por aquela parte do caminho durante a noite, inclusive havia esperado a primeira luz do amanhecer para ver o monte de rochas sob a perspectiva do inimigo. Agora, olhando para frente, não via sinal

algun de Angel, mas isso era bom. Olhou para suas costas. Os inimigos não estavam à vista, ocultos pela curva do caminho e pelos zimbros que sobressaiam. Fez os cavalos se apressarem.

— Sabe o que deve fazer?

— Acabou de me dizer, pelo amor de Deus. Não sou tão tonta.

De madrugada, o que ele planejava parecia temerário. Agora, debaixo da chuva fria, sentia uma esperança desesperada, mas tinha que tentar. Perguntou-se se tinha que dar instruções para o caso de fracassar, mas decidiu que não. Se ele fracassasse, ela seria capturada, por mais que atravessasse a ladeira da colina furiosa. Agora só o que podia fazer era lhe dar confiança. Chegou à curva do caminho, inclinou-se para pegar as rédeas de Helene e lhe disse para desmontar.

Observou como ela corria torpemente sob a saliência e lhe apressou para que se metesse entre as rochas. Dali parecia uma caverna, ainda que não fosse mais que um monte pedras grandes caídas que davam para a curva fechada do caminho. A marquesa desapareceu.

Sharpe levou os cavalos caminho para baixo, depressa durante vinte metros até um diminuto espaço de terreno plano onde ficariam meio ocultos. Atou as rédeas a uma raiz de zimbro, fazendo um nó duplo para que com o repentino susto dos disparos não pudessem se soltar. Então escalou as rochas.

Fizera isto durante a noite; podia voltar a fazer agora, mas as rochas estavam escorregadias pela água e muito frias. Arrastou-se para cima, suas botas escorregaram uma vez e bateu a coxa contra a pedra; logo se encontrou em cima da saliência e entre folhas escorregadias e asquerosas debaixo dos arbustos.

Sharpe deslizou colina acima, quase ao nível do caminho de cima. Escutou ao inimigo. Queria que passassem pelos pedregulhos, pela saliência escura, e pegassem a curva antes de perceberem que tinham caído em uma emboscada.

Não ouvia nada salvo o assobio e o chapinhar da chuva. Desembainhou a espada e se estendeu de boca para baixo, sob os arbustos. Um casco repercutiu sobre a pedra, outro, e então ouviu aos guerrilheiros que riam. A chuva açoitava e ele agradeceu que fosse assim. A água inutilizaria seus mosquetes, enquanto que Angel, entocado na escura saliência da rocha, estava armado com dois fuzis carregados e secos.

Sharpe se perguntava se o garoto dispararia em seus compatriotas. Ele saberia dentro de um momento e descobriria se Angel confiava realmente nele. Os sons se aproximavam, se aproximavam do caminho justo acima de Sharpe, e ele ouviu um dos homens dizer que não via ao inglês.

— Estão por ali — disse outro homem.

Mas Sharpe ouviu que os cavalos se punham ao trote ao tomar a curva. Levantou-se lentamente. Agora os via: sete homens com pesadas capas empapadas de chuva. Levavam mosquetes, mas não via se haviam envolvido os mecanismos com trapos para que não entrasse umidade. Não via ao Açougueiro entre os componentes do reduzido bando.

O homem que ia à cabeça passava por baixo dele. Sharpe esperou. Angel deveria disparar agora, pensou, antes que vissem os cavalos atados. A chuva jorrava das folhas e escorria por suas orelhas. Os homens passavam por onde ele estava e seguia sem ouvir nenhum disparo de fuzil. Notava a empunhadura da espada escorregadia em sua mão.

Um homem maldisse a chuva, outro supôs que o inglês, sabendo que ia morrer, tinha parado para desfrutar da puta. Passaram a rir e o primeiro fuzil disparou.

As botas de Sharpe escorregaram. Disse a si mesmo que não tinha que se apressar, voltou a tentar e se encontrou na ladeira escarpada, com as botas à altura das cabeças de seus inimigos, e saltou. Um homem caiu com uma bala nas costas, enquanto os outros dois se viravam com as bocas abertas e pegavam as armas. Sharpe ia descendo, gritando, e com a espada preparada caiu sobre

o homem da retaguarda; este somente pôde levantar uma mão e gritar quando a lâmina o rachou até o osso.

Sharpe aterrizou pesadamente, caiu e atingiu com o açoite de sua espada o homem que tinha ferido. O cavalo do homem empinou: tinha a espada no peito; o guerrilheiro caiu e Sharpe pegou as rédeas e puxou do cavalo para si. Atingiu outro homem com a espada, bateu em seu cavalo nas ancas, assustou-o e desceu colina abaixo. Sharpe gritava como um diabo, tentava levar os homens caminho abaixo com a tremenda ferocidade de sua voz. O homem que ia à frente se virara, desembainhara uma espada e gritava para seus companheiros que saíssem da frente. Sua boca ficou aberta quando Angel lhe meteu a segunda bala. Retrocedeu, a chuva se tornou vermelha de repente; o golpe da segunda bala deteve o homem e deu a Sharpe tempo suficiente para meter o pé no estribo e subir para a sela. Fez o cavalo girar e brandiu sua espada contra os guerrilheiros restantes. Supôs que deveria se envergonhar de seu estado de ânimo, da selvagem e feliz alegria do combate, pois percebera, desde o momento em que montou no cavalo, de que sua emboscada fora um êxito.

Uma pederneira estalou inutilmente sobre o aço: a pólvora do mosquete se convertera em uma pasta cinzenta com a chuva. Sharpe tinha em sua frente quatro homens e avançou com seu cavalo para eles, com a espada levantada, gritando. Baixou a lâmina cinzenta contra um sabre elevado, arremeteu contra as costelas do homem e retorceu a espada para tirá-la. A culatra de um mosquete golpeou seu braço esquerdo; puxou as rédeas com os dedos insensíveis, endireitou-se na sela e gritou um desafio enquanto a espada avançava, descia e cortava a cara do homem. Um terceiro disparo de fuzil soou, proveniente das rochas úmidas.

“Deus abençoe ao garoto”, pensou Sharpe. Angel havia recarregado com tanta rapidez como um fuzileiro e outro homem tinha caído, seu cavalo assustado o arrastava pelos estribos. Sharpe parou o golpe de um mosquete, cortou madeira da culatra, arremeteu contra a garganta do inimigo, girou a lâmina enquanto penetrava a fundo e notou o sangue quente em suas mãos ao

apapar pela direita; baixou a espada bruscamente e viu que o inimigo partia colina abaixo. Fugiam!

Incitou seu cavalo atrás.

— Vai! Vai! Vai!

Eles o ouviam vir, estavam assustados. Um homem puxou as rédeas, seu cavalo resvalou, gritou e Sharpe se desviou para passar e arremeteu com a espada contra a coluna do último homem que não estava ferido. O homem gritou, arqueou as costas e Sharpe deixou que a espada penetrasse.

Puxou as rédeas. Seu ataque fora tão repentino e tão selvagem, tal como tinha de ser um ataque, que do inimigo só restavam mortos. Sharpe se inclinou para a esquerda, agarrou as rédeas de outro cavalo e regressou colina acima. Agora tinha que se apressar.

— Angel!

— Senhor?

Sharpe galopava com os cavalos colina acima.

— Você é uma maravilha! Uma autêntica maravilha!

O garoto mostrou um amplo sorriso ao sair arrastando-se de entre as rochas. Sharpe começou a rir.

— É tão bom como um fuzileiro!

— Melhor!

— És melhor!

Os dois riram.

— Pegue os cavalos!

Angel lançou para Sharpe seu fuzil que ele pendurou ao ombro.

— Helene!

A marquesa saiu lentamente da fenda entre as rochas. Ficou olhando para os homens que jaziam desabados no caminho; seu sangue já havia se diluído com a chuva e descia pelas pedras da vereda. Levantou a vista para Sharpe. Sorria.

— Nunca o tinha visto lutar!

— Verá mais se não se apressar.

— É fantástico!

— Helene! Pelo amor de Deus! Apresse-se! O que está fazendo?

A marquesa passava junto dele correndo.

— Quero uma dessas capas! Tenho um frio de mil diabos!

A mulher agarrou a capa de pele de um dos mortos e se queixou do peso do cadáver. Sharpe se inclinou de sua sela para ajudá-la. Começou a rir quando ela a colocou sobre os ombros, porque era muito estranho ver aquela beleza tão delicada envolvida em uma pele tão grande e dura.

O Açougueiro não estava entre aqueles sete homens, portanto provavelmente o líder dos guerrilheiros estava ao pé da montanha. Devia de ter ouvido os disparos, mas passariam vários minutos, talvez meia hora, antes que soubesse o que havia sucedido. Então se daria conta do que Sharpe estava fazendo e suporia que seu inimigo fugia dele. Sharpe fez Helene subir à sela de *Carabina*, pois sabia que cada minuto era precioso.

Agora Sharpe tinha quatro cavalos e os conduziu para longe dos mortos, para o planalto acima.

— Aonde vamos, Richard?

— Para baixo, pelo outro lado. Há um pequeno caminho, uma vereda de cabras.

Ele já havia bordejado o planalto antes de ir ao convento, pois estava seguro de que tinha que ter outro caminho e tinha medo de não encontrá-lo.

— E depois, o quê?

— Cavalgaremos para o mais longe possível! Conseguiremos meio dia de vantagem para esses sacanas, mas nos perseguirão!

Sharpe não disse a Helene que ninguém se movia com maior rapidez que os guerrilheiros. Sua perseguição seria implacável, sua

vingança terrível, a menos que se apressassem.

Helene observou como Sharpe limpava o sangue da espada com o suadouro do cavalo que havia capturado.

— Obrigado, Richard!

— Agradeça a Angel! Ele acertou três.

Angel se ruborizou. Estava olhando fixamente para a marquesa com a lealdade de um cachorrinho. Sharpe começou a rir, depois os conduziu montanha acima e ao sul para os vales distantes.

Tinha uma extraordinária sensação de vitalidade. Ele havia conseguido! Havia atravessado a Espanha e tirado aquela mulher do Convento dos Céus, tinha lutado contra seus inimigos e a conduziria a um lugar a salvo. Encontraria suas respostas, voltaria a encaminhar sua vida para onde devia, mas primeiro, antes de qualquer outra coisa, porque naquele momento parecia o mais importante de tudo, averiguaria se ela havia mudado. Sharpe a olhou; pensou que sua beleza ofuscava a daquela terra e que quando ela sorria era como se retivesse toda a felicidade dele em sua mão. Pela primeira vez em meses, graças a essa mulher, estava contente.

Capítulo 13

A marquesa gemia, com os olhos fechados. Virou a cabeça sobre o travesseiro; tinha os lábios entreabertos e Sharpe via a brancura de seus dentes. A fumaça da fogueira penetrava no quarto. A chuva repicava sobre a diminuta janela através da qual, escurecida pela sujeira das manchas de chuva, Sharpe via uma vela que ardia em uma cabana do outro lado da rua.

— Oh, Deus; oh, Deus; oh, Deus. — A marquesa fez uma pausa e virou de novo a cabeça entre sua cabeleira de ouro sobre o travesseiro. — Oh, Deus!

Sharpe começou a rir. Serviu-lhe vinho e pôs junto da cama. Uma mecha de sebo, presa em um suporte de ferro, fumegava sobre a débil chama.

— Aí seu vinho.

— Oh, Deus.

Cavalgaram até serem obrigados a abandonar um cavalo, até que inclusive os dois bons cavalos britânicos ofegavam de cansaço e até que as coxas da marquesa, não acostumadas à sela, estavam em carne viva pelo atrito. Ela abriu os olhos lentamente.

— Você não está dolorido?

— Um pouco.

— Não quero voltar a ver um maldito cavalo. Oh, Jesus! — Coçou sua cintura. — Maldito lugar. Maldita Espanha. Maldito tempo. O que é isso?

Sharpe havia colocado um pote metálico sobre mesa a toska.

— Gordura.

— Por que, Santo Deus?

— Para as feridas. Ponha-a.

Ela enrugou o nariz, depois voltou a se coçar. Estava estendida sobre a cama, muito cansada para se mover, cansada demais para perceber que Sharpe havia mandado acender o fogo, preparar a comida e que trouxessem vinho.

Haviam chegado àquela vila, um lugar diminuto encravado nas montanhas, onde havia uma igreja, um mercado, uma pousada e um alcaide que ficou impressionado com a presença de um oficial britânico. Sharpe, temeroso do Açougueiro, teria preferido seguir cavalgando, encontrar um lugar terra adentro onde ocultar-se para passar a noite, mas sabia que a marquesa já não podia mais. Ele se arriscaria ficando na pousada da vila e esperava que o Açougueiro, se chegasse tão longe, fosse impedido pelo povo da vila de levar a marquesa. Aquele não era o momento, pensava Sharpe, de lhe dizer que planejava reiniciar a viagem pela manhã cedo.

A marquesa se ergueu apoiando-se sobre os cotovelos e franziu o cenho enquanto olhava o quarto.

— Acredito que nunca, nunca, estive em um lugar tão horrível.

— Para mim parece bastante confortável.

— Você nunca teve gostos refinados de verdade, Richard. Salvo para as mulheres. — Ela se jogou para trás. — Imagino que desejar um banho aqui é uma frivolidade, não é verdade?

— Já vem.

— É? — disse maravilhada olhando-o. — Deus, é maravilhoso. — Voltou a franzir o cenho enquanto se coçava. — Esse maldito vestido! Odeio lã!

Sharpe tinha pendurado o vestido que ela resgatara do convento junto ao fogo. Suas jóias estavam sobre a mesa. Ela olhou o vestido.

— Não é muito apropriado para uma fuga selvagem, né? — Começou a rir e observou Sharpe, que tirava a casaca molhada. — Essa é a camisa que lhe dei?

— É.

— Não há lavanderia no exército britânico?

— Não podia vir comigo.

— Pobre Richard. — Provou o vinho e fez uma careta. — Um dia, Richard, terei uma casa no Loira. Terei uma ilha no rio e jovens me conduzirão remando até minha ilha, onde tomaremos patê de calhandra e mel e beberemos vinho frio, frio nos dias quentes.

Ele sorriu.

— Por isso quer suas carroças?

— Por isso quero minhas carroças.

— E por isso a Igreja lhe prendeu?

Ela consentiu com a cabeça. Voltou a fechar os olhos.

— Eles a arranjam tudo. Luis não tinha ninguém a quem deixar seu dinheiro salvo a mim e eles encontraram o maldito testamento e a cláusula que dizia que ficariam com tudo se eu me tornasse freira. Simples assim. — Sorriu tristemente. — É bastante inteligente.

— E por que escreveu aquela carta?

Ela fez um gesto violento com a mão.

— Oh, Richard. — Ela o olhou e suspirou com impaciência. — Tinham que fazer Luis morrer, não? Disseram-me que o queriam castigar, não sei por que. Eu não sabia o que estava sucedendo e não pensei que causaria sua morte. Não era útil para ninguém. — Olhou-o sorrindo. — Nunca imaginei que lhe traria tantos problemas, querido. De verdade! Escreverei uma carta para Arthur, dizendo que é inocente. Quantos problemas lhe causei! — voltou a franzir o cenho enquanto coçava o vestido cinza.

— Helene.

Ela o olhou, surpreendida com a seriedade de seu tom de voz. Desejou que não fosse pôr em dúvida suas mentiras, estava cansada demais.

— Richard?

— Não é a lã.

— O que não é a lã?

— O que está lhe pinicando.

— De que diabos está falando?

Indicou a capa de pele que ela havia tirado, a que tinha apanhado do guerrilheiro morto.

— Tem hóspedes.

Ela o olhou com desconfiança.

— Hóspedes?

— Pulgas.

— Meu Deus! — A marquesa se sentou com repentina energia e levantou o vestido até acima dos joelhos. Franziu o cenho ao ver a pele despida. — Pulgas?

— Provavelmente.

Sharpe olhou para suas coxas, perguntando-se por que ela mentira. Estava seguro de que ela tinha feito, tinha certeza de que havia mais relacionado com a carta que escreveu para seu marido, que a simples pretensão da Igreja de ficar com suas riquezas. Contudo, percebeu que teria que aceitar suas explicações porque ele não era inteligente o bastante para tirar-lhe a verdade.

Ela levantou mais o vestido e olhou as pernas.

— Deus e todos os santos! Pulgas? Não vejo nenhuma.

— Não as verá.

Baixou o vestido.

— Nunca me livrarei delas!

— Sim.

— Como?

— Como todos fazem. Com um pedaço de sabão.

— Lavando-as?

— Não — respondeu ele sorrindo cinicamente.

Chamaram no alçapão por onde se entrava no quarto. Sharpe abriu o ferrolho, levantou o alçapão e a mulher do hospedeiro lhe passou uma grande tina de banho. Ele a pegou e viu os baldes de água que emitiam vapor ao pé da escada.

— Tem toalhas?

— Sim, senhor.

Sharpe viu Angel junto ao fogo no fundo do aposento principal da pousada. O rapaz olhava com tristeza para Sharpe, ciumento de que o oficial de fuzileiros estivesse no quarto da marquesa.

— E quero sabão.

— Sim, senhor.

A marquesa estava sentada com as pernas abertas na beira da cama.

— O que faço com o sabão?

— Molhe um canto, persiga as pulgas e lhes passe o sabão. Elas ficam coladas. É muito mais rápido que tentar pegá-las com os dedos.

Sharpe levantou o primeiro balde e o verteu na tina.

Ela o olhou com incredulidade.

— E o que faço se forem para as costas?

Sharpe começou a rir.

— A mulher do hospedeiro a ajudará. Não quer pulgas na cama.

Na realidade ficaria surpreso se já não houvesse pulgas na cama, ainda que fosse possível, sendo aquele o único quarto que estava limpo.

— Essa mulher?

— Por que não?

— Meu Deus, Richard! Não quero que saiba que tenho pulgas! Terá que fazê-lo você. — Ela deu de ombros. — Já deve ter visto

fazer muitas outras vezes.

Ele verteu a água de outro balde.

— Sim, senhora.

— Não é o que queria? A recompensa pelo resgate? Não por isso o que os cavaleiros iam por aí resgatando donzelas? Só que lhe chamavam de o Santo Gral, que deve ser o nome mais belo que ouvi dizer.

— Sim, senhora.

Ela começou a rir ao ver o sorriso.

— Sentia sua falta. Amiúde me perguntava o que estava fazendo. Eu lhe imaginava franzindo o cenho para a vida, assustando os oficiais jovens. — A marquesa o olhou fazendo uma careta. — Nem ao menos tenho um pente, muito menos uma escova! Esta é toda a água que vão me dar?

— Agora vem mais.

— Graças a Deus. — Jogou-se para trás na cama. — Poderia dormir durante um mês. Não quero voltar a ver um maldito cavalo.

Sharpe pegou mais baldes.

— Amanhã terá que cavalgar em um.

— Não o farei.

— Poderia deixá-la aqui para o Açougueiro.

— Não poderá me fazer mais estrago que este. — A marquesa girou a cabeça e olhou para Sharpe por entre as volutas do vapor. — Senti muito por sua mulher, Richard.

— Sei — respondeu ele sem saber o que mais dizer ante aquele pêsames repentino.

Ela deu de ombros.

— Não posso dizer que sinto a morte de Luis. De toda maneira não me parece real ser viúva. — Começou a rir suavemente. — Uma viúva rica, se aquele sacana não roubar tudo.

— O inquisidor?

— O maldito inquisidor. O padre Machado. Já está pronto?

— Só faltam as toalhas.

Pegou o fino tecido de linho que estava com a mulher na escada e fechou o alçapão.

— Seu banho, senhora.

— É uma criada espantosa, Richard.

— Acho que me alivia escutar isso.

— Deixe que esfrie um pouco. Não quero me esquentar depois de ser mordida pelas pulgas e de estar ferida. — Sentou-se em um lado da cama, com o queixo entre as mãos, e o olhou.

— O que fazemos agora, Richard?

— O que você quiser fazer.

— Quero ir a Burgos.

Ele se sentiu decepcionado. De certa forma, e com bastante estupidez, ele havia desejado que quisesse regressar ao exército com ele.

— Se é que os franceses ainda estão lá — disse ele com dúvida.

Ela deu de ombros.

— Onde quer que estejam, é lá onde quero estar. Porque onde estejam, estarão minhas carroças.

— Não voltarão a prendê-la?

Ela sacudiu a cabeça em sinal de negação.

— A Igreja não pode fazê-lo duas vezes. — Ela pensava no general Verigny. — Não deixarei que os sacanas o façam duas vezes. — Ergueu-se e meteu uma mão na água. — Está com o sabão?

— Preparado e desejoso, senhora.

Ela sorriu zombeteiramente, depois cruzou os braços para tirar o vestido pela cabeça. Começou a rir ao ver a expressão de Sharpe, depois puxou a lã cinzenta por cima e o tirou pela cabeça.

— Tenho frio.

— Bobagens. Fique na banheira.

Durante dez minutos e com um riso impróprio, Sharpe foi buscando em sua pele. Ela se queixava de que lhe fazia cosquinhas enquanto ele explorava em busca de pulgas, as ia colando no sabão com golpezinhos suaves e depois as beliscava com as unhas. No momento em que a última pulga fora presa, ela insistiu em procurar nele as pulgas. Nada mais a dizer, já estava ela sobre a cama, amaldiçoando por ter a pele das coxas ardida. Ele se encontrou com a cara entre o cabelo da marquesa e os braços dela estavam sobre as cicatrizes de quando o açoitaram fazia tanto tempo. Ela o beijou na bochecha.

— Pobre Richard, pobre Richard.

— Pobre?

— Pobre Richard. — Ela voltou a beijá-lo. — Eu tinha esquecido.

— Esquecido o quê?

— Não importa. Achas que esse maldito banho já esfriou?

Ainda estava bastante quente e ela se meteu, lavou o cabelo; depois apoiou a cabeça contra a parede. A marquesa olhava para Sharpe, que estava deitado despido sobre a cama.

— Parece feliz.

— Eu estou.

Ela sorriu tristemente.

— Não precisa de muito para ser feliz, né?

— Eu pensava que necessitava de muito.

Mais tarde, quando tinham comido e quando cada um havia se bebido uma garrafa de vinho, se meteram na cama. O fogo ardia, a chaminé esquentava e soltava bem, e a marquesa fumava um

charuto que comprara ao hospedeiro. Sharpe havia esquecido que ela gostava de fumar.

Ela pôs sua mão sobre o ventre de Sharpe, e lhe retorcia os pelinhos com os dedos.

— Aquele homem virá à vila?

— Não o acredito. O alcaide disse que não.

O alcaide dissera que a vila caía dentro do território de outro chefe guerrilheiro, um homem que não gosta do Açougueiro.

A marquesa o olhou. Seu cabelo havia secado e estava suave e dourado e lhe caía pela cara.

— Pensou alguma vez que voltaria a me ver?

— Não.

— Eu achava que voltaria a vê-lo.

— Era?

— Acho que sim.

A marquesa soltou uma voluta de fumaça e a olhou crítica.

— Mas não em um convento de freiras. — Começou a rir. — Achei incrível que fosse você! Eu pensava que estava morto, mas mesmo assim! Acho que foi a coisa mais bonita que já fizeram por mim.

Falaram o que passara em suas vidas desde o verão em Salamanca, e ele escutou intimidado as descrições dos palácios que ela vira, os bailes aos quais havia ido, e ocultou os ciúmes que sentia quando a imaginava nos braços de outros homens.

Ele tentava se convencer de que era vão sentir ciúmes da marquesa; era como se queixar de que o vento virasse.

Ele lhe falou de sua filha. Explicou o inverno na Entrada de Deus, a batalha, a morte de Teresa.

A marquesa se sentou para beber vinho.

— Não era muito querido entre nós.

— Por causa da batalha?

Ela começou a rir.

— Eu estava orgulhosa de você, mas não me atrevia a dizê-lo.

— Passou a garrafa para Sharpe. — Então deu todo seu dinheiro a sua filha?

— Foi.

— Richard Sharpe, você é bobo. Algum dia tenho que lhe ensinar a sobreviver. Portanto voltou a ser pobre?

— Sim.

Ela começou a rir. Falou-lhe do dinheiro que ia com o exército francês que se batia em retirada, não seu próprio dinheiro, mas as centenas de carroças reunidas em Burgos.

— Não acreditaria, Richard! Saquearam cada monastério, cada palácio, cada casa daqui a Madri! Há ouro, prata, quadros, louças, mais ouro, mais quadros, jóias, sedas, moedas... — A marquesa sacudiu a cabeça como com assombro. — É a fortuna do Império espanhol, Richard, e tudo vai para a França. Sabem que vão perder, portanto levam tudo.

— Quanto?

Ela fez seus cálculos.

— Cinco milhões?

— De francos?

— Libras, querido. Libras inglesas. — Começou a rir ao ver sua cara. — Pelo menos.

— Não pode ser.

— Mas é. — A marquesa atirou o charuto ao fogo. — Eu vi! — sorriu. — Seu querido Arthur gostaria de pôr as mãos em cima disso, né?

Sem dúvida alguma, pensou Sharpe, Wellington adoraria capturar o comboio de bagagens francês. Ela começou a rir.

— Mas não o fará. É isso o que nosso exército está protegendo.
— A marquesa levantou o copo de vinho. — Tudo para nós, querido. O perdedor leva tudo.

— Recuperará suas carroças?

— Recuperarei minhas carroças — disse ela friamente. — E escreverei uma carta para que recupere seu trabalho. O que tenho de escrever? Que o inquisidor matou a Luis? — Riu tontamente. — Talvez tenha feito! Ou seu irmão.

— Seu irmão?

Ela girou a cabeça para ele.

— O Açougueiro — respondeu ela como se fosse óbvio.

— São irmãos!

— Sim. Ele veio me olhar na carruagem. — Ela estremeceu. — Sacana.

Sharpe achou que tinha sentido. Por que um guerrilheiro iria tão longe, para aquelas montanhas inóspitas, se não fosse para fazer um favor a seu irmão? Porém, mesmo assim, achava surpreendente que aquele barbudo tão cruel fosse irmão de um sacerdote. Olhou para a beleza que tinha ao lado.

— Pelo amor de Deus, escreva que a outra carta não dizia a verdade.

— Certamente que o farei. Direi que uma freira ameaçou me estuprar se não a escrevesse. — Sorriu. — Sinto muito, Richard, fiz sem pensar.

— Não importa.

— Na realidade, sim. Ela lhe trouxe problemas, não? Ainda que pensasse que sobreviveria. — Sorriu alegre. — E se não fosse por essa carta não estaríamos aqui, não é mesmo?

— Não.

— E não poderia passar gordura em minhas coxas, né? — Ela lhe estendeu o pote e Sharpe, submisso como sempre ante aquela

mulher de ouro, obedeceu.

Ele permaneceu acordado durante parte da noite, com um braço por baixo da cintura da marquesa, perguntando-se se uma carta dela seria suficiente. Será que lhe devolveria a graduação ou lhe restabeleceria a honra?

O ardor do fogo se refletia no teto amarelado. A chuva seguia repicando na janela e sussurrava na chaminé. Helene se removeu sobre ele, passou-lhe uma perna por cima e pôs a cabeça e uma mão sobre seu peito. Havia murmurado um nome meio adormecida, Raoul. Sharpe voltou a sentir ciúmes.

Ele a tocou nas costas, dando-lhe golpezinhos, e ela murmurou algo e desceu a cabeça de seu peito. O cabelo lhe fez cosquinhas na bochecha. Pensou em quantas vezes durante o último ano havia sonhado com isto, desejado isto, e foi passando sua mão por ela como querendo deixar impressa essa sensação em sua recordação para sempre.

Ela havia lhe mentido. Nem por um momento havia acreditado que a Igreja tinha assassinado seu marido, ou havia planejado para ficar com seu dinheiro. Havia algo mais atrás de tudo aquilo, mas ela nunca iria dizer. Helene faria o que pudesse para salvar sua carreira, e por isso, pensou Sharpe, tinha de ser-lhe agradecido. Olhou para a diminuta janela e não viu nada mais que o reflexo escuro do quarto, nem um indício de luz no céu. Ele se disse que tinha que se levantar ao cabo de uma hora, virou-se para a cálida doçura de Helene, atritou seus lábios contra o cabelo e dormiu com o corpo da mulher entre seus braços.

Despertou de repente; o que se via pela janelinha era cinza e percebeu que havia dormido mais da conta. Perguntou-se por que Angel não havia golpeado no alçapão.

Saltou da cama, fazendo Helene gemer, e viu que havia parado de chover. O fogo estava apagado.

Então ficou gelado ao sentir o espasmo do medo e percebeu que havia fracassado totalmente. Fora despertado por um ruído e agora voltava a ouvi-lo. Era o som de cavalos, muitos cavalos, mas não cavalos em movimento. Ouvia sua respiração, os cascos sacudindo, o tilintido de correias. Pegou o fuzil, puxou o percussor para trás e se dirigiu para a janelinha.

A rua sob a luz do amanhecer estava cheia de cavaleiros. O Açougueiro estava ali e ao seu redor, com o orvalho brilhante sobre suas capas lanosas, estavam seus homens. Junto ao Açougueiro, sobre um cavalo magnífico, ia um homem alto com uma capa prateada e com um sabre ao quadril. Ao redor de ambos os homens, abarrotando a rua estreita, havia pelo menos duzentos cavaleiros.

— Richard? — disse a marquesa com voz sonolenta.

— Vista-se.

— O que foi?

— Vista-se!

O Açougueiro esporeou seu horrível cavalo ruão para que avançasse. Levantou a vista para as janelas da pousada.

— Vaughn!

— Jesus! — exclamou a marquesa erguendo-se. — Quem é, Richard?

— O Açougueiro.

— Jesus.

— Vaughn!

Sharpe empurrou a janela para abri-la. Notou o ar frio sobre sua pele nua.

— Açougueiro?

Viu o alcaide da cidade atrás dos cavaleiros; junto a ele havia um sacerdote. De repente percebeu o que havia sucedido. O chefe dos guerrilheiros cavalgou até ficar debaixo da janela. Levantou a

vista. Sua espessa barba estava manchada de orvalho. Preso em correias em suas costas, junto a um mosquete, levava um grande machado, a arma de um açougueiro. Sorriu cinicamente.

— Vê o homem que leva a capa prateada, major Vaughn?

— Vejo.

— É Pedro Pelera, inimigo meu. Sabe por que somos amigos hoje, major Vaughn?

Sharpe o adivinhou. Ouvia à marquesa que se vestia e amaldiçoava em voz baixa.

— Diga-me, Açougueiro.

— Porque o senhor violou um lugar santo para nós, major Vaughn. Lutou contra as freiras, né? — O Açougueiro começou a rir. — O senhor tem dez minutos, major Vaughn, para nos trazer a Puta Dourada.

— E se não o fizer?

— Morrerá de toda forma. Se vier docilmente, major, lhe matarei com rapidez. Se não, iremos até você!

O Açougueiro apontou para seus homens. Sharpe sabia que não podia lutar contra tantos, nem mesmo ficando na parte alta da escada. Simplesmente arrebentariam o alçapão com os mosquetes. O Açougueiro bateu na mesma tecla.

— Não virá ajuda, major. Seu garoto fugiu. Tem dez minutos!

Sharpe fechou a janela de golpe.

— Cristo!

A marquesa usava o vestido que havia agarrado no convento, uma peça de seda azul e renda branca. Estava pondo as jóias no pescoço.

— Se vou morrer, morrerei enfeitada.

— Sinto muito, Helene.

— Deus, Richard, não seja tão estúpido! — disse com uma raiva repentina e veemente.

Sharpe foi até a parede do fundo e a esmurrou, como se pudesse ser bastante delgada para atravessá-la; contudo, sabia que os guerrilheiros teriam rodeado a pousada. Amaldiçoou.

— Vais morrer despido? — disse Helene com voz amarga. — Como esse sacana me encontrou?

Sharpe se maldisse. Tinha que ter sabido! Tinha que ter suposto que ao entrar à força em um convento toda a gente da região se poria contra ele, mas em lugar disso era tanta a ânsia que tinha para compartilhar aquele leito que nem sequer pensara no perigo. Vestiu-se depressa, como para uma batalha, ainda que soubesse que esta já havia terminado. Aquela fuga louca entre as colinas acabaria com sangue em uma rua lodosa, com sua morte. Tinham que tê-lo enforcado há quatro semanas e em troca morreria agora. Pelo menos, pensou, seria com uma espada na mão.

— Vou lá falar com eles.

— Pelo amor de Deus, por quê?

— Para arrancar-lhes a promessa de que ficará a salvo.

Ela sacudiu a cabeça.

— Deixe de ser bobo. Realmente acredita que há decência no mundo, não é mesmo?

— Posso tentar.

Levantou o alcapão. O quarto de baixo estava vazio. Virou-se para olhá-la uma vez mais e pensou no esplêndida que estava, quão adorável, mesmo quando tinha medo.

— Quer meu fuzil?

— Para disparar-me?

— Sim.

— Nem o Santo Gral é tão precioso. — Olhou para ele e sacudiu a cabeça. — Sinto muito, Richard; esqueci que você acredita que

sim. O que vai fazer?

— Lutar contra eles, certamente.

Ela começou a rir, ainda que seu riso denotasse medo.

— Deus te ajude em tempo de paz, Richard.

Sharpe tocou a empunhadura da espada e hesitou. Sabia que não tinha que dizê-lo, mas ao cabo de dez minutos estaria morto, derrotado pelo Açougueiro ou seus homens. Levaria alguns deles com ele, daria motivo para que recordassem da luta contra um fuzileiro.

— Helene?

Ela o olhou com exasperação.

— Não diga, Richard.

— Eu te amo.

— Sabia que ia dizer isso. — Ela estava pondo os brincos de diamantes. — Mas é um tonto. — Sorriu tristemente. — Vá lutar por mim, tonto.

Sharpe desceu a escada, desembainhou a grande espada e abriu a porta que dava para a rua, onde se haviam reunido seus inimigos para acabar com ele.

Capítulo 14

Angel acordou antes do amanhecer. Havia dormido no estábulo, envolvido na palha quente e sua grossa capa. Estremeceu ao bocejar e se espreguiçou; imediatamente saltou de seu leito e entrou no pátio. Após de lavar seu rosto, levantou a vista para o telhado escuro sob o qual Sharpe dormia com a mulher dourada.

Angel tinha polido as selas na noite anterior. Escovou os cavalos e o preparou tudo para a manhã. Não estava só preparado, mas pronto e reluzente. Ele o fizera para a mulher mais bela que teria podido imaginar em seus sonhos, e agora, ainda como maior homenagem para ela, estava selando *Carabina* e dobrava um cobertor por cima da sela para tentar proporcionar à marquesa um assento mais agradável. Sabia que ela era francesa, e ele odiava os franceses, mas nenhuma mulher tão adorável como ela podia ser má aos fascinados olhos de Angel.

Para provar aquele invento rudimentar que havia de proporcionar comodidade à dama, cavalgou fora do pátio da pousada e fez *Carabina* girar para o sul. O vento lhe batia nas costas, produzindo arrepios em seu pequeno corpo. As sombras da gente da cidade se viam escuras ao mover-se pelas ruelas e pátios. Pôs a mão na culatra do fuzil que havia metido no coldre da sela.

As montanhas do leste se viam recortadas pela luz. Angel jogou os calcanhares para trás e deixou que *Carabina* se pusesse ao trote. Deleitou-se ao sentir que o grande cavalo negro levantava os cascos bem altos e agitava a cabeleira com impaciência. Angel endireitou as costas, imaginando que era o Arcanjo, o guerrilheiro mais temido da Espanha, que cavalgava para uma batalha. Uma mulher de grande beleza, de cabelo dourado e olhos cinzentos, esperava-o no retorno, ainda que ela não acreditasse que homem algum pudesse regressar de missão tão suicida. Tirou o fuzil do coldre, depois retorceu as rédeas e fez *Carabina* descer até o riacho onde lavavam as mulheres da cidade a roupa. Deixaria que o cavalo

bebesse ali e sonharia acordado com o momento delicioso em que regressava do combate, com feridas leves, e a mulher clorada sairia da casa correndo com os braços abertos; então Angel viu alguns cavaleiros pelo riacho.

O garoto estava debaixo da escuridão de uns castanheiros. Fez *Carabina* parar e viu as sombras cinzentas sob a luz cinzenta. Puxou para trás o percussor de seu fuzil, pensando em disparar um tiro para avisar a Sharpe. Depois achou que o som do fuzil faria que os homens se pusessem a galope atrás dele.

Puxou as rédeas; sabia que tinha que regressar à cidade e avisar a Sharpe, mas quando *Carabina* se moveu, os homens que iam pelo riacho pouco profundo perceberam o movimento. Um deles disparou e Angel viu a espuma branca que levantavam os homens que cavalgavam para ele. Iam para frente, cortando-lhe a passagem para a cidade, e o garoto, que já não era o temido Arcanjo, mas apenas Angel cavalgando para salvar sua vida, deu rédea solta ao cavalo negro.

Carabina deixou para trás com facilidade os homens do Açougueiro e levou Angel para o sul do vale, longe da cidade. Angel tirou o cobertor dobrado, puxou as rédeas para a esquerda e se ocultou entre os pinheiros que cresciam em uma lombada baixa. Oculto ali, observou, perguntando-se o que podia fazer para ajudar; depois viu mais cavaleiros que vinham do sul e percebeu que não podia fazer nada mais que esperar, observar e ter confiança. Recordou-se da advertência urgente do major Hogan de que seu trabalho consistia em proteger Sharpe, e se sentiu fracassado com toda a paixão de seus dezesseis anos. Deu umas palmadinhas em *Carabina* no pescoço, guardou o fuzil que não havia disparado e se estremeceu.

Um burburinho recebeu Sharpe, um burburinho que se elevou até converter-se em um canto de ódio. Os cavalos, que formavam um semicírculo ao redor da pousada, avançaram e o Açougueiro levantou uma mão e gritou pedindo silêncio e calma.

O Açougueiro olhou para Sharpe.

— E aí, major Vaughn?

— O que vai acontecer com a mulher?

O guerrilheiro começou a rir.

— Isso não é problema seu.

Sharpe estava no vão da porta, pronto para saltar ao interior ao primeiro sinal de ataque. Segurava a espada baixada, e agora com a mão esquerda pôs à vista o fuzil.

— Se quer lutar comigo, Açougueiro, estou preparado. A primeira bala será para você. Agora, diga-me o que vai ocorrer com a mulher.

O barbudo calou por um momento. De algum lugar da cidade provinha o odor de um fogo de cozinha. A rua estava escorregadia e cheia de barro por causa da chuva da noite. O Açougueiro passou a língua pelos lábios.

— Não ocorrerá nada a ela. Regressará ao convento.

— Não acredito em você.

O cavalo do Açougueiro se empinou no barro. O homem barbudo tranquilizou a besta.

— Ela regressará, inglês, para onde pertence. Esta briga não é com ela, mas com o homem que se atreve a assustar as freiras.

Lentamente e sem tirar os olhos de Sharpe, desceu da sela. Sharpe percebeu o que vinha a seguir e não se moveu. O Açougueiro pegou uma corrente. Agarrou um extremo e lançou o restante para Sharpe. A corrente estava caída no barro. O guerrilheiro tirou do cinturão uma faca comprida e também a lançou para a porta da pousada.

— Tem coragem, inglês? Ou só é valente com as freiras?

Sharpe se adiantou. Não tinha muita escolha. Recordava a velocidade daquele homem, recordava como havia atravessado os olhos do prisioneiro francês, mas sabia que tinha que aceitar o

desafio. Inclinou-se, pegou o último elo da corrente e um mosquete soou a sua esquerda.

A detonação do mosquete estrondou surdo naquela manhã gelada. O Açougueiro olhou rua acima; então, de repente, lançou a corrente ao piso e gritou algo para seus homens. Esporeou seu cavalo e Sharpe ficou esquecido entre o súbito pânico.

Os cascos iam a galope. Um trompete rachava o vale com repentina presteza. Sharpe ouviu um grito de alegria que provinha do piso superior da pousada, um grito de puro gozo da marquesa. Depois ressoaram mais mosquetes e cheirou a fumaça acre da pólvora ao mesmo tempo em que se agachava no interior da pousada e punha o joelho no piso com seu fuzil preparado.

Alguns lanceiros apareceram na rua. Lanceiros franceses. Alguns levavam flâmulas nas lâminas que já estavam manchadas de sangue. Um cavalo sem cavaleiro galopava com eles.

Os guerrilheiros fugiam. Não estavam preparados para a carga, não estavam formados para fazer frente aos cavalos pesados. Só o que podiam fazer era dar a volta e correr, mas a rua estava muito abarrotada e não se podiam mover enquanto os lanceiros os atravessavam.

Sharpe observou as caretas dos cavaleiros franceses enquanto se inclinavam sobre as lanças compridas, enquanto estripavam o inimigo desde seus cavalos, enquanto cavalgavam sobre os moribundos para extrair as lâminas entre gotas de sangue e gritos.

As lâminas voltavam a carregar dirigidas para novos alvos e o trompete anunciou a um segundo esquadrão que entrava na rua, com os dentes dos cavalos a descoberto. Os cascos lançavam bem alto o barro e manchavam os uniformes de seus cavaleiros.

Sharpe observou dois guerrilheiros encurralados que elevavam seus mosquetes, mas vários franceses cavalgaram para eles, arremeteram e uma lança deixou um homem cravado contra a parede de uma casa com tal força que o lanceiro deixou a arma ali com o homem espetado retorcendo-se, gritando e agonizando. O

lanceiro desembainhou seu sabre para perseguir o segundo homem que havia saltado do cavalo e que agora caía; o sabre lhe fatiou a cara.

Alguns guerrilheiros haviam fugido até a praça do mercado, mas nesse momento Sharpe ouviu outro trompete proveniente do extremo oposto da praça; apareceram mais lanceiros pelo norte e fizeram que os guerrilheiros que fugiam formassem uma confusão de cavalos empinados, gritos e medo.

A gente da vila corria em busca de refúgio; as crianças, que tinham sido levadas para que vissem os guerrilheiros, gritavam ao ver que os lanceiros avançavam, em um grupo compacto, contra a massa aterrorizada.

Soaram disparos de pistola, alguns mosquetes tossiram fumaça e outro esquadrão avançou a meio galope à ordem do trompete, com as lanças preparadas contra o grupo desajeitado de guerrilheiros com capa. As lâminas das lanças, bem afiadas, se inclinaram à ordem do oficial, os cavalos apertaram o passo e as lâminas se dirigiram contra o inimigo. Os uniformes de cor verde e rosa se escureceram com o sangue. Um lanceiro saiu correndo da confusão com o chapéu na mão e apertando com a outra mão uma ferida que lhe sangrava na cabeça. Outro dos uniformes brilhantes estava no barro, mas para cada francês caído havia uma dúzia de guerrilheiros, e ainda mais lanceiros avançavam como um trovão para a praça do mercado. O trompete seguia exortando-os, e as lanças compridas seguiam arremetendo a fundo, e raspavam costelas e estripavam os cavaleiros aterrorizados.

Sharpe achou ter ouvido o Açougueiro gritar; achou ver o machado se levantar entre a massa de homens e cavalos que gritavam. E então viu que uma cerca caía perto no outro extremo da praça do mercado e, como se fosse uma corrente que se soltasse de uma represa quebrada, os guerrilheiros fugiram entre os esteiras quebradas da cerca caída, deixando a praça para a cavalaria triunfante e tingida de sangue. A praça do mercado fedia a sangue. Os feridos se arrastavam pelo barro invocando a Deus,

gritando ao ver que os lanceiros cavalgavam para eles e com a precisão de um médico espetavam as lanças manchadas. Os franceses riam quando infligiam dor a sua guerrilha inimiga e fugidia. Um ferido foi atravessado uma e outra vez e nenhum lanceiro tentou matá-lo. Uma mulher, agachada sobre um corpo imóvel, gritou para as tropas francesas até que um cavaleiro lhe deu um chute com a pesada bota e ela caiu sobre o corpo de seu marido moribundo.

Os trompetes levaram três esquadrões à perseguição; dois deles ficaram para se encarregar dos feridos e prisioneiros. Sharpe havia se dirigido à porta traseira da pousada, pois pensava em subir nas árvores que havia detrás do pátio do estábulo, mas o pequeno pátio estava cheio de franceses que conduziam os cavalos capturados para os estábulos. Um deles o viu e gritou, mas Sharpe trancou a porta e regressou.

A marquesa estava ao pé da escada. Ficou olhando a espada que ele levava na mão.

— Não vai escapar, Richard.

Sharpe embainhou a espada. Mãos esmurravam a porta trancada, sacudiam-na.

— Meu nome é Vaughn.

Ela sorriu.

— O quê?

— Vaughn!

— E você dormiu no estábulo, Richard!

Ele percebeu a intensidade em seus olhos, a advertência que havia neles, e consentiu aflito. Pendurou o fuzil ao ombro e então um homem alto se inclinou para passar pela porta principal da pousada. Helene gritou encantada e correu para seus braços. Sharpe, prisioneiro dos franceses, só podia olhar.

O general Raoul Verigny media mais de um metro e oitenta. Não havia nem uma grama de gordura naquele corpo. Seu uniforme fora confeccionado tão ajustado como a pele de um tambor. Seu rosto era moreno e magro, com um pequeno bigode torcido por cima. Sorria com frequência.

Havia gritado para os homens que estavam na porta traseira que deixassem de fazer ruído, inclinou-se para cumprimentar Sharpe e aceitou o gesto de rendição. Falou com a marquesa durante dois minutos, voltou a cumprimentar Sharpe com uma inclinação e lhe devolveu a espada.

— Sua valentia, major, me obriga a devolver-lhe a espada. Eu lhe agradeço com toda sinceridade. — Inclinou-se uma terceira vez. — O fuzil, major, é meu dever pegá-lo. — Pronunciou *ffusil*. Entregou-o a um ajudante de campo, este o passou a um tenente e finalmente acabou nas mãos de um sargento.

Uma hora depois, Sharpe recebia os honras de hóspede no desjejum. Ao redor deles a vila ardia. A pousada estaria a salvo enquanto proporcionasse alojamento.

O general Verigny se mostrava solícito com Sharpe.

— O senhor deve estar decepcionado, major Vaughn.

— Decepcionado, senhor?

— De fracassar em sua tentativa — disse sorrindo e tocando as pontas do bigode.

— É verdade, senhor.

A marquesa dissera a Verigny que Sharpe fora enviado pelos britânicos para pegá-la do convento e levá-la ao exército de Wellington, onde a interrogariam. Verigny serviu café para Sharpe.

— Em lugar disso, nós levaremos Helene para casa e o senhor é prisioneiro.

— Verdade, senhor.

— Mas não deve se preocupar com isso. — Verigny ofereceu a Sharpe uma coxa de frango, obrigando-o a aceitá-la. — Nós o

trocaremos, de acordo?

— Trocar?

— Trocar! Não pratico muito sua língua. Helene a fala muito bem, mas não a emprega comigo. Deveria fazê-lo, não acha?

Passo a rir; virou-se para a marquesa e lhe serviu vinho. Sharpe calculou que era um homem de sua idade, moreno e bonito. O inglês estava ciumento. O general se voltou de novo para Sharpe.

— O senhor fala francês, major?

— Não, senhor.

— Deveria! É a língua mais bonita do mundo.

A mesa estava cheia de oficiais franceses que sorriam com a alegria dos homens que haviam conseguido uma grande vitória. Era raro que a cavalaria francesa surpreendesse os guerrilheiros e essa manhã fizera uma boa colheita de inimigos. O homem com a capa prateada fora feito prisioneiro e sem dúvida devia estar gritando sob uma lâmina enquanto seus captores esperavam respostas para suas perguntas. Mas o Açougueiro havia escapado para as montanhas do leste.

Verigny não se importava.

— Está acabado, não acha? Seus homens quebrados! Além disso, eu vim por Helene, não por ele, e o senhor a entrega a mim.
— Sorriu e brindou por Sharpe.

Os oficiais que estavam reunidos olhavam com curiosidade para o inglês. Poucos deles viram um oficial britânico capturado e nenhum vira um dos temidos fuzileiros feito prisioneiro. Se ele os surpreendia, sorriam. Eles lhe ofereceram a melhor comida da mesa, um lhe serviu vinho, outro conhaque, e o animaram para que bebesse com eles.

Verigny estava sentado junto da marquesa. Ela lhe ia dando lascas com seu garfo. Tocavam-se, riam em particular e parecia que enchiam toda a habitação com sua alegria. Houve um momento em que se ouviram gargalhadas e o general sorriu para Sharpe.

— Estou lhe dizendo que deveria se casar comigo. Ela diz que em vez disso se converterá em freira. O que acha?

Sharpe sorriu com educação. Verigny perguntou a Sharpe se achava que a marquesa seria uma boa freira, e o inglês respondeu que o convento de freiras seria um lugar afortunado.

Verigny começou a rir.

— Mas que perda, major, né? — sinalizou para a marquesa. — Cavalguei até aqui para resgatá-la. Eu insisti em vir aqui, exigi! O senhor acha que devia se casar comigo como recompensa?

Sharpe sorriu, mas por dentro se sentia mal. Já fora prisioneiro antes, nas guerras da Índia, e depois também dos lanceiros. Sempre, até o último dia de sua vida, recordaria a cara do indiano inclinando-se para ele, com os dentes rangendo enquanto introduzia sua espada para a cintura de Sharpe para cravá-lo à árvore. Agora voltara a ser capturado e via poucas esperanças de liberdade.

Sharpe escutava o riso sonoro dos oficiais, via seus olhos fixos na marquesa, observava os gestos coquetos dela ao atuar diante de seu público. Olhou-o uma vez com uma cara feia, rindo bem alto, e ele ocultou seu desespero com um sorriso fingido.

O general Verigny dissera que Sharpe podia ser trocado, mas Sharpe sabia que isso não podia ser. Ainda que os britânicos tivessem um major francês para trocar, não reconheceriam o nome de Vaughn na proposta francesa. Ao intervalo de poucas semanas os dois bandos trocavam listas de prisioneiros, mas o quartel general de Wellington duvidaria de um tal major Vaughn. Os franceses suporiam que os britânicos não queriam “Vaughn” e o enviariam para a cidade fortificada de Verdun, onde mantinham os oficiais prisioneiros.

Tampouco podia revelar seu verdadeiro nome. Fazê-lo seria incitar a uma dúzia de perguntas, cada uma pior que a anterior. Tinha que ficar como Vaughn e como Vaughn iria a Verdun; como Vaughn aguentaria até o final da guerra, apodrecendo atrás das

muralhas de Verdun, perguntando-se que tipo de futuro sombrio lhe traria a paz.

Ou então podia escapar. Mas não até que Verigny o tivesse escoltado para fora daquelas montanhas com seus vingativos guerrilheiros.

Enquanto pensava nisso, Verigny se virou e sorriu.

— Helene me disse que o senhor entrou à força no convento. É verdade?

— É.

— O senhor é um homem valente, major Vaughn. — Verigny levantou uma taça para ele. — Devo-lhe meu agradecimento.

Sharpe deu de ombros.

— Pode me deixar partir, senhor.

Verigny começou a rir, depois traduziu as palavras para o francês e provocou as risadas amistosas de seus oficiais. Sacudiu a cabeça.

— Não posso soltá-lo, major Vaughn, mas isso não deve lhe preocupar, né? Será trocado em Burgos.

Sharpe sorriu.

— É o que espero, senhor.

— Espera! Tenho certeza que sim! Mas apesar deles! Tem que me dar sua palavra de que não escapará antes.

Sharpe hesitou. Se desse sua palavra prometia não fazer nenhuma tentativa para escapar. Ficaria com sua espada, teria liberdade para cavalgar com os lanceiros sem levar guarda e seria tratado com o respeito que merecia seu posto. Se não a desse, então podia tentar escapar, mas sabia que o vigiariam bem. Estaria desarmado, o prenderiam de noite e se não houvesse onde prendê-lo podiam inclusive atá-lo a seu guarda.

Verigny deu de ombros.

— Então?

— Não posso lhe dar minha palavra, senhor.

Verigny franziu o cenho. Os comensais permaneciam em silêncio. O general deu de ombros.

— O senhor é um homem valente, major, não quero tratá-lo mal.

— Não posso aceitar, senhor.

— Mas eu quero ajudar. Helene diz que o senhor a tratou com honra, portanto eu farei o mesmo com o senhor! Nós o trocaremos! Por que não quer me dar sua palavra?

Sharpe se levantou. Todos o observavam. Passou por cima do banco. Em sua cabeça ouvia as palavras insistentes de Hogan de que não podiam capturá-lo. Amaldiçoou a si mesmo. Tinha buscado um leito quente na noite anterior, quando devia ter insistido em dormir ao ar livre, oculto pelos bosques e a névoa noturna.

A marquesa o observava. Ela sacudia a cabeça, como se quisesse lhe dizer que não tinha que fazer o que planejava. Pelo menos, pensou Sharpe, ela havia cumprido com sua palavra. Pelo menos os franceses não sabiam que haviam capturado a Richard Sharpe.

Verigny sorriu.

— Venha, major! Será trocado!

Em resposta a isso, Sharpe desabotoou o cinturão da espada. As correias ressoaram. Inclinou-se e pôs a grande espada sobre a mesa. Olhou para o general e manifestou seu próprio fracasso.

— Sou seu prisioneiro, senhor. Não lhe dou minha palavra.

Atrás da porta da pousada a cidade ardia. Uma mulher gritava. Um menino soluçava. Os lanceiros revistavam as casas antes de queimá-las e Richard Sharpe era conduzido sob guarda e encerrado em um estábulo. Havia fracassado.

Capítulo 15

Na cela não havia nada, nem cobertor, nem catre, nem ao menos um balde. O piso era coberto com uma grossa camada de limo. Cada vez que Sharpe respirava tinha vontade de vomitar pelo fedor que havia, mais espesso que a fumaça de um mosquete. Não havia janela. Sabia que estava metido bem profundo na rocha sobre a qual se havia construído o castelo de Burgos.

Fora levado cruzando o pátio exterior, passando pelos muros ainda queimados pelas explosões dos morteiros britânicos que foram disparados durante o sítio do ano anterior, por entre as carroças carregadas com o tesouro que abarrotava o pátio, pelas construções sem telhado e queimadas, até a torre de homenagem de muros maciços. Empurraram-no degraus abaixo, por um passadiço frio e úmido, até aquele aposento pequeno e quadrado com o piso limoso e com o incessante gotejar de água sobre a pedra do exterior. A única luz era um fraco resplendor que penetrava por um buraquinho feito na grossa porta.

Ele gritava que era um oficial britânico, que desejava ser tratado como tal, mas não obtinha resposta. Gritava em espanhol e em inglês, mas sua voz se perdia no passadiço frio até converter-se em silêncio.

Tocou sua têmpora e fez uma careta de dor. Tinha um inchaço onde o sargento de infantaria lhe golpeará com a culatra de um mosquete. O sangue ia secando e formando uma crosta.

Os ratos se moviam pelo passadiço. A água gotejava no exterior. Em um dado momento, ouviu vozes distantes e voltou a gritar, mas não obteve resposta. Não lhe haviam dado oportunidade para fugir durante a viagem para o sul. Os lanceiros cavalgaram depressa, e Sharpe fora colocado no centro de todo um esquadrão; os homens que iam atrás dele levavam as lanças preparadas para arremeter. Ao chegar a noite o prenderam, duas vezes em igrejas, uma vez no cárcere de uma povoação, vigiado por homens que ficavam

acordados com os mosquetes carregados sobre as joelhos. A marquesa viajou em uma carroça que o general Verigny havia confiscado na cidade onde a havia encontrado. Uma ou duas vezes olhou para Sharpe de soslaio e deu de ombros. De noite enviou vinho e comida para os oficiais dos lanceiros.

Sua luneta, sua mochila, todos seus pertences, salvo a roupa que usava, foram confiscados. Verigny, que não podia entender por que o major Vaughn era tão teimoso, havia prometido que lhe devolveriam os pertences. Verigny cumpriu sua promessa. Quando Sharpe era conduzido pelo empinado caminho para o interior do castelo de Burgos, devolveram suas coisas.

Fora entregue às tropas da fortaleza. Os homens de Verigny o deixaram no pátio, sob a vigilância de dois soldados de infantaria enquanto o sol se ia elevando no céu.

Sharpe observou os carros que havia no pátio para tentar ver sob as lonas atadas com cordas algo que confirmasse a história da marquesa de que o tesouro do Império espanhol estava ali. Esperou. Os homens da guarnição passavam junto dele, olhando com curiosidade o prisioneiro, e seguia sem chegar nenhum oficial administrativo para arrumar seu futuro. Em uma das janelas altas da torre de homenagem, Sharpe viu um homem com uma luneta. Parecia que a lente lhe apontava diretamente.

Pouco depois de ter visto o homem com a luneta quatro soldados de infantaria, com um sargento à frente, correram para ele. Pensou que passariam ao longo e retrocedeu, mas um dos homens lhe gritou e deu um soco. Sharpe lhe havia devolvido um, dois golpes, e então o sargento o acertou na têmpora com a culatra do mosquete. A seguir, foi conduzido sem cerimônia alguma para a cela, onde podia dar três passos em cada direção e onde não havia luz, nem tamborete, nem cama, nem esperança.

Tinha sede. Sentia pontadas na cabeça. Apoiou-se na parede um tempo lutando contra a dor, a escuridão e o desespero. O tempo transcorria, mas ele não sabia que hora era. Não podia ouvir o

repicar dos sinos naquela lugar aberto na rocha debaixo do antigo castelo.

Perguntava-se se o haviam reconhecido, mas mesmo se fosse assim não tinha sentido para ele que o tratassem daquela maneira. Pensou na marquesa; imaginava-a nos braços de seu general, com a cabeça sobre o peito do francês, o cabelo dourado sobre sua pele. Tentou recordar a noite na pousada, mas lhe parecia irreal. Só o que parecia real era essa cela, suas feridas e sua sede. Encontrou um pedaço de parede úmida e chupou a pedra. O odor da cela era nauseabundo.

Haviam jogado excrementos ali ou os haviam deixado outros prisioneiros, e cada vez que respirava sentia o fedor.

O tempo passava e passava; só o gotejar da água sobre a pedra lhe permitia ter consciência disso. Queriam que se desesperasse, que aquele lugar horrível e fedorento o arrasasse; lutou contra isso tentando recordar os nomes de todos os homens que haviam servido em sua companhia desde o início da guerra na Espanha, e quando já tinha acabado tentou dizer em voz alta a lista de revista da primeira companhia quando ele se alistou no exército. Caminhava de um lado para o outro da cela para combater o frio; suas botas chapinhavam no piso. Às vezes, quando o odor era insuportável, punha a boca no buraco da porta e respirava fundo.

Amaldiçoou-se por ter sido capturado, por dormir ao amanhecer, por aceitar o desafio de um duelo.

Percebera que o dia passara, que já era de noite, ainda que o resplendor na porta não mudasse. Acomodou-se em um canto, de cócoras sobre seus calcanhares e com as costas contra o muro, e tentou dormir. Fazia quatro noites que estivera em uma verdadeira cama, entre lençóis, com a cálida marquesa junto dele e em cima dele. Tentou dormir, mas se despertava a sacudidas ou escutava os ratos fora e o gotejar da água. Tremia.

Percebeu que pretendiam que o prisioneiro se deitasse no piso. Queriam que o prisioneiro sujasse a roupa e se melasse com as fezes. Não ia satisfazê-los.

Finalmente três homens vieram por ele, dois iam armados com mosquetes carregados com baionetas e o terceiro era um bloco de sargento como o que o havia golpeado. Era um homem muito corpulento. Parecia que não tinha pescoço e os músculos dos braços enchiam por completo as mangas do uniforme. O sargento lhe gritou algo em francês, depois começou a rir ao perceber o odor da cela.

Sharpe estava cansado, desesperado, e a sede lhe havia meio secado a garganta. Tropeçou sob a repentina luz da tocha acesa que um de seus vigilantes segurava; o sargento o empurrou e ele caiu, e depois o estirou por cima com uma força tal que levantou Sharpe com facilidade.

Conduziram-no pelo passadiço, subiram os degraus, levaram-no por um segundo corredor e por mais degraus para cima. Havia luz, penetrava por janelinhas que davam para o pátio central da torre de homenagem. Então o sargento empurrou Sharpe para o interior de um quarto onde um quarto soldado esperava.

Era um quarto de uns dois metros quadrados. Uma janela, alta e com barrotes, deixava entrar uma luz cinzenta e mortífera sobre a pedra das paredes e o piso. Havia uma só mesa no aposento; atrás dela, uma cadeira. Os guardas se colocaram de ambos os lados de Sharpe. O sargento, o único francês que não ia armado, era um dos dois homens que estavam à direita de Sharpe. Cada vez que Sharpe tentava se apoiar na parede gritava e lhe dava um puxão para frente, e então voltava a ficar em silêncio.

Esperavam. Os dois homens que estavam mais perto de Sharpe lhe apontavam baionetas. Sharpe fechou os olhos. Cambaleava levemente de cansaço. Sentia pontadas na cabeça.

A porta abriu. Sharpe abriu os olhos e entendeu. Pierre Ducos entrou no quarto. Durante um segundo Sharpe não reconheceu o homem pequeno e marcado de varíola com óculos redondos e depois lhe veio de repente à cabeça o encontro no Natal na Entrada de Deus. O major Pierre Ducos, a quem haviam descrito a Sharpe como um homem perigoso e inteligente, um homem cujas mãos

fediam com o atoleiro da política, era o responsável por aquele tratamento, da cela nauseabunda, do que Sharpe sabia que lhe esperava.

Ducos enrugou o nariz; depois se colocou com delicadeza atrás da mesa e se sentou. Um soldado o seguiu e pôs a espada de Sharpe sobre a mesa, depois sua luneta e por último alguns papéis. Não pronunciou uma palavra até que o soldado se foi. O melindrado Ducos colocou então os papéis antes de levantar a vista para o oficial inglês.

— Dormiu bem?

Sharpe ignorou a pergunta.

— Sou um oficial do exército de sua majestade britânica e exijo um trato digno de minha graduação — disse com voz seca.

Ducos franziu o cenho.

— O senhor está desperdiçando meu tempo — disse com voz profunda, como se fosse a de um homem robusto.

— Sou um oficial do exército de...

Calou-se porque o corpulento sargento, que havia se virado a um sinal de cabeça de Ducos, deu-lhe um soco no ventre, deixando-o dobrado e sem respiração.

Ducos esperou até que Sharpe voltasse a se erguer e respirasse com normalidade e sorriu.

— Eu acho, senhor Sharpe, que o senhor não é um oficial. Pelo veredicto de um conselho de guerra do qual tenho aqui uma cópia — disse golpeando os papéis —, o expulsaram do exército. Em poucas palavras, o senhor é um civil, que se faz passar por um tal major Vaughn. Tenho razão?

Sharpe não disse nada. Ducos se tirou os óculos, bafejou as lentes e começou a limpar os vidros redondos com um lenço de seda que se pegou da manga.

— Eu acho que o senhor é um espião, senhor Sharpe.

— Sou um oficial do exército...

— Não insista. Já comprovamos que lhe deram baixa. O senhor usa um uniforme ao qual não tem direito, usa um nome que não é o seu e, pelo que o senhor mesmo admitiu ao general Verigny, estava tentando sequestrar uma mulher com a esperança de que lhe proporcionasse informação.

Enganchou as pernas dos óculos nas orelhas e sorriu de forma desagradável para Sharpe.

— Para mim isso soa a espiar. Por acaso Wellington acreditava que fingindo sua execução o senhor se faria invisível? — Riu de sua própria brincadeira. — Tenho de reconhecer, senhor Sharpe, que me enganou. Não podia acreditar quando o vi no pátio! — Sorriu triunfante e depois pegou o papel da mesa. — Parece, pelo que me disse aquele tonto de Verigny, que o senhor resgatou a marquesa do convento. É isso verdade?

Sharpe não disse nada. Ducos suspirou.

— Eu sei que o senhor o fez, senhor Sharpe. Foi inoportuno dizê-lo. Por que foi tão longe para resgatá-la?

— Queria me deitar com ela.

Ducos se jogou para trás.

— Está sendo chato e meu tempo é muito precioso para escutar suas obscenidades. Volto a perguntar: por que a resgatou?

Sharpe repetiu a resposta.

Ducos olhou para o sargento e consentiu com a cabeça.

O sargento se virou com rosto impassível, olhou para Sharpe de cima abaixo e voltou a golpear com o punho a barriga do inglês.

Sharpe se afastou e dirigiu seu punho contra os olhos do sargento, mas uma baioneta lhe deteve o braço e o punho esquerdo do sargento lhe golpeou na cara. Bateu com a cabeça contra a pedra do muro, depois recebeu o punho direito no ventre, se dobrou e, de repente, o sargento, com a mesma impassividade

com que se havia virado para Sharpe, girou e se pôs em sentido de repente.

Ducos franzia o cenho. Observou Sharpe, que se endireitava. Saía sangue do nariz do fuzileiro. Sharpe se apoiou na parede e desta vez ninguém o impediu. O francês sacudiu a cabeça.

— Não gosto de violência, major: irrita-me. Tem sua utilidade, temo, e acredito que o senhor agora o entende. Por que foi resgatar a marquesa?

Sharpe deu a mesma resposta.

Desta vez se deixou bater. Ele só tinha uma arma e a utilizou. Fazia ver que era mais fraco do que era na realidade. Caiu ao piso, gemendo, e o sargento lhe deu um puxão para cima com desdém pelo colarinho da casaca e o lançou contra a parede. O sargento sorriu vitorioso enquanto se virava para Ducos.

— Por que resgatou a marquesa?

— Necessitava de uma mulher.

Desta vez Ducos não fez um sinal com a cabeça para o sargento. Pareceu que suspirava. Voltou a tirar os óculos, franziu o cenho e os limpou com seu lenço; depois, com uma pequena careta, voltou a colocá-los nas orelhas.

— Eu acredito, major. No seu apetite por mulheres como Helene e sem dúvida a marquesa ficou satisfeita de seus serviços. Diga-me, ela pediu ajuda aos britânicos?

— Só para isso. Parece que para ela os franceses não o fazem bem.

Sharpe se preparou para o golpe, mas tampouco desta vez Ducos deu o sinal. Voltou a suspirar.

— Devo lhe dizer, senhor Sharpe, que o sargento Lavin é exageradamente eficiente na hora de extrair as palavras dos que não querem falar. Normalmente pratica sua arte com os espanhóis, mas faz tempo que desejava um inglês. — As lentes de Ducos

refletiram dois círculos de luz cinzentos. — Mais que isso, faz muito, muito tempo que desejava a um inglês.

O sargento Lavin, ao ouvir seu nome, girou sua cabeça achaparrada de olhos pétreos e olhou para Sharpe com desdém.

Ducos se levantou e deu uma volta na mesa, pegando a luneta de Sharpe ao passar.

— Antes que esteja em um estado em que não possa apreciá-lo, major, tenho que ajustar uma conta com o senhor. O senhor quebrou meus óculos. Trouxe-me um monte de problemas!

De repente e de surpresa, Ducos parecia furioso. Parecia se controlar, estirava seu corpo pequeno e franzia o cenho.

— O senhor quebrou meus óculos expressamente!

Sharpe não disse nada. Era verdade. Esmagou os óculos de Ducos na Entrada de Deus. Fizera-o depois que Ducos insultara a Teresa, a mulher de Sharpe. Agora Ducos segurava a luneta de Sharpe.

— Um instrumento muito bonito, major. — Olhou a placa de bronze — 23 de setembro de 1803. Para nós, 2 de Vindemiário do ano 10.

Sharpe sabia que Ducos sentia saudade do calendário revolucionário. Apoiou-se com mais força contra a parede.

— Fique com ela, Ducos, seu exército roubou tudo na Espanha.

— Ficar com ela! Certamente que não. Acha que sou um ladrão? — Olhou a parte traseira da placa de bronze. — A recompensa por um de seus atos de valentia, sem dúvida. — Abriu a luneta e se viram os tubos de bronze polidos do interior. — Não, major Sharpe. Não vou ficar com ela. Eu me limitarei a lhe devolver seu insulto.

Rangendo os dentes e com repentino frenesi, Ducos brandiu a luneta e a golpeou contra o piso de pedra uma e outra vez. Aquele homem baixinho estava destroçando o delicado cristal e seguia golpeando-o, dobrando os tubos, espalhando fragmentos grossos de lente sobre o piso de pedra. Soltou a luneta e a pisou, partiu os

tubos de bronze, depois lhes deu várias patadas e os espalhou pelo piso até que, não tendo mais nada o que chutar, ficou ofegando. Ajeitou a casaca e olhou para o fuzileiro com um sorriso de triunfo compassivo.

— O senhor saldou sua conta comigo, senhor Sharpe. Olho por olho, e nunca melhor dito.

Sharpe havia observado a destruição de sua luneta, sua estimada luneta que fora um presente de Wellington, com crescente ira e frustração. Não podia fazer nada. O sargento Lavin o vigiava enquanto segurava a baioneta contra suas costelas. Engoliu a ira e indicou com a cabeça para a espada.

— Falta a espada, Ducos.

— Não, senhor Sharpe. — Ducos estava atrás da mesa e voltou a se sentar. — Quando me perguntarem como morreu, direi que lhe ofereci dar sua palavra, o senhor aceitou e que então me atacou com a espada que eu lhe havia devolvido. O sargento Lavin me salvará a vida. — O francês sorriu. — Mas é verdade que odeio a violência, senhor Sharpe. Acreditaria se lhe dissesse que não desejo que o senhor morra?

— Não.

Ducos deu de ombros.

— É verdade. Eu o deixo viver. Pode sair daqui com sua espada. Não vamos trocá-lo, certamente; passará o que falta da guerra na França. Inclusive poderíamos civilizá-lo. — Ducos sorriu por essa brincadeira e desceu o olhar para os papéis. — Portanto diga-me, senhor Sharpe, ou mesmo major Sharpe, se isso lhe faz se sentir melhor: Helene ia à busca de ajuda britânica?

Sharpe o insultou.

Ducos suspirou e fez um gesto com a cabeça. Lavin se virou, impávido e imperturbável, e desta vez deu um soco no rosto de Sharpe, partindo seu lábio e lhe ferindo a testa com um anel que usava. Sharpe voltou a cair, expressamente, e desta vez foi golpeado com as botas nas costas. Ele gritou, também

expressamente, removeu as mãos e de repente viu qual era sua esperança.

Havia um tubo de bronze, dobrado e retorcido, junto à parede. Voltou a gritar ao aterrizar uma bota, agarrou o tubo e o ocultou no punho. Uma mão o agarrou pelo colarinho, o levantou, voltou a colocá-lo contra a parede. Tinha o tubo menor na mão. Notava que a borda onde se apoiava a lente pequena estava quebrada. O tubo media quinze centímetros de comprimento e um extremo estava aberto e dentado, pois Ducos o esmagara com o pé.

Ducos esperou que a respiração de Sharpe se acalmasse, para voltar a encarar aquele rosto sangrento e maltratado.

— Acho que lhe seria de ajuda saber, major, que vou lhe fazer uma série de perguntas para as quais já tenho resposta. Portanto vai sofrer desnecessariamente. No final entenderá o propósito de tudo isso. Acusaram-no de matar o marido de Helene, não é assim?

— Você já o sabe.

Ducos sorriu.

— Fui eu que planejei, senhor Sharpe. O senhor sabia?

Ducos se sentiu satisfeito pela sacudida da cabeça de Sharpe, a repentina surpresa que denotaram seus olhos contudidos. Ducos gostava que suas vítimas soubessem quem era o responsável por sua desgraça.

— Por que Wellington fingiu sua morte?

— Não o sei.

Sharpe tinha os lábios inchados. Tragava sangue. Sua respiração era entrecortada. Estava calculando as distâncias, não planejando a primeira morte, mas a segunda.

Ducos estava desfrutando com o espetáculo de seu inimigo pisoteado e arrasado. Não era a derrota física o que lhe produzia prazer, mas que Sharpe se desse conta de que o haviam manobrado.

— Foi enviado para resgatar Helene?

A voz de Sharpe soou distorcida por causa de seus lábios sangrentos.

— Queria saber por que havia mentido em sua carta.

Esta resposta deteve a Ducos, que franziu o cenho.

— O resgate foi ideia sua?

— Ideia minha.

Sharpe cuspiu sangue no piso.

— Como sabia onde estava?

— Todo mundo sabia. Meia Espanha sabia.

Ducos aceitou tal verdade. Supunha-se que o destino da marquesa tinha que ser um segredo, mas nada do que sucedia na Espanha era um segredo. Inclusive Verigny, um tonto pretensioso, havia descoberto onde estava retida sua amante. Nada disso preocupava a Ducos. Só o que lhe inquietava era a segurança do tratado.

— Portanto a resgatou há cinco dias?

— Algo assim.

— E o general Verigny encontrou o senhor no dia seguinte?

— Foi.

— Deitou-se com ela, senhor Sharpe?

— Não.

— Mas o senhor disse que era para isso que queria resgatá-la.

— Ela não quis.

Sharpe fechou os olhos e apoiou a cabeça contra a parede. As duas últimas vezes que o haviam atacado os soldados armados não se molestaram em usar as baionetas para evitar que se voltasse. Viam que estava derrotado e indefeso. Equivocavam-se, mas ele esperava esse momento e o estava planejando com cuidado. Da última vez caiu para a direita e o homem que estava ali retrocedeu

e se afastou para deixar lugar para Lavin. Tinha que voltar a fazê-lo.

— Deitou-se com ela?

— Não.

— Ela lhe disse por que estava no convento?

— Queria descansar.

Ducos sacudiu a cabeça.

— O senhor é um tonto teimoso, senhor Sharpe.

— E você é um sacana asqueroso.

— Senhor Sharpe — disse Ducos reclinando-se na cadeira —, diga-me que explicação ela lhe deu. Deve ter lhe dado algum tipo de explicação a respeito da prisão.

Sharpe sacudiu a cabeça, como se tivesse alguma dificuldade com seus sentidos.

— Ela me disse que havia sonhado com você. Que recebera a ordem do imperador de se casar com você, que o viu despido e que era a coisa mais horrível que jamais tinha visto...

— Sargento!

O primeiro golpe Sharpe o recebeu no crânio, um golpe oblíquo, mas depois encaixou uma porrada no ventre que lhe cortou a respiração. Fez um esforço para ir para a direita e um golpe na cabeça o ajudou a cair ao piso.

— Alto!

Uma bota o pisou nos rins. Tirou o tubo de bronze da manga, o girou e o agarrou com a mão direita. Teria uma oportunidade, somente uma.

— Não! — gritou de forma desesperada, como se fosse um menino que roga para que parem de bater, e depois gritou quando uma bota lhe acertou na coxa.

Ducos disse algo em francês. Pararam os golpes. O sargento se inclinou para levantar Sharpe pelo colarinho. Os outros três homens permaneciam detrás, com as armas baixadas, sorrindo cinicamente.

Lavin levantou Sharpe e nunca chegou a ver a mão que lhe golpeou com o tubo de bronze.

Sharpe gritou de raiva, o grito de guerra. Achavam que estava fraco e derrotado, mas ele tinha uma grande energia em seu interior e saberiam o que era um fuzileiro em ação.

O tubo, com os extremos de bronze abertos, golpeou em Lavin na virilha. Sharpe o retorceu, o empurrou; o sargento o soltou, lançou um grito horrível e levou as mãos para a ferida. Mas Sharpe já havia acabado com ele; levantava-se à direita do sargento, movia-se com toda velocidade e enchia o aposento com seu grito de guerra.

O corpo do sargento não deixava passar os dois homens. O terceiro levantou o mosquete, mas Sharpe agarrou o cano da arma, puxou e com o salto direito golpeou o homem no bigode, sem deixar-lhe um osso inteiro. A seguir, Sharpe levou sua mão sangrenta para o percussor do mosquete, girou a arma e apertou o gatilho.

Os dois homens que restavam não tinham se atrevido a disparar com medo de acertar em seus próprios companheiros. Apenas se passaram alguns instantes desde que o sargento se inclinara para levantar o oficial inglês destroçado. Agora um mosquete vomitava fumaça e ruído.

Um homem caiu, com a bala de mosquete nos pulmões, e Sharpe atingiu com a culatra de bronze naquele de quem havia tirado o mosquete e que ainda forcejava com ele. A culatra acertou a cabeça do homem, mas este derrubou a Sharpe ao chão, junto ao sargento que sangrava e gemia, e então um segundo disparo de mosquete ressoou no quarto; retumbou com mais força que o trovão, afogando inclusive a agonia do sargento Lavin.

Sharpe se moveu, ergueu-se e bateu com o mosquete no homem que tinha disparado quando ele caía. Seguiu gritando, sabia que os homens temem o ruído, a ferocidade, e de um puxão soltou o pé direito do homem que o agarrava, se levantou grunhindo do piso ensanguentado e arremeteu com a baioneta que havia conseguido, dando golpes secos e profissionais contra o último de seus inimigos ainda estava de pé. Ducos, com a boca aberta, permanecia junto à porta, aterrorizado. Ele não tinha arma.

As baionetas se chocaram. Sharpe empurrou de lado a de seu oponente, voltou a arremeter; depois quebrou para a direita, para a mesa, agarrou a espada e sua voz se ouviu triunfante ao brandi-la. A bainha raspou ao sacar a espada e voou pelo quarto, e ele foi cortando com a lâmina e gritando com fúria vitoriosa. Fez um corte no pescoço do último homem e retirou a espada entre osso e sangue. Viu que o homem começava a cair, então o matou com uma arremetida que se afundou no moribundo. Em alguns segundos, somente alguns segundos, havia matado dois homens e ferido outros dois. Virou-se, retirou a espada e olhou para a porta.

— Ducos!

Ali não havia ninguém.

Dirigiu-se para a porta, com a espada ensanguentada na mão. Seu rosto era uma máscara de sangue, seu uniforme estava empapado do sangue de Lavin. Um homem contra quatro, um fuzileiro! O sargento Harper teria dito que isso era jogar com vantagem.

— Ducos! Sacana! Ducos!

Entrou no passadiço. Atrás dele o sargento soluçava, queixava-se e sangrava com as mãos sobre a virilha.

— Ducos! Porco!

— *M'sieu?* — disse uma voz que provinha da direita.

Sharpe se virou. Ali havia um grupo de oficiais franceses. Elegantes e polidos, olhavam surpresos para o homem coberto de

sangue, com a cara machucada, a voz selvagem e a espada jorrando sangue.

Os oficiais franceses usavam espadas mas nenhuma desembainhada.

Um homem se adiantou, um homem alto vestido de verde e rosa, que franziu o cenho.

— Major Vaughn?

Era Verigny. Tinha o rosto desencaixado, pelo odor de sangue ou pelo aspecto de Sharpe.

— Major?

— Meu nome é Sharpe. — Não tinha sentido seguir mentindo. — Major Richard Sharpe.

Apoiou-se na parede. Deixou que a ponta da espada se apoiasse nas lajotas e formou um charco de sangue.

Parecia que Verigny adotava a posição de sentido.

— Eu achava, major, que o senhor seria tratado de com honra.

Sharpe indicou com a cabeça para a porta.

— Aqueles sacanas tentaram me matar. Então, não tinha espada. Eu me defendi.

O sargento Lavin gemia lançando gritos lastimosos do interior do quarto quadrado com paredes de pedra.

Verigny olhou pela porta. Jogou-se para trás e ficou olhando intimidado o fuzileiro que convertera o quarto em um matadouro.

— Será bem tratado, major. Necessita de um médico?

— Sim. E água. Comida. Uma cama.

— Certamente.

— Que lavem esta roupa. Um banho.

— Certamente.

Sharpe retirou a mão direita da espada. Tinha a palma destroçada. Ela doía. Levantou a espada com a mão esquerda.

— Parece ser que volto a ser seu prisioneiro.

— Conceda-me a honra de conservar sua espada, *m'sieur*, até que tenhamos discutido o que faremos.

Sharpe consentiu com a cabeça e depois regressou ao quarto.

Recuperou sua bainha e o cinturão de sua espada, mas não lhe pôde abotoar com a mão ferida. Foi para o sargento Lavin, que gemia e soluçava; este levantou a vista para ele com olhos que pareciam uma mistura dor e surpresa por ter sido vencido. Sharpe olhou para o general francês.

— Senhor?

— Major?

— Diga a este eunuco que conseguiu o que desejava.

Verigny se estremeceu ao ouvir a voz do fuzileiro.

— O que desejava, *m'sieur*?

— Queria um inglês. Ele conseguiu.

Capítulo 16

Sharpe foi conduzido a um dos edifícios do pátio do castelo que ainda se estava restaurando, ajudaram-no a subir as escadas até um aposento caiado, decentemente mobiliado com uma cama, uma mesa e várias cadeiras e com uma janela de barrotes que dava para o pátio maior da fortaleza. Através dela via a torre de homenagem achaparrada e a igreja do castelo; cada centímetro do pátio estava abarrotado com as carroças do tesouro.

Veio um médico. Lavou e vendou suas feridas. Ele o sangrou com uma lanceta e depois lhe deram comida e conhaque. Levaram uma grande tina para seu quarto, encheram-na com baldes e ele se meteu dentro. Levaram seu uniforme, lavaram e remendaram antes de devolverem.

Continuava sendo um prisioneiro. Havia dois guardas no exterior da porta, na parte superior das escadas que conduziam ao interior do pátio. Um dos vigilantes, um jovem agradável não mais velho que Angel, o barbeou. Sharpe não podia segurar a navalha com a mão direita vendada. Sua espada estava apoiada junto à cama. Ele limpou a lâmina com dificuldade. Nas estrias da empunhadura de madeira, que era envolvida em couro e ligada com arame, ainda havia sangue; ele não tivera forças para limpá-la. Em vez disso dormiu; dormiu entre pesadelos e dores intermitentes.

Seus guardas trouxeram comida, boa comida, e duas garrafas de vinho tinto. Tentaram lhe dizer algo, sorrindo amavelmente ante sua incompreensão. Ouviu o nome de Verigny e supôs que o general lhe enviara a comida. Sorriu, consentiu com a cabeça para mostrar que havia entendido e os guardas o deixaram com umas velas absorto em seus pensamentos. Caminhou pelo aposento, pensando somente que logo toda a Espanha acreditaria que Wellington havia soltado o assassino de um marquês espanhol. Ele falhara com Wellington, com Hogan e consigo mesmo.

Pela manhã o médico voltou a visitá-lo, desfez as bandagens e murmurou algo para si. Examinou os excrementos que Sharpe fizera no balde da noite: pareceu que lhe agradaram; depois sangrou a coxa de Sharpe em uma tacinha. Não voltou a vendar sua cabeça, somente o corte na mão que ainda doía. Tinha os lábios inchados. No interior estavam recobertos de sangue seco. “Melhor isto — pensou — que a ferida do sargento”.

Ficou sentado junto à janela durante toda a manhã, observando as carroças que rodavam pelo pátio. As carroças foram partindo uma atrás da outra; os condutores ataçavam os bois com bastões pontiagudos. O chiado dos eixos não se detinha enquanto o pátio ia se esvaziando lentamente. A retirada francesa, que havia começado em Valladolid, havia reiniciado. Sharpe sabia que os britânicos ainda deviam de estar avançando, e que os franceses mandavam os carros do tesouro de regresso para a pista principal para a França. Perguntou-se se os seis carros de Helene estariam entre eles. Também se perguntou por que Ducos fizera que o acusassem da morte do marquês e por que Helene mentira.

A igreja do castelo se utilizara como armazém de munições. Quando os carros foram deixando espaço no pátio grande, os pelotões de infantaria começaram a acarretar bombas e potes de metralha da igreja para a torre de homenagem. Sharpe, sem ter nada mais o que fazer, observava.

Após uma hora as bombas já não eram mais levadas ao interior da torre de homenagem, eram amontoadas no pátio. Foram fazendo um monte atrás do outro, começando junto à porta da torre de homenagem e descendendo para o pátio até onde ele estava. Perguntou-se se esse era um destacamento de castigo, desses obrigados a fazer os trabalhos inúteis que todos os exércitos reservavam para os rebeldes, mas então viu alguns oficiais engenheiros franceses que corriam com mechas brancas para cada um dos montes em forma de cone, mechas que iam até a torre de homenagem.

De repente percebeu que os franceses deviam de estar abandonando Burgos, que iam explodir o castelo para não entregar tal fortaleza intacta a seus inimigos. Contudo, era estranho que tivessem o incômodo de amontoar as bombas no pátio em lugar de explodi-las em massa no armazém. Então, ao ouvir pisadas nas escadas, se virou, afastou-se da janela e se esqueceu dos estranhos montes de munições.

Assegurou-se que tinha a espada à mão. Temia que Ducos regressasse e acabasse o que havia começado, mas quem abriu a porta foi um lanceiro francês sorridente. Do braço daquele homem pendia uma cesta com roupa.

Vieram mais homens, homens que puseram comida e vinho na mesa do quarto de Sharpe. Nenhum deles falava inglês. Acabaram seu trabalho, partiram e então Sharpe ouviu a voz dela nas escadas. Era a marquesa; parecia que tivesse se banhado em orvalho e bebido ambrosia, os olhos brilhantes, o sorriso acolhedor e sua preocupação pela cara machucada e marcada de sangue do fuzileiro. Era acompanhada pela figura alta e morena do general Verigny, enquanto que detrás ia outro oficial francês, um major gorducho chamado Montbrun que falava bem o inglês e esperava que o major Sharpe não estivesse muito dolorido.

Sharpe confirmou que não estava. O major Montbrun, contudo, esperava que o major Sharpe compreendesse que o tratamento que recebera das mãos do sargento Lavin não era digno do grande exército francês e que o inglês o esqueceria e aceitaria se reunir com ele para tomar uma refeição ligeira.

O major Sharpe aceitou.

O major Montbrun sabia que o major Sharpe já tivera a honra de conhecer a marquesa e o general. Montbrun explicou que ele era um ajudante do próprio rei José, o irmão de Napoleão, que era um rei marionete no trono espanhol desmoronado. Montbrun esperou que o major Sharpe não levasse a mal se lhe dissesse que sua majestade o rei José tinha ficado feliz que um inimigo tão temível como o major Sharpe tivesse sido capturado. Sharpe não

respondeu. A marquesa sorriu e tocou a ferida encrostada que Sharpe tinha na cabeça com a ponta de seus dedos.

— Ducos é um sujo.

Montbrun franziu o cenho.

— O major Ducos explicou o que sucedeu, senhora. Estou seguro de que devemos acreditar nele.

— O que ele disse? — perguntou Sharpe.

Montbrun pegou uma cadeira para a marquesa, outra para Sharpe e por último se sentou ele mesmo.

— O major Ducos nos explicou que o sargento Lavin perdeu as estribeiras. Da forma mais triste, certamente. Pode nos perdoar se nos servimos nós mesmos, major Sharpe? Creio que teríamos mais intimidade sem ordenanças.

— Certamente. E como está o sargento Lavin?

Montbrun franziu o cenho, como se esse tema fosse muito desagradável.

— Ele, certamente, foi acusado de falta de disciplina. Posso lhe oferecer um pouco desta sopa fria? É deliciosa, estou seguro. Posso ajudá-lo?

Podia. A marquesa, vestida com seda lilás e um grande decote grande com um babado de renda, lhe sorriu. Sharpe estava de acordo com Montbrun de que a primavera fora úmida e que nesse verão havia chovido mais que em muitos outros na Espanha. Concordou que a sopa, um gaspacho, estava deliciosa. Montbrun se perguntou se não teria alho demais para seu gosto, mas Sharpe lhe assegurou que não poderia ter alho demais em nada para seu gosto e Montbrun achou um ponto de vista muito sábio.

Verigny sorriu cinicamente. Tinha o bigode manchado de gaspacho.

— Acredito que quase matou aquele *sacano* do Lavin, não é verdade? — Olhou para a marquesa. — *Sacano?*

— Sacana, querido.

— Ah! O senhor quase mata o sacana do Lavin, né?

Sharpe sorriu.

— Ele tentou me matar.

Verigny deu de ombros.

— Devia tê-lo matado. Odeio aos sacanas.

Montbrun se apressou, com suavidade de cortesão, a recomendar o vinho tinto que, apesar de ser espanhol, era de grande qualidade, pensava ele, e que podia agradar ao major Sharpe. Este, que tinha sede, o achou muito agradável. Bebeu.

A marquesa brindou com ele.

— Deveria tomar mais champanhe, Richard.

— Devo reservá-lo.

— Por quê? Há muito!

Certamente havia. As garrafas de vinho e champanhe estavam colocadas no extremo da mesa formando filas. Montbrun serviu uma taça de champanhe para Sharpe.

— Soube que em seu país escasseia agora, major, por causa da guerra.

Sharpe, que nunca havia tomado champanhe na Inglaterra e somente o bebera na Espanha e quando estava com a marquesa, concordou que escasseava.

— Certamente — disse Montbrun enquanto se servia uma taça —, um prisioneiro inglês me disse que se paga vinte e três xelins por uma garrafa em Londres agora. Vinte e três xelins! Quase trinta francos a garrafa!

A marquesa o olhou maravilhada e se perguntou como se podia viver com tais preços e inquiriu se não havia alvoroços nas ruas provocados pelo povo que não podia tomar champanhe. O que os ingleses bebiam então?

— Cerveja, senhora.

Montbrun serviu Sharpe com presunto e frango frio. Desculpou-se por uma refeição tão simples. O presunto fora cozido com uma camada de mel e mostarda.

A marquesa queria cerveja inglesa e se mostrou triste porque não havia nenhuma naquele momento no castelo de Burgos. O general Verigny prometeu que lhe encontraria. Gemeu ao sacar as rolhas de outras duas garrafas de vinho tinto.

— Temos que bebê-lo. Não podemos levá-lo com este maldito exército.

Montbrun franziu o cenho. Sharpe sorriu.

— Maldito exército?

Verigny lançou para trás uma taça de vinho e se serviu outra.

— Não é um exército, major; não um verdadeiro exército. Somos... — Fez uma pausa, e franziu o cenho. — *Um borde ambulante!*

— Acho que achará a terrina francamente boa, major — disse Montbrun sorrindo. — Permite que lhe corte um pouco de pão?

— Um o quê? — perguntou Sharpe.

— Um bordel ambulante, major.

A marquesa sorriu engenhosamente.

— Parece que vêm demasiadas mulheres conosco. Em especial desde que se uniu a nós o rei José.

— Permita-me, major. — Montbrun pôs um pouco de terrina no prato de Sharpe. — Mais vinho? Champanhe, talvez?

— Vinho.

Quando a refeição tinha terminado e quando as cascas de laranja sujavam a mesa entre as sementes de uvas e as peles dos queijos, o major Montbrun levou a conversa para o futuro de Sharpe. Tirou do bolso com incrustações douradas de sua casaca um pedaço de papel dobrado.

— Temos o desejo de lhe oferecer a liberdade sob palavra — disse Montbrun sorrindo e pôs o papel diante de Sharpe. — O general Verigny considerará uma honra, major, se permitir que cubra todas suas necessidades. Um cavalo, seus gastos. — Montbrun deu de ombros, como se aquela oferta generosa fosse uma bugiganga.

— O general já me fez suficientes honras.

Verigny, além de proporcionar esse quarto e a comida de Sharpe, tinha lhe presenteado com uma navalha de barbear nova, uma camisa limpa, meias novas e inclusive uma caixa de isca nova; tudo isso para substituir os artigos que roubaram de Sharpe desde que caiu nas mãos de Ducos.

Sharpe desdobrou o papel, sem entender as palavras em francês, mas viu seu nome, mal escrito, na primeira linha. Olhou para Montbrun.

— Vão propor meu nome para uma troca?

Eles deviam de estar esperando aquela pergunta. Raras vezes se mantinha prisioneiro de guerra a um oficial se fosse capturado perto da linha de batalha. Montbrun franziu o cenho.

— Temo que não, major.

— Posso saber por quê?

— O senhor tem, *m'sieu*, certa notoriedade. — Montbrun sorriu. — Seria uma bobagem de nossa parte soltar um soldado tão formidável para que cause mais danos contra nossa causa.

Era um cumprimento bastante bonito, mas não era a resposta que Sharpe queria. Se não o trocariam, teria que enfrentar uma viagem até a fronteira, onde o soltariam sob palavra para que atravessasse a França sem escolta. Verigny, falando com impaciência, explicou que seria um prazer para ele proporcionar-lhe tudo o necessário para que vivesse nos melhores hotéis; inclusive lhe entregaria cartas de apresentação. Estava seguro de que o major se alegraria de estender sua viagem para o norte para saborear as delícias do verão na França.

— Passe todo o verão, major. Pode beber; há mulheres, e mais bebida! — Fez uma demonstração acabando sua taça.

Sharpe percebeu que para Verigny lhe custava pronunciar as palavras.

Ainda havia mais. Uma vez em Verdun, a grande fortaleza do norte onde eram retidos os oficiais prisioneiros, Montbrun lhe explicou que o general se asseguraria de que Sharpe tivesse dinheiro para alugar habitações na cidade e contratar criados, e que se fizesse sócio dos melhores clubes organizados pelos oficiais britânicos presos. Inclusive, disse, a Associação Literária e Filosófica, que não era nem literária nem filosófica, mas que proporcionava aos presos britânicos mais ricos os prazeres discretos que um homem necessitava.

Sharpe lhe agradeceu. Montbrun pegou sua bolsa e sacou uma pena e um frasco de tinta. Ofereceu para Sharpe.

— Firmará, major?

— Quando partiremos de Burgos? — perguntou Sharpe sem ter tocado na pena.

— Amanhã, major. O general vai com a retaguarda. O senhor pode viajar a cavalo ou, se suas feridas não lhe permitirem, na carruagem da marquesa. Partiremos, está previsto, às nove.

Sharpe olhou para Helene e sentiu a tentação de se render, de assinar o papel e compartilhar a viagem com ela. A mulher sorriu.

— Assine, Richard. — Deu de ombros. — Não vamos soltá-lo, já sabe disso.

Verigny arrotou, Montbrun franziu o cenho. Sharpe sorriu.

— Então terei que escapar.

Isto os surpreendeu. Houve um segundo silêncio, então Verigny começou a falar, a suplicar. Se não desse sua palavra, eles se veriam obrigados a amontoar ultrajes contra um homem valente que já havia sofrido suficientes afrontas nas mãos dos franceses que eram uma vergonha para seu país, seu imperador e sua

sagrada bandeira. Era impensável que tivesse que entrar na prisão como um criminoso comum. Verigny não queria nem ouvir falar nisso! Tinha que assinar!

Ele voltou a olhar o papel.

— Eu lhes informarei de minha decisão pela manhã. Às oito?

Era o melhor que podiam fazer. Tentaram persuadi-lo, mas não o fizeram mudar de opinião.

— Pela manhã, às oito.

Abriram duas garrafas mais de vinho. Sharpe começava a sentir os efeitos das seis primeiras, mas deixou que Montbrun lhe servisse mais. Brindaram por Helene, brindaram para que tivesse sorte e encontrasse as carroças. Ela disse que, ao que parece, já tinham sido enviadas para *Vitória*, mas o general Verigny acreditava que poderia fazê-las regressar. Serviram mais vinho. O major Montbrun, com a cara gorda brilhante de suor, pediu licença a Sharpe para brindar pelo imperador e, com a devida permissão, assim o fizeram. Por cortesia ao seu hóspede propuseram um brinde pela saúde do Rei Jorge III e depois outros reis, incluídos Artur, Alfredo, Carlos Magno, de Luis I a Luis XIV, César Augusto, o velho Rei Cole, o Rei do Castelo, Nabucodonosor e Vifredo o Cabeludo; e acabaram com Tiglath Pileser III, cujo nome já não puderam pronunciar, mas que tivera a honra de tomar o primeiro conhaque.

O general Verigny estava adormecido. Estava dormindo desde que propôs um brinde por Ricardo Coração de Leão.

— Era um capado — disse Montbrun; depois se envergonhou de suas palavras.

Agora, à medida que o sol se escondia e produzia sombras compridas nos montes cônicos de bombas no pátio, Montbrun decidiu que tinham que partir.

— Dirá qual é sua decisão pela manhã, major? — disse pronunciando as palavras lentamente e dando uns golpezinhos sobre o papel.

— Pela manhã.

— Bom. Se me permite, lhe deixarei.

Levantou-se, e seus olhos mostraram alarme pelos efeitos do vinho em seu equilíbrio.

— Santo Deus!

Foram necessários dois lanceiros para levar o general degraus abaixo e um para ajudar a Montbrun. A marquesa, que deu a mão para que Sharpe a beijasse, parecia não sofrer os efeitos da bebida. Ainda restavam seis garrafas sem tocar sobre a mesa. Ela lhe sorriu.

— Não fuja, Richard.

Ele sorriu.

— Obrigado por vir.

— Pobre, tonto Richard — disse a marquesa tocando-lhe a face; depois seguiu os dois oficiais até as escadas.

Sharpe se sentou. Ouviu como os pés do general se arrastavam pelos degraus, como se abria e se fechava a porta; escutou o chiado da carruagem e depois como se afastava ressoando. Ficou olhando o papel, as palavras estranhas em francês, e teve a tentação de compartilhar a carruagem com Helene. A porta se abriu.

— Eu lhes disse que viessem me buscar dentro de três horas — disse ela sorrindo.

Sharpe ouviu como corria o ferrolho.

A marquesa ficou olhando-o, com a cabeça inclinada, depois se aproximou da cama, sentou e levantou um pé para desabotoar as botinas que usava debaixo do vestido.

— Venha para a cama, Richard, pelo amor de Deus, venha para a cama.

Ele pegou uma garrafa de champanhe e ela começou a rir.

— Vês como é bom ser um prisioneiro da França?

Ele sorriu e levantou a mão direita que estava vendada.

— Terá que despir-me.

— Eu tentarei, Richard. Venha aqui.

Foi. Viu como o laço se desfazia e o vestido caía; ela ficou despida sob a luz vermelha do sol. A mulher estendeu as mãos para sua casaca, o jogou sobre a cama e o abraçou.

A marquesa fumou um charuto. Estava deitada de costas e soltava anéis de fumaça para o teto.

— Tenho praticado durante meses.

— Faz isso muito bem.

— Os anéis também. — Riu tontamente. — Não está muito bêbado.

— Nem você.

Ele lhe jogou champanhe no umbigo e o chupou.

— Sente as bolhas?

— Sim.

— Não acredito.

Ela não disse nada durante alguns segundos; depois, mudando repentinamente a voz de maneira que o fez parar o jogo e olhá-la, disse que o major Ducos a fez assinar a carta que havia provocado o duelo.

— Eu sei — disse Sharpe olhando seus olhos cinzentos.

— Venha aqui — a marquesa disse, indicando o travesseiro junto dela, e quando estava ali puxou o lençol para cobrir a ambos e enredou sua perna com a de Sharpe. — Está bêbado?

— Não.

— Então escute.

Ela falou. Explicou a existência de um tratado entre o rei espanhol prisioneiro e o imperador Napoleão. Falou da participação

de Pierre Ducos na redação do tratado e lhe descreveu os termos deste e como, se fosse assinado, tiraria os britânicos da Espanha.

— Entendeu?

— Sim. Mas o que...?

—... Tem a ver com a carta? — A marquesa acabou a frase, depois deu de ombros. — Não sei. — Jogou o charuto no piso e pôs sua mão na cintura de Sharpe. — Não o sei, salvo que acredito que o inquisidor deve estar ajudando Ducos e adivinho que meu dinheiro é o preço dessa ajuda.

Sharpe observou o belo rosto brilhante e tentou perceber se aquela era a verdade. Não sabia. Tinha mais sentido do que a história anterior, mas sabia que essa mulher inteligente era uma grande mentirosa.

— Por que está me contando?

A marquesa não respondeu; em lugar disso perguntou se ele havia gostado do major Montbrun. Sharpe deu de ombros.

— Acho que sim.

A dama se apoiou em um cotovelo e o lençol caiu até a cintura. O quarto estava quase escuro, e Sharpe acendeu a vela que havia próximo da cama. A marquesa se apoiou em cima dele para acender outro charuto com a chama e ele estirou a língua para cima para tocar-lhe o peito.

— Richard! Quer falar sério?

— Estou falando.

— Por que acha que Montbrun estava aqui?

— Não sei.

— Deus! Pensa, estúpido sacana! — exclamou a marquesa, meio apoiada em cima dele. — Montbrun é um dos homens de José, e José é o rei da Espanha! Isso o agrada, gosta que lhe chamem sua majestade! Não quer deixar a Espanha. Ainda que só possamos

manter um pedaço da Espanha terá um reino, mas agora seu irmão planeja tirar-lhe o trono e devolvê-lo a Fernando. Entendeu?

— Entendi. Mas por que me dizer?

— Porque você vai impedi-lo. — A marquesa se tirou uma fibra de tabaco do lábio e pôs no peito dele. — Você vai assinar esse documento e vir comigo. Depois escapará. Montbrun nos ajudará: está de acordo. Tudo isso que se falou de atravessar a França era destinado a Raoul. Nós queremos que você escape. — A mulher lhe golpeava o peito com os dedos. — Irá até Wellington. Eu lhe darei uma carta e Montbrun a firmará. — Ela o olhava fixamente nos olhos. — Você escapa com nossa ajuda e vai até Wellington, porque se ele fizer uma declaração pública agora, pode deter o tratado. Ninguém se atreveria a apoiá-lo. Somente Fernando pode fazer que os estúpidos sacanas o aceitem, mas se Arthur consegue que os espanhóis façam uma declaração agora de que não o aceitariam, então não se chegaria a firmar. Portanto você o detém, entendeu?

Ele franziu o cenho.

— Por que José não detém o tratado?

— Porque seu irmão o crucificaria! Todos têm medo de Napoleão. Mas se você disser a Wellington, ninguém porá a culpa em José.

— Por que não me trocam?

Pareceu que ela se exasperava com essa pergunta.

— Não podemos. Ducos não permitiria. Ele quer que desfile em Paris como prova da má fé dos britânicos. Além disso, você acha que alguma vez já trocamos alguém como você?

— Mas me deixarão escapar.

— Porque dessa forma Ducos perde. Porque José se fica com um pouco da Espanha e me devolve minhas carroças! — Ela o julgava com os olhos. — Montbrun também pagará a você.

— Mas você não disse que o tratado salvaria a França?

— Pelos cravos de Cristo! E serei pobre e a metade dos homens de José também! Necessitamos permanecer aqui este verão, Richard, isso é tudo. Além do mais, foi o sacana do Ducos que dispôs isto, fez que me prendessem e quase consegue que te enforcuem! Quero a Ducos contra a parede, desejo-lhe tanto mal, Richard, que o sinto nas entranhas. No ano que vem podem assinar esse maldito tratado, mas agora não, não até que Pierre Ducos esteja morto.

— E você quer seu dinheiro.

— Quero ter a casa da qual lhe falei.

— Patê de calhandra e mel?

— E você pode vir me visitar desde a Inglaterra. Nós lhe pagaremos, Richard. Dois mil guinéus, em ouro, ou em papel, ou no que seja. Assine o documento onde dá sua palavra e nós faremos o resto.

Ela o observou enquanto ele se levantava e caminhava despido até se sentar na janela.

— Então?

— Se não cumprir com minha palavra não tenho honra.

— Deus cospe na honra. Três mil!

Sharpe virou-se para a dama. Helene estava reclinada para ele, despida, seu rosto atento. Seu corpo, que era tão bonito, era iluminado e escurecido pela vela. Ele se perguntou se ela sentia algo quando a abraçava.

— Quer que assine à custa de minha honra?

Ela lhe lançou o charuto.

— Por seu país. Por mim! É o mesmo, não é desonroso!

— Não é?

— Montbrun escreveu seu nome errado de propósito. Não é sua palavra.

Ele se afastou. Abaixo, entrava no pátio uma carruagem entre os estranhos montes de munições. Ela a ouviu, amaldiçoou e começou a se vestir.

— Pode me abotoar?

— Mais ou menos.

Sharpe a apalpou com a mão vendada na nuca e depois a fez se virar para ele. Olhou-a para os olhos e ela se ergueu e o beijou.

— Faça isso por mim, Richard. Acabe com Ducos e aquele sacana do inquisidor e regresse para sua carreira. — Pôs a mão sobre o peito e apertou — A guerra terá terminado dentro de dois ou três anos! Acabado! Venha a mim então. Promete?

Era mais bonita que um sonho, mais adorável que as estrelas no inverno, mais suave que a luz. Beijou-a e seus lábios eram quentes.

— Venha me procurar quando tudo tenha acabado.

— Procurá-la?

Ela sorriu pela metade. Era de uma formosura pungente; sussurrou-lhe ao ouvido e pôs sua bochecha cálida contra a dele.

— Eu te amo, Richard. Faça isto por mim e me procure.

Ouviu-se um golpe na porta. Ela gritou para que esperassem e passou uma mão pelo cabelo de Sharpe.

— Irá me procurar?

— Sabe que sim.

A marquesa indicou o documento.

— Assine, Richard. Por nós dois! Assine!

Ela sorriu ao vê-lo despido, fez um sinal para que se ocultasse atrás da porta e desapareceu na noite.

Sharpe bebeu muito; estava de mal humor. Pensava na honra manchada, em uma mulher que se havia comprometido, para satisfazer seu sonho mais selvagem, em um tratado que expulsaria

o exército britânico da Espanha. Tinha vestido as calças e a casaca, acendera mais velas e ainda não havia firmado o documento. Decidiu que estava muito bêbado para assinar o papel dando sua palavra. Desde que Helene se fora já havia bebido duas garrafas de vinho.

Foi para a mesa, surpreso de ver que se aguentava em pé, e levou duas garrafas de vinho para a janela; assim pouparia uma viagem complicada através do quarto quando tivesse acabado a primeira. Tal raciocínio lhe pareceu exageradamente inteligente. Estava orgulhoso disso. Apoiou a cabeça contra os barrotes da janela. Em alguma parte uma mulher ria, era um fraco som de puro prazer e ele estava ciumento.

— Helene — disse em voz alta. — Helene, Helene, Helene.

Bebeu mais, sem copo. Se assinasse o documento, pensou, estaria com ela alguns poucos dias. Verigny não poderia estar sempre presente. Poderiam fazer amor na carruagem, com as cortinas fechadas. Faltaria à sua honra. Faltaria à sua palavra de honra. Já não lhe restaria honra se fizesse isso, nada.

Certamente, evitaria para a Grã-Bretanha uma derrota à custa de sua honra. Helene seria rica por sua honra. E fazendo que caísse a desgraça sobre Ducos, inclusive poderia, tal como dissera Helene, colocá-lo contra a parede e disparar. Tudo isso à custa de sua honra.

Pensou em Ducos e levantou a garrafa para a noite.

— Sacana.

Bocejou amplamente, bebeu mais e tentou concentrar a vista em uma janela acesa que havia na torre de homenagem, mas ia deslizando em diagonal para cima para a direita. Franziu o cenho. Talvez fosse verdade, pensou, talvez ela o amasse. Às vezes pensava que era uma vadia traidora, mais bela que nenhuma outra, mas mesmo as vadias traidoras amam a alguém, não é assim? Perguntou se o amor era um sinal de fraqueza e depois pensou que

não era. Depois já não foi capaz de recordar no que estava pensando e bebeu mais da garrafa.

Perguntou-se se Antônia gostaria de ter como madrasta uma aristocrata francesa. Bebeu ao pensar nisso. Bebeu pelo patê de calhandra e mel, pelo vinho branco e o corpo dela em seus braços, por seu hálito em sua boca, e desejou que ainda estivesse ali; bebeu mais vinho, porque poderia aliviar a solidão que lhe havia deixado ao partir.

Atrás da janela, para o noroeste, pareceu ver um resplendor no céu. Ele o percebeu, franziu o cenho e pensou que o resplendor merecia um brinde. Levantou a garrafa e bebeu. Sentiu-se enjoado. Pensou que ficaria melhor se vomitasse, mas não tinha intenção de ir ao balde que estava decentemente oculto atrás de um biombo de madeira. Todos riram quando Montbrun usou o balde e acharam que urinava durante uma eternidade. Agora se virou para rir.

Ela o amava. Ela o amava. Ela o amava.

Fechou os olhos. Depois deu um puxão com a cabeça para cima, os abriu e ficou olhando a grande mancha vermelha no céu. Sabia o que era. Eram as fogueiras de acampamento de um exército; vistos de longe, refletiam-se nas nuvens que ameaçavam chuva. Os britânicos estavam a noroeste, perto o bastante para que suas fogueiras fossem vistas nas nuvens, perto o bastante para obrigar o exército francês a se retirar mais. Um bordel ambulante. Começou a rir e voltou a beber.

Lançou a garrafa vazia ao pátio e ouviu como se chocava contra as pedras e provocava o grito de um sentinela. Sharpe respondeu gritando.

— *Capão! Capão!*

Pegou a outra garrafa. “Não deveria seguir bebendo”, disse a si mesmo; depois decidiu que seria um desperdício se não o fizesse. Pensou que poderia bebê-la na cama e se levantou.

Caminhou apoiando-se na parede. De repente, tudo lhe pareceu claro com a maravilhosa lucidez do bêbado. O rei José e Montbrun

queriam que fugisse. Montbrun era um cortesão, sabia mais de honra do que Sharpe; portanto seria certo faltar com sua palavra. Escaparia. Iria ao encontro do exército britânico, seria rico e se casaria com a marquesa quando a guerra terminasse, porque inclusive vadias traidoras tinham que amar a alguém e ele não podia suportar pensar que ela pudesse amar outro. Bebeu enquanto pensava. Patê de calhandra e mel, e vinho. Mais vinho. Sempre mais vinho, e então se separou da parede, apontou para a cama e caiu justo antes de chegar. Conseguiu salvar a garrafa. Sentou-se junto à cama estreita onde a amara nesse mesmo dia.

— Eu te amo — disse.

Cobriu-se com os cobertores e bebeu mais. Tudo era muito simples. Escapar e vitória, matrimônio e riquezas. A sorte estava de seu lado. Sempre estivera. Sorriu e levantou a garrafa. Bebeu mais vinho, somente para demonstrar que podia fazê-lo, e depois, quando pensava solenemente que devia planejar um ou dois detalhes das decisões tomadas, a cabeça arriou para trás contra a cama, a garrafa caiu e ele dormiu o sono dos bêbados.

Capítulo 17

A chegada da manhã foi como um gemido triste. Ainda seguia metido entre os cobertores junto à cama. A luz do amanhecer era deprimente.

Soltou uma maldição e fechou os olhos.

Alguém estava usando uma marreta dentro do castelo, os golpes lhe ressoavam na cabeça.

— Oh, Deus.

Voltou a abrir os olhos. Havia uma garrafa de vinho jogada no piso junto dele; o vinho do gargalo da garrafa estava escuro por causa do sedimento. Voltou a gemer. Apoiou a cabeça contra a cama e olhou para o teto caiado. Parecia que o martelo provinha das próprias paredes da quarto. Não podia acreditar que pudesse estar tão mal. Sentia os olhos como se quisessem sair das órbitas, tinha a boca tão asquerosa como a primeira cela em que Ducos o metera, acidez de estômago e os intestinos revirados.

— Oh, Deus.

Ouviu que corriam os ferrolhos de seu quarto, mas não se virou.

— *Bonjour, m'sieur!* — era o guarda jovem e amável.

Sharpe virou-se lentamente, seu pescoço doeu.

— Jesus.

O guarda começou a rir.

— *No, m'sieur.* Sou eu. — Pôs uma bacia sobre a mesa e perguntou pelos gestos se desejava um barbeado. — *Oui, m'sieur?*

— *Oui.*

Sharpe se levantou. Cambaleava e notava as pernas doloridas; desejou ter ficado no piso. Levantou uma mão para o guarda.

— Um minuto! Espere! — foi para o biombo de madeira, apoiou-se e vomitou. — Deus!

— *M'sieur?*

— Bem! Bem! Que horas são?

— *M'sieur?*

Sharpe tentou se recordar a palavra. Estalou os dedos da mão esquerda.

— *L'heure?*

— *Ah! C'est Six heures, m'sieur.*

— *Six?*

O soldado levantou seis dedos; Sharpe consentiu com a cabeça e depois cuspiu pela janela.

Parecia que o jovem guarda gostasse de barbear o oficial inglês. Barbeava com habilidade, conversava incompreensivelmente e com jovialidade enquanto ensaboava, esfregava, raspava e secava com a toalha. Ocorreu a Sharpe que poderia dar uma cotovelada na barriga do rapaz, pegar seu mosquete, disparar contra o homem da porta e sair no pátio em dez segundos. Ali teria que haver um maldito cavalo e, com sorte, poderia atravessar a porta e sair antes que os guardas se dessem conta do que sucedia.

Por outro lado, não tinha vontade de uma mutilação criminosa e lhe parecia instintivamente mesquinho atacar um homem jovial que estava lhe barbeando com tal destreza. Além do mais, necessitava desjejuar. E necessitava com urgência. O garoto lhe deu alguns golpezinhos na cara para secá-la e sorriu.

— *Bonjour!*

Recuou até a porta com a bacia e a toalha, e regressou um momento depois para pegar o mosquete que havia deixado junto de Sharpe. Despediu-se com a mão e fechou a porta sem incomodar-se em passar o ferrolho. Algumas marteladas repercutiram com força no quarto. Foi até a janela e viu, ali onde os sentinelas faziam suas rondas monótonas nas muralhas, que os

canhões que haviam desafiado Wellington no ano anterior eram destruídos. Os munhões que seguravam os canhões aos carros eram serrados. Quando as serras para metais que chegavam ao meio, um homem dava um grande golpe com uma marreta para cortar o bronze. Os golpes percorriam o pátio. Para se assegurarem que os canhões não poderiam ser consertados, também os pregavam, depois os jogavam do outro lado das muralhas e caíam nas rochas abaixo. O ruído era ensurdecedor.

— Oh, Deus! — gemeu Sharpe.

Deitou-se na cama. Não voltaria a beber, nunca. Por outro lado, sabia que bebendo mais se encontraria melhor. A metade dos soldados do exército britânico iam dormir bêbados e só podiam enfrentar o dia seguinte bebendo os restos da noite. Abriu um olho e ficou olhando uma garrafa de champanhe sem abrir que havia em cima da mesa.

Pegou-a, franziu o cenho e deu de ombros. Apertou-a entre suas pernas e retorceu a rolha com a mão esquerda. O estouro ressoou. O grande esforço de tirar a tampa de cortiça parecia tê-lo deixado mais debilitado que um gatinho. A espuma do champanhe lhe caiu pelas calças. Ele o provou. Diminuiu o gosto de vômito da boca. Inclusive estava melhor. Bebeu um pouco mais.

Voltou a se deitar, segurando a garrafa com a mão esquerda, e se recordou do papel que estava em cima da mesa. Esperava-se que assinasse e depois as pessoas do exército francês que não queriam a paz com a Espanha maquinariam sua fuga. Tudo parecia tão complicado essa manhã... Sabia apenas que se assinasse o documento e depois escapasse sacrificaria sua honra.

A porta voltou a abrir e ele não se moveu quando puseram sobre a mesa o desjejum que lhe proporcionava a cortesia do general Verigny. Sabia o que devia ser. Chocolate quente, pão, manteiga e queijo.

— *Merci*. — Pelo menos, pensou, estava aprendendo um pouco de francês.

Uma hora depois, com o café da manhã e a metade do champanhe dentro, decidiu que se sentia muito melhor. O dia, pensou, se apresentava promissor. Olhou o documento com a liberdade sob palavra. Não podia assinar, disse, não seria digno dele. Em vez disso teria que escapar.

Levaria a notícia para Wellington, mas não sacrificando sua honra. O capitão D'Alembord lhe dissera que a honra era somente uma palavra para esconder os pecados de um homem e a marquesa tinha rido ao ouvir a palavra, mas Sharpe sabia o que significava. Significava que ele não viveria bem consigo mesmo se assinasse o papel e deixasse que Montbrun lhe preparasse a fuga. A honra era consciência. Afastou-se da mesa, da tentação do documento, e levou o champanhe para a janela com barrotas.

Ficou olhando para baixo, com a garrafa na mão, os montes de bombas que brilhavam debilmente com a chuva que caía durante a noite.

Um oficial comprovava as mechas. Seria uma explosão tremenda, pensou Sharpe, e se perguntou se a veria da pista principal.

Ouvia as vozes das mulheres. O número de mulheres que ia com esse exército era realmente extraordinário. O que foi que Verigny disse ontem? Sharpe franziu o cenho, depois sorriu. Este exército era um bordel ambulante.

Afastou-se da janela e se dirigiu para a mesa onde o documento, salpicado com manchas de vinho tinto, seguia esperando sua assinatura. Tentou entender as palavras em francês mas não pôde. Apesar disso, sabia o que dizia. Prometia não escapar, não ajudar de jeito nenhum às forças britânicas ou a seus aliados contra os exércitos franceses até que fosse trocado ou liberado desse compromisso.

Pensou que deveria firmá-lo. Escapar era impossível. Tinha que firmá-lo e se negar a aceitar a oferta de fuga da marquesa. Pensou em viajar na carruagem dela, com as cortinas baixadas, e se lembrou que ela lhe dissera que o amava. Olhou a pena. Era

desonroso dar sua palavra e depois levar para Wellington a notícia do tratado secreto? Seu país era mais importante que sua honra? Helene lhe dissera a verdade? Ela o amaria quando a guerra tivesse terminado, quando já não fosse soldado? Ela lhe falara de três mil guinéus. Fechou os olhos para imaginar os três mil guinéus. Um homem podia viver toda a vida com três mil guinéus.

Pegou a caneta. Molhou-a na tinta e então, com golpes rápidos, foi riscando uma e outra vez os parágrafos do texto. Derramou a garrafa de tinta sobre o papel e se apagaram as palavras; o documento ficou destruído. Começou a rir e regressou à janela.

Abaixo, surgiu um oficial da cavalaria à luz do amanhecer. O homem estava soberbamente uniformizado, as calças brancas tão ajustadas como as do general Verigny. Sharpe se perguntou se esses homens lubrificavam as pernas com óleo ou manteiga para conseguir usá-los tão ajustados. Não lhe surpreenderia. Os oficiais de cavalaria faziam qualquer coisa para parecer lacaios de palácio.

O homem estirou a peliça, inclinou o chapéu para dar-se mais estilo e depois soltou a fumaça ao ar. Pegou o charuto que tinha na boca, inspecionou o céu para averiguar o tempo e depois caminhou para a torre de homenagem. A débil luz se refletia nos acessórios de sua bainha de ouro e no fio dourado que com bordas e tranças enfeitava sua casaca azul. Caminhou lentamente, obrigado pelas calças justas, mas com certeza e languidez. Ia evitando os charcos que restavam no pátio, zeloso do brilho de suas botas com esporas.

A fumaça do charuto ia deixando um rastro a suas costas. Passou por cima de uma das mechas, depois deixou cair cinza em um monte de bombas. Sharpe observava com incredulidade. O cavaleiro seguiu caminhando, sem fazer caso do que lhe rodeava. Outra nuvem de fumaça se afastou de seu charuto e logo, com tremenda despreocupação, o homem lançou a guimba do charuto atrás dele na maranha de mechas. Desapareceu no interior da torre de homenagem.

Parecia que ninguém tinha notado. O oficial de engenheiros que havia estado examinando as mechas tinha partido. Os sentinelas de

guarda nas muralhas observavam o exterior. Dois soldados de infantaria que acarretavam um grande caldeirão fumegante pelo pátio estavam ocupados em suas coisas.

Sharpe voltou a olhar os montes de bombas. Era imaginação sua ou havia uma pequena voluta de fumaça que surgia ali onde havia caído o charuto?

Era só sua imaginação, decidiu.

Percebeu que, apesar da ferida, estava se agarrando aos barrotes da janela com a mão direita. Estirou os dedos. Alguns homens caminhavam por baixo de sua janela. Riam com vontade.

Não era sua imaginação. A guimba do charuto estava acendendo o centro de pólvora das mechas. A fumaça que se elevava era mais espessa.

Sharpe ficou gelado. Se avisasse ficaria prisioneiro. Se não o fizesse sobrevinha o caos e a morte, provavelmente sua própria morte. Mas caso se arriscasse a isso, então o caos jogaria de seu lado. Poderia utilizá-lo para escapar, poderia esquecer-se da liberdade sob palavra; seria livre e sua honra ficaria intacta.

A fumaça ia engrossando agora, elevava-se e se dirigia para o leste. Um artilheiro atravessou o pátio desde um armazém na muralha oposta. Passou a três metros da fumaça, mas não notou nada. Ia comendo um pedaço de pão e olhando o céu que ameaçava chuva. Tinha vários homens nas muralhas, no telhado da torre de homenagem; contudo, nenhum deles via o que sucedia.

Sharpe mordeu o lábio. Com a mão esquerda agarrou o champanhe.

A fumaça se converteu em fogo. Houve um momento em que se viu uma névoa cinzenta, justo depois se ouviu o assobio das mechas e iam saltando as chispas de fogo que serpenteava pela linha branca. O artilheiro, com o pão na boca, parou. Ficou olhando com incredulidade as serpentes de fogo. Uma desapareceu entre um monte de bombas, estaria mordendo a primeira mecha de

bomba, e então o artilheiro gritou, sinalizou com o pedaço de pão e começou a correr.

A bomba explodiu.

Lançou ao ar as outras bombas, com as mechas girando, e explodiu uma segunda, uma terceira; de repente o pátio se converteu em um redemoinho de fogo e bombas, e os homens gritavam para os outros que corressem. Sharpe se afastou da janela. Havia mechas que iam até o interior da torre de homenagem e ele acabava de ver, entre a fumaça, uma linha de fogo brilhante lançar-se contra as pedras maciças.

Retrocedeu lentamente. Não era seguro deixar o quarto. A escada conduzia somente ao pátio onde explodiam as bombas. Tinha que ficar no quarto e sobreviver ao que sucedesse. Virou a cama, refugiou-se detrás do colchão de palha e, justo quando o tinha feito, a colina do castelo de Burgos se moveu.

Debaixo da torre de homenagem, nas masmorras e nos poços de mina escavados para resistir contra as minas britânicas do ano anterior, se havia amontoado pólvora. Os barris estavam ali embaixo, comprimidos na rocha, e agora o fogo os havia encontrado.

Explodiu.

Não se rachou. Havia pólvora mais que suficiente para cortar o cume da colina e fazer desaparecer as muralhas, igreja, baluartes, canhões e portas, mas os porões envolvidos em rocha atuaram como um morteiro gigante e lançaram a explosão para o ar, até que as labaredas tocaram e atravessaram as nuvens baixas. Seguiam se elevando pedras e bombas bem altas no ar, além da nuvem escura que aumentava, retumbava e era alimentada por novas explosões e atravessada por novas chamas toda vez que novos montes de pólvora eram alcançados pelo fogo que havia destruído a torre de homenagem, lançando o som como um trovão a quilômetros de distância.

Sharpe se encolheu contra a parede. Parecia que a cama se estremecia, o ar era como uma bofetada grande e quente que golpeava tudo ao seu redor e somente deixava silêncio ali onde não tinha havido mais que ruído. Ficara surdo. Sentia que um golpe atrás de outro ressoavam secretamente contra o piso de pedra. Supôs que as bombas arruinavam no pátio. Então se ouviu uma grande explosão, um trovão que lhe perfurou inclusive em sua surdez, e sentiu que alguns fragmentos salpicavam o colchão com o qual se protegia.

De novo silêncio. Estava respirando poeira. O estrondo havia parado, mas parecia que o quarto se movia como a cabine de um barco à deriva. Levantou-se, afastou a cama e viu que o ar se havia enchido de bruma branca. Não era fumaça, mas cal em pó que se havia sacudido das paredes e do teto que agora ficava suspenso no quarto e lhe picava nos olhos.

Cuspiu a poeira que tinha na boca. Ainda tinha a garrafa de champanhe na mão. Enxaguou a boca com ela, voltou a cuspir e depois bebeu. Parecia que o mundo inteiro se movia. A porta estava aberta, arrebentada pela explosão. A mesa estava caída e viu, sem entendê-lo então, que a garrafa de tinta rodava de um lado para outro sobre as pranchas do piso como o peso de um pêndulo.

Dirigiu-se para a janela. Parecia que o quarto cambaleava como um barco pegado em um vento forte. Ele vira Almeida depois da explosão e isto lhe lembrou da fortaleza portuguesa. O odor de carne queimada era o mesmo, o mesmo fogo e a mesma poeira em silêncio.

A torre de homenagem era um caldeirão fervente de chamas e fumaça. Não podia imaginar como tanta fumaça podia desprender-se da pedra. Notava um zumbido nos ouvidos, persistente e irritante. Golpeou-se a cabeça com a mão.

Um homem gritava abaixo. Não usava roupa, tinha o corpo enegrecido e se via sangue em suas costas. O som fez que Sharpe se desse conta de que voltava a ouvir.

Era o momento de partir, pensou Sharpe, e a ideia era tão estranha que não foi capaz de se mover. Um armazém explodiu em algum lugar e vomitou uma labareda no interior da fumaça fervente. O piso voltou a estremecer.

Ouviu um retumbar à sua direita, sentiu a sacudida repentina do piso que se inclinava, um movimento que o fez soltar o champanhe e agarrar-se à janela de barrotes para aguentar-se. Havia aparecido uma brecha no muro, uma fenda que se abria enquanto a olhava. Deus! As velhas casas construídas contra a muralha do pátio se desmoronavam!

“Vá! — pensou —, vá!” Franziu o cenho, virou-se e se deu uma palmada na cintura para assegurar-se de que sua espada seguia ali. Ela estava. Caminhar para a porta era como caminhar pelo convés de um barco. Temia que inclusive seus passos pudessem afetar o precário equilíbrio da frágil casa, que em qualquer momento seria derrubada quando a alvenaria caísse e os pisos desabassem.

O edifício voltou a tremer. Um homem gritou no exterior, depois outro; Sharpe atravessou o umbral e viu que o guarda jovem e simpático jazia morto. Uma bomba havia penetrado pela janela e o havia destroçado.

A alvenaria retumbava. Um rangido soou como uma chicotada. Desceu os degraus envolvidos em poeira sufocante, saltando temerariamente por cima dos entulhos. Tinha o uniforme coberto de poeira branca. Instintivamente, ao chegar à porta do pátio, começou a derrubá-la, depois parou. Era o melhor disfarce que teria podido desejar.

A alvenaria caiu em algum lugar, provocando gritos, e Sharpe percebeu que logo o castelo se encheria de homens que não estavam aturdidos, homens que começariam o processo de resgate e recuperação. Apressou-se no interior do pátio e girou para a esquerda para a porta, e ali viu um monte de homens que observavam horrorizados a visão do inferno em que se convertera a torre de homenagem.

Girou. Afastou-se deles, dirigindo-se para o fogo, mas deixando a muralha perto de sua direita. Passou ao lado de mortos, feridos, homens que gritavam, homens cansados de chorar. O odor de carne era forte. Desejou ter ficado com o champanhe para se livrar do sabor de poeira e fumaça da boca.

Então ouviu um rangido, um ruído infernal de algo que se lascava, que crescia. A sua direita, no edifício onde estivera prisioneiro, as paredes caíam, as vigas do teto atravessavam como lanças as pedras quebradas e ficou eclipsado pela poeira. Ele corria enquanto as pedras iam caindo; sentiu um golpe tremendo na perna que o fez girar de lado e o derrubou. Tinha a boca, nariz, ouvidos e olhos cheios de pó e de ruído e se arrastava cego para a luz.

Tocou-se na perna. Parecia que estava inteira. Estirou-a e se levantou. Alguém gritou, mas Sharpe quase não podia consigo mesmo. Voltou a enjoar, afogado pela poeira, coxeando por causa do machucado na perna.

Seguiu avançando. Ia se afastando da porta onde se concentrava o inimigo e se aproximava cada vez mais do fogo. Sentia o calor, um calor abrasador, terrível e ardente que o fez se desviar para a direita e ali, em um túnel da muralha, viu a luz do dia. Passou pelo túnel, apoiando-se nos muros e com a bainha que chocava contra a pedra. No extremo mais distante havia uma porta destroçada e por baixo, uma escada que conduzia a uma igreja em ruínas, suspensa no alto sobre a colina de rochas do castelo.

Sentou-se nos degraus. Quase não havia notado que estava livre e no exterior da fortaleza, que o mundo inteiro se abria diante dele e que respirava ar quente e limpo. Enxugou os olhos, que ardiam pela fumaça, e contemplou a vista.

A cidade se estendia por baixo dele seguindo a ribeira do rio Arlanzón. Os pináculos da grande catedral dominavam as casas e Sharpe, pestanejando por causa do pó e da fumaça, viu que havia buracos abertos no telhado da enorme construção, buracos pelos quais saía fumaça, e de que havia mais fumaça na cidade,

edificações que ardiam; supôs que as bombas tinham explodido e haviam caído na cidade ao acaso. Sabia que tinha que se mover.

A colina do castelo descia seiscentos metros até as casas. Desceu aos esbarrões, caiu duas vezes e se deslizou num trecho por uma mistura de terra, pedras e dor. Quando se levantou percebeu que a venda da mão direita estava empapada em sangue fresco e brilhante. Também tinha sangue pegajoso no rosto; as feridas haviam voltado a abrir. Sentia a perna como se tivesse recebido uma bala de mosquete. Foi coxeando os últimos metros até o refúgio de um beco. Uma mulher o observou de uma janela.

Ouviam-se gritos e berros na cidade, e os fogos que ardiam.

— Jesus.

Ele o disse em voz alta. Sentia-se aturdido, os ouvidos zumbiam. Quase não podia recordar quando havia saído do castelo. Apoiou-se contra uma parede. A mulher cuspiu pela janela. Devia pensar que era francês. Desceu pelo beco, que fedia às fezes noturnas que se lançavam sem mais desde as habitações. Agora sabia que estava livre, mas sabia pouco mais.

Chegou à praça que havia diante da magnífica catedral. Viu vários civis que atravessavam correndo com baldes as grandes portas e vislumbrou, ao avançar, o resplendor de grandes chamas na escuridão interior. Então olhou para a direita.

Uma divisão de tropas francesas havia formado na praça antes de começar a marcha para o nordeste. Agora parecia que tivessem estado em combate. Caíram bombas entre as filas e os mortos e feridos estavam espalhados sobre os seixos. Alguns gritavam, alguns vagavam aturdidos, outros tentavam ajudar. Por cima dele, o céu estava escurecido pela fumaça. As cinzas volteavam no ar e caíam suavemente como neve sobre a tropa destruída.

De repente se alertou. Tinha fugido do castelo e como um tonto havia se metido em uma cidade nas mãos do inimigo. Regressou para um beco, apoiou-se contra uma parede e tentou fazer planos, assim como livrar-se do zumbido nos ouvidos. Um cavalo. Pelo amor

de Deus, um cavalo. O que foi que Hogan disse uma vez? Por alguma razão, havia lhe chamado a atenção aquelas palavras estranhas. “Um cavalo, um cavalo, meu reino por um cavalo”. O major irlandês sempre dizia coisas estranhas como aquilo. Sharpe supôs que eram versos de um poema, mas não tinha querido perguntar.

Voltou a se sentir enjoado. Inclinou-se para frente, com as costas contra a parede, e gemeu. Tinha que se esconder, decidiu. Não se achava em estado de roubar um cavalo. Ouviu alguns passos a sua direita. Olhou e viu alguns homens na escuridão do beco. Não usavam uniformes. Ficaram olhando com desconfiança.

Ele se ergueu.

— Inglêss.

A palavra ficou abafada pelo pó que tinha na garganta.

O homem que estava mais perto dele levava um maço de madeira. Avançou com o rosto crispado de ódio. Sharpe sabia que o tomavam por francês e sacudiu a cabeça.

— Inglêss!

Não podia desembainhar a espada com a mão direita vendada e ensanguentada. Ele tentou, mas o maço lhe bateu na cabeça; ouviu-se um ruído de passos sobre os seixos, sussurros de medo e maldições e então uma dúzia de botas e punhos o golpearam, o maço voltou a atingi-lo e se viu arrastado, espancado meio inconsciente, com as feridas abertas sangrando.

Deram-lhe chutes, o arrastaram mais para o interior do beco e depois até um pátio nauseabundo. Um homem sacou uma faca de açougueiro. Sharpe tentou se esquivar e sentiu que a lâmina lhe penetrava na mão esquerda. Depois o maço voltou a acertá-lo na cabeça e perdeu a consciência.

Os franceses partiram de Burgos naquele dia. Dirigiram-se para o nordeste e deixaram a cidade com a grande nuvem de fumaça

que se elevava como um sinal de sua retirada. Quando se foram começou a chover, uma chuva persistente que ajudou a apagar os incêndios da cidade. Parecia aquele tipo de chuva que parece que vai durar para sempre.

Os franceses teriam gostado de conservar Burgos e obrigar Wellington a tentar uma vez mais tomar a fortaleza sobre a colina, mas o general inglês havia dirigido seu exército para o norte, para colinas que, se dizia, eram infranqueáveis para um exército. O exército de Wellington atravessava as colinas infranqueáveis, e ameaçava ir para o sul e cortar a retirada do exército francês em Burgos, e interromper suas linhas de suprimento. Portanto, os franceses retrocediam. Retrocediam para as colinas que rodeavam *Vitória*, onde outros exércitos franceses se reuniram com eles e juntos poderiam apresentar batalha.

O exército britânico viu a fumaça que se elevava da cidade. Estavam bem longe. Uns poucos cavaleiros britânicos, com os cavalos manchados de barro, entraram na cidade e confirmaram que os franceses se haviam partido. Ficaram o tempo suficiente para dar de beber aos cavalos e comprar vinho em uma pousada. Com a cidade abandonada pelo inimigo, o castelo em ruínas e sem nada mais que os retivesse em Burgos, partiram. A guerra chegou, recebeu suas vítimas e continuou sua marcha.

Capítulo 18

O exército britânico deixou a pira de fumaça que se elevava sobre Burgos bem longe. Marchava formando quatro colunas grandes. Às vezes duas colunas se juntavam e se uniam para atravessar um rio; voltavam a se separar e tomavam veredas distintas nas colinas. A ordem sempre era a rapidez. Rapidez para pôr-se à frente do inimigo, cortar sua rota e fazer virar o flanco direito dos franceses; rapidez para encontrar o inimigo antes que os exércitos inimigos se reunissem e fossem superiores em número aos homens de Wellington.

E lutando contra a rapidez estavam as rodas das carroças que quebravam, os cavalos que coxeavam, os enfermos ao caírem, o eixo de um canhão quebrado, a chuva que fazia o caminho escorregadio, o transbordamento de um riacho que convertia um vau em uma corredeira. Contudo seguiam avançando, puxando com força os canhões, os carros, atijando as mulas para que avançassem; a infantaria, procurando que suas pernas cansadas subissem mais uma colina, cruzassem mais um vale e sempre em pleno vento e chuva no pior verão que se recordava.

Abandonaram os quartéis de inverno com a promessa de um verão bom ainda que tardio, mas agora que haviam chegado às colinas do norte o tempo se convertera em um inimigo frio e miserável.

Certamente, os soldados mais velhos nunca viram um exército que avançasse tão bem. Os homens marchavam como se os ventos trouxessem o odor da vitória e abriam passagem entre as dificuldades que normalmente teriam feito os homens retrocederem ou causado horas de atraso. Se um vau estava alto, a cavalaria se metia e fazia um quebra-mar, pelo lado protegido, e os instava a avançar dizendo que os franchinotes estavam esperando a carnificina, que agora só faltava mais uma marcha e depois a vitória.

Cheiraram aquela vitória durante dias. Muitos esperavam combater em Burgos, mas o penacho de fumaça que marcava a retirada dos franceses levara o exército a outra etapa. Havia o rumor que os franceses defenderiam as passagens do Ebro, o último grande rio antes dos Pirineus, mas os franceses não se viam por nenhum lado quando, em um dia frio e gelado, as colunas atravessaram o rio sem resistência e ouviram, finalmente, as ordens de girar para o sudeste. Era a descida súbita para o inimigo.

As colunas fecharam filas. Um destacamento espanhol ficou ao norte para rechaçar qualquer aproximação das tropas francesas da costa de Biscaia, mas as outras colunas se fundiram em um único caminho para poder concentrar-se rapidamente para o combate. Para a infantaria, como sempre, sobrou a pior parte. Tinham que deixar o caminho para a bagagem, os canhões e a cavalaria; assim, a infantaria foi avançando pelas colinas de ambos os lados. As ladeiras se viam cheias de homens e mulas, o ar ia carregado de suas canções de marcha.

Era surpreendente que tivessem forças para cantar, que cantassem tão bem era ainda mais surpreendente; que queriam lutar saltava à vista. Havia corrido o rumor pelo exército de que o inimigo defendia um comboio de ouro, que todo homem se faria rico se cumprisse seu dever e talvez fosse esse rumor, mais que o orgulho, o que lhes fazia avançar.

Brincavam sobre os franchinotes que fugiam. Nenhum soldado se deteria até que tivesse passado Paris; este exército avançaria uma e outra vez até que todo mundo tivesse uma garota parisiense pendurada no braço e uma bolsa de ouro na mão. O general, que algumas vezes ficava sentado em seu cavalo somente para vê-los passar, sentia a alma cheia de orgulho e carinho por aquela tropa que ele comandava, que avançava com tal ânimo para uma batalha que deixaria alguns deles quebrados como uma boneca de trapo sobre o campo espanhol.

Três noites depois da explosão de Burgos, o major Michael Hogan estava sentado no incômodo estábulo que constituía seu

alojamento. Sabia que tinha sorte de ter um lugar, ainda que fosse aquele, para dormir. Uma lanterna pendia sobre sua cabeça e a luz iluminava o mapa que estava aberto sobre uma mesa tosca. Em sua frente estava sentado um homem, um judeu chamado Rodrigues. Era um comerciante de milho que viajava com o exército, muito pouco popular entre os oficiais de intendência que o tratavam, pois suspeitavam dele, por sua rapacidade, por sua amabilidade com os franceses. “Por que não”? Diziam. Todos sabiam que a Igreja espanhola odiava os judeus. Provavelmente, razoavam, Rodrigues teria uma vida melhor se os franceses governassem a Espanha.

Hogan sabia disso melhor que ninguém. Rodrigues impunha duras condições, mas o mesmo fazia qualquer outro tratante de milho que viajasse com o exército, judeu ou não. Contudo, este comerciante de milho, este homem desprezado, tinha uma memória prodigiosa e ouvidos que parecia que ouviam os cochichos em voz baixa de bem longe. Agora contava um desses cochichos e Hogan escutava.

— Um homem entrou à força em um convento. — Rodrigues sorriu astutamente. — Isso deve ter surpreendido as irmãs.

— Que tipo de homem?

— Alguns dizem que inglês, outros dizem que americano! Outros dizem que francês. Os franceses o resgataram dos guerrilheiros.

— E o senhor o que diz?

Rodrigues sorriu. Era um homem magro que usava o cabelo, tanto no verão como no inverno, sob um chapéu de pele.

— Eu digo que era seu homem. Ele levou a mulher. — Levantou a mão para evitar que Hogan o interrompesse. — Mas é uma boa notícia, major.

— Siga.

— Foi a Burgos com a mulher, mas ali o mataram.

— Mataram?

Rodrigues viu a expressão de Hogan e suspeitou que o inglês sem nome fora amigo do major.

— Há dúzias de histórias; contei a história que eu acredito.

O comerciante de milho brincava com o chicote enrolado que levava sempre. Não era exatamente uma arma, mas um recurso para impedir que os meninos tentassem roubar de suas carroças.

— Dizem que estava no castelo e que matou um homem. Depois disso dizem que o trataram com respeito. — Rodrigues deu de ombros. — Não sei. O que sei é que ainda estava no castelo quando tudo explodiu. Morreu com os outros.

— Encontraram seu corpo?

— Quem pode assegurar? Era difícil saber de quem era um corpo naquele lugar.

Hogan ficou calado por um momento. Perguntava-se se era verdade, mas havia aprendido a confiar em Rodrigues, portanto temia que fosse. Ele ouvira que a explosão do castelo foi um acidente que cobrou a vida de um monte de franceses; mas se perguntava se por acaso era possível que Sharpe a tivesse provocado. Podia ser.

— E a mulher?

— A Puta Dourada? — perguntou Rodrigues sorrindo. — Partiu com o exército francês. Escoltada por lanceiros.

Hogan pensou no temor de Wellington de que Sharpe entrasse à força no convento. Parecia que era o que tinha ocorrido.

— O que as pessoas falam sobre o incidente do convento?

O judeu começou a rir.

— Dizem que têm que ter sido os franceses. Afinal de contas, o homem resgatou uma francesa e partiu com a cavalaria francesa.

Portanto havia terminado, pensou Hogan; tudo havia terminado. Sharpe tinha fracassado. “Mas foi uma morte melhor que ser enforcado”, pensou.

— Portanto o que ocorrerá agora, major?

— Agora? Avançaremos. Os franceses tencionem ou não nos deter.

— Eles tentarão.

Hogan consentiu.

— Em tal caso haverá uma batalha.

— Que vocês ganharão — disse Rodrigues sorrindo. — E se for assim, major, o que ocorrerá então?

— Nós os perseguiremos até a fronteira.

— E depois?

Hogan sorriu. Rodrigues nunca pedia que lhe pagassem pela informação, pelo menos que lhe pagassem em ouro. O irlandês deu uns golpezinhos no mapa.

— Outro porto de suprimentos. Aqui.

Rodrigues sorriu. A informação valia uma pequena fortuna. Ele teria seus homens naquele porto, e armazéns preparados, antes que seus competidores sequer soubessem que os suprimentos britânicos já não iam mais ser transportados pelas longas estradas desde Lisboa.

— Obrigado, major — disse e se levantou.

Hogan acompanhou Rodrigues até a porta. Passaram os sentinelas; apoiou-se na jamba e olhou a chuva que borbulhava sob a luz das fogueiras de acampamento. Sharpe morto? O pensara antes e se equivocou. Ficou olhando a escuridão ao leste, pensando em fantasmas, sabendo que Sharpe estava morto e, contudo, sem acreditar.

Pela manhã, a chuva seguia caindo e o vento fazia recordar os invernos da Irlanda e não o verão da Espanha. O exército retomou seu avanço. Marchavam de boa vontade, para a batalha com a qual acabaria a marcha, avançando para a cidade de pináculos dourados: *Vitória*.

— Coma!

Sharpe consentiu com a cabeça. A garota lhe punha sopa na boca com uma colher; uma sopa espessa, quente, gostosa.

— O que é?

— Cavalos. Agora se sente! O médico vem vê-lo.

— Estou bem.

— Não, não está. Tem sorte de estar vivo. Coma!

Seu uniforme estava pendurado na parede, o uniforme que lhe havia salvado a vida. Dúzias de franceses sozinhos foram espancados até a morte em Burgos depois da explosão, mas Sharpe, justo quando a faca ia lhe atravessar o uniforme, o reconheceram como um oficial inglês. Os homens não estavam seguros. Discutiram; uns diziam que as calças e as botas eram francesas, mas outros homens estavam seguros de que a casaca de cor verde-escuro era britânica. Os botões, com as coroas negras, decidiram sua sorte. Nenhum francês usava coroas nos botões e foi assim que deixaram Sharpe viver.

A garota começou a rir.

— Coma.

— Ele tentava! — Tinha ambas as mãos vendadas, e também a cabeça. Estava todo machucado. — Que dia é hoje?

— Terça-feira.

— Que data?

— Como vou saber? Coma.

Aquela era a casa do carpinteiro que lhe tinha golpeado com o maço. O homem estava desejoso de retificar-se; dera a Sharpe esse quarto, inclusive lhe afiou a espada em uma pedra e a colocou junto à cama do inglês. A garota era uma criada, de cabelo negro e gorda, com um sorriso luminoso e um caráter brincalhão. Era cega de um olho, tinha uma mancha branca no lugar da pupila.

— Coma!

Chegou o médico, um homem sombrio vestido com um abrigo negro comprido e manchado. Sangrou a coxa de Sharpe. Durante a primeira visita havia arqueado as sobrelanceiras, sem acreditar nas cicatrizes que Sharpe tinha no corpo. Atrás do médico, através da janela, Sharpe via a fumaça que seguia tapando as nuvens cinzentas que havia por cima do castelo. A chuva golpeava suavemente a janela. Parecia que não havia parado de chover desde que despertara naquele quarto. O médico limpou o cortinho e retirou o lençol.

— Mais dois dias, major Vaughn.

— Quero ir agora.

O homem sacudiu a cabeça em sinal de negação.

— O senhor está fraco, major. Perdeu muito sangue. Os machucados... — Deu de ombros. — Dois dias com a comida de Pedro e estará melhor.

— Preciso de um cavalo.

— Os franceses levaram todos. — O médico atirou a xícara cheia de sangue à lareira e a limpou com a saia do abrigo. — Amanhã pode ter uma mula à venda no mercado.

— Tem que haver algum cavalo! Estão dando caldo de carne de cavalo para comer!

— Esse cavalo morreu com a explosão. — O médico cuspiu na lanceta e a limpou com a manga. — Voltarei amanhã, se Deus quiser.

Virou-se para partir mas Sharpe o chamou.

— Senhor?

Sharpe fez uma careta como se tentasse sentar no travesseiro.

— Perguntou pelo inquisidor, doutor?

— Perguntei, senhor.

— E?

O doutor deu de ombros.

— Sua casa fica em *Vitória*. Houve um tempo em que sua família tinha terras por toda a Espanha, mas agora... — Deu de ombros e levantou sua bolsinha. — *Vitória*. Isto é tudo o que sabia nosso sacerdote. Pode me perdoar, major?

Quando ficou sozinho, Sharpe se sentou na borda da cama. Ficou enjoado. Perguntava-se o forte que fora o golpe na cabeça. Ainda lhe dava pontadas e o galo era como um ovo de galinha. Amaldiçoou em voz baixa. A chuva caía.

Pôs a camisa de linho que levava desde que Helene lhe deu em Salamanca. Havia sangue recente no colarinho. Pôs as calças francesas que tirou do irmão da marquesa. O rasgão no peitoral fora Sharpe que fizera com a espada. O buraco fora remendado, mas ainda podia ver como havia girado a grande espada quando Leroux caiu.

Sua cabeça doeu quando se inclinou e colocou as grandes botas da cavalaria francesa. Sentiu-se melhor com as botas postas. Levantou e a acomodou dando algumas pisadas. Notava as pernas rígidas. Tinha uma grande contusão na coxa esquerda.

A casaca lhe caía bem. Ele a abotoou de baixo até o queixo, forçando suas mãos vendadas para que realizassem esse trabalho dificultoso. Os dedos da mão esquerda não estavam envolvidos e com eles pegou a espada. Fez ruído ao abotoar a fivela com fecho de serpente. Não tinha chapéu. Agora não possuía nada mais que as roupas que usava e a espada que lhe pendurava do lado. Não tinha capa, nem navalha de barbear, nem caixa de isca, nem luneta. Tinha um segredo que faria a França ganhar a guerra e que era preciso levar para Wellington.

— O que está fazendo? — perguntou Consuelo, a criada, da porta.

— Vou partir.

— Não pode! Está mais fraco que um gatinho! Venha! Vá para a cama!

Ele sacudiu a cabeça em sinal de negação com teimosia.

— Vou embora.

Tentaram detê-lo um monte de mulheres ao pé da escada, que gritavam e volteavam como as freiras no convento. Ele agradeceu, abriu passagem suavemente entre elas e penetrou no pátio da casa. O pátio estava cheio de lascas. Notou a chuva fria no rosto.

— Não deve ir!

— Tenho de fazê-lo.

Não tinha cavalo, portanto caminharia. Primeiro foi difícil, seus músculos contundidos lhe impediam de caminhar com facilidade. Cruzou a grande praça, ainda manchada com os sinais das bombas francesas que explodiram, passou pela catedral, que havia se salvado das chamas, e a gente da cidade o observava em silêncio. Era uma figura estranha, um soldado com uma ferida na cabeça, olhos roxos, caminhando rígido como um homem que se dirige para sua morte. Nesse dia não o tinham barbeado e por um momento pensou em parar em um dos barbeiros que esperavam clientes junto às cadeiras na rua, mas se lembrou que não tinha dinheiro.

Cruzou o rio Arlanzón, viu que a chuva fazia bolhas na água e sentiu a água fria que lhe havia empapado o uniforme.

— Senhor! Senhor!

Virou-se. Consuelo, a garota meio cega, corria atrás dele. Parou. Ela lhe estendeu um pacote envolvido em papel gorduroso.

— Se tem que ir, major, leve isto.

— O que é?

— Frango frito. Queijo. — Sorriu. — Vá com Deus.

Sharpe a beijou na bochecha.

— Obrigado, Consuelo.

Caminhou em direção leste pela pista principal, seguindo o exército francês que passara fazia tempo, andando para uma guerra.

Parou aquela tarde em um horto. Comeu a metade do frango e envolveu o restante da comida com o papel. Então, com todos os músculos doloridos, foi até o riacho que atravessava a grama do horto. Ficou de joelhos na beira.

Usou os dedos livres da mão esquerda para desfazer a bandagem da direita. Soltou-se separando pegajoso; o último puxão doeu como se queimasse e arrancou a casca da ferida. Ele assobiou ao sentir a repentina dor e meteu a mão na água. Dobrou os dedos. Observou como se diluía o sangue e descia corrente abaixo. Estirou bem os dedos e deixou que a água fluísse sobre o corte. Depois tirou a bandagem que cobria a ferida causada pela faca na mão esquerda. Também sangrou dentro da água. Deixou as mãos dentro do riacho até que ficaram entorpecidas.

Tirou a bandagem da cabeça e a meteu dentro da água, contendo a respiração para deixar que a água fluísse pelo cabelo. Bebeu. Tirou a cabeça, jogou o cabelo para trás bruscamente e viu os cavaleiros.

Ficou imóvel. Ele estava de quatro. Os cavaleiros estavam na pista principal, encurvados sob suas capas para proteger-se da chuva. Eram guerrilheiros e cavalgavam para a batalha. Sharpe viu que usavam tampões nos canos dos mosquetes, viu os trapos que envolviam os percussores, viu os sabres que sobressaiam das capas molhadas.

Podia ter gritado, podia ter gritado pedindo ajuda e um cavalo, mas não o fez. Os homens estavam a quarenta e cinco metros de distância, podiam ser vistos por entre os troncos retorcidos das macieiras e Sharpe distinguiu seu chefe. Vira a barba negra que nascia na parte superior dos pômulos, os olhos pequenos, a lâmina larga do machado ao ombro. Era o Açougueiro. Sharpe ficou imóvel como uma rocha enquanto passavam, depois ficou de cócoras.

O Açougueiro ia seguindo os franceses com a esperança de estar presente quando os exércitos se encontrassem, e agora estava entre Sharpe e seu objetivo.

Ficou junto ao riacho, com a chuva caindo-lhe em cima enquanto pensava no que fazer. Decidiu que só o que podia fazer era seguir adiante e quando já havia esperado o suficiente para que os guerrilheiros estivessem longe, levantou-se, gemendo de dor, e regressou ao caminho enlameado.

Foi caminhando. Parecia que estava sozinho. Nos campos de ambos os lados do caminho ainda se via o estrago causado pela marcha do exército francês. Sharpe caminhou pelos cultivos esmagados porque lhe permitiam pisar com maior firmeza que a estrada enlodada e escorregadia.

Atravessou povoados, sempre vigiando primeiro que não houvesse cavaleiros que se tivessem demorado na pousada. Ao entardecer se viu em uma terra ampla; nem casa nem cavalos à vista, a rota se estendia molhada diante dele para o leste que se escurecia. A chuva lhe impedia de ver as colinas que sabia que haviam no horizonte.

Buscava um refúgio, com a esperança de encontrar uma granja ou, pelo menos, um arbusto para se proteger do pior da chuva. Não havia nada.

Seguiu caminhando; tentou apertar o passo até chegar à marcha rápida dos fuzileiros, convencendo-se de que se ignorasse a dor esta desapareceria. Seus pés chapinhavam dentro das botas e a chuva escorria por seus olhos. Ouvia um cavalo e virou-se, e viu um único cavaleiro a uns cem metros de distância para trás. Xingou por não ter olhado antes, ainda que não teria tido onde se esconder naquela terra despida. Podia ser que aquele homem fosse simplesmente um granjeiro que se dirigia para sua casa, mas o cavalo era maior e mais forte que o de um granjeiro. Sharpe suspeitou que se tratasse de um dos homens do Açougueiro que ficara atrasado por qualquer motivo no caminho.

Agarrou a empunhadura de sua espada. Ainda tinha a mão direita rígida por causa do golpe da luneta. Viu que o cavaleiro se punha ao trote; então o homem lhe cumprimentou com a mão e de repente Sharpe começou a rir e retrocedeu aos esbarrões.

— Angel! Angel!

O garoto ria. Saltou do lombo de *Carabina* e abraçou Sharpe.

— Major! — Deu-lhe umas palmadinhas nas costas — Está aqui!

— De onde vem?

— Seu rosto!

Angel tirou a capa e insistiu em colocá-la nos ombros de Sharpe.

— Como diabos me encontrou?

Sharpe pegou a garrafa de vinho que lhe oferecia e a levou aos lábios. Era bom.

Angel não fizera nada mais que cumprir ordens. O major Hogan lhe disse que não deixasse Sharpe e assim, quando os lanceiros levaram Sharpe para o sul, Angel os seguiu. Havia se ocultado nos arredores de Burgos, vigiando a pista principal para ver se conduziam Sharpe para o leste.

O garoto vira a explosão. Depois, quando os últimos franceses abandonaram a cidade e viu que não iam prisioneiros com eles, tentara obter notícias de Sharpe.

— Diziam que o senhor estava morto.

— Quem?

— As pessoas que trabalhavam para os franceses. Havia um prisioneiro inglês no castelo, mas o edifício no qual estava desabou.

Sharpe sorriu com astúcia.

— Saí antes.

— Portanto olhei nas ruínas. — Angel deu de ombros. — Nada. Depois quando o Açougueiro veio voltei a me esconder.

— O que ele queria? Corria o rumor de que os franceses deixavam seus feridos em um hospital. Não era verdade. — Angel indicou com a cabeça caminho acima. — Ele o seguiu.

— Eu o vi.

O garoto sorriu zombeteiramente.

— E agora, o que faremos?

— Vamos à busca de Wellington.

Sharpe olhou para *Carabina* e de repente percebeu que tudo iria bem. Riu com força, esquecendo seu cansaço.

— Vamos ganhar a maldita guerra, Angel. Você e eu, só você e eu!

Deu umas palmadinhas no cavalo forte e paciente. *Carabina* o levaria até Wellington, defenderia sua honra e, começou a rir ao pensar, faria tudo o que Helene queria que fizesse, mas sua honra permaneceria intacta.

— Vamos ganhar esta odiosa guerra!

O exército tentava dormir. Alguns homens conseguiam, outros ouviam a chuva que caía sobre as lonas, a corujas nos vales e, provenientes das colinas, os uivos dos lobos que deixavam nervosos os cavalos. As crianças choravam e suas mães os acalmavam. Uma hora depois de meia-noite a chuva parou e, lentamente e aos poucos, o céu foi se limpando. Saíram estrelas pela primeira vez em semanas. O vento seguia sendo frio, fazia tremer os piquetes que escrutinavam entre as sombras e pensavam na manhã. As cornetas despertaram o exército quando ainda brilhavam as estrelas. O desjejum era frio. Desmontaram e dobraram as tendas. Os homens murmuravam e tremiam e davam graças a Deus de que não chovesse. Já era suficiente tudo o que lhes aguardava.

O capitão D'Alembord, com dificuldades entre o barro e a grama crescida, com uma xícara de chá nas mãos, gritava na escuridão para sua companhia. A voz do sargento Harper respondeu.

O capitão ficou tremendo junto a um fogo pequeno.

— Graças a Deus que não chove. — Respondeu Harper satisfeito.

— O coronel diz que é verdade.

— Também teríamos que sobrepor-nos.

O sargento corpulento enrolava seu cobertor. O South Essex marchava sem tendas.

O capitão D'Alembord, que nunca tinha combatido em uma batalha de verdade, estava nervoso.

— Acham que estão esperando do outro lado das colinas.

— Mas não muito longe, hem? — disse Harper rindo. — Portanto haverá um combate, não é verdade?

— É o que dizem.

— Com todos os adornos, senhor. Será um grande dia para isso, se não chover.

— Estou seguro de que nos defenderemos com nobreza, sargento.

— Sempre o fazemos, senhor.

Harper atava o cobertor com as correias da mochila.

— Farrell!

O rugido da voz de Harper fez que D'Alembord se sobressaltasse.

— Sargento? — respondeu uma voz lastimosa surgindo da escuridão.

— Levante-se, sacana protestante! Temos que lutar em uma guerra!

Alguns homens riram, outros grunhiram. Harper sorriu para o capitão D'Alembord de forma tranquilizadora.

— Os garotos ficarão bem, senhor. Não se preocupe.

O capitão D'Alembord, muito compreensivelmente, se preocupava se ele ficaria bem. Sorriu.

— Já tomou o chá, sargento?

— O senhor é um grande homem, senhor, isso o senhor é. Obrigado.

Harper inclinou a xícara e bebeu o que restava a grandes goles.

— O senhor gosta de apostas, senhor?

— Sim.

— Tenho a impressão de que hoje vamos ver um velho amigo — disse o sargento com soltura, com uma voz de extrema confiança.

O capitão D'Alembord, que havia chegado a confiar no sargento Harper, suspirou. Sabia que o irlandês nunca aceitara a morte de Sharpe e o capitão temia o que sucederia quando Harper se desse conta que o major estava realmente morto. Algumas histórias diziam que, antes de conhecer Sharpe, Harper fora o homem mais rebelde do exército e D'Alembord temia que ele voltasse a ser. O oficial escolheu as palavras com cuidado. Esta era a primeira vez que Harper lhe falava de Sharpe desde que o enforcaram e D'Alembord não queria ser muito bruto ao tirar as esperanças do irlandês.

— E o que ocorrerá se não o vir, sargento?

— Estive pensando nisso, sim o fiz, senhor. — Harper devolveu a forma de sua boina com um soco. Isabel enrolava seu cobertor junto dele. Harper sorriu. — Não há como o general tê-lo enforcado, não depois de Sharpe lhe salvar a vida, senhor. E não há maneira de que os franchinotes o matem, portanto tem que estar vivo. Voltará, senhor, e se estivermos combatendo, é lá onde estará. Uma libra que tenho razão.

D'Alembord sorriu.

— Não tem esse dinheiro.

— Mas esta noite, sim. Farrell! Seu sacana pagão! Levante-se!
— Harper voltou a olhar para seu oficial. — Uma libra?

— Você necessita do dinheiro, Harps. Vai se casar.

— Deus! Não me fale disso. — Harper parecia triste. — Ponho uma libra, senhor.

— Eu aceito.

No vale soou um trompete. Na escuridão, milhares de homens se preparavam. Atrás deles ficava uma marcha épica através das

colinas e do outro lado da colina seguinte ficava *Vitória*. Começaram a avançar antes do amanhecer. As colunas voltaram a se separar, mas todas se dirigiram para o leste, para o inimigo. As colunas foram ziguezagueando entre os vales cobertos de névoa, em direção a *Vitória*, para o tesouro de um império e para a batalha.

Capítulo 19

A chuva, finalmente, havia parado e o amanhecer da segunda-feira 21 de junho de 1813 trouxe um sol cegante e deslumbrante que se estendia pelo vale de Pamplona, sobre os pináculos de *Vitória* e nos olhos dos poucos cavaleiros britânicos que tinham subido as colinas a oeste da cidade.

Não viam nada dos franceses que estavam abaixo deles. O vale amplo no qual ficava encravada *Vitória* estava envolvido em névoa, uma névoa que se espessava com a fumaça de uma miríade de fogueiras de acampamento. Os cavaleiros que observavam pareciam estar sozinhos em uma paisagem selvagem e deslumbrante.

O céu estava limpo e brilhante. Os vales estavam ocultos pela neblina e o leste se enchia com a glória abrasadora do sol nascente. Contudo, ao norte e ao sul os cavaleiros britânicos viam as sucessivas cristas das colinas gravadas com água-forte com surpreendente clareza contra um céu pálido. Depois dos dias de chuva e nebulosidade baixa era quase indecente combater em um dia como aquele. Contudo deviam lutar, pois, por vontade do marechal Jourdan e do general Wellington, cento e quarenta mil homens vieram para esta planície tapada pela neblina desde a qual, como uma ilha estranha em um mar branco, as agulhas da catedral de *Vitória* emergiam douradas sob o sol.

Do oeste, nos vales nos quais traços de neblina e sombra davam um ar misterioso, avançava o exército britânico. Tinham o frio da noite e poucos eram os homens que falavam ou cantavam enquanto marchavam; estavam esperando que o sol e a pólvora lhes esquentassem os ânimos. Em todas as companhias se ouvia o sussurro sibilante da pedra sobre o aço. As pedras de afiar iam sendo passadas de uns para os outros e os homens afiavam as baionetas enquanto avançavam e rezavam para não ter que utilizá-las.

Haviam atravessado as colinas da Espanha, desde Portugal até este lugar onde, como uma faca posta no pescoço, ameaçavam a pista principal que era a corda de salvamento dos franceses no país. Os homens sabiam, porque seus oficiais assim lhe disseram, que a batalha era iminente. Alguns, os que já estiveram antes na linha de combate, tentavam não pensar no que viria, enquanto que outros, os que nunca tinham visto um exército inimigo, se perguntavam se viveriam para recordá-lo. Alguns, que recordavam as marchas duras e longas pelas colinas elevadas e inóspitas, temiam a derrota, já que, se o exército fosse vencido e se visse obrigado a se retirar, enfrentariam durante dias a perseguição pelos vales altos dos cavaleiros franceses brandindo compridas espadas.

Esse dia, Wellington estava ao comando de tropas espanholas, portuguesas e britânicas. Com ele também ia a Legião Alemã do Rei. Avançavam para o vale de *Vitória* e com eles iam suas mulheres e crianças, que esperariam na borda do campo enquanto os homens lutavam. Com o exército, também marchavam cantineiros e comerciantes, vendedores de específicos, frades e sacerdotes. Havia putas, mendigos, ladrões de cavalos e políticos, e, tal como uma besta pesada e desajeitada, toda aquela massa enorme se dispersava e movia com esforço pelo vale, para *Vitória* e para o combate.

Os franceses estavam confiantes nesse dia. Os inimigos lhes levavam vantagem em número, era verdade, mas os números não eram tudo na guerra. Os franceses haviam escolhido seu campo de batalha, tinham escolhido onde se colocavam e defendiam o lugar escolhido com a maior concentração de artilharia que jamais se tinha reunido na Espanha. Ao norte de sua posição ficava o rio Zadorra, para o sul as colinas de Povia, e o estreitamento do rio e as zonas montanhosas obrigariam os britânicos a um ataque frontal no vale que os situaria de cara para os grandes canhões que, nesta manhã de neblina, pareciam monstros temíveis à espera de suas vítimas.

Os canhões que davam aos franceses tal confiança estavam situados sobre uma colina baixa no nordeste chamada colina Aríñez. O alto comando francês, sabendo que os soldados, mais que todo o gênero humano, eram supersticiosos, fizera correr a história da colina Aríñez, e a história, nesse amanhecer de espera, dava mais confiança aos franceses. A colina era um lugar de má sorte para os ingleses.

Séculos antes deste amanhecer, em um dia de calor sufocante, trezentos cavaleiros ingleses que vagueavam em busca de algo para saquear se viram rodeados por um exército espanhol na colina de Aríñez. Os ingleses não se atreveram a deixar as armaduras, pois então teriam se convertido em carne para as bestas dos espanhóis, e assim combateram, durante todo o dia, assando-se como porcos, com as línguas inchadas pela sede, os olhos cegados pelo suor. Uma e outra vez os espanhóis subiram a colina e se viram lançados para baixo com as espadas compridas e pesadas e rechaçados com maços e garrotes. A argila imperturbável da colina estava escorregadia pelo sangue e se ouviam os gritos de cavalos e homens.

Os ingleses se negaram a se render. Lutaram até que o último homem se afogou em seu próprio sangue e o último estandarte ficou pisoteado no sangue espesso. Para os ingleses, portanto, essa colina era um lugar de má sorte e os franceses sabiam.

Ainda havia mais motivo para a confiança dos franceses, pois a maré da guerra voltava por fim a lhes favorecer. O Império tinha cambaleado a partir da derrota na Rússia, havia esperado com inquietação as notícias de que os russos e os prussianos penetravam no norte da França, mas fazia exatamente dois dias que havia chegado a boa nova. O imperador ganhara a campanha. Os sinos soaram em *Vitória*, sinos que levavam a mensagem a todas as tropas acampadas na planície. As notícias seguiram o clamor, notícias de duas batalhas, em Bautzen e Lutzen, batalhas que haviam repellido os dois inimigos do norte que agora haviam firmado uma trégua. Logo, prometiam as notícias, Bonaparte viria para o sul. Somente restavam os britânicos no campo; Bonaparte

desceria e os expulsaria da Espanha com uma grande derrota e a bandeira tricolor voltaria a governar do estreito de Gibraltar até o limite das estepes.

Os franceses que esperavam tinham confiança. No rio abundavam as pontes, algumas da época dos romanos que haviam construído a cidade naquela planície. Contudo, nenhuma das pontes fora destruída. Deixemos que os britânicos o cruzem, razoavam os franceses; desta maneira os artilheiros saberiam onde disparar. Os casacas-vermelhas entrariam no campo da morte e a metralha destruidora e pungente converteria cada ponte em um arco de alvenaria empapado em sangue que tinge de vermelho o Zadorra.

Certamente, ainda que os engenheiros franceses não explodissem as pontes, não haviam ficado ociosos. Durante dois dias trabalharam em um estranho artefato na muralha oeste de *Vitória*. Fora construído no alto das defesas, portanto se elevava por cima dos subúrbios e os hortos para a grande planície onde o exército estava à espera da batalha. Os engenheiros construíram assentos dispostos em arquibancadas para que as mulheres que seguiam o exército francês pudessem contemplar a vitória francesa com comodidade. As mulheres se situavam nessas arquibancadas e também os vendedores de limonada, bolinhos e fruta.

Os franceses estavam tão confiantes que haviam encomendado no melhor e maior hotel de *Vitória* uma festa da vitória para aquela noite. Mesmo agora, enquanto a névoa se levantava e os britânicos se aproximavam dos canhões, os cozinheiros estavam trabalhando.

Os franceses estavam tão confiantes que enviaram tropas para longe do campo de batalha. Naquela mesma manhã toda uma divisão havia se dirigido ao norte pela pista principal, de regresso à França, e com a divisão ia um comboio de pesados carros carregados com os tesouros de O Escorial, o palácio real espanhol. O que ficara em *Vitória* era muito mais valioso, mas os franceses tinham que começar por algo e estavam seguros de que poderiam rechaçar o ataque de Wellington e escoltar o restante do butim a salvo até a fronteira.

E, como para compensar os quadros, tapetes e móveis que foram ao norte, um comboio menor viera para o sul com cinco milhões de francos em ouro para entregar ao exército seus pagamentos atrasadas. Os carros de moedas se colocaram junto ao equipamento. As moedas seriam pagas depois da batalha.

Cento e quarenta mil homens haviam se reunido ali com o propósito de travar uma batalha. O sol queimava a neblina do vale e a fazia desaparecer e os cavaleiros britânicos que tinham subido para as colinas do oeste viram abaixo o poderio da França ordenando-se para o combate. Viram os canhões. Viram as filas de homens que esperavam sob esplêndidos estandartes e as águias brilhantes. Até o momento a fumaça de nenhum canhão nem mosquete se elevava para ocultar a glória que constituía um exército formado. O rio, por baixo das pontes, jogava chispas prateadas no amanhecer. Os campos, que os soldados não tinham pisoteado, brilhavam com as papoulas e a centáurea. Um reino estava em jogo e havia uma batalha para travar.

O quartel general francês, estranhamente vazio agora que os generais se encontravam na planície, ficava no alto da colina que se alçava até a catedral de *Vitória*. No andar mais alto do edifício do quartel general, em um quarto grande e sem luxos que dava para o oeste, para o campo de batalha, um homem sozinho trabalhava em alguns papéis espalhados sobre uma grande mesa.

Pierre Ducos tinha trabalhado durante toda a noite; contudo, a falta de descanso não havia minguado sua eficiência. Ordenava papéis, alguns os metia em um baú de pele de viagem, outros em um saco para queimar. Ainda que não dissesse a ninguém, Pierre Ducos fazia planos para uma derrota.

Havia considerado ir para o norte com o comboio que partiu antes do amanhecer, mas corria o rumor de que os britânicos tinham enviado parte de seu exército para cortar a estrada e estaria mais seguro, decidiu Ducos, se ficasse com o exército.

Melhor, pensou, enfrentar a derrota com o grosso do exército que com uma única divisão que havia seguido para San Sebastián.

Não sabia bem por que estava seguro de uma derrota. Talvez fosse porque admirava Wellington. O general inglês tinha uma mente de finos cálculos que atraía Ducos, que não acreditava que os vaidosos marechais da França tivessem a estatura do inglês. Contudo, o imperador era diferente. Ele superaria em cálculos e em luta a qualquer homem, mas o imperador ainda não estava na Espanha e tampouco era verdade que viesse.

O imperador havia conseguido uma grande vitória no norte e seus inimigos tinham firmado uma trégua; contudo, se Wellington ganhasse hoje, a vitória animaria os outros inimigos da França a voltar à luta. E se, e a Ducos lhe encantavam os “ses” do futuro que ele explorava tão implacavelmente, a guerra voltava a começar no norte, e o tratado faria falta.

Ele tinha o tratado. Na noite anterior um mensageiro do inquisidor entregou umas cartas a Ducos, cartas que ele guardava na bolsa que levava atada ao cinturão. Eram cartas de homens eminentes da Espanha, de soldados e clérigos, políticos e aristocratas, advogados e comerciantes, e todas elas falavam do desejo de uma paz com a França. Pelo bem do comércio, pelo bem da Igreja, pelo bem do Império espanhol e, por cima de tudo, pela glória da Espanha, as cartas animavam a Fernando VII a aceitar o tratado de paz. O inquisidor, admitia Ducos, levara a cabo um trabalho estupendo. E Ducos sabia que o inquisidor vinha para lhe pedir um favor.

Ouviu as pisadas na escada, esperou a batida na porta, respondeu e se reclinou na cadeira. O inquisidor tinha duas manchas brancas de poeira na batina que indicavam onde tinha se ajoelhado pela manhã para rezar. Seu rosto moreno também mostrava que passara a noite sem dormir. Olhou um momento pela janela para onde estava o exército esperando o combate; depois se sentou de frente para Ducos.

— O senhor recebeu as cartas?

— Recebi as cartas.

O inquisidor esperou, como se buscasse a aprovação de seu trabalho. Ao ver que esta não chegava, fez um gesto brusco.

— Seus soldados estão cheios de confiança.

— Eu imagino que os britânicos também — disse Ducos secamente.

Para dizer a verdade se vira surpreendido pelo moral alto do exército francês. A notícia das vitórias do imperador os havia enchido com o desejo de fazer na Espanha o que Napoleão fizera no norte.

— Com uma vitória sua hoje — disse o inquisidor — o tratado seria desnecessário.

— De momento — disse Ducos —, mas eu não estaria tão seguro de nossa vitória, padre.

Levantou-se e se dirigiu para a janela. Sobre uma mesa que havia ao lado, em uma tigela pequena, guardava umas migalhas que pôs sobre a prateleira para os pássaros.

— Foi uma desgraça ter passado a maior parte de minha vida com soldados. São criaturas fanfarronas, ruidosas, brutas e irracionais. Acreditam na vitória, padre, porque não são capazes de suportar a ideia da derrota. — Afastou-se da janela e ficou olhando fixamente para o sacerdote. — Eu não acredito que seu trabalho seja desperdiçado.

— Mas não recompensado.

— Sua recompensa — disse Ducos enquanto regressava para sua mesa — é a glória da Espanha e a sobrevivência da Inquisição. Eu o felicito. O senhor também tem, creio, os carros da marquesa bem immobilizados em seu pátio. — Disse estas últimas palavras com grande zombaria.

— O dinheiro não é legalmente nosso — disse o padre Machado incomodado.

— Verdade. Mas não é culpa minha se o senhor não é capaz de manter uma mulher presa em um convento.

O inquisidor ficou calado durante alguns segundos. Da prateleira da janela provinham os sons dos pequenos arranhões de bicos e patas. De muito mais longe, diminuído pela distância, chegava o débil som da chamada de uma corneta. O inquisidor sacudiu o pó da batina.

— Se tem que se estabelecer a paz entre nossos dois países, também terão que se estabelecer relações diplomáticas.

— Verdade.

— Tenho a esperança de que em tais relações possa ser de utilidade.

Ducos não disse nada. Ele esperava que o inquisidor o ameaçasse que, a menos que a marquesa fosse presa, ele atraíçoaaria a existência do tratado ao inimigo. De fato, Ducos havia se preparado para tal ameaça, que teria acabado com a morte do sacerdote. Contudo, o inquisidor lhe oferecia um trato de outro tipo.

— Continue — disse Ducos.

— A Espanha começará de novo. — Parecia que o inquisidor falava cada vez com mais segurança. — Serão necessários homens novos, novos conselheiros, novo comando. Com riquezas respaldando-me, major, posso aspirar a esse desafio. Mas não se a riqueza estiver manchada. Não se uma mulher me desafia nas cortes, ou faz correr rumores nas chancelarias da Europa. Se me deixar subir, major, como eu tenho a intenção de fazer, nos anos vindouros o senhor verá que a França tem um amigo na corte espanhola.

Ducos gostou de tal sugestão. Agradou-lhe aquela referência ao futuro distante, a promessa de que em uma nova Europa o inquisidor seria seu informante e seu aliado. Deu de ombros.

— Não posso fazer que a prendam.

— Não lhe peço isso.

De longe provinha o som de alguns arbustos que ardiam. O inquisidor olhou pela janela, mas Ducos descartou que fossem mosquetes.

— Estão limpando os canhões, isso é tudo. — Passou o dedo por uma caneta. — Quer matá-la?

— Não!

A firmeza da resposta fez que Ducos levantasse a vista.

— Não?

— Ela deve ter feito seu próprio testamento. Se ela morre, então seus herdeiros se convertem em meus inimigos. Não. — O inquisidor franziu o cenho. — Tem que ir para um convento. Tem que aprender a humildade da religião.

Ducos sorriu levemente.

— Já fracassou uma vez.

— Nesta ocasião não fracassarei.

— Talvez não — disse Ducos com ar duvidoso.

Mas pensou que Richard Sharpe estava morto e não podia repetir o resgate insolente da mulher. A morte de Sharpe havia satisfeito a Ducos. Teve pesadelos recordando da luta no castelo de Burgos, do fuzileiro espancado, abatido e sangrento que de repente lançou seus gritos de desafio e converteu a habitação em um matadouro. Contudo, Sharpe morreu na explosão e aquele fato dava a Ducos certa felicidade. Ducos olhou para o sacerdote.

— Contudo, não é dever do imperador meter as mulheres em conventos.

— Eu não peço isso.

— Então o que pede, senhor?

— Somente isto — disse o inquisidor inclinando-se e deixando sobre a mesa um pedaço de papel. — Que assine um passe que permita a entrada na cidade destes homens hoje.

O papel era uma lista de nomes. Era encabeçada pelo nome do Açougueiro e Ducos entendeu que os outros seriam membros de seu bando. Havia trinta nomes.

— O que espera deles?

O inquisidor deu de ombros.

— Tanto a vitória como a derrota levarão o caos para a cidade. Em meio do caos está a oportunidade.

— Uma esperança pequena, diria.

— Deus está conosco.

— Ah — respondeu Ducos sorrindo. — É uma lástima que não estivesse com seu irmão nas montanhas. — Pegou um pedaço de papel, destampou a tinta e escreveu rapidamente. — Quer que estes homens venham com armas a serviço de Deus?

— Sim.

Ducos escreveu que os portadores daquele documento eram criados da diocese de *Vitória* e tinham permissão para entrar na cidade com suas armas. Quando tinha escrito estampou o selo do rei José e depois o estendeu sobre a mesa.

— O senhor me dá sua palavra de que estes homens não empunharão as armas contra nossas forças?

— O senhor tem minha palavra, a menos que suas forças a defendam.

— E não me pedirá nada mais com relação a este assunto?

— Nada mais.

— Então lhe desejo sorte, padre.

Ducos despediu-se do homem e, quando se achou de novo sozinho foi até a janela, caminhou suavemente para não assustar os pardais que estavam na prateleira da janela e viu, longe na planície, o exército francês que esperava.

Franziu o cenho. Não era bom, pensou, que o destino das nações e os assuntos de um grande império tivessem que ficar nas

mãos de soldados valentões e infantis. A vitória desse dia significaria que o tratado não era necessário e todo aquele trabalho delicado seria desperdiçado. Contudo, Ducos não confiava em uma vitória francesa nesse dia. Ele quase desejava, e somente lhe reconhecia a si mesmo, uma derrota dos franceses, pois então, no caos de um reino feito em pedaços, ele hastearia o tratado como um triunfo diplomático e salvaria a França. Mostraria aos soldados, os tontos, vaidosos e valentes soldados, que seu poder não era nada comparado com a mente sutil de um homem inteligente e calculista.

Afastou-se da janela. Não tinha outros deveres a cumprir, nada mais em que se comprometer, somente esperar a loteria do dia. Portanto naquele dia ensolarado e de batalha, Ducos foi dormir.

O marquês de Wellington, generalíssimo do exército aliado na Espanha, olhou seu relógio. Passavam doze minutos das oito.

— Jantaremos na hora de sempre esta noite, cavalheiros.

Seus ajudantes sorriram, sem saber se estava brincando. Foram com ele até as ladeiras das colinas do oeste e viam, três quilômetros para o leste, a escura linha dos canhões franceses.

O general olhou para a direita, onde a pista principal surgia de um desfiladeiro, e observou, na outra margem do rio, uma coluna de infantaria que começava a subir as ladeiras dos montes de Póvoa.

A coluna era encabeçada pelas tropas espanholas, que nesse dia teriam a honra de ser as primeiras a enfrentar o inimigo. Tampou bruscamente o relógio.

— Cavalheiros — disse com tom distante, quase amargo —, desejo o maior gozo neste dia.

A batalha de *Vitória* havia começado.

Capítulo 20

Os canhões, os grandes canhões franceses, os canhões que eram o tesouro do imperador e as armas mais temidas pelos inimigos da França, dispararam.

O som se desvanecia e a fumaça se elevava.

Os franceses não dispararam para nenhum alvo. Simplesmente tinham esquentado os canhões e observavam a queda das balas no campo da morte. Até o momento a batalha não seguia um padrão. Algumas tropas espanholas subiam com dificuldade os montes de Póvoa e lutavam contra os atiradores franceses sobre a ladeira escarpada, mas não havia aparecido nem a infantaria nem a cavalaria na planície para converter-se em carne para os artilheiros, que já tinham calculada a distância. A fumaça dos canhões flutuava para o sul e se desvanecia entre a leve brisa. As mulheres que estavam sentadas nas arquibancadas construídas pelos engenheiros franceses na muralha de *Vitória* se sentiram um pouco decepcionadas quando o som cessou.

A marquesa subira até a arquibancada mais elevada. Sorriu para a mulher de um coronel da cavalaria, sabendo ela estava ansiosa para cochichar a seu respeito.

— As hemorróidas de seu marido estão melhor, querida Jeanette? Ou volta a ir à batalha em carreta?

Não esperou uma resposta, seguiu subindo e depois aguardou que sua criada colocasse várias almofadas no banco. Procurou no retículo que usava algumas moedas e fez um sinal com a cabeça para um dos vendedores de bolinhos.

— Quero alguns de limão.

— Imediatamente, senhora.

Sentou-se. Tinha uma luneta pequena de marfim. Havia pouco o que ver na planície. O campo da morte lhe ficava oculto atrás da

colina de Aríñez. Em uma colina baixa que ficava mais próxima da cidade via umas tropas em ordem fechada dispostas para o combate. Por cima de suas cabeças flutuava o grande estandarte púrpura e branco que lhe indicou que eram os guardas da casa do rei José. Perguntava-se onde estaria o general Verigny. Deixara-a com impaciência, regozijado ante a ideia da batalha. Com a vitória desse dia, havia assegurado, Pierre Ducos seria derrotado. José ficaria com o trono espanhol e poderiam tomar as carroças da marquesa do inquisidor. Helene sorriu para seu amante.

— E o que acontecerá se perdermos hoje?

— Perder? Não podemos perder!

Apenas alguns dias antes, pensou, o exército francês não esperava nada mais que uma retirada e o abandono da Espanha. De repente, com o desembaraço que havia trazido a notícia das vitórias de Napoleão, o exército transbordava confiança. Hoje, estavam seguros, se vingariam de Wellington.

Tudo era tão inesperado... Em Burgos ela tentou persuadir Richard Sharpe de que atraísse sua honra para desmontar o plano de Ducos. Perguntava-se se Sharpe teria assinado o documento, depois tirou essa ideia da cabeça porque ele estava morto e a questão era irrelevante. Em troca, o rei José lutava por seu trono, e a vitória de hoje significaria o fim de ter que subornar os espanhóis em busca de favores. A França voltaria a esmagar a Espanha. O mundo contemplaria a retirada de um império pela grandeza.

Um capitão, vestido com o uniforme verde e rosa do regimento do general Verigny, apareceu ao pé da arquibancada. Tinha um braço na tipóia e um olho vendado. Coxeava. Não podia lutar nesse dia e lhe ordenaram que se ocupasse da marquesa. Era típico do general Verigny, pensou a marquesa, assegurar-se de que sua escolta era de uma feiúra incrível. Helene levantou o leque, chamou sua atenção e sorriu quando se aproximou dela.

— Está me procurando, capitão?

— Não o fazemos todos, minha querida senhora? — disse inclinando-se sobre sua mão, beijou na luva e sorriu. — Capitão Saumier, a seu obediente serviço.

Na realidade era extraordinariamente feio, com cara de sapo resmungão.

— Sente-se, capitão. O senhor deve estar desolado por não poder lutar hoje.

— Haverá outros dias, senhora, mas este é dele. Como poderia um homem lamentar tal coisa?

— Dito tão belamente... Um bolinho de limão?

Mandou a criada comprar mais e ordenou que trouxessem o vinho de sua carruagem.

— Onde recebeu essas feridas, capitão?

— Ao cair do balcão de uma dama. Seu marido pôs objeções.

Sem dúvida alguma, pensou a marquesa, ao gosto absurdo de sua mulher. Apontou com seu leque para o campo de batalha.

— O senhor tem que me explicar o que sucede, capitão.

A dama via as nubéculas de fumaça dos mosquetes sobre os montes de Póvoa. O capitão Saumier lhe tomou emprestado a luneta, olhou durante alguns segundos e manifestou sua opinião. Wellington estava atacando nos Montes de Póvoa porque não se atrevia a fazê-lo na planície.

— Mas se tomarem as colinas — a marquesa parou, pois sua criada trazia os bolinhos e o vinho —, não terão que descer para a planície?

— Oh, sem dúvida, senhora. É verdade!

— E o que vem depois?

— Os atacaremos com os canhões — respondeu Saumier, sorrindo e deixando ver alguns dentes compridos e amarelos.

— Tão simples assim?

Saumier sorriu.

— A guerra é simples.

— Não me admira que os homens gostem tanto. — A marquesa sorriu. — Talvez Wellington faça algo que o senhor não espera.

O capitão Saumier sacudiu a cabeça em sinal de negação. Ele estava de acordo com o ponto de vista aceito comumente no exército francês, um ponto de vista que agora expunha com varonil convicção para tranquilizar a essa mulher nervosa, bonita e de grandes olhos.

— Wellington não pode atacar. Oferece uma defesa razoável, senhora, mas não pode atacar.

— O senhor esteve em Assaye?

— Assaye?

Não lhe deu detalhes.

— Argaum?

Ele deu de ombros. Helene sorriu.

— Salamanca?

Saumier sorriu.

— Estes bolinhos são excelentes, senhora.

— Fico muito feliz que lhe agradem, e estou ansiosa para ouvir suas explicações, capitão. É tão raro observar uma batalha com um guia ao lado...

O general havia informado a Saumier de que a marquesa era inteligente e bem informada. Ele temia que fosse ele que iria receber informações.

— Está cômoda, senhora?

— Muito.

Afastou a vista dele e percorreu com a luneta os montes de Póvoa. Não via nada de interesse. A batalha tinha lugar por baixo da linha do horizonte. A marquesa desejou, desejou

apaixonadamente, uma vitória francesa nesse dia; se não, a riqueza que ela tinha acumulando com tanto cuidado se perderia. Recordava a confiança de seu amante, e a animou que o capitão Saumier transbordasse também segurança. Parecia que o exército francês estava seguro de um próximo triunfo. Ninguém havia derrotado Wellington em uma batalha, mas tampouco Wellington havia combatido contra um exército ao comando do marechal Jourdan. A marquesa comeu o bolinho, aceitou uma taça de vinho e esperou a vitória.

Seu desejo era esse dia sinceramente compartilhado por dom José, para a graça de Deus, Rei de Castela, de Aragão, das Duas Sicílias, de Jerusalém, de Navarra, de Granada, de Toledo, de Valença, de Galiza, de Maiorca, de Menorca, de Sevilha, de Sardenha, de Córsega, de Córdoba, de Múrcia, de Santiago dos Algarves, de Algeciras, de Gibraltar, das Ilhas Canárias, das Índias Orientais e Ocidentais, das Ilhas do Oceano; arquiduque de Áustria; duque de Borgonha, de Brabante e de Milão; conde de Habsburgo, Tirol e Barcelona; senhor de Biscaia e de Molina. Os títulos lhe dera a si mesmo. Seu irmão menor, que era o imperador da França, simplesmente lhe chamava José Bonaparte, rei da Espanha e das Índias.

Se perdesse a batalha de hoje seria rei de nada.

Por isso, à medida que o sol se elevava cada vez mais e os canhões esperavam, José Bonaparte se preocupava com o êxito evidente que as tropas de Wellington estavam tendo nos montes de Póvoa. Manifestou sua preocupação ao comandante militar, o marechal Jourdan, que simplesmente sorriu.

— Deixe que os britânicos tomem os montes, senhor.

— Que os deixe? — respondeu o rei José, um homem inquieto e amável que parecia preocupado ante seu chefe militar.

O cavalo de Jourdan estava inquieto. O marechal o acalmou.

— Querem os montes, senhor, para poderem avançar a salvo através do desfiladeiro que está por debaixo. E aí é onde eu quero que estejam.

Se os britânicos viessem do desfiladeiro onde o rio deixava a planície, avançariam em direção a seus grandes canhões. Sorriu para José.

— Se vierem pelo oeste, senhor, estarão perdidos.

Jourdan pediu a Deus que tivesse razão. Ele tinha pensado um ataque britânico proveniente do oeste e quando os canhões tivessem manchado o campo de morte com mortos britânicos ele mandaria a cavalaria e se converteria no primeiro marechal da França a derrotar Wellington. Não lhe preocupavam os montes. Nenhum homem situado ali podia afetar uma batalha que se desenrolasse na planície. Os britânicos podiam tomar todas e cada uma das malditas colinas da Espanha, desde que depois avançassem para seus canhões. Quase podia saborear a vitória.

Mas havia um lugar que preocupava o marechal Jourdan e esse era o terreno plano ao norte do rio. Se Wellington não atacasse do oeste, mas que tentasse ultrapassar a planície marchando ao redor da direita francesa, Jourdan teria que fazer girar sua linha de batalha e recolocar os canhões.

Olhava com ansiedade para o norte, para o terreno do outro lado do rio onde o vento agitava os cultivos formando ondas largas, pálidas e ondulantes. Dois falcões voavam por cima do rio Zadorra, rico em trutas, e planaram até perder-se de vista atrás da colina que ocultava a curva do rio. Não havia fortificado aquela colina. Perguntou-se se Napoleão teria situado homens ali.

Não. Não. Não tinha que ter dúvidas! Tinha que se comportar como se soubesse exatamente o que sucederia, como se controlasse seu inimigo tão bem como o seu próprio exército.

Esforçou-se em sorrir. Ele se esforçava em parecer seguro. Fez cumprimentos ao rei a respeito de seu alfaiate e tentou não pensar

nas tropas britânicas vindo do norte. Deixe que venham pelo oeste!
Queira Deus, pelo oeste!

— Senhor!

— Senhor!

Ouviu-se um coro de vozes. Os dedos apontavam o oeste, para o desfiladeiro que estava ainda bem escurecido.

— Senhor!

— Já vi! — exclamou Jourdan fazendo avançar seu cavalo.

Do desfiladeiro, avançando pelo pequeno povoado situado diante da colina Aríñez, marchando pelo grande campo da morte dominado pelos canhões franceses, vinha a infantaria britânica.

Suas bandeiras ondeavam. Avançavam como um desfile de soldados para a morte.

— O apanhamos! O apanhamos, por Deus! — disse Jourdan enquanto se dava um tapa na coxa.

Portanto Wellington não fora tão brilhante como de costume. Vinha diretamente e isso era o que Jourdan queria. Direto para a morte, e à glória do imperador. Esporeou o cavalo para que avançasse, agitando seu chapéu com plumas em direção aos artilheiros.

— Artilheiros! Esperem!

Os bota-fogos estavam acesos. Em cada um dos grandes canhões, mais de uma centena deles, os tubos de escorvar haviam esburacado as bolsas de pólvora e estavam à espera de acender o fogo.

O rei José cavalgava junto de seu marechal. José estava aterrorizado com o desgosto de seu irmão menor e o terror se notava na cara. Se perdesse esta batalha já não seria rei e para ganhá-la tinha que ver Wellington derrotado. José havia presenciado o combate do exército britânico em Talavera e viu como sua infantaria havia arrebatado a vitória a partir de certa derrota.

Mas o marechal Jourdan vira mais. Ele lutou como soldado no exército francês que foi ajudar os revolucionários americanos. Vira os britânicos derrotados e sabia que o voltaria a ver. Sorriu amplamente para o rei, o irmão do imperador.

— Tem uma vitória, senhor. Tem uma vitória!

— Tem certeza?

— Olhe! — exclamou indicando com a mão para o norte vazio, depois para as tropas que se estendiam ante seus canhões. — O senhor tem uma vitória!

Foi o último momento em que os homens puderam olhar para o campo e ver o que sucedia, o último momento antes que a fumaça dos canhões ocultasse o combate. Jourdan desembainhou o sabre, o aço brilhava sob o sol, e fez o sinal.

Os canhões começaram.

O desfiladeiro onde a pista principal penetrava na planície de *Vitória* estava abarrotado. As tropas esperavam a ordem de avançar. Os homens feridos nos montes de Póvoa eram levados para a estrada. Os médicos, com os aventais já brilhantes de vermelho, tentavam fazer trabalhar suas serras e lâminas enquanto os homens abarrotavam as bordas estreitas esperando para ir para o fogo de canhão que de repente havia começado.

Os homens brincavam sobre o som dos canhões franceses. Brincavam porque os temiam.

Os tambores jovens observavam os veteranos e tentavam se consolar com sua calma. Os oficiais jovens, sentados sobre cavalos caros, se perguntavam se a glória valia esse nervosismo. Os oficiais do estado maior, com os dorsos dos cavalos brancos de suor, percorriam as colunas a galope buscando aos coronéis e generais. As bandeiras, que nenhum vento movia no desfiladeiro, se içavam nas hastes. Os primeiros batalhões já estavam na planície. Os primeiros feridos já retrocediam se arrastando para os médicos.

Alguns homens rompiam filas, desciam até o rio e enchiam os cantis com água. Alguns haviam reservado sua ração de vinho ou rum. Era melhor, diziam, entrar em batalha com álcool no corpo.

Um regimento irlandês, com as casacas vermelhas descoloridas e remendadas que atestavam o tempo que haviam servido na Espanha, ajoelhavam-se diante do capelão de um regimento espanhol que lhes dava a bênção, os benzia, enquanto que suas mulheres rezavam com ansiedade detrás. Seu coronel, um escocês presbiteriano, estava sentado em sua sela e lia o salmo vinte e três.

Algumas tropas dos Highland subiam os montes de Póvoa para substituir os espanhóis. O som das gaitas, selvagem e louco, chegava ao desfiladeiro mesclado com o rugido dos canhões franceses.

Os homens se perguntavam entre si o que sucedia e ninguém sabia. Esperavam, sentindo que cada vez fazia mais calor; escutavam o som da batalha e rezavam para viver e escutar o som da vitória. Rezavam para não ter que ir parar nos cirurgiões. Na retaguarda da coluna, onde as mulheres e as crianças esperavam que se extraísse a loteria da viuvez desse dia, e onde os habitantes da cidade contemplavam com os olhos bem abertos a estranha e imensa tribo que se amontoava em seu vale, dois cavaleiros contiveram seus cavalos. Um dos dois homens, alto, de cabelo castanho e com uma cicatriz, gritou para um grupo de mulheres de soldados que estavam sentadas na beira do rio.

— Que divisão é esta?

Uma mulher que dava o peito a um bebê levantou a vista para o fuzileiro que havia perguntado aos gritos.

— Segunda.

— Onde está a Quinta?

— Sabe Deus.

Essa resposta, pensou Sharpe, era a que merecia. Esporeou *Carabina* para que avançasse.

— Tenente! Tenente!

Um tenente de infantaria virou-se. Viu a um homem alto e moreno a cavalo. O homem vestia um uniforme feito farrapos dos fuzileiros do 95º. Levava uma espada ao quadril, o que parecia indicar que o homem sem se barbear era um oficial.

— Senhor? — disse o tenente com tom indeciso.

— Onde está Wellington?

— Acho que está do outro lado do rio.

— A Quinta Divisão?

— À esquerda, senhor. Acho.

— O senhor está bem?

— Acho que sim, senhor — respondeu o tenente com tom de dúvida.

Sharpe fez que o cavalo girasse. O desfiladeiro estava abarrotado de homens e ele ouvia o som dos canhões que lhe indicavam que esse caminho somente levava ao campo de batalha.

Não se preocupou por Wellington. Aquele não era o momento de ir ao encontro do general e lhe falar do tratado que a marquesa lhe revelara em Burgos. Havia posto por escrito tudo o que ela lhe dissera e se asseguraria que a carta chegasse até Hogan. Mas agora Sharpe tinha alcançado o exército em um dia de batalha, ele era um soldado e salvar sua honra podia esperar até que o combate, tivesse acabado. Olhou para Angel, montado sobre um cavalo horrível que haviam roubado em Pancorvo.

— Venha!

Conduziu o garoto de regresso ao povoado, onde uma ponte cruzava para a margem oeste. Procuraria o South Essex, regressaria de entre os mortos e lutaria.

Capítulo 21

Os canhões franceses dispararam durante toda a manhã. Seu estrondo fazia vibrar as janelas da cidade. Era como um trovão sem fim. A fumaça crescia formando uma nuvem. As mulheres que estavam sentadas na arquibancada sobre a muralha da cidade se queixavam porque lhes escurecia a visão. Não podiam ver ao inimigo. Somente viam a grande nuvem que crescia, se estendia e se afastava para o sul com a brisa. Algumas delas passeavam pelas muralhas, paquerando com os oficiais da guarda da cidade. Outras, com as sombrinhas para se protegerem do sol, cochilavam nos lugares.

Os artilheiros disparavam, apontavam e voltavam a disparar. Arrastavam os canhões para frente depois de cada disparo, faziam girar as armações com alavancas e empurravam a munição nos canos quentes, que emitiam vapor depois de passar os escovilhões. Alguns homens eram enviados com baldes para buscar água nos riachos da planície para molhar os escovilhões. Das estradas que saíam da cidade provinha o som dos carros de munição a galope, que traziam novas munições para alimentar os canhões que faziam tremer o campo da morte.

A infantaria francesa estava assentada nas colinas; os soldados cortavam salsichas e pão e bebiam vinho tinto e áspero de seus cantis. Os canhões estavam fazendo seu trabalho. Boa sorte para os canhões. Os canhões davam sacudidas, levantando as rodas do piso a cada disparo. Quando um caía com todo seu peso, o artilheiro corria para frente para pôr o polegar envolvido em couro sobre o ouvido fumegante. Com o ouvido tapado, estava a salvo para voltar a atacar a fundo o escovilhão no cano e apagar as últimas chispas vermelhas antes de introduzir a carga de pólvora seguinte. Se o ouvido não estivesse bloqueado, a baforada de vapor que produzia o escovilhão molhado podia acender as bolsas de pólvora que não haviam explodido e estas podiam estourar com força suficiente para

lançar para trás o escovilhão e impulsioná-lo até atravessar o corpo de um artilheiro.

Os canhões tinham nomes gravados em relevo por baixo das “N”, orgulhosas e laureadas. *Egalité* disparava junto a *Liberté*, enquanto a *Fortune* e a *Défi* lhes passavam o escovilhão.

Os artilheiros suavam, suspiravam e sorriam; escutavam seus oficiais que lhes gritavam o alvo e sabiam que estavam semeando a morte a oeste da planície. Não podiam ver seu inimigo, a fumaça ocultava tudo o que estava a oeste, mas cada disparo abria uma lança de chama entre a fumaça que se encrespava com a passagem dos potes de metralha. Então os artilheiros voltavam a carregar e a arrastar o canhão para situá-lo ao alvo, depois se afastavam quando o chefe de artilheiros atacava com uma pua pelo ouvido para atravessar a bolsa de lona da pólvora, enquanto o segundo homem metia a pena com pólvora fina no interior do buraco que fizera a pua. A pena conduzia o fogo desde o bota-fogo na mão do chefe dos artilheiros até a pólvora.

— *Tirez!*

Todos os artilheiros estavam surdos, ou isso diziam. Eram os reis do campo de batalha e nunca ouviam os aplausos. Às vezes, poucas, uma bateria fazia uma pausa. A fumaça da frente limpava lentamente e os oficiais se assomavam para olhar o alvo. Tinham freado os britânicos. As linhas vermelhas se entocavam entre os cultivos, se ocultavam atrás dos muros de pedra ou se encolhiam nas valas cheias de água suja da chuva de verão.

Os artilheiros sabiam que os britânicos estavam vencidos. Nenhuma tropa no mundo se atreveria a penetrar no horror de balas e metralha que aqueles canhões vertiam sobre o campo da morte.

Para os britânicos aquele ruído era um pesadelo. As balas retumbavam como se fossem barris gigantes rodando sobre pranchas por cima de suas cabeças, a metralha assobiava, os gritos dos feridos envolviam tudo. As balas de mosquete provenientes dos potes de metralha tamborilavam contra as pedras ou atravessavam

o milho ou se cravavam na carne. E sempre se ouvia o trovão arrasador que provinha da nuvem branca que tinham pela frente.

Às vezes, quando um canhão ficava sem bala ou pote de metralha, disparava-se uma granada. Esta aterrizava nos cultivos estragados. Girava, com a mecha fumegando selvagememente; depois a cápsula se partia e lançava chamas, fumaça e fragmentos de ferro que se somariam ao som da morte.

Os britânicos morriam de um em um e de dois em dois. Refugiavam-se onde podiam, mas os homens que procuram abrigo não ganham batalhas. Contudo, esses homens não podiam avançar. Nenhum homem podia penetrar naquela tormenta de disparos. Agachavam-se, deitavam-se nos vãos pouco profundos, maldiziam seus oficiais, seu general, os franceses, maldiziam por que o tempo passava tão lentamente e a falta de ajuda no limite da planície. Estavam sozinhos em uma tormenta de morte e não viam a ajuda. As bandeiras foram feitas em farrapos pelos disparos.

Os afortunados estavam no povoadozinho, a primeira povoação da planície, pois ali as paredes de pedra serviam de escudo. Mesmo assim, algumas balas castigavam as casas e abriam caminhos sangrentos nas habitações abarrotadas. No exterior das cabanas o ar seguia bem carregado do som da morte. O ataque estava parado.

— Nós o temos, por Deus, o temos!

O marechal Jourdan, que como todos os marechais franceses havia começado a acreditar que Wellington era imbatível, sabia que seu inimigo o subestimara. Jourdan supunha que Wellington, seguro por superar pela primeira vez em número aos franceses, entregara seu exército a um ataque frontal. Os canhões, o orgulho do exército francês, estavam fazendo migalhas do inimigo. Olhou para o norte. Havia alguns cavaleiros ingleses à vista na outra margem do rio e alguns de seus oficiais se alarmaram ao percebê-lo. Jourdan deu umas palmadas para chamar a atenção e levantou a voz.

— Cavalheiros! A cavalaria é uma manobra fingida! Se planejassem atacar dali já o teriam feito. Querem que debilitemos

nossa esquerda. Não o faremos!

E mais, reforçou-a. Fez as reservas que vigiavam a margem norte do rio avançarem para o sul, atrás da colina Aríñez, para ganhar os montes de Póvoa. Jourdan tinha mais planos para eles. Quando os britânicos se dispersassem e ele soltasse seus lanceiros e seus sabres sobre o terreno mortal, os homens provenientes dos montes poderiam descer com rapidez para bloquear o desfiladeiro. Os britânicos, dispersos e feridos, se veriam apanhados. Mas Jourdan sabia que primeiro tinha que deixar que Wellington enviasse mais homens para a planície, mais homens para matar e mutilar, mais cadáveres e prisioneiros para a glória do imperador.

Jourdan sabia que tinha que esperar. Em um par de horas, talvez, voltaria a tomar os montes e teria chegado o momento em que arruinaria a reputação de Wellington para sempre. O marechal pediu algo de comer e um pouco de vinho. Outras duas horas, pensou, e faria avançar as Águias, que voltariam a tomar a Espanha para os franceses. Sorriu para o rei José.

— Confio, senhor, em que não tenha convidado ninguém para se sentar a sua direita esta noite.

José franziu o cenho com perplexidade; não entendia por que Jourdan falava da festa da vitória encomendada em *Vitória*.

— Espero que o senhor ocupe esse lugar de honra, meu querido marechal.

Jourdan começou a rir.

— Eu estarei perseguindo o inimigo, senhor, mas poderá ter lorde Wellington para acolher. Ouvi dizer que gosta de cordeiro.

José entendeu e começou a rir.

— Tem tantas esperanças assim?

Jourdan tinha muitas esperanças. Havia ganhado, ele sabia, e já podia saborear a vitória.

Os canhões fizeram vibrar o faqueiro de prata sobre a mesa branca, no melhor hotel de *Vitória*. Os camareiros haviam disposto serviços para cento e cinquenta comensais na sala de jantar. As garrafas de vinho, agrupadas em abundância sobre todas as mesas, tilintavam umas contra as outras e o som era como o de mil campainhas.

Haviam cortado flores e agora as estavam colocando na mesa principal. Era ali aonde se sentaria o rei José, nessa festa da vitória encomendada pelos franceses. Uma bandeira tricolor pendia do teto. Os lustres de cristal vibravam com o som dos canhões. A grande sala em seu conjunto se enchia do tilintido, o tamborilado e as sacudidas dos objetos.

O proprietário do hotel inspecionou a habitação e viu que seus homens o prepararam bem. Apertou suas mãos. Tinha que ter se atrevido a pedir aos franceses que lhe pagassem a festa adiantado. Eles lhe pediram o melhor medoc, borgonha e champanhe, e na cozinha preparavam cinco bois, duas vintenas de cordeiros, duzentas perdizes e uma centena de frangos. Gemeu. O patriota que havia nele rezava por uma vitória britânica, mas o homem de negócios temia que os britânicos não pagassem o que havia encomendado o inimigo. Escutou os canhões e sua bolsa, mais importante que seu orgulho, rezou para que ganhassem.

O marquês de Wellington, a cavalo sobre as ladeiras suaves das colinas do norte, contemplava como a linha de canhões francesa se acendia, fumegava e destroçava seus homens no terreno mortal. Nenhum dos oficiais de seu estado maior lhe falava. Parecia que todo o céu vibrasse com as grandes detonações dos canhões.

Alguns oficiais do estado maior se aproximaram cavalgando. A simples vista a colina a oeste e o desfiladeiro pareciam consumidos no caos. Os feridos se arrastavam até os médicos, enquanto que outros homens esperavam para entrar em combate. Para alguém que não nunca tivesse visto uma batalha, parecia que não houvesse ordem alguma na disposição casual dos homens. Teriam desejado

um plano que lhes ajudasse a entendê-lo. Havia um plano. Jourdan planejava deter o ataque com seus canhões e Wellington projetava arrebatá-los aqueles canhões. O general inglês havia concebido seu plano como uma mão esquerda situada sobre o mapa e com a palma por baixo. O polegar era o ataque nos montes.

O dedo indicador eram as tropas que tinham avançado para baixo dos montes, para o estrondo dos canhões, as tropas que a artilharia francesa havia freado, as tropas que sofriam terrivelmente um minuto atrás do outro. O polegar e o indicador não tinham outra pretensão que atrair a atenção do inimigo para fazer que suas reservas se dirigissem para o sul e o oeste. E quando isso ocorresse, os três dedos restantes surgiriam do norte.

Mas onde estavam? Os homens que estavam na planície morriam porque as colunas da esquerda se retardavam e Wellington, que odiava ver morrer a seus homens inutilmente, não se permitia sequer o consolo de que, quanto mais esperassem, mais convencido estaria seu inimigo de que o ataque principal provinha do oeste.

Ascendeu um pouco a ladeira e olhou fixamente para o norte. Parecia que o terreno estivesse vazio. Estalou os dedos. Um ajudante se aproximou. O general virou-se.

— Metam-lhes pressa!

— Sim, senhor.

Não havia necessidade de explicar a quem tinha que apressar. Deveria haver três colunas vindo das colinas do norte, colunas que pisoteariam os cultivos do outro lado do rio, que tomariam as pontes e que cairiam sobre a direita francesa. Wellington se perguntava por que diabos os franceses haviam deixado as pontes intactas. Seus exploradores da cavalaria lhe informaram que não havia sinais de pólvora disposta para explodir os arcos. Não tinha sentido. O general temera que nos ataques ao norte os soldados tivessem que vadear as passagens, e seus corpos se fossem corrente abaixo nas águas ensanguentadas, mas os franceses haviam deixado as pontes abertas.

Certamente, as três colunas, que como dedos apertariam a vida do exército francês, não haviam aparecido e seu atraso significava que os canhões franceses estavam produzindo um grande número de baixas na planície. Os dedos da mão direita de Wellington tamborilavam sobre a cabeça de sua sela. Esperava, enquanto que abaixo os canhões faziam a manhã quente estremecer.

— Querido capitão Saumier...

— Senhora?

O capitão respondeu com voz cansada. A marquesa lhe fizera descer coxeando oito vezes as arquibancadas cheias de gente para ir buscar mais vinho ou mais bolinhos.

— Em minha carruagem tem uma sombrinha. Seria o senhor tão amável de ir buscá-la?

— Será um prazer, senhora.

— A sombrinha branca, não a negra.

— Não quer que lhe traga mais nada? — perguntou seu acompanhante com otimismo.

— Não me ocorre nada.

Desceu pouco a pouco pelo banco cheio de gente e seu feio rosto se ruborizava porque sabia que as outras mulheres haviam observado que fazia tarefas para a marquesa como se fosse um garoto.

Ela contemplava o campo de batalha e o único que via era a grande nuvem da fumaça dos canhões. Por algum motivo, percebeu que estava pensando em Sharpe. Perguntava-se se ele teria sido tão maleável quanto o capitão Saumier. Ela duvidava. Richard sempre se mostrara disposto a franzir o cenho e grunhir para indicar seu desagrado. Ele fora, pensou, um homem de um orgulho imenso, um orgulho frágil porque provinha da miséria.

Sentiu tristeza ao ouvir que havia morrido. Então se alegrou por ter-lhe mentido, de ter-lhe dito que o amava. Era o que Richard

queria que dissesse, pensou, e estava ansioso para acreditar. Perguntava-se por que os soldados, que conheciam a morte e o horror melhor que ninguém, eram tão descomedidamente românticos. “Enviá-los para a morte contentes”, era o que as mulheres desse exército diziam; e por que não? Tentou se imaginar na cama com o capitão Saumier e esse pensamento a fez estremecer. Abanou-se. O sol esquentava muito.

Um oficial da cavalaria refreou as rédeas de seu cavalo ao pé da muralha. Tinham vindo oficiais durante toda a manhã. Vinham para se exhibir ante as damas e gritavam novas do combate que permanecia oculto atrás da grande nuvem de fumaça. O oficial da cavalaria tirou o chapéu. Tudo ia bem, disse. Os britânicos estavam vencidos. Jourdan logo ordenaria que a linha avançasse. A marquesa sorriu. A vitória de hoje significaria a derrota de Ducos. Um sentimento prazeroso de pura maldade lhe invadiu ao pensar em tal derrota.

Helene afastou a vista da fumaça. Olhou os campos vazios do norte, onde brilhavam as papoulas e a centáurea, um cenário de inocência nesse dia de canhões e fumaça. Ali ao longe, ao pé das colinas ao norte e longe demais para desempenhar papel algum na batalha, havia um castelo pequeno, de livro de estórias. Desdobrou a luneta de marfim e observou a diminuta fortaleza antiga. E, em lugar disso, viu tropas. Tropas que avançavam com passo firme até esmagar as colheitas. Tropas que surgiam dos barrancos das colinas, tropas que avançavam em tropel em direção sul para a direita da linha francesa. Ficou olhando fixamente. As tropas iam de vermelho. Percebeu o que estava vendo; era o menosprezado Wellington que demonstrava aos franceses, uma vez mais, que não sabia atacar. Abaixo, o oficial da cavalaria pegou um lenço que lhe haviam lançado, fez girar seu cavalo e regressou a galope para o combate.

— Senhor!

— Senhor!

O marechal Jourdan, que um momento antes havia estado pensado que a batalha estaria ganha pelas duas e havia lamentado que a perseguição lhe impediria de ir ao jantar da vitória naquela noite, olhou fixamente para a direita. Não podia acreditar no que via.

As colunas avançavam para ele, pelo flanco indefeso, e os estandartes britânicos ondeavam brilhantes sobre as cabeças. Ele já havia tirado as reservas da direita para voltar a atacar os montes de Póvoa e agora Wellington havia soltado o peso de seu ataque real. Durante um instante fugaz e horrível, Jourdan admirou a Wellington por ter esperado tanto, por deixar que seus homens sofressem sob os canhões durante o tempo necessário para convencer os franceses de que o ataque frontal era o verdadeiro ataque; depois, o marechal começou a gritar.

Os flancos direitos das linhas francesas tinham de girar para fora. Não teriam tempo de impedir que os britânicos cruzassem o rio, portanto Jourdan percebeu que deveria enfrentá-los na margem próxima com seus canhões.

O rei José, que havia se retirado para sua carruagem para fazer uso de seu urinol de prata, regressou depressa sob a luz do sol.

— O que foi?

Jourdan o ignorou. Estava olhando fixamente para o norte, observando a coluna inimiga que estava mais ao leste e que não se dirigia para ele. Ia para a pista principal para tentar cortar-lhe a retirada para a França.

— Que povoação é aquela, ali, na curva do rio? — perguntou a um assistente.

— Gamarra Maior, senhor.

— Diga-lhes que o retenham! Diga-lhes que o retenham!

— Senhor!

O rei José, com a faixa das calças na mão, observava horrorizado enquanto o assistente esporeava seu cavalo e o punha

a galope.

— Reter o quê?

— Seu reino, senhor. Aqui!

A voz de Jourdan era feroz. Apontou para a curva do rio e o povoadozinho de Gamarra Maior.

— Você! — gritou indicando outro assistente. — Diga ao general Reille que quero seus homens em Gamarra Maior. Vá!

Se cruzassem o rio e tomassem a estrada, então teria perdido uma batalha, um reino e um exército.

— Diga-lhes que o retenham! — gritava atrás do oficial; depois se virou para o oeste.

Ouviu-se um canhão, não era uma grande coisa nesse dia, salvo que este era um canhão britânico; tinham trazido para fazer frente aos franceses e as balas aterrizavam sobre a ladeira da colina de Aríñez, quicavam e passavam a alguns poucos metros do cavalo de Jourdan. Era o primeiro disparo do inimigo que alcançava a colina de Aríñez e era sinal do que se aproximava.

O marechal Jourdan, cujo dia de triunfo estava se azedando, lançou o bastão de marechal dentro de sua carruagem. Era de veludo vermelho, com a ponta dourada e decorado com águias de ouro. Era uma bugiganga própria de um triunfo, mas agora, e ele o sabia, tinha que combater contra o desastre. Enviara suas reservas para sua esquerda e agora sua direita se via ameaçada. Gritou pedindo notícias e se perguntou o que sucedia detrás do banco de fumaça que ocultava essa batalha por um reino.

Richard Sharpe, ainda que não soubesse, galopava a quase duzentos metros de Wellington. Dirigiu-se para o norte seguindo o rio e ia gritando para os aldeãos que contemplavam a batalha do caminho que o deixassem livre. Do outro lado da água via a fumaça que se desprendia da linha de canhões franceses. A metralha se convulsionava e destroçava os cultivos pisoteados.

Diminuiu o passo na curva do rio e se viu obrigado a franquear uma rua do povoado abarrotada com os batalhões que esperavam para cruzar as pontes. Gritou para um oficial a cavalo e lhe perguntou onde estava a Quinta. O homem lhe fez sinais com a mão.

— À esquerda!

Um oficial de fuzileiros que acendia um charuto com a pipa de um de seus homens viu Sharpe e ficou boquiaberto. O charuto caiu ao solo. Sharpe sorriu.

— Bom dia, Harry. Boa sorte!

Jogou os calcanhares para trás e deixou o soldado estupefato por ter visto ao homem desonrado, enforcado e enterrado que regressava dos mortos. Sharpe começou a rir, deixou o povoado e pôs *Carabina* a meio galope e direto para o leste para a ribeira norte do Zadorra.

Na sua frente a terceira e sétima divisões eram enviadas para o rio. Atacavam a passo ligeiro e com os escaramuçadores à frente. As enormes formações se dividiam e fluíam sobre as pontes não explodidas e os vaus indefensos. Angel estava atemorizado ante aquela visão. Mais de dez mil soldados de infantaria avançavam, uma maré vermelha que assaltava as posições francesas do sul.

Um major galopou para Sharpe. Atrás dele ia uma brigada de infantaria, com seu general impaciente à cabeça.

— O senhor é do estado maior?

— Não! — respondeu Sharpe freando o cavalo.

— Maldita seja! — respondeu o major com a espada desembainhada. — O general se esqueceu de nós! Maldita seja!

— Apenas vá!

— Ir?

— Por que não? — disse Sharpe sorrindo para o homem. — Onde está a Quinta?

— Siga adiante!

O major fizera girar o cavalo e agora fazia sinais com a espada para seu general em direção ao rio. A brigada arrumou seus mosquetes.

— Venha, Angel!

Sharpe temia que a batalha tivesse acabado antes que ele tivesse podido se incorporar.

À direita de Sharpe, enquanto beirava a retaguarda da brigada que avançava, o ataque britânico voltava a formar na margem sul do Zadorra. Na frente do ataque, dispersos entre o trigo sem pisar e coalhado de flores, os fuzileiros, homens do 95º, avançavam em linha de escaramuçadores. Viam os canhões franceses sobre a colina Aríñez e se punham em posição, disparavam, voltavam a carregar e avançavam.

As balas saíam da nuvem de fumaça e ressoavam contra as bocas enegrecidas dos canhões franceses; era o primeiro aviso que a bateria teve de que estava em perigo.

— Bastões!

Os artilheiros faziam girar os canhões e os homens levantavam com esforço as alavancas, pois vinham mais balas do norte.

— Metralha! — gritou o oficial.

E então uma bala o fez virar, agarrou o ombro com uma mão e de repente seus homens se puseram a correr porque os fuzileiros vinham colina à cima.

— Carreguem-no!

Era tarde demais. Os fuzileiros, com as lâminas das baionetas preparadas, já estavam na bateria. As lâminas cortaram os poucos franceses que tentaram brandir as baquetas contra os fuzileiros britânicos. Alguns artilheiros se arrastaram para baixo dos canhões, esperando o momento oportuno para se render. Atrás dos fuzileiros, dispersas no trigo e com as bandeiras ondeando, vinham as linhas dos homens vestidos com casacas vermelhas.

— Recuar! Recuar!

Um coronel de artilharia francês, vendo que as baterias do norte tinham sido tomadas, gritou pedindo os carros de munição e os cavalos. Os homens carregaram a munição preparada em caixas, recolheram as armações, engancharam as correntes, deram chicotadas nos cavalos e os canhões franceses partiram retumbando, estremecendo e quicando para a segunda linha.

— Prepara!

Agora a infantaria francesa, que havia acreditado que os canhões tinham feito seu trabalho, tinha que avançar para romper o ataque britânico.

— Preparar! Fogo!

Por cima dos campos que a metralha havia esfolado se ouviu o som dos mosquetes, o estrondo da infantaria.

O marquês de Wellington levantou a tampa de seu relógio. Ele mantinha sua posição firme na planície e levava a confusão à primeira linha francesa, mas sabia que agora viria uma pausa.

Reuniam os prisioneiros e levavam os feridos até os médicos. Entre a fumaça do campo de batalha, coronéis e generais procuravam sinais, procuravam unidades em seus flancos e esperavam ordens. A estratégia havia funcionado, mas agora tinha que voltar a alinhar o ataque. Os homens que haviam sofrido sob os canhões franceses tinham que ser substituídos e novos batalhões avançavam sobre a planície para se juntar aos ataques do norte.

Wellington cruzou o rio. Avançou para tomar o comando do ataque seguinte, o que mandaria o exército francês direto para o leste, para *Vitória*, e se perguntou o que estava ocorrendo ao dedo mindinho de seu plano. Esse dedo era a Quinta Divisão. Avançava por um povoado chamado Gamarra Maior e se fosse capaz de tomar esse povoado, cruzar o rio e cortar a pista principal, a derrota francesa se converteria em uma debandada. Wellington sabia que

ali a batalha seria mais dura e para esse lugar, quando o sol se elevava em seu zênite, cavalgava Sharpe.

Capítulo 22

O tenente-coronel Leroy brincava com seu relógio.

— Malditos sejam! — Ninguém disse nada. À sua direita, a quase cinco quilômetros de distância, as outras colunas tinham atacado o outro lado do rio. Ali a batalha era uma nuvem de fumaça de mosquete e canhão. A Quinta Divisão esperava.

Três batalhões, um deles o South Essex, encabeçariam o ataque contra Gamarra Maior. Diante dos homens de Leroy havia uma ladeira suave que descia para o povoado. Após ele, uma ponte de pedra atravessava o rio. Depois do rio ficava a pista principal. Se a divisão pudesse cortar a estrada, então o exército francês viria cortada a retirada para a França.

Voltou a levantar bruscamente a tampa de seu relógio.

— O que está retendo a esse maldito?

Leroy queria que o general de divisão ordenasse logo o ataque.

Os franceses estavam em Gamarra Maior. Essa era a única passagem do rio no qual tinham uma guarnição e haviam aberto seteiras nas casas e posto barricadas nos becos, e Leroy sabia que isto dificultaria o trabalho. Três anos antes, na fronteira portuguesa, ele havia lutado em Fontes de Onor e recordava os horrores que era lutar em ruas estreitas e pequenas.

— Santo Cristo em sua cruz!

Do outro lado do rio, lá onde o caminho que saía do rio se unia à pista principal, via os canhões franceses com os carros de munição desengatados. O ataque seria mais duro. Os canhões eram o bastante altos para disparar por cima do povoado e, mesmo se os britânicos tomassem Gamarra Maior, os canhões converteriam a ponte em um lugar mortífero com os potes de metralha.

— Senhor! — avisou o alferes Bascable apontando para a direita.

Um oficial do estado maior cavalgara até o batalhão central do ataque.

— Já era hora.

Leroy avançou, com o rosto horrivelmente marcado pelas cicatrizes de Badajoz e mais sinistro que nunca.

— Senhor D'Alembord?

— Senhor?

— Disperse a linha de atiradores!

— Senhor!

Então o coronel do batalhão central agitou seu chapéu, a banda do batalhão entoou uma melodia mais viva e as companhias ligeiras foram avançando. Leroy olhou a hora. Fechou a tampa do relógio, o meteu em um bolso e gritou as ordens que fariam avançar a linha do South Essex para o inimigo. Leroy os conduzia para a batalha pela primeira vez.

Haviam desencapado os estandartes. A seda parecia enrugada depois de ficar tanto tempo metida nas capas de couro, mas os alferes desdobraram e sacudiram as bandeiras para que as borlas dançassem e os grandes emblemas ondulassem por cima de suas cabeças. À direita estava a bandeira do rei, uma enorme bandeira da União com a insígnia do South Essex bordada no centro. A insígnia era uma águia acorrentada, que comemorava a captura que fizeram Sharpe e Harper de um estandarte francês em Talavera.

À esquerda ia a bandeira do regimento, uma bandeira amarela que levava enumeradas as honras de batalha ao redor da insígnia que havia no centro e tinha a bandeira da União costurada no canto superior. Ambas as bandeiras estavam esburacadas e queimadas, ambas haviam entrado anteriormente em combate e era para as bandeiras, mais que para um rei ou para um país, a quem os homens entregavam seu amor e obediência. Ao redor dos dois alferes que levavam os estandartes iam os sargentos, com as lâminas das alabardas brilhando sob o sol. Se os franceses

quisessem capturar as bandeiras, teriam que passar antes pelos homens que portavam as lanças longas e selvagens.

O batalhão avançava com as baionetas preparadas e os mosquetes carregados. Pisoteavam o trigo até deixá-lo plano. Na frente deles, dispersados como escaramuçadores, iam os da companhia ligeira. O sargento Patrick Harper lhes gritava que se dispersassem ainda mais. Estivera esperando toda a manhã a chegada de um oficial com cabelo negro e cicatriz na face esquerda, mas Sharpe não deu sinal alguma. Contudo, Harper resistia a perder a esperança. Ele insistia com teimosia que Sharpe estava vivo, que viria e nunca deixaria o South Essex lutar sem ele. Se Sharpe tivesse que sair da tumba, ele faria.

O capitão D'Alembord ouvia o estrondo dos canhões à sua direita. Agora havia canhões britânicos na planície, disparavam desde a colina Aríñez para a segunda linha francesa. D'Alembord, que participava de sua primeira grande batalha, pensou que aquele ruído era o mais terrível que já ouvira em sua vida. Sabia que logo os seis canhões franceses que estavam do outro lado do rio abririam fogo. Para Peter D'Alembord parecia, enquanto se aproximava cada vez mais do povoado em silêncio e cheio de barricadas, que cada um dos canhões franceses apontava diretamente para ele. Dirigiu uma olhada para Harper e se consolou ao perceber a aparente impassibilidade do corpulento irlandês. Então os canhões desapareceram entre a fumaça.

O tenente-coronel Leroy viu uma linha que subia e descia no céu e percebeu que uma bala ia para ele. Fez que seu cavalo seguisse reto, prendeu a respiração e observou com alívio que a bala golpeava contra a grama que havia na frente do batalhão, quicar por cima de suas cabeças e rodar atrás deles. Os disparos passavam por cima do povoado e mergulhavam no pasto que os batalhões britânicos atravessavam. A primeira descarga não causou nenhum estrago, salvo a bala que havia quicado por cima da cabeça de Leroy. Voltou a quicar e rodou pelo lado do South Essex, que esperava os feridos na retaguarda. Um tocador de tambor, ao

ver que a bala rodava lentamente, como uma bola de críquete, correu para parar a bola com o pé.

— Alto! — gritou um sargento para o garoto.

Mas foi tarde demais. O garoto do tambor colocou o pé no caminho da bala, que rodava lenta e inocente, e enquanto o garoto sorria, lhe arrancou o pé envolvido em sangue e dor.

— Seu sacana estúpido! — gritou o sargento enquanto lhe dava um bofetão e o levantava. — Estúpido sacana de merda! Quantas vezes lhe disseram?

Os outros tocadores observavam em silêncio como levavam seu companheiro soluçando para os médicos. O pé do garoto, ainda metido na bota que ele havia limpado em honra da batalha, estava sobre a grama.

Os canhões voltaram a disparar e desta vez uma bala se meteu entre a companhia número seis do South Essex, derrubou dois homens e salpicou de sangue o trigo e as papoulas. A linha se fechou impassível.

A companhia ligeira havia aberto fogo. Os fuzis estalavam. Os canhões franceses voltavam a atacar e uma vez mais as linhas se fecharam e a campina que havia atrás dos atacantes ficava manchada de corpos e sangue.

Leroy acendeu um charuto. Os homens estavam indo bem. Não se dobravam com a artilharia: avançavam em silêncio e em boa ordem, mas ele seguia temendo o povoado. Estava muito bem defendido com barricadas e preparado com seteiras, e ele sabia que os mosquetes dos defensores de Gamarra Maior podiam causar muito mais estrago que os seis canhões de campanha no outro extremo do rio.

Ainda não tinha soado nem um só mosquete francês. Esperavam que os britânicos se aproximassem. Leroy pediu permissão para atacar em coluna, mas o brigadeiro negou.

— Nós sempre atacamos em linha, homem! Não seja tonto!

O brigadeiro, que sabia que Leroy era americano, se perguntava se estava bem da cabeça. Atacar em coluna, quem já viu!

Leroy guardou o isqueiro e foi cavalgando até depois das bandeiras.

— Capitão D'Alembord?

— Senhor?

— Formar!

Agora o South Essex se encontrava protegido dos canhões de campanha pelas casas do povoado. Os franceses seguiam sem disparar. Os homens da companhia ligeira brigavam por um lugar à esquerda do batalhão. Avançavam.

Leroy franziu o cenho. Sabia o que ia acontecer quando os defensores disparassem. Ele temia. O South Essex ainda não estava completo, os momentos seguintes podiam destruir o seu comando. Murmurou para o inimigo para si, rogando-lhe que disparasse muito cedo, rogando-lhe que desse a seus homens uma oportunidade. Mas os franceses esperavam. Esperavam até que os disparos dessem no alvo e quando se deu a ordem de fogo Leroy quase se jogou para trás ante o ruído e a destruição.

As pesadas balas de mosquete romperam a linha britânica; sacudiam os homens e os retorciam, derrubavam, faziam que girassem. Depois outros homens ocupavam as seteiras e vinham mais balas que derrubavam o ataque dos casacas-vermelhas. Para Leroy parecia que o ar se enchia com o som de mosquetes e de balas enquanto ele gritava no fragor da batalha para que seus homens seguissem avançando.

“Avançar!”, gritavam os oficiais, mas não podiam avançar. O fogo de mosquete que provinha do povoado fazia o South Essex retroceder. Os homens respondiam disparando com seus mosquetes e desperdiçavam as balas contra as paredes de pedra e as barricadas. As bandeiras caíram; os alferes foram derrubados por disparos dos escaramuçadores franceses.

— Avançar! Avançar! — gritava Leroy à cabeça da linha. — Avançar!

Seu cavalo empinou, gritava, havia sido atingido por outra bala, e Leroy soltou uma maldição pois não podia sacar a bota direita do estribo. Seu charuto caiu e ele se remexeu para manter o equilíbrio; então liberou o pé direito e deslizou torpemente do lombo de seu cavalo moribundo e abatido. Levantou-se, desembainhou a espada e gritou para seus homens que avançassem.

O pasto era uma cortina de fumaça. Os homens retrocediam se arrastando e largavam um fio de sangue. Os soldados gritavam invocando por Deus ou por sua mãe. Os cavalos dos oficiais, feridos, morriam entre o trigo ou fugiam em disparada para a retaguarda. Alguns homens viam a ocasião de fugir daquela carnificina e ajudavam os feridos a chegar até os soldados da banda e os médicos. Outros homens voltavam a carregar e disparavam para as frestas. Os franceses seguiam disparando contra eles; as balas inimigas sacudiam a espessa fumaça dos mosquetes e convertiam a campina em um lugar de morte, gritos e feridos.

— Avançar! — gritava Leroy.

Perguntou-se quando enviariam novos batalhões para ajudar a seus homens e sentiu raiva por um batalhão a seu comando necessitar de ajuda.

— Avançar!

Outros homens içaram as bandeiras. Meteram-se no fogo e a bandeira do rei voltou a cair; içaram-na de novo e se convulsionava como algo vivo quando as balas a atingiam.

A fumaça dificultava a pontaria dos franceses. Desde o povoado viam uma neblina que rodeava suas posições e, no extremo oposto da neblina, as sombras borradas dos homens que avançavam e eram derrubados. Enquanto isso, os franceses seguiam disparando; faziam que a névoa fosse mais densa e mandavam suas balas contra a linha britânica que estava coberta perto do povoado, mas não podia penetrar.

A bandeira do regimento caiu; desta vez um sargento a recolheu, mas o movimento entre a neblina atraiu uma dúzia de escaramuçadores de primeira que abateram o sargento e a bandeira voltou a cair.

— Avançar!

Leroy corria com a espada na mão e ouvia os disparos que batiam na grama e tamborilavam no ar. Ouviu os vivas atrás dele e percebeu que vinham companhias novas. A parede que tinha na frente dele vacilava com a luz das chamas; alguém gritou detrás, e de repente Leroy se encontrou no povoado, a salvo entre duas frestas abertas na parede de um celeiro, e mais homens se uniram a ele, agachando-se debaixo das frestas e recarregando seus mosquetes febrilmente. Leroy lhes sorriu.

— Temos que ir para uma barricada.

— Sim, senhor.

Voltou a se perguntar, pela centésima vez, por que estes homens, cujo país os considerava despojos da sociedade, lutavam tão bem, de tão boa vontade e com tanta bravura. Leroy reconheceu um tenente da terceira companhia.

— Onde está o capitão Butler?

— Morto, senhor.

Um mosquete francês soou com ruído ensurdecador junto a Leroy. Ele o ignorou. Estavam a salvo ali, contra a parede, ainda que olhasse periodicamente para cima para se assegurar que não havia nenhum francês no telhado do celeiro. À sua direita via a carroça da granja. Se alguns homens pudessem retirá-la do caminho, ele poderia conduzir um grupo beco adentro. Organizou um pelotão de escaramuçadores; seu trabalho consistiria em disparar por cima da barricada enquanto outros homens a puxavam. Depois, com as baionetas caladas, o restante da companhia seguiria Leroy pelo beco. Sorriu para seus homens.

— Estão prontos, rapazes?

— Sim, senhor.

Eles o olharam nervosos. A batalha para eles se convertera em quase um quilômetro de parede mortífera, nada mais.

O tenente-coronel Leroy, que não tinha intenção alguma de ser derrotado em sua primeira batalha como comandante de um batalhão, limpou a mão nas calças e voltou a agarrar a espada.

— O primeiro homem que entrar ganhará um guinéu!

Escutou os vivas, percebeu que estavam preparados e se ergueu.

— Vamos!

Correu para a barricada. Atrás dele os homens avançaram todos de uma vez, mas uma única bala, que se alojou no cérebro de Leroy, acabou com o ataque antes que começasse. A companhia, desmoralizada por sua morte, retrocedeu precipitadamente contra a parede; não sabiam se se atreviam a se retirar correndo entre a fumaça antes que os franceses vitoriosos, saindo do povoado, os massacrassem com suas baionetas. Retinham Gamarra Maior. A um quilômetro do beco, com a cara cheia de cicatrizes e manchada de sangue, Thomas Leroy jazia morto. Seu relógio, fazendo tiquetaque no bolso, dava a hora: uma e dez.

— Você fica aqui! — disse Sharpe a Angel.

— Não!

— Se eu morrer ninguém mais sabe do maldito tratado! Você fica aqui e se assegura que a carta chegue a Hogan!

Sharpe viu que Angel consentia com a cabeça resistente. O sargento da banda ficou olhando para Sharpe com a cara pálida.

— Senhor Sharpe?

— Assegure-se que este garoto não se mova, sargento!

— Sim, senhor. — O sargento tremia. — É o senhor mesmo, senhor Sharpe?

— Certamente que sou eu! — Sharpe estava observando o povoado, onde via um batalhão disperso. — Vocês dois! — disse apontando para dois homens que não estavam feridos e que ajudavam um companheiro.

— Senhor?

— Não estão feridos! Regressem! Sargento?

— Senhor? — O sargento da banda olhava fixamente para Sharpe com total incredulidade.

— Dispare nos próximos sacanas que regressem aqui sem estar feridos.

— Sim, senhor Sharpe.

Sharpe desembainhou a espada. Meteu-se entre o trigo, que estava pisoteado e manchado de sangue, com corpos quebrados; era o cenário de um desastre. Ele havia regressado.

O capitão D'Alembord nunca chegou a saber quem foi o primeiro que gritou para a linha se retirar. Parecia que o pânico se estendia desde o centro da linha. Ouviu um oficial que gritava para que os homens resistissem, que disparassem, que voltassem a atacar, mas o grito não servia de nada. A fumaça isolava os homens: não viam as bandeiras; depois chegou a notícia de que o coronel estava morto e, de repente, o South Essex retrocedia correndo entre a fumaça e os franceses aclamavam e os mandavam de volta com outra descarga de balas.

D'Alembord correu com eles fora da fumaça, atravessou a toda velocidade o pasto do povoado e penetrou no trigal. Sabia que isso estava errado, que tinha que fazer formar os homens em linha de escaramuçadores, ou em ordem fechada; viu Harper que gritava para a companhia ligeira e percebeu que tinha que fazer o mesmo. Então, de repente, outra voz gritava no campo de batalha, uma voz que se havia forjado fazia tempo em esquecidas revistas. D'Alembord olhou para a esquerda entre a confusão de fumaça e viu um fantasma. Um fantasma que os insultava, que os ameaçava

com sua espada, que gritava para os oficiais e prometia rachar o homem seguinte que retrocedesse.

Eles o olhavam sobressaltados. O grande cavalo negro lhes trazia um morto, um fantasma sem se barbear que eles acreditavam morto e enterrado. Um fantasma cuja ira era lívida, cuja voz lhes fazia formar e jogar-se ao solo para que as balas dos franceses passassem por cima.

— Capitão D'Alembord!

— Senhor?

— Linha de escaramuçadores, adiante. Na borda da fumaça! Deitados. Mantenham aqueles sacanas ocupados! Movam-se! — Sharpe percebeu o susto no rosto de D'Alembord. — Disse para se moverem!

Virou-se para as demais companhias. Faria que formassem em coluna. Atacaria à francesa. Só Deus sabia por que não tinham atacado em coluna desde o início. Gritou as ordens, sem fazer caso das balas que saíam vacilando da fumaça.

Patrick Harper tinha lágrimas nos olhos. Se alguém tivesse se atrevido a lhe perguntar por que, teria dito que a fumaça do mosquete lhe irritava. Ele sabia, sempre soube, mas não chegou a acreditar totalmente, que Sharpe estava vivo.

— Sargento-mor!

MacLaird abriu a boca olhando para Sharpe e depois conseguiu responder.

— Senhor?

— Onde está o coronel?

— Morto, senhor.

— Cristo! — Sharpe ficou olhando para o surpreso sargento-mor; depois, a vibração de uma bala o devolveu a seu dever. — Pegue dois homens da segunda companhia. Fique na retaguarda. Disparem em qualquer homem que rompa filas.

— Batalhão! Avançar! As bandeiras aqui!

À sua direita, Sharpe via que os outros dois batalhões estavam parados na borda do povoado. Formavam uma linha quebrada ao redor das casas, uma linha que as descargas francesas retinham. Mas uma linha não podia penetrar em defesas como aquela. Tinha que ser uma coluna e esta tinha que ir como um aríete contra o povoado, tinha que sofrer as baixas na frente e penetrar com as baionetas nas ruas. Fez que formassem uma coluna de quatro filas. Alguns homens riam como loucos. Outros simplesmente olhavam fixamente para um homem que havia regressado da tumba. Collip, o oficial de intendência, tremia de medo.

As balas seguiam vibrando ao redor deles, mas Sharpe havia formado a coluna a nove quilômetros do povoado, bastante longe para evitar as pontadas dos escaramuçadores de primeira franceses.

Percorreu a coluna a cavalo, dizendo-lhes o que tinham que fazer, e de repente se viu obrigado a gritar porque os tontos estavam aclamando-o; teve que girar a cara e fazer ver que estava olhando para os outros dois batalhões. Sabia que tinha que impedir que o aclamassem, mas não podia. Pensou no estúpido que era que aclamassem um homem que os enviava de novo para a morte, e o esplêndido que era por sua vez; começou a rir porque o batalhão, de repente, se pôs a aclamar em uníssono e sabia que aqueles gritos os conduziram à vitória.

A companhia de granadeiros ia à frente. Sharpe escolheu dez homens cujo trabalho consistiria em disparar uma descarga à queima-roupa ao alcançar a barricada. Ele iria à cabeça; seguiriam um caminho de terra batida que desaparecia na fumaça, mas que ele sabia que deveria conduzir a um dos becos com barricadas.

— Icem as bandeiras!

Ouviram-se vivas quando dois sargentos içaram as bandeiras. Sharpe se levantou nos estribos. Para o ataque desmontaria, mas nesse momento, enquanto as balas francesas zumbiam em seus ouvidos, queria que o South Essex o visse. Levantou a espada, fez-

se silêncio e viu que se punham em tensão para acabar com o ataque. Sorriu vilmente.

— Vão lutar contra esses sacanas! O que vão fazer?

— Lutar!

— O que vão fazer?

— Lutar!

Gritou a um homem e lhe ordenou que se encarregasse de *Carabina* até que o combate tivesse acabado. Então Sharpe desmontou, virou-se e olhou fixamente para o povoado. Era o momento de ir, o momento de lutar e, de repente, pensou na mulher de cabelo dourado que esperava atrás das linhas inimigas e percebeu que somente havia uma maneira de chegar até ela. Levantou sua espada e deu a ordem.

— Avançar!

Capítulo 23

Era estranho, pensou Sharpe, mas naquele momento, enquanto encabeçava o avanço do batalhão, desejava que a marquesa pudesse vê-lo. Ele não estava apaixonado por ela. Talvez estivesse ciumento e procurasse sua companhia, mas não a amava. Ele o dissera, naquela manhã em que pensou que ia morrer nas mãos do Açougueiro, mas sabia que não era verdade. Ele a desejava. Volteava ao seu redor como uma mariposa noturna ao redor de uma chama brilhante, mas para amar tinha que conhecer e ele não a conhecia. Perguntava-se se alguém a conhecia verdadeiramente.

A marquesa lhe disse que o amava, mas ele sabia que não era assim. Queria que perdesse sua honra por ela e achou que a palavra amor o empurraria a fazê-lo. Sharpe sabia que ela o utilizaria e depois o descartaria, mas apesar de tudo, agora que ele avançava com a espada na mão para os mosquetes que esperavam, o fazia por ela.

Sentia a espada pesada na mão. Perguntava-se por que cada batalha nova era mais dura que a anterior. Supunha que a sorte teria de parar em algum lugar e por que não ali onde os franceses já tinham rechaçado um ataque e estavam à espera do seguinte. Pensou, enquanto gritava para a coluna que avançasse, que o tempo que vivia era emprestado. Perguntava-se se Helene saberia, caso ele morresse, de que havia vivido alguns dias a mais por ela e que tinha morrido com o desejo estúpido, vão e egoísta de voltar a vê-la.

Suas botas estalavam ao pisar o capim do pasto. As abelhas se esforçavam nos trevos. Viu um caracol de carapaça branca e negra que a bota de um soldado de infantaria havia esmagado. O capim estava sujo de cartuchos, balas de mosquete usadas, baquetas descartadas e chapéus caídos. Levantou a vista para o povoado. A companhia ligeira estava provocando o fogo de mosquete e

espessava a fumaça acre. Atrás dele a coluna avançava em ordem, bem unida. Respirou fundo.

— Retaliação! Dupla!

As balas passavam junto dele. Ouviu um grito a suas costas, um insulto, e agora corria depressa, o povoado estava perto; entre a fumaça viu por fim a boca do beco. Estava bloqueado com uma carreta com móveis e chamas surgiam da barricada. Gritou para o pelotão que abrisse fogo contra um lado.

Ouviu seus disparos. Viu que derrubavam um francês no alto da barricada e depois só restavam uns poucos metros. Mais balas se acenderam desde o povoado, mas em vez de uma linha delgada que atacasse, era uma coluna bastante grossa para absorver o fogo francês. Sharpe se preparou para saltar. Não ia esperar para derrubar a barricada.

— Saltem!

O ar se encheu com o martelar dos mosquetes. Sharpe deu um salto sobre a carroça e desceu sua espada contra uma baioneta, enquanto que ao seu redor os britânicos subiam se agarrando à barricada, puxavam os móveis, tentavam engatinhar por cima da madeira e gritavam ao inimigo. Um mosquete disparou junto de sua orelha e deixando-o surdo; uma baioneta lhe puxou a manga ao mesmo tempo em que mais homens empurravam pelas costas e o obrigavam a passar para o outro lado. E caiu agitando a espada, desceu rodando para o lado francês da barricada enquanto as baionetas do inimigo iam para ele.

Rolou de lado e de repente alguns homens do South Essex saltaram por cima dele e provocaram a retirada dos franceses. Ele subiu de quatro, seguiu avançando e gritou para os homens que vigiassem os telhados. Ninguém o ouviu. Estavam enlouquecidos pelo temor da batalha, queriam matar antes que os matassem. Essa era a coragem que os havia conduzido ao outro lado da barricada e que agora os guiava pelas ruas estreitas e pequenas de Gamarra Maior.

Uma porta se abriu em uma casa e um homem estocou com uma baioneta. Sharpe arremeteu, puxou e sentiu o sangue quente em sua mão quando sua espada encontrou o pescoço do inimigo. Arrancou a lâmina do corpo que caía.

— Matem esses sacanas!

O beco estava repleto de homens que empurravam, gritavam, maldiziam, estocavam e gritavam. Os homens feridos eram pisoteados. A primeira fila arranhava o inimigo. Parecia que as paredes tão juntas do beco elevassem cada grito e cada disparo. Do extremo oposto do beco chegou uma descarga de mosquetes; avançava um contra-ataque francês, ordenado precisamente para frear seu avanço.

— Fogo!

Os poucos homens que ainda tinham as armas carregadas dispararam. Dois franceses caíram, o restante seguiu avançando e Sharpe brandiu a espada como uma gadanha contra as baionetas que iam à frente. Ia gritando o grito de guerra para que a ira assustasse ao inimigo e sentiu que uma lâmina lhe abrasava na coxa, mas a espada deu uma chicotada para cima contra a cara do homem. Ouviu-se um grito; eram as baionetas britânicas as que avançavam, se retorciam, estocavam, rasgavam o contra-ataque inimigo até fazê-lo em pedaços.

Sharpe caminhava pisando em corpos. Não percebia. Observava os telhados, as janelas, e seguia gritando para seus homens que o seguissem, que continuassem avançando.

As baionetas arremetiam. Os britânicos gritavam como loucos, como homens que sabem que a melhor maneira de se livrar do terror é acabar com o trabalho. Agarravam-se a seus inimigos, os pisoteavam, gritavam e atacavam, cortavam, estocavam e os faziam retroceder.

— Para as casas! Para as casas!

Não tinha sentido penetrar no centro do povoado e ser rodeado pelo inimigo. Esse primeiro beco tinha que ser desalojado, tinha

que esvaziar as casas de franceses. Sharpe abriu uma porta de um chute e se agachou sob o dintel. Achou-se em um aposento vazio. Os homens se amontoaram atrás dele com as baionetas vermelhas. Diante deles havia uma porta fechada. Sharpe deu uma olhada ao redor.

— Quem está carregado?

Três homens consentiram com a cabeça. Seus olhos brilhavam na escuridão, seus rostos manchados por queimaduras de pólvora retrocediam franzindo o cenho. Sharpe não se atrevia a deixar que esses homens recobrassem o fôlego ou se sentissem seguros ali. Tinha que mantê-los em movimento.

— Disparem contra aquela porta. Quando dê a ordem!

Os soldados formaram e levantaram os mosquetes.

— Fogo! Agora! Agora! Agora!

Ainda seguia gritando quando deu um chute na porta e se abriu caminho entre a fumaça de mosquete. Fez um esforço para não se acovardar ao atravessar a porta, tanta era a certeza de que uma descarga lhe esperava do outro lado.

Encontrou um soldado francês caído, com espasmos e sangrando em um pátio pequeno com palha espalhada. Outros franceses entravam de costas no pátio; estavam defendendo um beco no outro extremo, pelo qual deviam de ter penetrado outros homens do South Essex. Sharpe soltou um grito triunfante e voltou a golpear com a espada enquanto que, de ambos os lados dele, seus homens avançavam com baionetas e os franceses gritavam pedindo uma trégua e largavam os mosquetes. Sharpe ordenou a seus homens que detivessem o fogo e que fizessem prisioneiros.

Um telhado de palha havia pegado fogo do outro lado do beco. Abaixo os homens corriam e faziam retroceder aos franceses e Sharpe se uniu a eles; o batalhão estava fora de controle. Perseguiam os defensores e lhes faziam sair das casas, arrebatavam as portas fechadas com disparos de mosquete, abriam as portas a patadas e rebuscavam nas habitações

pequenas. Faziam com violência e rapidez, vingando o americano morto que havia desejado essa vitória.

Ouviu-se um trompete, Sharpe virou-se e viu a bandeira de outro batalhão entre a fumaça que havia na rua do povoado. O restante da divisão entrava. Gritou para que seus homens se protegessem e limpassem os becos. Que outros homens continuassem o serviço.

Pegou um pouco de palha em um curral e limpou o sangue da espada. Dois prisioneiros o observavam. Ao seu redor todo o povoado ressoava a mosquetes e gritos. A guarnição francesa, obrigada a sair das casas, regressou correndo para o outro lado da ponte. Um sargento olhou para Sharpe.

— É o senhor, senhor?

Sharpe tentou recordar o nome e a companhia do homem.

— O sargento Barrett, não?

— Sim, senhor — respondeu o homem sorrindo, contente de que se recordasse dele.

Os homens de sua companhia ficaram boquiabertos ao ver Sharpe.

— Sou eu — disse Sharpe sorrindo com malícia.

— Mas o senhor foi enforcado, senhor.

— Este exército não sabe fazer nada direito, sargento.

Os homens passaram a rir, tal como ele tinha pretendido. Barrett lhe ofereceu um pouco de água e Sharpe a tomou agradecido. Alguns maços de palha ardendo que tinham voado do telhado ameaçavam acender mais fogos. Sharpe ordenou que procurassem rastelos e que fizessem os prisioneiros tirassem abaixo a palha ardendo. Então se pôs a caminho para dar uma espiada no povoado que havia capturado.

Só o que o marechal Jourdan podia fazer era sentir medo e esperar. A notícia proveniente de Gamarra Maior dizia que os britânicos tinham tomado o povoado, mas haviam fracassado em atravessar o rio. Enviou um mensageiro para dizer que tinham que conservar a ponte a qualquer preço. Sentia a frustração de se ver superado em estratégia, em tentar adivinhar o que faria o general de olhos azuis e nariz aquilino que o enfrentava.

Jourdan viu Wellington uma vez através de uma falha na cortina de fumaça, e havia observado que seu oponente alinhava com calma a linha de um batalhão britânico. Isso não era função de um general, pensou Jourdan, e o que o fazia pior era que o batalhão tinha tirado os franceses do flanco sul da colina Aríñez.

O marechal Jourdan, com seus grandes canhões transbordados e sua infantaria derrotada, recolheu a sua segunda linha. Se a nova linha e as tropas do outro lado do rio de Gamarra Maior resistissem, então não estava tudo perdido. Além do mais, ainda poderia conseguir a vitória, mas tinha a terrível sensação de que o controle lhe escapava das mãos. Gritava pedindo informação, perguntava onde estavam as tropas do general Gazan e ninguém era capaz de dizer. Mandou seus ajudantes penetrarem a galope na fumaça e não regressaram, e se o fizeram não trouxeram notícias. Jourdan se horrorizou ao ver que a segunda linha não estava completa e o que restava dela sofria terrivelmente o fogo inimigo. Sofria porque Wellington fizera o que a reputação deste dizia que não fazia nunca. Seguiu o exemplo do imperador e concentrou sua artilharia. Agora os canhões britânicos, portugueses e espanhóis atacavam da colina Aríñez, uma e outra vez, e impediam qualquer homem de pensar e abriam grandes sulcos de sangue entre a infantaria francesa que esperava.

O rei José, nervoso sobre seu cavalo, aproximou-se de Jourdan.

— Jean-Baptiste?

Jourdan franziu o cenho. Odiava seus nomes de batismo, odiava essa familiaridade, que não fazia mais que disfarçar o medo.

— Senhor?

— Deveríamos avançar?

Santo Cristo na cruz! Jourdan quase lhe soltou um grunhido ao monarca, mas engoliu a blasfêmia. Fez esforços para parecer calmo, sabendo que os olhos do estado maior estavam postos nele.

— Devemos deixar que nossos canhões os triturem um pouco, senhor.

Santo Deus! Avançar? Jourdan esporeou seu cavalo e se afastou do rei, observando com cara feia que a carruagem real estava pronta para fugir, o cocheiro acima e os postilhões montados a cavalo.

Era verdade que nesse momento era Wellington que dirigia a música da batalha, maldito Wellington, e Jourdan rezava para que seus homens agentassem tempo suficiente para lhe permitir idear uma estratégia. Tropas! Necessitava de tropas novas.

— Moreau! Moreau! — chamou um assistente.

Tinha que ter reservas em algum lugar! Tinha que tê-las! Estava convencido disso.

A chegada da tarde trouxe um duelo de artilharia sobre a planície. Jourdan gritava pedindo mais tropas, mas sabia que seu inimigo, atrás da cortina de fumaça, estava se reagrupando para um novo ataque. Exigia notícias, sempre notícias; pedia palavras tranquilizadoras aos oficiais do estado maior, que não podiam dá-las. O pânico começava a contagiar ao comando francês, enquanto que atrás de seus canhões os britânicos preparavam um novo ataque. A infantaria estava formada, provida de cartuchos novos; era um exército que se preparava para a vitória.

Nas muralhas da cidade as mulheres observavam. Franziam o cenho quando as carroças traziam os feridos sangrentos da batalha, mas elas acreditavam nos jovens oficiais da cavalaria que lhes davam notícias. Jourdan, diziam estes oficiais, simplesmente tinha recuado a linha para deixar mais espaço para os canhões. Não havia nada de que se preocupar, nada em absoluto. Uma mulher

perguntou o que ocorria ao norte e um oficial a tranquilizou dizendo que eram somente uns poucos inimigos que haviam chegado até o rio e estavam aprendendo o que era o poder dos canhões franceses. Os oficiais pegavam as flores que as mulheres lançavam, as prendiam galantemente nos capacetes brilhantes e cheios de plumas e partiam ao trote para os arredores de *Vitória* deixando as damas com os corações palpitando.

O capitão Saumier sabia que os marechais da França não cediam terreno para dar espaço aos canhões.

— Tem a bagagem preparada, senhora?

— Preparada?

— Para se tivermos que nos retirar.

A marquesa ficou olhando o homem feio.

— Fala sério?

— Sim, senhora.

Ela conhecia a derrota. Se Sharpe ainda estivesse vivo, pensou, estaria tentada a ficar em *Vitória* sabendo com certeza que Sharpe se atreveria a fazer o que Verigny não se atrevia: apoderar-se de suas carroças, que estavam nas mãos do inquisidor. Mas Sharpe estava morto e ela não se atrevia a ficar. Consolou-se pensando que em sua carruagem, prudentemente escondidas debaixo do banco do condutor, havia jóias suficientes para livrá-la da pobreza na França. Deu de ombros.

— Ainda há tempo, provavelmente.

— Espero que sim, senhora.

Ela sorriu com tristeza.

— Continua achando que Wellington não é capaz de atacar, capitão?

Ele franziu o cenho, não por causa da pergunta mas pela cara que ela pôs. A marquesa se dera a volta e contemplava horrorizada

e preocupada para a multidão que havia ao pé das arquibancadas. Saumier lhe tocou o braço.

— Senhora?

Ela afastou o braço.

— Não é nada, capitão.

Ainda que Helene tivesse jurado, por um instante, que vira um rosto barbudo, um rosto tão oculto pela barba que parecia um monstro; uma cara que a olhava fixamente e se virava, e que ela vira em uma fria manhã nas montanhas. O Açougueiro. Disse para si mesma que eram imaginação, pois nenhum guerrilheiro se atreveria a se deixar ver no coração do exército francês; voltou a olhar a planície, onde a batalha seguia trovejando e o exército lutava por sua existência.

MacLaird, sargento-mor do regimento, informou que o telhado de palha que ardia estava apagado.

— E temos quarenta e um prisioneiros, senhor. A metade dos sacanas estão malferidos.

— Onde está o médico?

— Fora do povoado, senhor.

— Tenente Andrews!

— Senhor?

Parecia que o tenente ainda não era capaz de acreditar que Sharpe estivesse vivo.

— Meus respeitos ao senhor Ellis. Diga-lhe que há trabalho no povoado e que o quero aqui e agora!

— Sim, senhor.

Ao South Essex lhe haviam ordenado que descansasse enquanto os outros batalhões atravessavam o povoado para atacar a ponte. Sharpe pensava nos canhões que estavam justo ladeira acima. Suas

esperanças de chegar a *Vitória* pareciam poucas enquanto as baterias francesas estivessem em paz.

— Senhor Collip!

— Senhor?

— Quero um controle de munições em todas as companhias.

— Perdemos a carroça de munição, senhor.

— Pois maldita seja, encontre-a! E se vir meu cavalo, mande-o aqui!

— Um cavalo, senhor?

— Negro, com a cauda longa.

Sharpe havia ocupado uma casa na praça do povoado. Todos os móveis foram parar nas barricadas. Escutou que os canhões franceses voltavam a abrir fogo e percebeu que os atacantes estariam morrendo enquanto lutavam para cruzar a ponte.

— Paddock!

O secretário do batalhão sorriu ao botar a cabeça pela porta da cozinha. Ficara sem fala quando viu Sharpe e ainda seguia sorrindo como um louco.

— Senhor?

— Alguém deve ter um maldito chá.

— Sim, senhor.

Sharpe desapareceu na rua. Um cachorro passou correndo junto dele com um pedaço de carne na boca. Preferia não se perguntar que tipo de carne era. A fumaça dos canhões franceses se afastava por cima dos telhados do povoado, tão baixo que tocava o campanário. Uma ou duas vezes o sino soou ao receber um rebote de metralha proveniente da ponte.

— Senhor! Senhor!

Sharpe olhou para a esquerda. Harry Price corria para ele.

— Harry — disse Sharpe sorrindo.

O tenente Price, deixando de lado toda formalidade, deu umas palmadas nas costas de Sharpe. Fora o tenente de Sharpe na companhia ligeira.

— Deus! Achava que os sacanas o tinham enforcado!

— Este exército não sabe fazer nada direito, Harry. — Dissera isso vinte vezes.

Price sorria.

— O que diabos se passou?

— É uma história longa.

— Tome — disse Price, lançando-lhe uma garrafa de conhaque para Sharpe. — Eu a encontrei no quartel general.

Sharpe sorriu.

— Depois, Harry. Resta ainda muito por fazer.

— Deus, espero que não! Quero chegar aos trinta. — Price levou a garrafa à boca. — Suponho que agora o senhor é o oficial no comando.

— Supõe bem.

O corpo de Leroy fora levado à aldeia. Sua morte, pelo menos, fora rápida. Leroy não percebera nada. O outro consolo era que não deixava família, não teria que escrever cartas ou consolar uma viúva.

Os canhões seguiam disparando na ponte. Sharpe franziu o cenho.

— Por que diabos não temos canhões?

— Ouvi dizer que se perderam — disse Price sorrindo. — Este maldito exército não faz nada direito. Deus! Alegro-me de voltar a vê-lo, senhor!

E, ainda que a Sharpe lhe fosse estranho, parecia que todo o batalhão pensava o mesmo. Os oficiais queriam apertar sua mão, os homens queriam vê-lo para assegurar-se por eles mesmos de que seguia com vida, e ele lhes sorria timidamente. Angel, que

entrou no povoado com o cavalo de Sharpe, gozava de parte da glória que lhe correspondia. Lançaram para Sharpe dúzias de garrafas, dúzias de vezes afirmou que o exército não era capaz de pendurar uma cortina. Dava-se conta de que sorria como um idiota, mas não podia evitar. Livrou-se de Harry Price ordenando-lhe que dispusesse piquetes no extremo norte do povoado e se refugiou da turbação em seu quartel general provisório. Ali o encontrou alguém.

— Senhor?

A porta estava escurecida por um homem corpulento que ia enfeitado de armas. Sharpe sentiu que aquele sorriso lhe voltava à boca.

— Patrick?

— Deus! — O sargento se inclinou sob o dintel. Tinha lágrimas nos olhos. — Sabia que voltaria.

— Não podia deixar que os sacanas de vocês fizessem a guerra sem mim.

— Não! — exclamou Harper sorrindo.

Houve um silêncio estranho que ambos os homens romperam ao mesmo tempo. Sharpe fez um sinal para que o irlandês continuasse.

— Fale.

— Não, senhor, o senhor primeiro.

— Alegro-me de ter voltado.

— É. — Harper ficou olhando-o. — O que aconteceu?

— É uma longa história, Patrick.

— Deve ser.

De novo se fez o silêncio. Sharpe sentiu um grande alívio ao comprovar que o sargento estava vivo e bem. Sabia que tinha que dizer algo a respeito, mas era muito embaraçoso. Em lugar disso apontou para o parapeito da janela.

— Paddock fez um pouco de chá.

— Estupendo!

— Isabel está bem?

— Está estupendamente, senhor. — Harper encheu a xícara e tomou o chá sem demora. — O senhor Leroy nos deu permissão para casarmos.

— Isso é maravilhoso!

— Bem. — Harper deu de ombros. — Há uma criança a caminho, senhor. Acho que o senhor Leroy achava melhor assim.

— Provavelmente.

Harper sorriu.

— Fiz uma aposta com D'Alembord de que o senhor regressaria, senhor.

Sharpe começou a rir.

— Necessitará dinheiro, Patrick, se vai se casar.

— Isso é verdade. Não há nada como uma mulher para gastar o dinheiro de um homem, hem?

— Portanto quando é o casamento?

— Assim que encontre um sacerdote. Tem até um vestido. Com babados — disse com tristeza.

— Você me avisará?

— Certamente! — respondeu Harper perturbado. — Já sabe como são as mulheres, senhor.

— Vi um par de casos, Patrick.

— Bem. Elas gostam de se casar, é isso. — Deu de ombros. — Em particular, quando estão grávidas, né?

Harper começou a rir. De novo se fez o silêncio. O corpulento sargento largou a xícara.

— É estupendo voltar a vê-lo, senhor.

— Ganhou sua aposta, hem?

— Somente uma maldita libra.

— Essa é toda a fé que tinha em mim?

Passaram a rir de novo. Lá fora se ouviam os cascos de um cavalo. Uma voz gritou.

— South Essex!

— Aqui dentro! — respondeu Sharpe aos gritos, alegrava-se de repente de que algo lhe distraísse da emoção que sentia.

Um oficial do estado maior desmontou e se inclinou sob o dintel.

— Coronel Leroy? — perguntou endireitando-se.

Era o tenente Michael Trumper-Jones com uma ordem dobrada na mão para o batalhão.

Ficou olhando para Sharpe com a boca aberta, sacudiu ligeiramente a cabeça, com os olhos bem abertos, e caiu de costas desmaiado. As correntes de sua bainha tilintaram quando deu um golpe contra o piso. Sharpe indicou com a cabeça o corpo prostrado.

— Este foi o sacana que me defendeu.

Harper começou a rir, depois ergueu a cabeça.

— Escute!

Os canhões franceses tinham parado. A ponte devia de ter caído, e de repente Sharpe percebeu o que queria fazer.

— Angel!

— Senhor?

— Cavalos! Patrick?

— Senhor?

— Agarre o cavalo desse tonto — disse sinalizando para Trumper-Jones. — Vamos à caça!

— Do quê? — perguntou Harper já em movimento.

— Presentes de casamento e uma mulher!

Sharpe seguiu Harper até a rua, olhou ao redor e viu um capitão do South Essex.

— Senhor Mahoney!

— Senhor?

— Encontrará ordens naquela casa! Obedeça-as! Regressarei!

Entregou a carta para Hogan ao desconcertado Mahoney, saltou sobre a sela de *Carabina* e cavalgou para a ponte.

Ao norte de Gamarra Maior, em um povoado chamado Durana, as tropas espanholas cortavam a pista principal. Os defensores de Durana haviam sido os regimentos espanhóis leais à França.

Camponeses que lutavam contra camponeses, o choque mais amargo. Os espanhóis de Wellington, fiéis à Espanha, ganharam a ponte as cinco em ponto. A pista principal para a França estava cortada.

As tropas espanholas tinham escalado as barricadas dos mortos. Lutaram até que os canos de seus mosquetes estavam quase ao vermelho vivo, até acabar com os defensores, e haviam conseguido uma grande vitória. Bloquearam a pista principal.

Os franceses ainda podiam ter aberto passagem. Podiam ter ido para o oeste e lançar suas grandes colunas contra os espanhóis cansados e banhados em sangue, mas na confusão de uma planície coberta de fumaça ninguém sabia quantos homens tinham penetrado na retaguarda. Durante todo esse tempo, minuto a minuto, os batalhões britânicos chegavam do oeste ao mesmo tempo em que os grandes canhões, que Wellington concentrou colados roda com roda, abriam grandes brechas nas linhas francesas.

Os franceses se dispersavam. O exército do rei José, que havia começado o dia com uma confiança desconhecida por seis anos em um exército francês na Espanha, desabou.

Ocorreu desesperadamente depressa e em partes. Uma brigada lutava, resistindo e disparando em seus inimigos, enquanto que outra desmoronava e corria ante a primeira descarga britânica. Os canhões franceses iam ficando mudos um após o outro, eram engatados ao carro de munição e levados de volta para a cidade. Os generais perderam o contato com suas tropas, gritavam pedindo informação, pediam aos homens que aguentassem, mas a linha francesa se fazia em farrapos com as descargas regulares e detonantes dos batalhões britânicos, enquanto que as bombas britânicas explodiam lançando fumaça e metralha sobre suas cabeças e as tropas francesas retrocediam. Então chegou o rumor de que a pista principal estava cortada e de que o inimigo vinha pelo norte. Para dizer a verdade, os canhões franceses ainda retinham os britânicos em Gamarra Maior e os espanhóis situados mais ao norte estavam muito cansados e eram poucos para atacar para o sul, mas o rumor acabou por destroçar o exército francês. Corria.

Ocorreu na última hora da tarde, o momento em que as trutas subiam para se alimentar no rio que fluía debaixo da ponte, sem vigilância alguma, de Gamarra Maior. Os franceses que defenderam a ponte tão bem viram seus camaradas correrem. Somaram-se à fuga.

Os homens que observavam das colinas do leste ou dos montes de Póvoa tinham uma vista de extrema magnificência, uma vista da qual poucos homens podiam desfrutar, a vista do pássaro da vitória.

A fumaça partiu desobstruindo a planície e deixou ver um exército que avançava, não desfilando, mas em uma ordem mais gloriosa. Desde as montanhas até o rio, através de três quilômetros de terra queimada e ensanguentada, estendiam-se os regimentos aliados. Avançavam sob suas bandeiras e o sol que passava entre a fumaça tingia os farrapos das bandeiras de vermelho, branco, azul, ouro e de novo de vermelho, lá onde estavam empapadas de sangue. A terra estava cheia de homens que avançavam; regimento atrás de regimento, brigada atrás de brigada, subiam as colinas suaves que haviam constituído a segunda linha francesa. Iam com

suas sombras para frente enquanto avançavam para a cidade das agulhas douradas.

Na cidade as mulheres viam que o exército francês se dispersava, viam as tropas vir correndo, viam que a cavalaria, presa do pânico, ia à cabeça da fuga. As arquibancadas se esvaziaram. Pela cidade, casa atrás de casa, as notícias foram correndo. Os seguidores do acampamento, as famílias e as amantes dos franceses iniciaram de forma precipitada sua fuga de *Vitória*. As últimas ordens que o marechal Jourdan dava em *Vitória* e que alguns cavaleiros acossados haviam trazido indicavam aos franceses que se dirigissem a Salvatierra.

A pista principal estava cortada e o único caminho que restava para se retirar era uma vereda estreita e úmida que serpenteava para Salvatierra e dali para Pamplona. De Pamplona, por caminhos tortuosos, o exército podia abrir passagem até a França através dos elevados Pirineus.

O caos. Civis, carroças, carros e cavalos abarrotavam as ruas estreitas enquanto que, ao oeste, sob um sol tapado pela fumaça do combate, os batalhões vitoriosos avançavam formando uma grande linha para a cidade. Os vencedores escureciam a planície e levavam as bandeiras bem altas. Enquanto, para o sul, três cavaleiros cruzavam a ponte de Gamarra Maior. Tinham que abrir passagem entre os cadáveres, que já estavam cheios de moscas, até a margem norte do Zadorra. Sharpe esporeou *Carabina*. Tinha sua vitória e agora, com Harper e Angel a seu lado, cavalgaria até o caos da derrota em busca da marquesa.

Capítulo 24

A estrada para Pamplona somente permitia a passagem de uma carroça ou um canhão. As bordas e campos de ambos os lados do caminho estavam muito moles para passar por causa da chuva. Por essa via, a totalidade do exército francês, com mais de vinte mil seguidores, três mil carroças e mais de cento e cinquenta canhões e carros de munição, tentava pôr-se a salvo.

Durante todo o dia no parque de bagagens escutavam o estrondo e observavam a fumaça sobre as agulhas da catedral. Agora chegavam as ordens de retirada, não pela pista principal, mas diretamente para o leste em direção a Salvatierra e Pamplona.

Os chicotes estalavam, os bois protestavam dos golpes que recebiam com paus com pontas de ferro e de meia dúzia de caminhos e das ruas abarrotadas da cidade os veículos iniciavam a marcha para a estrada estreita. À confusão se somavam os canhões, aqueles que retumbaram desde o campo de batalha e os que com cujo peso engrossavam a multidão de bagagens e animais.

A primeira carroça ficou atolada a dez quilômetros do lugar onde os veredas convergiam com a estrada. Uma carruagem, que tentou evitá-la pela borda mole, virou. Um canhão se desviou, escorregou e as duas toneladas de metal caíram bruscamente sobre a carruagem; os cavalos gritaram, os artilheiros caíram debaixo do metal e a rota ficou bloqueada. Bois, cavalos, carruagens, carroças, carretas, canhões, morteiros, forjas portáteis, ambulâncias e carros de munição, tudo ficou preso entre o caminho bloqueado e os britânicos.

As carroças transbordavam de gente. Eram soldados que fugiam da cidade, condutores, seguidores, todos atravessavam correndo o parque de carroças. Alguns começaram a cortar as lonas alcatroadas e pegar caixas. Alguns mosquetes ressoaram quando os guardas tentaram proteger os pertences do imperador, mas logo os guardas se deram conta de que Napoleão havia perdido seus

pertences e quem quer os pegasse poderia ficar com eles. Uniram-se aos saqueadores.

Milhares de tropas francesas iam passando como uma torrente pelas carroças bloqueadas, pisoteavam as colheitas e corriam para o leste. Os generais cavalgavam com a cavalaria, preparando as desculpas que dariam, enquanto que outros homens se desviavam até os carros buscando desesperadamente suas mulheres e filhos.

O rei José, em sua carruagem, fugia pelo engarrafamento, mas então se ouviu o retumbar de cascos, a visão de sabres levantados. A primeira cavalaria britânica, que fora enviada para os arredores da cidade, atacava a multidão, que fugia aterrorizada.

O rei escapou somente porque abandonou sua carruagem. Saiu pela porta direita quando a cavalaria britânica abriu de um puxão à esquerda. Abandonou seus pertences e correu com seus antigos súditos.

As mulheres e as crianças gritavam. Não sabiam onde estavam seus homens, somente sabiam que o exército se dissolvera em uma multidão e que tinham que correr. Centenas deles ficaram no parque de bagagens e puxavam as cargas das carroças, sem se importarem que a cavalaria britânica se aproximasse. Melhor ser rico durante alguns minutos que eternamente pobre. Da cidade vinham os espanhóis, muitos com facas compridas preparadas para a matança.

O capitão Saumier ouviu o grito de ir a Salvatierra e supôs que a única porta voltada para o leste da cidade já estivesse abarrotada de gente desesperada. Ele gritou para o cocheiro que se dirigisse para a porta norte. Foi um movimento sensato. As estreitas ruas para o leste estavam cheias de carruagens e carroças, com homens que gritavam e mulheres que gritavam atemorizadas. Saumier levaria a marquesa pela porta norte e depois giraria para o leste.

As rodas quicavam sobre os paralelepípedos. Escorregaram em uma esquina, mas o condutor manteve o equilíbrio e fez estalar o comprido chicote sobre as cabeças dos cavalos. Saumier, segurando

a pistola com a mão boa, se assomou pela janela e viu a porta da cidade diante dele.

— Siga! Siga!

Sua voz era mais forte que o som tempestuoso das rodas e dos cascos, que o estalido do chicote e os gritos de outros fugitivos. O general Verigny disse ao capitão Saumier que protegesse essa dama e Saumier, que a achava mais bonita que qualquer outra mulher que tivesse conhecido, esperava que esta proteção merecesse uma recompensa.

A carruagem se tornou lenta ao passar pela porta aberta, um soldado tentou saltar sobre o estribo e Saumier o golpeou com a culatra de bronze de sua pistola. O homem caiu debaixo da roda gritando, a carruagem saltou no ar, caiu de uma sacudida, depois atravessou a arcada e desceu tamborilando a rua de casas que havia no exterior da muralha. O cocheiro fez que os cavalos virassem em direção leste em um cruzamento, gritou para eles, voltou a açoitá-los e a carruagem pegou velocidade, enquanto Saumier se reclinava sobre as almofadas macias e metia a pistola no cinturão.

A marquesa, junto a sua nervosa criada, o olhou.

— Aonde vamos?

— Onde possamos, querida senhora.

Saumier também estava nervoso. Via os homens que fugiam da batalha e ouvia o ruído pesado das rodas dos canhões que provinha da planície. Quando a carruagem deixou as últimas casas dos arredores do norte voltou a sair pela janela e ficou aterrorizado ante o caos que viu. Era como se a totalidade de um exército fizesse uma corrida em pânico. Então ouviu que as sapatas golpeavam contra as rodas, deu uma sacudida quando a carruagem diminuiu a marcha, olhou para frente e viu o tremendo engarrafamento de carroças, canhões e carruagens que bloqueavam a estrada para o leste.

— Dê a volta! Dê a volta!

O cocheiro puxou as rédeas e fez que a carruagem saísse do caminho e caísse na borda. Gritou para os cavalos, fez estalar o chicote por cima de suas orelhas e pareceu que a carruagem se levantava e abria passagem sobre o terreno úmido. Contudo, ainda que açoitasse quanto pudesse os cavalos, o cocheiro sabia que a carruagem se detinha.

A parte traseira do carruagem se afundava. Saumier abriu a porta para olhar e viu gente agarrada ao bagageiro. Ameaçou-os com a pistola, mas seu peso fizera a carruagem se tornar lenta demais. As rodas partiram afundando no lamaçal e, lentamente, parou. Saumier soltou uma maldição.

Uma dúzia de pessoas corria em direção aos cavalos, com as facas desembainhadas para cortar os tirantes e utilizar os animais para sua própria fuga. Agarrou a marquesa, sem nenhuma cortesia, e a tirou da carruagem de um puxão.

— Venha!

A criada estava encolhida em um canto e se negava a sair para cair entre aquela massa de gente em pânico. A marquesa, dotada de mais força de espírito, saltou sobre o solo molhado. Saumier viu que levava uma pistola.

— Detenha-os!

Um homem cortava as correntes de prata dos tirantes dos cavalos. A marquesa apontou para ele, seus dentes rangeram, apertou o gatilho e o homem gritou ao mesmo tempo em que lhe brotava sangue do pescoço. O capitão Saumier, que tinha sua própria pistola metida na tipóia, matou o homem com seu sabre. Pegou os cavalos do arreio.

— Senhora?

— Espere!

A marquesa havia subido ao assento e levantado o banco do cocheiro, e agora tirava de um saco de couro que havia no compartimento de baixo. Fez um sinal para Saumier para que aproximasse o cavalo e depois, sem modéstia alguma e sem se

importar que visse suas pernas, deslizou até a anca do cavalo. Saumier subiu atrás da marquesa e sacudiu as rédeas com a mão boa. Atrás deles, com os sabres levantados, a cavalaria britânica carregava para a estrada bloqueada. O cocheiro tinha agarrado outro cavalo e galopava em direção leste.

Saumier esporeou o cavalo e este, assustado e enérgico, se pôs a galope. Passaram pelas carroças emperradas. A marquesa, que se lamentava por ter sido obrigada a abandonar todos seus pertences e suas riquezas, viu os soldados e suas mulheres que espalhavam moedas de prata sobre a terra e se arrastavam para as carroças em busca a mais butim. Nesse dia, podiam amontoar riquezas, mas os britânicos se aproximavam com rapidez do oeste e ela pensava cavalgar em direção leste para pôr-se a salvo. Saumier, com a bandagem do olho manchado com o barro que os cavalos tinham levantado, levou-a para o norte da estrada e galopou para frente.

Nos estábulos do quartel general francês, Pierre Ducos havia guardado para si um cavalo inglês rápido que pegou de um oficial capturado. Montou nele quando ocorreu o desastre, com seus apreciados papéis, e já estava a quase dois quilômetros após o bloqueio da estrada. Parou no lugar em que a estrada subia uma pequena colina e olhou para trás. Um enxame de gente avançava para ele.

Soldados, malditos soldados! Confiar nos soldados e perder um país que podia ter sido conservado mediante a política e a astúcia... Sorriu levemente. Ele não sentia nenhuma tristeza amarga diante da derrota. Havia se acostumado às derrotas militares na Espanha. Wellington contra o imperador, pensou, essa sim que seria uma batalha digna de se ver! Como o gelo frente ao fogo, ou a inteligência frente ao gênio.

Voltou-se de novo para o leste. Ele fizera planos para a derrota e agora a França acharia a salvação graças a ele. A maquinaria, fina e complexa, que ele havia ideado, o tratado de Valençay, afinal de

contas seria necessário. Sorriu levemente, esporeou o cavalo e cavalgou para a grandeza que tanto havia planejado.

Saumier escolheu ir para o norte da estrada, bem livre do pânico, mas escolheu mal. Diante tinha um fosso grande e cheio de água suja, mas sabia que sem sela e com o cavalo exausto não poderia saltá-lo. Desceu da anca.

— Fique aqui, senhora.

— Não tinha intenção de deixá-lo, capitão.

Saumier agarrou as compridas rédeas com os dedos de seu braço ferido e caminhou até a borda do fosso. O investigou com seu sabre e viu que não era profundo, mas que o fundo era mole, traiçoeiro.

— Sente-se bem, senhora! Agarre-se à crina!

O cavalo estava nervoso, portanto Saumier teria que guiá-lo pela vala. Meteu o pé na água e sentiu que a bota pisava lodo viscoso. Escorregou, manteve o equilíbrio, depois puxou as rédeas.

O cavalo foi avançando lentamente. Baixou a cabeça e a marquesa se agarrou à crina.

Saumier lhe sorriu mostrando seus dentes amarelados.

— Não o assuste, senhora! Suavemente, agora, suavemente! Muito bem!

O cavalo entrou na água.

— Venha! Venha!

Um cavaleiro saltou o fosso a escassos metros à esquerda de Saumier. O francês levantou a vista, temendo que fosse um soldado da cavalaria britânica, mas o homem não usava uniforme. Saumier voltou a puxar das rédeas.

— Venha, garoto! Venha!

A marquesa gritou e Saumier alçou a vista disposto a repreendê-la por ter assustado o cavalo; então viu por que havia gritado de

medo. O cavaleiro tinha parado do outro lado do fosso. O homem sorriu cinicamente para Saumier.

Havia mais cavaleiros atrás da marquesa. Um deles era um homem corpulento com uma barba que parecia crescer-lhe por toda a cara. O barbudo avançava e sorria. Sacou uma pistola do cinturão. Saumier soltou as rédeas. Levava o sabre desembainhado, mas tinha as botas coladas à porcaria que havia no fundo do fosso.

O Açougueiro seguia sorrindo. Tinha seguido a carruagem desde a cidade e agora encontrara a mulher que lhe ordenaram capturar. Deveria levá-la para um convento, essas eram as ordens de seu irmão; mas o Açougueiro tinha planejado deixar que provasse uma amostra das alegrias que perderia a se ver confinada com as freiras. Dirigiu uma olhada para ela: era mais bonita do que qualquer homem pudesse desejar, mesmo agora que gritava horrorizada ao ver seu rosto. O homem que estava no fosso soltou o sabre e levou a mão à pistoleira para sacar a pistola.

O Açougueiro apertou o gatilho. O capitão Saumier foi jogado para trás de uma sacudida levantando as mãos e a pistola caiu.

Caiu dentro do fosso; suas botas partiram desgrudando lentamente do barro borbulhante. Flutuava. Seu sangue se diluiu na água suja enquanto ele morria afogado pela água do fosso e o sangue.

O Açougueiro sorriu para a marquesa, para a mulher cujo cabelo dourado havia sido um farol no caos.

— Senhora... — Disse. Começou a rir, seu riso era cada vez mais forte até que superou os gritos do caos. — Senhora, minha querida senhora.

Tentando pegá-la, puxou-a do cavalo pelas costas. A marquesa gritou e ele lhe bateu no traseiro para que calasse, depois se encaminhou para as carroças. Enquanto seguia para sua carruagem até ali vira o ouro e a prata dispersos como folhas sobre a terra. Teria tempo, sabia muito bem, de pegar um pouco para si antes de

levar a puta dourada para seu novo cárcere. Penetrou no caos com sua prisioneira.

Capítulo 25

— Deus salve a Irlanda!

Era a exclamação preferida de Patrick Harper, reservada para as coisas que realmente lhe surpreendiam, e não era suficiente para descrever o que viu quando cruzou a crista baixa onde a grama ainda estava queimando pelos canhões franceses que haviam levado a cabo a matança na ponte.

— Deus salve a Inglaterra, também! — exclamou.

Sharpe começou a rir. A visão, durante alguns segundos, tirou a marquesa de sua cabeça.

Angel estava boquiaberto. Um exército em plena debandada, milhares e milhares de franceses, sem ordem alguma, corriam entre o rio e a cidade, fluíam em direção leste e abandonavam mosquetes, mochilas, qualquer coisa que pudesse fazê-los ir mais lentos.

Pela direita de Sharpe se aproximava a cavalaria, a cavalaria britânica que estava olhando fixamente e dando risada ante a maré de homens em pânico. Seu comandante se aproximou de Sharpe e sorriu.

— É cruel carregar contra eles!

Sharpe sorriu por sua vez.

— O senhor tem uma luneta, major?

O oficial da cavalaria emprestou a Sharpe uma luneta pequena. O fuzileiro a estirou, percorreu com a vista e viu o que tinha achado ver sem ajuda alguma. A estrada estava bloqueada. Havia centenas, talvez milhares de carroças, que estavam paradas nos campos a leste de *Vitória*. Viu carruagens, com as janelas vermelhas sob o sol poente. Viu uma mulher e um tesouro. Fechou a luneta e a devolveu ao oficial da cavalaria.

— Vê aquelas carroças, major?

— Sim.

— Ali há uma verdadeira fortuna. O ouro do maldito Império.

O cavaleiro ficou olhando para Sharpe como se estivesse louco, então sorriu lentamente.

— Tem certeza?

— Tenho certeza. É o resgate de um rei.

O cavaleiro olhou para Angel, andrajoso no lombo de seu cavalo roubado, depois para Harper, enorme sobre o seu.

— Acha que poderão nos seguir?

— E o senhor, acha que poderão nos seguir? — respondeu Sharpe sorrindo.

Na realidade necessitava da cavalaria para que o ajudassem a atravessar a massa de fugitivos aterrorizados que seguia fluindo entre eles e a cidade. O major sorriu, coçou o bigode e virou-se para olhar para seus homens.

— Tropa!

O trompete desafiou o céu, os soldados de cavalaria desembainharam os sabres e fizeram que os cavalos avançassem. Os homens iam em linhas de dez, tocavam os joelhos uns nos outros. O major desembainhou o sabre e olhou para Sharpe.

— Isto vai ser incrível! — exclamou; olhou para o trompete e fez um sinal com a cabeça.

O trompete tocou a galope. Não havia outra maneira de atravessar a avalanche de fugitivos. Os cavaleiros gritaram, levantaram os sabres e carregaram contra o exército que fugia.

Se Sharpe não se preocupasse tanto com o destino da marquesa, teria recordado aquela cavalgada para sempre. A cavalaria ligeira cortou a retirada francesa como homens que penetravam em um rio escuro e, assim como em um rio, foram arrastados corrente abaixo. Os franceses, ao ver que se aproximava o inimigo, afastavam-se dos cavalos e somente os que não

puderam se mover rápido o bastante foram feridos pelos sabres curvos.

Eram como corredores de obstáculos. Cruzaram um riacho. Os cascos salpicavam o ar com água prateada; salvaram um campo da margem e saltaram um muro de pedra. Os homens gritavam como loucos e os franceses abriam passagem. Os cascos lançavam barro por cima da bandeira que o porta-estandartes mantinha bem alta.

Havia canhões por toda parte, canhões de campanha abandonados, com as bocas enegrecidas, com as rodas metidas na lama. A cavalaria penetrou no meio de seus inimigos e nenhuma mão se levantou contra eles. Havia carretas viradas, mulas que corriam soltas, feridos que se arrastavam para o leste e por toda parte havia mulheres. Chamavam por seus homens, por seus maridos e por suas amantes e seus gritos se ouviam tristes e desesperados.

O major se afastou da debandada francesa e fez que seus homens cortassem para as carroças. Sharpe gritou para Harper e Angel, girou para a esquerda e conteve *Carabina*. Parara junto a uma carruagem azul-escuro, com as rodas afundadas na grama mole e os postigos envernizados salpicados de barro. Ficou olhando o escudo de armas pintado na portinhola da carruagem. Ele o conhecia. Vira-o pela primeira vez em outra carruagem, na esplêndida praça de Salamanca.

Era a carruagem da marquesa e estava vazia. A tapeçaria estava rasgada e os cavalos tinham sido soltados. Tinha uma janela quebrada. Deu uma olhada dentro e não viu sangue nas almofadas rasgadas dos assentos. A corrente de prata de um tirante estava no barro. Olhou entre o caos de carroças e carruagens. Ela podia estar em qualquer lugar, naquela barafunda de gritos e roubo, de disparos de mosquete e gritos, ou podia ter partido.

Harper olhou a carruagem e franziu o cenho.

— Senhor?

— Patrick?

— É o de sua senhoria?

— Sim.

— Por isso estamos aqui?

— Sim. Quero encontrá-la. Ainda que Deus saiba como.

O irlandês ficou olhando o parque de bagagens.

— O senhor diz que há um tesouro aqui?

— Uma autêntica fortuna.

— Parece um bom lugar para começar a olhar, senhor.

Sharpe fez que seu cavalo apressasse o passo para as carroças. Ele ia buscando a grande mata de cabelo dourado por entre o caos que havia constituído o comboio de bagagens do rei José.

— Helene!

Diante dele havia uma caixa de porcelana fina espalhada; os pratos eram feitos cacos. Uma mulher, a cabeça jorrando sangue, jogou um serviço das caixas. Procurava ouro.

Um soldado francês jazia morto, com o pescoço meio cortado por um espanhol que lhe cortava os bolsos com uma faca. Encontrou um relógio, uma obra de arte roubada feita por Breguet em Paris. Levou-o à orelha, não ouviu o tiquetaque e esmagou com raiva o cristal com a empunhadura de sua faca.

— Helene!

O cavalo de Sharpe pisoteava livros encadernados em pele, livros encadernados antes que existisse a imprensa, que haviam sido feitos por homens pacientes ao longo de meses de trabalho. Tinham letras capitais excelentemente pintadas e estavam afundados no barro.

Duas mulheres rasgavam um tapete, tecido em Flandes quando a rainha Isabel era uma menina, para fazer cobertores. Outra mulher, com uma garrafa de vinho na mão, bailava entre as carroças com o escudo dourado de um fidalgo real sobre os ombros. Não usava nada mais. Um soldado francês, bêbado de conhaque,

tomou o escudo e lhe puxou o cordão dourado. A mulher despida o golpeou com a garrafa e lhe arrebatou o escudo.

— Helene!

Umas moedas de prata espanholas, cada uma valendo cinco xelins ingleses, estavam espalhadas como seixos entre as carroças. Ninguém queria prata quando havia tanto ouro.

— Helene!

Dois homens dobravam, retorciam e partiam um candelabro de ouro, pertencente a um conjunto de quatro que a rainha Maria da Inglaterra presenteou a Felipe II quando se casou com o rei espanhol.

— Helene!

Duas francesas, que haviam abandonado seu exército e seus filhos por uma caixa de jóias, arrancavam com uma alavanca as pedras de um relicário que continha a tibia de Juan o Batista. As jóias eram de cristal e substituíam as pedras preciosas autênticas que foram há três séculos. Deixaram cair a tibia no barro, de onde a recolheu um cachorro.

Um homem disparou em outro para ficar com a caixa de madeira que a vítima estava arrastando. O assassino a levou para baixo de um carroça, voltou a carregar o mosquete e arrebitou a fechadura. Continha ferraduras e pregos.

— Helene!

Era inútil. As carroças eram um fervedouro de gente. Não via nada. Sharpe soltou uma maldição. Um menino de quatro anos, abandonado por sua mãe, foi pisoteado por uma avalanche de homens que iam em direção a um carro ainda intacto. O menino chorava com as costelas quebradas e ninguém o via nem o ouvia.

— Helene!

Um francês correu para Sharpe, segurando o mosquete como um maço, e tentou derrubar o fuzileiro do cavalo. Sharpe grunhiu, bloqueou com a espada, afastou o mosquete de lado e voltou a

arremeter. O homem gritou; a espada lhe cortou o pescoço e lhe arrancou a orelha. Então a culatra da arma de Harper o golpeou no outro lado da cabeça. Quando o homem caiu, caíram francos de ouro dos bolsos, e em um instante se viu atacado por um monte de gente que esfaqueava e se arrastava pelo barro em busca do ouro.

Havia hectares de carroças! Centenas delas. Muitos eram os saqueadores, mas ainda havia montes de carroças sem tocar.

— Helene!

Sharpe cruzou galopando por uma fileira de carros, girou para a fileira seguinte e regressou a galope. Sob os cascos de *Carabina* havia moedas de prata. Uma mulher sacudia e desenrolava uma peça de seda escarlata sob o sol poente; a seda desenhou um arco e caiu no barro. Um homem puxava de um carro caixas com faqueiro de prata e o ia espalhando sobre a lama pois ele procurava ouro.

— Helene!

Uma mulher cambaleava para Sharpe; o sangue lhe manava da cabeça formando dúzias de riachos que se enredavam no cabelo. Havia encontrado sua caixa de ouro, mas um homem lhe havia tirado. Não gritava de dor, mas pela perda. A mulher pegou alguns dos garfos de prata e os jogou dentro do vestido.

— Helene!

Um homem, com as calças nos joelhos, estava em cima de uma mulher junto a um carro virado. Sharpe o golpeou com o canto da espada para tentar ver o rosto da mulher. Não tinha. Havia apenas sangue que brotava de um corte na garganta. O homem tentou escapular mas Sharpe arremeteu com a espada e cortou seu pescoço, tal como ele lhe havia cortado sua vítima.

Uma garota bonita, estranhamente vestida com as calças ajustadas da cavalaria francesa, bailava no alto de um carro e fazia girar uma réstia de pérolas. Um soldado da cavalaria britânica ria dela, a protegia; e depois se inclinou para pegar mais pérolas de

uma caixa. Ao ver tal tesouro, uma horda de gente subiu como ratos até a parte superior da carroça.

— Helene!

Sharpe esporeou o cavalo e gritou para os saqueadores que abrissem passagem. Um bêbado, com uma garrafa de vinho de preço incalculável em cada mão, cruzou cambaleante o caminho de *Carabina* e o cavalo o derrubou. Sharpe manteve o equilíbrio e fez o cavalo apertar o passo, sem perceber que os cascos pisoteavam alguns quadros. Van Dyck havia trabalhado durante muito tempo na tela que um homem extraía do barro porque necessitava de uma lona para cobrir o butim que levava na mula.

— Helene!

Uma caixa com medalhas da *Legión d'Honneur* era lançada à multidão. Os espanhóis, rindo, penduravam as medalhas por baixo das caldas de seus cavalos. Angel pegou uma e começou a rir ante aquele troféu.

Um cavaleiro britânico rachou a lona alcatroada de um carro e encontrou quadros debaixo. Haviam sido cortados das molduras. Puxou um Rubens que havia no alto do monte para ver se ocultava ouro. Não era assim e seguiu cavalgando em busca de um butim melhor.

Um relógio de ouro, feito em Augsburg trezentos anos atrás, com as casas do zodíaco, as fases da lua, assim como a hora, foi destroçado por alguns homens com baionetas que queriam a caixa de ouro. Em um deles se cravou na palma um ponteiro do relógio e o esmagou com a culatra do mosquete. O mecanismo de bronze e ferro, que vinha se mantendo durante séculos, ficou espalhado na lama. O astrolábio adornado com pedras preciosas foi levado por um sargento britânico.

— Helene!

Revistaram uma atrás de outra as filas de carros, até que Sharpe sentiu que era inútil. Refreou o cavalo e olhou para Harper.

— Não tem sentido.

O irlandês deu de ombros e olhou em direção leste para o vale da estrada para Pamplona que estava cheia de fugitivos.

— Seria tonta se tivesse ficado por aqui, senhor.

Foi isso que ele pensou desde que começaram aquela galopada inútil e frenética entre as carroças encalhadas. Harper se perguntava o que se passara a Sharpe nas últimas semanas. Contudo, não lhe admirava que a mulher de cabelo dourado tivesse algo a ver com isso; Sharpe sempre gostou de mulheres. Sharpe amaldiçoou. Limpou a espada na perna e a embainhou.

Um capitão de infantaria britânico passou caminhando descalço. Levava as botas com cuidado, ambas estavam cheias até a borda com moedas de ouro de vinte francos. Três de seus homens o protegiam alegremente. Uma mulher, vestida com o uniforme de cavalaria francês, pediu proteção a Sharpe. Este a ignorou: olhava fixamente ao seu redor, observando como os saqueadores derrubavam as carroças. Tentava ver o cabelo dourado da marquesa. Um soldado de infantaria britânico, um dos muitos que se amontoavam entre as bagagens, agarrou uma mulher pela mão. Ela se pendurou em seu braço e partiu alegremente com seu novo guarda.

Harper aproximou seu cavalo da carroça mais próxima. Se o major Sharpe queria procurar uma mulher, Harper bem podia procurar um dote de um casamento. As carroças tinham palavras gravadas nas tábuas traseiras: *Domaine Extérieur de S. M. L'Empereur*. Perguntou-se o que significava, depois pegou a faca, rasgou a lona e começou a trabalhar na primeira caixa.

Sharpe observava como a infantaria britânica se aproximava, como meninos, desse mundo maravilhoso do tesouro. Pensou nas carroças da marquesa e se perguntou se também os estariam rasgando e se ela estaria tentando protegê-los dos mosquetes e das baionetas. Ergueu-se sobre os estribos. Maldita seja! Sua carruagem estava ali, ela tinha que estar por ali; e então supôs que a mulher devia de ter fugido em direção este abandonando suas riquezas. Ou talvez Ducos a levara. Voltou a amaldiçoar. Desejou

encontrar Ducos naquele caos por um breve momento, um momento suficientemente longo para poder usar a pesada espada.

— Deus no céu irlandês! Jesus! Maria, Mãe de Deus, que o estará vendo. Deus salve a Irlanda!

Sharpe virou-se. Harper segurava um colar de diamantes. O irlandês olhou para Sharpe completamente encantado.

— Abra sua mochila, senhor.

— Patrick?

— Pelo amor de Deus, abra sua mochila!

Sharpe franziu o cenho. Pensava na marquesa.

— Senhor Sharpe, senhor!

— O que foi? — espetou, tentando ainda ver a mata de cabelo dourado sob a luz da tarde.

— Que nos dê sua maldita mochila! — Harper dirigiu-se para ele como se fosse um recruta particularmente estúpido. — Dê-me!

Sharpe obedeceu, quase sem saber o que fazia. Harper chamou Angel para que lhe ajudasse. Ataram os cavalos às carroças e se colocaram na carga para levantar com uma alavanca as tampas dos baús fechados. Harper esvaziou a primeira arca grande de caixinhas de couro, todas forradas com seda branca. Descartou as caixas e ficou com as jóias que continham. Trabalhava depressa: como soldado sabia que a boa sorte não dura para sempre. Abriu uma caixa de couro atrás de outra e pegou colares, tiaras, condecorações esmaltadas adornadas com pedras, peças suficientes para encher a mochila de Sharpe, a sua e os bolsos de Angel. Abotoou a mochila de Sharpe e a lançou para seu oficial.

— Um presente de boas-vindas, senhor.

Sharpe pendurou a mochila.

— Onde diabos está ela?

— Sabe Deus!

Harper abriu de um puxão outra caixa e soltou uma maldição. A caixa continha guardanapos de veludo cuidadosamente dobrados. Harper os atirou ao solo e manipulou com sua faca por debaixo de uma nova tampa.

— Deus do céu!

A caixa continha acessórios de altar de ouro: jarros, taças, castiçais, uma custódia com pedras preciosas e um grande crucifixo de ouro. Pegou as coisas pequenas. Angel havia encontrado um jogo de pistolas de duelo com as culatras rematadas em ouro. Colocou no cinturão.

— Patrick! — disse Sharpe com presteza.

— Senhor?

— Siga-me!

Sharpe pôs *Carabina a galope* e desapareceu entre o caos. Harper havia dado uma olhada para a cara de seu oficial e pensou que nunca o vira com um aspecto tão horrível e selvagem. O irlandês olhou para Angel.

— Vamos, garoto.

Harper montou seu cavalo. Estava rico, mais que no sonho mais enlouquecido do mais enlouquecido dos irlandeses que fosse para a guerra, e, como bom amigo, também fizera rico a Sharpe. Certamente o inglês não percebera, mas assim era o senhor Sharpe. O senhor Sharpe estava pensando em outra pessoa, em outro tesouro. Harper olhou entre o fervedouro que era a massa de saqueadores.

— Onde diabos ele está?

Sharpe havia desaparecido. Harper se elevou nos estribos e olhou entre a massa de gente que fervia ao redor dos carros saqueados. O sol poente banhava a totalidade da cena com uma luz vívida e de um colorido vermelho sangue. Ouviam-se risos e prantos ao seu redor.

— Onde diabos está?

— Ali, senhor! — gritou Angel, que ainda estava na carroça, apontando para o sul. — O Açougueiro!

— O quê?

O garoto apontava para um grupo de cavaleiros. À frente ia um homem que parecia um monstro, uma besta enorme com a cara coberta de pêlo espesso, um homem que retinha uma mulher de boca para baixo sobre sua sela.

Harper viu que a mulher tinha o cabelo como o ouro fino. Fez que seu cavalo abrisse passagem entre a multidão. Viu quantos eram os homens que iam armados com o barbudo. Também viu que Sharpe cavalgava sozinho para eles e percebeu que, nesse estado selvagem, pensaria que para ele não era nada enfrentar todos aqueles cavaleiros com sua espada. Uma só coisa preocupava Harper, e era a presença, na mão esquerda de Sharpe, de um grande pedaço de corrente de prata. Harper engatilhou sua espingarda de sete canhões e cavalgou, como um homem rico, para a luta.

Capítulo 26

Sharpe vira o Açougueiro. O guerrilheiro, junto com um grupo de sequazes, estava roubando uma das carroças francesas que tinham trazido os pagamentos atrasados do exército derrotado. Alguns de seus homens descarregavam as moedas de ouro de vinte francos, os demais mantinham afastados os outros saqueadores. O Açougueiro tinha a marquesa sobre sua sela.

Sharpe sabia que não podia com todos eles. Ali havia vinte mosquetes que o arrancariam da sela e a deixariam ela à mercê do barbudo. Contudo, Sharpe sabia que o Açougueiro não seria capaz de resistir a um desafio a sua hombridade. Havia uma maneira, somente uma, de que aquele combate ocorresse. Fez girar *Carabina* para a carruagem abandonada da marquesa.

Desembainhou a espada e, ao chegar ao veículo, inclinou-se, agarrou a última corrente dos tirantes e com a espada cortou a correia de couro que a segurava. Enrolou a corrente na mão esquerda e virou-se para o inimigo. Semanas antes, pensou, fora o bastante tonto para aceitar o desafio de um duelo. Agora seria ele quem desafiaria.

Cavalgou para a carroça e os homens que abriam as arcas grandes se detiveram quando o viram vir. Chamaram seu chefe e o Açougueiro, a quem disseram que esse homem estava morto, se benzeu e ficou olhando o alto fuzileiro que chegava do caos envolvido em luz escarlata.

— Atirem nele!

Mas ninguém se moveu. O fuzileiro havia lançado uma corrente de prata sobre o solo enlameado que estava coberto de moedas de prata recusadas e ficou olhando com aversão selvagem para o barbudo.

— É um covarde, Açougueiro? Só luta contra mulheres?

Nenhum deles se moveu. Os que estavam pegando o ouro às mãos cheias das arcas arrebatadas olharam com firmeza para o inglês alto, que, lentamente e com os olhos postos no Açougueiro, desmontava.

Sharpe desabotoou seu cinturão. Deixou-o com a mochila junto à roda da carroça.

O Açougueiro baixou o olhar para a corrente, depois olhou para Sharpe enquanto o fuzileiro enrolava os elos de prata no braço esquerdo. Sharpe deixou que uma parte da corrente ficasse solta.

— É um covarde, Açougueiro?

Como resposta, o Açougueiro desceu da sela. Desceu a marquesa de um puxão e a empurrou para seus homens, aos que gritou que a retivessem e a vigiassem. Ela deu um tropeço e gritou; seguiu gritando quando um homem a segurou, agarrou pelo cabelo dourado e a prendeu contra o dorso de seu cavalo, e quando se virou e viu que Sharpe estava entre a lama removida e a prata.

— Richard! — exclamou a mulher com os olhos bem abertos e olhando com incredulidade.

Assim como seu sequestrador, com um gesto meio esquecido do passado, se tocou a cara, o ventre e os peitos fazendo o sinal da cruz.

— Richard!

— Helene.

Sharpe lhe sorriu e percebeu o medo dela, sua surpresa e sua beleza. Inclusive ali a vista daquela maravilha excessiva lhe punçou como um punhal.

Detrás de Sharpe, Harper continha seu cavalo. Pegou as rédeas de *Carabina*, inclinou-se e recuperou a espada e a mochila de Sharpe.

— Estou aqui, senhor!

— Cuidado com os sacanas, Patrick! Atire neles se interferirem!
— disse Sharpe em espanhol, uma língua que Harper havia

aprendido de Isabel.

— Considere feito, senhor.

Os guerrilheiros estavam intimidados pelo homem corpulento que estava sentado em seu cavalo com duas armas, uma delas mais larga que qualquer uma que tinham visto em sua vida. Junto a Harper ia Angel, com seu fuzil entre as mãos bem treinadas. Angel olhava fixamente para a mulher, que lhe parecia mais bonita que a luxúria.

O céu estava escurecendo enquanto entrava na noite; o oeste se avermelhava com o sol poente. Nuvens de fumaça de colorido azul-cinza sob o céu sem nuvens estiravam por cima do campo do saque e formavam delicados desenhos. Eram os detritos, os restos que se afastavam da batalha que tivera lugar e havia terminado na planície de *Vitória*.

O Açougueiro tirou a pesada capa dos ombros.

— Pode ir, inglês: não o matarei.

Sharpe começou a rir.

— Contarei como morrerá, covarde.

O Açougueiro se inclinou, pegou a corrente e a amarrou no antebraço. Pegou a faca e, com um sorriso condescendente nos lábios úmidos que se entreviam no cabelo do rosto, a lançou para Sharpe. Girou no ar, refletiu o sol poente e caiu aos pés de Sharpe.

Tinha o cabo de osso e uma lâmina tão comprida como a de uma baioneta. A lâmina parecia delicada. Era fina, com a ponta aguçada, e os dois cantos tinham as marcas que lhes havia deixado a pedra ao afiá-los. Sharpe sabia que essa arma faria correr o sangue ao mínimo golpe. No punho do Açougueiro havia uma lâmina similar, tomada emprestada de um de seus tenentes; brilhante, afiada, mortífera.

O Açougueiro deu alguns passos para trás e a corrente de prata se levantou ligeiramente do barro. Os elos tilintaram com suavidade. O guerrilheiro sorriu.

— É homem morto, inglês.

Sharpe recordava a terrível habilidade com a qual seu inimigo havia sacado os olhos do prisioneiro francês. Expectante, manteve a calma e esperou.

Os homens do Açougueiro permaneciam em silêncio. Proveniente da cidade se ouvia o som de sinos de igreja que anunciava que os franceses haviam partido e que as primeiras tropas aliadas entravam nas ruas estreitas.

A corrente se esticou. O sol avermelhava os elos.

O Açougueiro sorriu. Seu machado estava cravado no solo na borda do círculo que haviam formado seus homens. Puxou contrariando a força de Sharpe até que os elos de prata estavam tão tensos como uma barra de aço e a única prova das enormes forças que se opunham eram os restos de barro que caíam dos elos esticados.

Sharpe sentiu a pressão no braço. O Açougueiro estava puxando com uma força extraordinária. Sharpe deu um puxão e viu que os olhos do Açougueiro o estavam julgando.

O Açougueiro puxou. O braço de Sharpe se levantou, deu um puxão e o Açougueiro gemeu e esticou. Sharpe se adiantou de uma sacudida. Sabia que ele não tinha a mesma força bruta que seu inimigo, mas quando viu que o Açougueiro sorria e concentrava sua força para dar um forte puxão, Sharpe deu um salto para frente para que o homem perdesse o equilíbrio.

O Açougueiro estava preparado; estivera esperando, o havia provocado. Percorreu o espaço de três metros à velocidade do raio e sua faca se elevou para dar um corte em Sharpe, e brilhou sob a luz do crepúsculo. O fuzileiro se afastou, sem se incomodar em responder; retrocedeu, e com a mão esquerda pegou a corrente para fazer mais força de alavanca e a puxou com todas suas forças, mas o Açougueiro não se moveu.

O Açougueiro olhou os dentes de Sharpe que rangiam e começou a rir.

— Terá uma morte lenta, inglês.

A multidão, que a gente da cidade havia engrossado, soltou um grito abrupto e breve em reconhecimento da destreza do Açougueiro. Este agradeceu os aplausos cumprimentando com sua faca e então enganchou sua mão esquerda por cima da corrente. Retrocedeu e a esticou.

A força sobrevia. Puxou Sharpe para frente. Ele não pôde aguentar e viu que para o Açougueiro aquele era um trabalho bem fácil. Sharpe escorou os pés, mas as botas escorregaram na lama e se viu arrastado para seu oponente. Então começaram os puxões, os puxões fortes e depravados que lhe fizeram perder o equilíbrio; deu um tropeço e caiu. A corrente estava arrancando seu braço e, quando a pressão cedeu, ele rodou para um lado, pois sabia que a faca cortaria; somente ouviu ao Açougueiro que ria.

— O inglês tem medo!

Sharpe se levantou. Tinha a casaca e as calças manchadas de barro. A multidão o vaiava, gritava-lhe. O Açougueiro somente o havia posto em ridículo para demonstrar sua força. Agora o Açougueiro sorria; sorria de alívio e triunfo. Convertera esse tipo de luta em sua especialidade e brincaria com Sharpe assim como este o vira brincar com o prisioneiro francês.

O Açougueiro fazia sinais para Sharpe de que avançasse.

— Venha inglês, venha! Venha! Venha para sua morte.

Sharpe deixou cair o braço esquerdo e o dobrou. Avançou.

O Açougueiro esperava. Estava de cócoras com a faca baixa. Começou a sacudir a corrente, tentando enrolá-la na faca de Sharpe, mas este simplesmente separou o braço esquerdo e a corrente passou de longe.

— Venha, inglês.

Agora estavam perto, a um metro e meio de distância; ambos se olhavam fixamente nos olhos, ambos seguravam as facas baixas. Nenhum deles se movia. A multidão estava silenciosa.

Quando o Açougueiro se moveu o fez com a rapidez de um golpe de escorpião, mas Sharpe estava lutando toda sua vida e sua velocidade era tanta como a do espanhol. Sharpe retrocedeu e a lâmina lhe passou assobiando junto à cara. Sorriu.

O Açougueiro lhe gritou, em uma tentativa de assustá-lo, e então fez um laço com a corrente no alto para que caísse sobre a cabeça de Sharpe. Este pegou o laço quando ele veio por cima, puxou e deu um corte por cima com sua faca enquanto a guarda do espanhol estava levantada. Sharpe percebeu o pânico repentino em seu rosto de monstro. O Açougueiro notou a rapidez de Sharpe enquanto a faca do fuzileiro açoitava por cima.

— Um!

O antebraço direito do Açougueiro sangrava. A multidão seguia silenciosa.

Sharpe retrocedeu com a mesma velocidade com que havia se movido para frente. O espanhol grunhiu. Subestimara o inglês, inclusive o havia deixado viver como um alarde para a multidão, mas agora o Açougueiro planejava a morte de Sharpe. Deu um passo para trás e a corrente se esticou; puxou com grande força, mas desta vez Sharpe pôs o pé e se deixou arrastar para frente. O Açougueiro teve que retroceder e seguir dando passos para trás até que se encontrou na borda do espaço de luta, sem ter aonde ir. E Sharpe riu dele.

— É um traidor, espanhol, e sua mãe fodia com porcos.

O Açougueiro rugiu e deu um salto para frente. A faca se elevou aproximando-se dos olhos de Sharpe, caiu e deu um corte para cima.

— Um! — gritou o Açougueiro triunfante e a multidão gritou com ele.

Sharpe sempre teria terríveis pesadelos depois daquele momento. A faca esteve a menos de um centímetro de lhe abrir o ventre, abri-lo da virilha até as costelas e derramar-lhe as tripas sobre o barro cheio de prata. Mas nunca soube como seu corpo se

moveu tão rápido ou como sua mão direita dera um corte no braço do espanhol. Gritou ao saltar para trás.

— Dois!

A marquesa soltou um grito e, aterrorizada, se tampou os olhos com as mãos.

A multidão exalou um grande suspiro. O inglês não estava tocado. O Açougueiro ofegava, seu grande peito palpitava debaixo do abrigo de couro negro. Tinha cortes em ambos os antebraços.

Harper exalou um grande suspiro de alívio.

— Deus salve a Irlanda.

— Ganhará? — perguntou Angel.

— Não sei, pequeno. Digo uma coisa.

— O quê?

— Atravessarei a barriga desse sacana com um disparo antes que ele mate o senhor Sharpe.

Angel levantou seu fuzil.

— Eu o matarei. Sou espanhol.

A corrente se esticou quando Sharpe retrocedeu. Na mão esquerda segurava o outro extremo da corrente. Observou os olhos do Açougueiro, viu o momento quando o guerrilheiro desafiou a tensão da corrente. Sharpe avançou de repente. Arremeteu com a faca, com lentidão, enquanto seguia observando os olhos entre as matas de cabelo, e, no momento em que o Açougueiro subiu o braço da faca para atravessar com a ponta a cara de Sharpe, o fuzileiro deu uma chicotada com a corrente de prata.

O extremo bateu na cara da besta, deu-lhe uma chicotada que lhe punçou nos olhos e o cegou momentaneamente. E Sharpe girou, deu um chute e o salto de sua bota direita foi onde ele queria que fosse, golpear contra o joelho esquerdo do Açougueiro com uma força tremenda, destroçando e moendo rótula e carne. O

Açougueiro abriu os olhos de dor enquanto sua faca descia desesperadamente para se defender.

Sharpe estava caindo. Viu que a lâmina vinha para ele e a sentiu como uma navalha na pele, que lhe atravessava a bota de couro como se fosse algodão. Então se escorreu e se afastou daquele homem corpulento. O rugido da multidão se ouviu como um trovão no meio das carroças.

— Um! Um! Um!

O Açougueiro deu um salto para frente e Sharpe ouviu o grito de dor quando seu peso caiu sobre o joelho ferido. A dor deu a Sharpe tempo para rodar e se levantar. A multidão, que havia animado com antecipação, ficou em um silêncio incômodo.

Harper, que vira como o salto da bota dava o golpe contra o joelho, sorriu para si.

O Açougueiro não havia gritado o número com a multidão. Tinha o joelho ardendo, a dor lhe subia até a virilha e lhe descia até o tornozelo. Nunca havia enfrentado um homem tão rápido.

Sharpe começou a rir.

— É lento, Açougueiro.

— Maldito seja, inglês.

O Açougueiro saltou para Sharpe com a faca dirigida para a virilha do inglês, mas o joelho se encolheu, ele deu um tropeço para frente e Sharpe retrocedeu.

Patrick Harper começou a rir.

O Açougueiro tentou se levantar. Sharpe puxou e o fez cair estirou para frente. O espanhol voltou a tentar e de novo a corrente tilintou quando Sharpe a puxou. Outra vez o Açougueiro se viu arrastado para frente entre o barro e as moedas.

O Açougueiro voltou a tentar e de novo o fuzileiro o derrubou de um puxão; e desta vez Sharpe deu um salto para frente e seu pé foi parar sobre a munheca direita do Açougueiro, que cravou a faca no

barro. O Açougueiro levantou a vista para seu inimigo e viu a morte.

Sharpe olhou fixamente para o homem.

— Deixou-me viver faz um momento, Açougueiro. Devolvo-lhe o favor.

Afastou-se. Deixou que o espanhol se levantasse, então voltou a puxar, carregando todo o peso daquele homem corpulento sobre o joelho de maneira que a cara de besta se retorceu de dor e o grande corpo vestido de couro voltou a cair no barro. A multidão seguia em silêncio. O Açougueiro estava de quatro, olhando fixamente para Sharpe. Quando o fuzileiro se aproximou, o guerrilheiro voltou a arremeter com sua faca contra a virilha de Sharpe, mas este se moveu mais rápido.

O extremo solto da corrente deu umas chicotadas e se enrolou na mão do Açougueiro, Sharpe puxou para trás de um puxão e este soltou um grito quando a corrente esmagou seus dedos e arrebatou a faca de seu punho. Sharpe lhe deu um chute e o mandou para baixo da carroça meio saqueada.

O fuzileiro se colocou atrás de seu inimigo. Agarrou o Açougueiro pelo cabelo e levantou sua cabeça de um puxão. A multidão observava em silêncio. Sharpe ergueu a voz.

— Está me ouvindo, Açougueiro?

— Eu lhe ouço.

Sharpe alçou ainda mais a voz.

— Seu irmão e você trabalham para os franceses!

— Não!

Mas a lâmina estava junto do pescoço do Açougueiro.

— Trabalham para os franceses, Açougueiro. Vocês se venderam para os franceses.

— Não!

O homem corpulento e barbudo tentou agarrar Sharpe pelo pulso, mas a lâmina se afastou. A mão de Sharpe deu um puxão na cabeleira espessa e gordurenta e o bateu com o joelho na coluna, de forma que a enorme barba se sobressaiu por cima do pescoço.

— Quem matou o marquês?

Silêncio. Sharpe não sabia qual era a resposta que esperava, mas o silêncio parecia sugerir que a pergunta não era uma bobagem. Puxou o cabelo e apoiou a lâmina sobre a pele do pescoço do Açougueiro.

— Quem matou o marquês?

De repente o Açougueiro saltou para frente e com suas mãos alcançou a munheca de Sharpe, mas este puxou e agitou a faca para ambos os lados para dar um talho nas mãos de seu inimigo.

— Quem o matou?

— Fui eu! — disse com um berro.

Tinha as mãos banhadas em sangue. Sharpe quase o soltou, surpreso com a resposta. Esperava que dissesse que fora o inquisidor o responsável, mas tinha mais sentido que esse homem, o irmão do sacerdote astuto e cruel, fosse o assassino.

Voltou a pôr a faca no pescoço. Então falou em voz baixa, para que só o Açougueiro pudesse ouvi-lo. Os guerrilheiros observavam Sharpe e Harper observava os guerrilheiros. Sharpe se inclinou.

— Matou aquela garota para me enganar, Açougueiro.

Não houve resposta. Sharpe recordava aquele corpo enforcado que girava ensanguentado. Recordava do prisioneiro cego. Fez uma pausa e depois atacou. A faca estava muito afiada e era de borda muito fina e, ainda que o pescoço de um homem fosse duro, com suas cartilagens, veias, músculos e pele, a faca cortou a garganta com tanta facilidade como se fosse de seda. Ouviu-se um grito sufocado quando o sangue brotou, salpicou uma e duas vezes; depois o coração já não teve nada que bombear e Sharpe soltou o

cabelo negro. O Açougueiro desabou para trás e seu rosto barbudo e brutal caiu naquela sujeira formada por sangue, barro e prata.

Todos os que olhavam ficaram em silêncio.

Sharpe virou-se e se dirigiu para a marquesa. Ele tinha os olhos postos no homem que a segurava e seus olhos ameaçavam de morte. Lentamente e sacudindo a cabeça, o homem a soltou. Sharpe soltou a faca. Ela correu para ele, tropeçando no barro e nas moedas de prata. Ele a envolveu com seu braço esquerdo e ela se deixou apertar contra seu peito manchado de barro.

— Pensava que estava morto.

As primeiras estrelas se faziam visíveis por cima do saque de um império.

Ele apertava a mulher pela qual havia atravessado a Espanha a cavalo, pela qual cavalgara por aquele campo de jóias, ouro, seda e diamantes.

Ela nunca seria sua e ele sabia. Percebera inclusive quando lhe disse que o amava; contudo, ele voltaria a cavalgar pelos campos de prata e pérolas por ela; atravessaria o inferno por ela.

Afastou-se dos homens do Açougueiro e Harper lhe lançou sua espada e sua mochila. Sharpe se perguntou por que pesava tanto. Abotoou a espada e percebeu que teria que entrar na cidade e ir em busca do inquisidor. Tinha que fazer várias perguntas a esse inquisidor e Sharpe ia ser bem delicado como a Inquisição em busca de respostas.

Entraria em *Vitória* e acharia as respostas para o mistério que Hogan lhe havia pedido que resolvesse, mas ele sabia que essa não era a razão que lhe levara a esse lugar. Nem a vitória e nem o ouro, mas a mulher que o enganaria, mentiria e nunca o amaria, mas que era a Puta Dourada e, por essa única noite pelo menos, a mulher de Sharpe.

Epílogo

O exército marchara seguindo os franceses para os Pirineus e *Vitória* ficou nas mãos dos batalhões espanhóis. Dos ingleses somente se ficaram alguns oficiais do quartel general e do South Essex. Este para vigiar aos prisioneiros franceses que logo iniciariam sua viagem para Dartmoor ou para a prisão.

Era uma noite quente e brilhante com a luz das estrelas. Sharpe estava no hotel que se enchera de oficiais britânicos na noite da batalha e onde havia desfrutado de uma refeição grátis. Estava em um amplo aposento com vistas para a catedral sobre a colina.

— O que é?

— Abra-o.

Helene sorriu. Ia vestida com seda de cor creme e um decote do que, se respirasse profundo, estava seguro seu peito sairia por cima do debruado da renda.

Ela lhe dera uma caixa. Era feita de pau-rosa, polida e bem brilhante, e fechada com dois ferrolhos de ouro que ele correu.

— Venha — disse ela —, abra-a.

Ele levantou a tampa. A caixa era forrada com tafetá vermelho. Sobre uma calha havia uma luneta.

— Deus! É linda.

— É? — disse ela satisfeita.

Ele a pegou. O cano era de marfim, os adornos de ouro e se estirava com extraordinária suavidade. Havia uma placa gravada e incrustada no marfim.

— O que diz?

Ela sorriu, pegou a luneta e a aproximou da luz da vela.

— A José, rei da Espanha e das Índias, de seu irmão, Napoleão, imperador da França.

Helene começou a rir.

— A luneta de um rei para você. Eu a comprei de um dos seus cavaleiros.

— É linda!

Pegou-a de volta, estirou totalmente os tubos e observou com ele a lua minguante que se elevava sobre as colinas do norte. A última luneta que tivera, destruída por Ducos, era boa, mas não era nada comparada com aquele instrumento.

— É linda! — voltou a dizer.

— Certamente! É francês. — Sorriu. — Minha forma te agradecer.

— De nada — disse Sharpe e pôs a luneta na caixa.

— De nada, então. Só por minhas carroças, minha vida, coisinhas desse tipo. Nada — respondeu com tom jocoso.

Sharpe franziu o cenho e fechou a caixa.

— Não vai levar nada de mim.

— É um bobo, Richard Sharpe. — A marquesa caminhou para a janela, levantou seus braços despidos para as cortinas e ficou calada observando a noite. Então, de repente, correu as cortinas e virou-se para ele. — Fique com estes diamantes. Eles lhe fizeram rico. E não os dê a ninguém, nem a mim, nem a ninguém. Fique com eles.

— Sim, senhora — disse ele sorrindo.

— Porque, Richard — e ela lhe tocou a cara com o dedo —, esta guerra não durará para sempre e quando a paz chegar precisará de dinheiro.

— Sim, senhora.

Ouviu-se um golpe na porta, um baque, e Sharpe alçou a voz.

— Quem é?

— O oficial de serviço, senhor! — Era a voz do capitão D'Alembord.

— O que foi?

— Preciso lhe falar, senhor.

A marquesa sorriu.

— Vá. Eu espero.

Sharpe abriu a porta.

— Acabo de chegar aqui, Peter!

O capitão, alto e elegante e um pouco mais que bêbado, se indignou de forma exagerada ante Sharpe.

— Sua presença é requerida, senhor. Desculpa-me, senhora?

Detiveram-se no extremo superior da escada. A metade do batalhão estava na sala de jantar, com pratos quebrados e talheres. Sharpe duvidava de que três quartos daqueles homens tivessem comido alguma vez de semelhante maneira. Alguém havia descoberto, em um cofre fechado, uma bandeira tricolor francesa que passou pela habitação com grande confusão. A maioria dos homens estava bêbada. Alguns haviam ficado adormecidos. Somente na cabeceira da mesa restava um pouco de decoro, e tampouco era muito.

O sargento Patrick Harper presidia. Junto dele, de branco resplandecente, com um véu de renda proveniente da bagagem francesa, estava sentada Isabel. Usava no pescoço um colar de diamantes. Sharpe duvidava que seu marido voltasse a deixar usá-lo, pelo menos até que estivessem a salvo longe dos ladrões do exército britânico. Sharpe nunca vira um homem com tanto medo como Harper. Na catedral tinha tremido. Sharpe dera ao seu sargento dois copos grandes de uísque, mas tampouco isso lhe havia freado o medo.

— É ridículo, senhor! Casar-se...

— As mulheres gostam, Patrick.

— Por que necessitam da gente? Por que não o fazem e nos dizem depois? Deus!

— Está seguro de que quer seguir adiante com isto?

— Não quero decepcioná-la. Certamente que o farei! — estava indignado. — O que acontece é que não tenho por que passar bem!

Agora sim ele estava passando bem. Estava bêbado, havia comido melhor do que um soldado podia e com uma garota bonita, grávida e de olhos castanhos junto dele.

— É surpreendente como ela o mantém na linha — indicou o capitão D'Alembord.

Sharpe sorriu. Era de novo major, haviam lhe devolvido seu posto e estava provisoriamente ao comando do South Essex. Seria temporário. Não tinha servido tempo necessário como major para que o ascendessem de graduação, portanto tinha que esperar, com estes homens, para ver quem substituiria o tenente-coronel Leroy.

Wellington, exageradamente furioso pelo saque do parque de bagagens, havia poupado os elogios a Sharpe.

O inquisidor, explicando que seus roxos se deviam a um tropeção nos degraus, havia proporcionado ao generalíssimo uma lista dos homens que haviam oferecido seu apoio a uma paz com a França. Estes homens já estavam sendo visitados e lhes faziam ouvir argumentos, não ameaças, mas que sem dúvida dava no mesmo.

O inquisidor oferecera outra explicação para a morte do marquês, um relato que seguiram em silêncio os oficiais espanhóis convidados para escutar. Olharam para Sharpe, para Wellington, e alguns poucos, vendo a brincadeira inerente ao que diziam, tinham passado a rir.

A marquesa, que fez que Wellington sorrisse em meio da ira, levara sua fortuna da casa do inquisidor. Havia lhe prometido um salvo-conduto tão logo as estradas para a fronteira estivessem

limpas das últimas guarnições francesas. Wellington, como sempre sensível ante um rosto bonito, escutou seu relato do tratado e recompensou sua traição devolvendo-lhe suas riquezas. Ela iria para casa e Sharpe regressava ao lugar a que pertencia, com seus homens.

Essa noite havia jantado com eles, fizera um discurso envergonhado e começou a rir quando eles aclamaram a marquesa e, com aquele vestido, lhe gritaram que saltasse para cima e para baixo.

Agora, no extremo da escada com o capitão D'Alembord, sentiu que lhe invadia o afeto que sentia por esses soldados cuja vida era tão dura e cujos prazeres tão poucos e que sabiam levar com calma tanto a dureza como o prazer. Olhou para o capitão D'Alembord.

— Por que necessita de mim?

— Pensamos que estava indo cedo para a cama, senhor. Achamos que gostaria de fazer outro brinde conosco.

Sharpe deu uma risada. Desceu a escada e ouviu os vivas e os risos de seus homens. Viu o dono do hotel preocupado, que fazia uma careta de dor cada vez que se rompia outro prato ou outra taça. Encaminhou-se para a cabeceira da mesa, pegou uma garrafa de champanhe, sorriu para Angel, a quem haviam reservado um lugar de honra, e depois voltou para as escadas.

— Aonde vai senhor? — gritou-lhe uma voz.

Ele não respondeu, agitou o champanhe, subiu os degraus de dois em dois; os vivas, os gritos e os assobios o seguiram até o patamar, e as petições, que eram muitas. Quando se virou no alto da escada, levantou a garrafa e se inclinou para eles. Pediu silêncio, que tardou em se fazer, mas finalmente as caras ficaram olhando-o, ruborizadas pela bebida, e sorriram amplamente ao major que regressou da morte para levá-los à vitória.

Perguntou-se o que tinha que dizer. Wellington, com a raiva que lhe provocaram os homens que haviam saqueado o parque de

bagagens, chamou seu exército de “a escória da Terra”. Sharpe riu em voz alta. Ele estava orgulhoso deles.

— Talião? — parou. Eles esperavam. — Revista às sete da manhã, incluídos os homens casados. Boa noite.

Virou-se, começou a rir e os insultos de todos o seguiram até a porta de seu quarto.

Entrou. O primeiro que viu foi um par de sapatos no piso. Mais lá, um vestido de cor creme, jogado no piso. Ela estava na cama. Sorriu ao ver a champanhe, depois sorriu para ele e Richard Sharpe, apoiado contra a porta fechada, pensou que aquilo era o que o fizera atravessar a Espanha até aquela cidade. Essa mulher, traidora como o pecado, que o amaria e atraíçaria ao mesmo tempo. Era tão leal como a neblina da manhã, tão dura como uma baioneta, e isto, pensou, a convertia em uma recompensa digna de um soldado.

Desabotoou a espada, deixou-a cair sobre uma cadeira e se sentou na cama. A marquesa aproximou sua cara até a dele, beijou-o e pôs suas mãos nos botões da casaca. Ela era a Puta Dourada, o inimigo, e soubera que esse homem, pelo desejo que sentia por ela, lhe daria sua espada, sua força e inclusive sua vida. Ele lhe daria tudo o que tinha, tudo, salvo uma coisa que ela quis; uma coisa que não podia lhe arrebatat: a honra de Sharpe.

Fim.

Nota histórica

“O material capturado — escreveu Charles Ornan em sua grande obra *History of the Peninsula War* — foi o maior que até então tinha encontrado um exército europeu (...) desde que os macedônios de Alexandre saquearam o acampamento do rei persa depois da batalha de Issus”.

“Muitos de nosso homens — escreveu o comissário Schaumann —, e especialmente os que encontraram diamantes, fizeram-se ricos naquele dia”.

Edward Costello, um fuzileiro, calculou que obteve mil libras na noite da batalha, ajudado por uns “poucos golpes de meu fuzil”.

O saque de *Vitória* foi realmente espetacular. Em termos militares foi surpreendente: todos os canhões franceses exceto dois, cento e cinquenta e um no total, e dos dois canhões que os franceses conseguiram salvar, um se perdeu durante a retirada. Mas o que interessava aos soldados não eram os canhões.

Ninguém sabe realmente o valor do saque. Eu temo que a cifra de cinco milhões de libras seja calcular baixo e bem poderiam ter sido sete milhões. Em moeda atual equivaleria a algo em torno de 154 milhões de libras. A maioria disso era em artigos “não negociáveis” como quadros de Rubens, ainda que inclusive estes tiveram utilidade como lonas alcatroadas. Com o tempo os quadros foram recuperados e alguns deles foram presenteados a Wellington pelo novo rei, Fernando VII. Podem ser vistos em Stratfield Saye ou em Apsley House em Londres. Um objeto que nunca se recuperou foi a coroa da Espanha.

Uma boa parte do butim era exageradamente negociável e não somente o ouro. Schaumann, um oficial alemão do exército de Wellington, que foi um dos homens que participou na festa da vitória no hotel, se fixou especialmente na quantidade de mulheres

capturadas e em que muitas iam vestidas com uniformes de cavalaria especialmente confeccionados.

Schaumann, que tinha um olho muito particular e muito bom para as mulheres durante a campanha, se fixou em que, durante o saque, as mulheres francesas encontraram instintivamente um soldado *inimigo* a quem oferecer sua lealdade, em troca de proteção. Aquelas que, como a marquesa, queriam regressar para a França com seus pertences, receberam um salvo-conduto e uma escolta. As palavras "somos um bordel ambulante" foi dito a Wellington por um oficial francês.

O próprio Wellington calcula que os soldados britânicos levavam moedas de ouro em torno de um milhão de libras, e foram os terceiros a entrar no parque de bagagens, depois dos franceses que fugiam e dos cidadãos de *Vitória*. Enquanto que ele, para os fundos militares, só recebeu cem mil moedas de prata. Entre os troféus estava o urinol de prata do rei José, que ainda é utilizado pelo regimento de cavalaria que ficou com ele, ainda que para beber; e também o bastão de comando do marechal Jourdan, que Wellington enviou ao príncipe regente. O príncipe devolveu o presente: "O senhor me enviou o bastão de um marechal francês e eu lhe envio como recompensa o de um marechal da Inglaterra". Salvo que tal marechal não existia e havia que designar um, e assim Wellington se converteu em marechal de campo.

Um marechal de campo exageradamente infeliz depois de sua vitória. Estava furioso com os homens por saquear a bagagem; ele os descreveu com uma frase com a qual lhe atacaram sempre: "a escória da Terra". Muitos de seus soldados sem dúvida o eram, mas de jeito nenhum todos, e essa gente que cita a frase como uma prova de que Wellington desprezava os homens que lutavam por ele, normalmente se esquece de que gostava de acrescentar: "Mas é maravilhoso ver como fizemos deles uns bons garotos". Wellington tinha motivos para estar chateado: ele esperava utilizar o tesouro francês para pagar a campanha. Mas em defesa da "escória" tem que se dizer que é difícil entender que um soldado ao qual se pagava um xelim por dia pudesse resistir ao campo de ouro

que lhe esperava ao leste de *Vitória*. Contudo, muitos o fizeram; alguns regimentos mantiveram a ordem e passaram sem parar, portanto não tenho desculpas para Sharpe e Harper.

A Junta Espanhola proibiu a Inquisição e o rei Fernando VII a voltou a instaurar em 1814. Não tenho provas de que a Inquisição tivesse participado na política que acompanhou a restauração de Fernando, mas a ideia encaixa bem. A Inquisição espanhola foi finalmente dissolvida em 1834.

A ideia de que o rei restaurado, Fernando VII, pudesse firmar a paz com a França e expulsar os britânicos não é fruto da ficção. Formava parte das bases do Tratado de Valençay firmado por Fernando e Napoleão e o respaldavam aqueles espanhóis que desejavam restaurar o Império e derrotar os novos liberais. Finalmente o tratado não se levou nunca a cabo. Napoleão cumpriu com sua parte do trato, pois restaurou a Fernando e liberou a todos os prisioneiros espanhóis. Mas Fernando VII foi impedido pela opinião pública, mais que qualquer outra coisa, a assinar a paz com a França que tivesse expulsado o exército de Wellington e o tivesse permitido reconquistar o Império espanhol externo.

A batalha de *Vitória* não foi a maior que se travou na Península, mas foi a que teve maiores consequências. Em um momento em que a sorte de Napoleão parecia se recuperar depois da grande derrota na Rússia, a batalha convenceu os aliados do norte a continuar a luta até chegar à grande vitória de Leipzig no ano seguinte.

A batalha também expulsou os franceses da Espanha, salvo às guarnições de três fortalezas. As baixas foram de oito mil franceses e cinco mil homens de Wellington. O saque da bagagem e a noite de bebida que seguiram à batalha impediram, com efeito, qualquer perseguição por parte dos britânicos, e portanto o restante do exército de José conseguiu chegar até a França, abrindo passagem pelas escarpadas rotas dos Pirineus, ao norte de Pamplona.

O castelo de Burgos ainda está em ruínas. Foi minado para destruí-lo e as minas, tal como se descreve no romance, explodiram

cedo demais, ainda que ninguém saiba por que. *Vitória* é na atualidade uma cidade industrial que cresceu muito, ainda que a colina central, com suas ruas estreitas rodeando a catedral, se parece muito ao que devia de ser em 1813. O campo de batalha ainda se reconhece, pelo menos a oeste da cidade. O rio segue o mesmo curso, as pontes estão ali e a colina Aríñez oferece uma vista que não poderia ser melhor. A área de Gamarra Maior, ali onde tiveram lugar os combates mais duros (os britânicos sofreram 500 baixas ao tomar a cidade e tentar cruzar a ponte), está, por desgraça, muito mudada.

Um detalhe feliz que tenho que assinalar é que *Vitória*, algo admirável nas cidades espanholas, indica a contribuição que o exército de Wellington fez para a libertação, com uma estátua de certa magnificência onde se vê o general com seus homens. É uma obra realmente fantástica, apreciada por um exército de pombas e também pelos habitantes de *Vitória*, que lhe têm tanto carinho como os londrinos ao Albert Memorial.

Na maioria de cidades da Espanha onde os homens de Wellington morreram para a liberdade desse país, busca-se em vão qualquer recordação que reconheça o agradecimento que *Vitória* dispensa tão generosamente.

Foi uma grande vitória. Wellington, quando começou a campanha, havia virado para a fronteira de Portugal, tinha levantado seu chapéu e, profeticamente, havia se despedido de um país. "Não voltarei a lhe ver".

Agora, após a batalha de *Vitória*, enfrentaria um país diferente; a própria França.

Portanto Sharpe e Harper voltarão a marchar.